



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel

**Beer-laai-roi – “eu vi aquele que me vê”: relação entre mulheres
evangélicas e seus processos psicoterápicos**

Rio de Janeiro

2023

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel

Beer-lai-roi – “eu vi aquele que me vê”: relações entre mulheres evangélicas e seus processos psicoterápicos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Amana Rocha Mattos

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M152 Maciel, Rebecca Ferreira Lobo Andrade
Beer-laai-roi –“eu vi aquele que me vê”: relações entre mulheres evangélicas e seus processos psicoterápicos / Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel.– 2023.
202 f.

Orientadora: Amana Rocha Mattos.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social – Teses. 2. Religião e Psicologia – Teses. 3. Mulheres – Saúde mental – Teses. I. Mattos, Amana Rocha. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

br

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel

Beer-laai-roi – “eu vi aquele que me vê”: relações entre mulheres evangélicas e seus processos psicoterápicos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovada em 28 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Amana Rocha Mattos (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Alexandra Cleopatre Tsallis

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Clarissa de Franco

Universidade Metodista de São Paulo

Prof.^a Dr.^a. Livia Reis Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Sandra Duarte de Souza

Universidade Metodista de São Paulo

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Em memória de Sônia Maria Pereira da Silva. Mulher negra, evangélica, professora, feminista, mãe e minha irmã querida de fé.

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de pesquisa, de muita mudança social – afinal, vivemos no mesmo mundo de 2019? – e pessoal. Neste percurso, tão longo e complexo, tive diversas pessoas que me sustentaram de um modo extraordinário e cuidadoso. O tamanho da minha gratidão é imenso e quero enumerar ao máximo possível cada um.

Primeiramente, e a frente de tudo, preciso ser grata a Ruah divina. Esse termo, que em hebraico significa espírito, é escrito no gênero feminino e representa o sopro de vida, liberdade e de criatividade. Deus cuidou de mim neste percurso nas suas mais diversas facetas, mas a Ruah estruturou a força que eu precisei para passar por tudo que estive no meio do caminho. Se não fosse por Ela, pelo amor Dela e pela inspiração que Ela me dá, eu nada seria. Minha vida é em gratidão a Ti!

À minha família, tão amada! Ao meu querido pai, Washington e à minha mãe, Kátia. Duas inspirações de inteligência acadêmica, que sempre me aconselharam e cuidaram de mim. À minha querida irmã Raquel, seu marido Walter e ao meu sobrinho lindo, Dante, que irá nascer com uma tia doutora! Vocês sempre me apoiaram e acreditaram na minha pesquisa. Um agradecimento especial ao meu marido, Felipe Valladares Pinheiro. Casamos no meio de minha pesquisa – no dia 07/09/2021 – e sempre foi ele que me ajudou no dia a dia. Ele cozinhava para que eu pudesse escrever, ajudava nas transcrições, ouvia minhas reclamações e choros. Agradeço também a minha vó Ziza e não tenho como não lembrar de minha vizinha Elza (in memoriam). Duas mulheres de fé e força! Agradeço aos meus queridos sogros também, Lúcia e Roberto. Fui muito cuidada pela minha família!

Eu tenho uma grandiosa família de fé que esteve comigo e me sustentou. À Igreja Cristã Carioca, que me deu um espaço de poder chorar e rir juntos, de falar de sentimentos e medos, de brigar e se resolver. Aos Pais de Oração, que oram por mim há mais de 15 anos e vibram com cada vitória que eu tenho ao longo do caminho.

Aos amigos que tenho tido ao longo do caminho. Obrigada Camila, Fabiane, Vivian e tantos outros que se preocuparam com minha trajetória.

Quanto ao percurso acadêmico, eu não posso deixar de nomear Amana Mattos, minha orientadora. Eu sou extremamente grata por sua orientação, por seu cuidado, por suas referências, por me fazer cada vez mais aberta ao mundo. Aos Degenera/UERJ, enorme gratidão por me apresentar a tão incríveis pesquisadores e ideias. Fui transformada pelo PPGPS/UERJ e sou muito agradecida.

Sou profundamente grata a cada mulher que atravessou essa pesquisa. Tive o privilégio de ter uma banca de qualificação com duas pesquisadoras que admiro demais – Sandra Duarte de Souza e Clarissa de Franco. Sou grata pelas reflexões que trouxeram à época e que foram cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa e que me acompanharam até a defesa. Além disso, tive a honra de ter na banca de defesa as professoras Lívia Reis e Alexandra Tsallis, duas pesquisadoras maravilhosas. Muito grata pela disponibilidade de leitura e apontamentos. Realmente um privilégio ser atravessada por tantas pesquisadoras!

Dentro da minha pesquisa, também tive o carinho de muitas outras mulheres. À Jéssica Juliana, por ter me ajudado nas transcrições e por cada troca. À Aline, pela revisão cuidadosa. E a cada interlocutora, seja das entrevistas preliminares, aquelas que responderam só ao questionário sociodemográfico, ou aquelas que fizeram as entrevistas principais. Vocês são as fontes de onde jorra o conhecimento! Vocês, junto com a Amana e o Degenera, são as mãos e as cabeças que produziram este trabalho.

RESUMO

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Beer-laai-roi – “eu vi aquele que me vê”: relações entre mulheres evangélicas e seus processos psicoterápicos. 2023. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Na realidade brasileira, temos uma presença massiva de evangélicos. Dentre esses, mais da metade são mulheres. Ao mesmo tempo em que temos um número tão marcante de evangélicas no Brasil, a psicologia se consolida como área de conhecimento e prática no país. Isso traz novos desafios ao campo psi que convidam ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Assim, esta tese tem como objetivo entender qual a relação das mulheres evangélicas com seus processos psicoterápicos. A fim de desenvolver esse ponto, parte-se de uma metodologia da Análise do Discurso Crítica com o referencial interseccional, que construiu a leitura bibliográfica de aporte ao campo. A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. O primeiro foi de entrevistas preliminares semiestruturadas onde quatro mulheres evangélicas que já realizaram psicoterapia discorriam sobre seus processos. Tendo esse primeiro ponto desenvolvido, tivemos as primeiras pistas quanto ao que perguntar nas entrevistas principais – acerca da identidade dessas mulheres, seus sofrimentos, embates entre psicologia e religião, como a ideia do “psicólogo cristão” e temáticas recorrentes em psicoterapia, como família, sexualidade, casamento, culpa, racismo e violência. Essas temáticas se repetem posteriormente na pesquisa principal, com maior profundidade e trazendo à tona que mesmo as igrejas enfatizando a família, a sexualidade e os demais temas em seus discursos, essas mulheres não se sentem satisfeitas com a resposta exclusivamente religiosa, permanecendo em sofrimento. Assim, no segundo momento, realizou-se um questionário on-line para análise do perfil socioeconômico dessas mulheres, ao qual 64 responderam. Dessas, 21 se dispuseram a participar de uma entrevista semiestruturada on-line. O que se observou nas falas das entrevistadas é que ser mulher evangélica diz respeito a uma experiência de sentido de vida que está vinculada com igrejas evangélicas, mas não se restringem a elas. Mesmo sendo um lugar de sentido, elas relatam ter muito receio de demonstrar dor e sofrimento, decidindo resolver as dificuldades sozinhas. O sofrimento, que é um dos temas centrais da pesquisa, é disputado pela religião como único espaço para se resolver as dores. As igrejas demonstram desejo pela exclusividade do cuidado, porém as mulheres não se sentem plenamente acolhidas nesse local. Mostrar fragilidade é uma das grandes problemáticas levantadas e, por isso, muitas só buscam a psicoterapia em casos em que não há outra solução. Assim, há grandes conflitos entre o conhecimento psicológico e a religião, podendo muitas vezes se aliar para exercer poder sobre essas mulheres ou se distanciar, a fim de produzir espaços de escuta laica. Em seus processos psicoterápicos a religião atravessa suas falas dando a ideia de que sofrer seria um “mau testemunho”. Percebe-se, ao final da pesquisa, que suas vivências perpassam a ambivalência não só porque o campo religioso é maleável quanto à capacidade de construir domínio e conforto, mas de suas subjetividades enquanto mulheres que circulam por esses espaços complexos, sendo quem são e procurando espaços onde podem se sentir bem e acolhidas.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres evangélicas. Psicoterapia. Evangélicos.

ABSTRACT

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. *Beer-laai-roi - "I have seen the one who sees me"*: relationships between evangelical women and their psychotherapeutic processes. 2023. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

We have a sizable evangelical population in Brazil, with more than half of them being women. At the same time that there are so many evangelicals in Brazil, psychology is becoming more established as a field of study and practice in the country. In order to address these new challenges, academic research must be developed in the field of psychology. The purpose of this dissertation is to better understand the relationship between evangelical women and their psychotherapeutic processes. To develop this point, it begins with a Critical Discourse Analysis methodology with an intersectional reference, which built the bibliographic reading that supports the field. Two phases of the research were conducted. The first involved preliminary semi-structured interviews with four Evangelical women who had previously undergone psychotherapy, during which they discussed their experiences. After developing this first point, we had the first clues regarding what to ask in the key interviews - about the identity of these women, their sufferings, clashes between psychology and religion, such as the concept of the "Christian psychologist," and recurring themes in psychotherapy, such as family, sexuality, marriage, guilt, racism, and violence. These themes are further investigated in the main study, revealing that, despite the churches' emphasis on family, sexuality, and other topics in their speeches, these women are dissatisfied with the solely religious response and continue to suffer. Thus, in the second stage, an online questionnaire was administered to 64 women in order to analyze their socioeconomic profiles. Twenty-one of them agreed to participate in an online semi-structured interview. According to the interviewees' statements, being an evangelical woman relates to a sense of meaning in life that is associated with but not limited to evangelical churches. Despite the fact that it is a meaningful place, they report being afraid to show their pain and suffering, preferring to solve problems on their own. Religion disputes suffering, which is one of the research's central themes, as the only place to resolve pain. Churches demonstrate a desire for exclusive care, but women are not fully welcomed there. One of the major issues raised is fragility, a reason why many people only seek psychotherapy when they have no other options. As a result, there are significant conflicts between psychological knowledge and religion, which can frequently ally to exert power over these women or distance themselves in order to create spaces for secular listening. Religion pervades their psychotherapeutic processes, giving the impression that suffering is a "bad testimony." At the conclusion of the study, it was evident that their experiences had been ambivalent, not only because the religious field is malleable in terms of its ability to establish dominance and comfort, but also because of their subjectivities as women who move through these complex spaces, being who they are and seeking out spaces where they can feel good and welcomed.

Keywords: Gender. Evangelical women. Psychotherapy. Evangelicals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|---|----|
| Quadro 1 – | Perfil das mulheres entrevistadas..... | 34 |
| Gráfico 1 – | Idades das entrevistadas..... | 49 |
| Gráfico 2 – | Raça das entrevistadas..... | 50 |
| Gráfico 3 – | Renda das entrevistadas..... | 51 |
| Gráfico 4 – | Estado civil das entrevistadas..... | 52 |
| Gráfico 5 – | Perfil das entrevistadas por localização..... | 54 |
| Gráfico 6 – | Perfil das entrevistadas quanto às denominações religiosas..... | 55 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|-----|
| | INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 | O CAMPO E SUAS COMPLEXIDADES | 20 |
| 2 | ENTREVISTAS PRELIMINARES | 34 |
| 2.1 | Sofrimento e o fundamentalismo | 38 |
| 3 | ENTREVISTADAS | 46 |
| 3.1 | As mulheres evangélicas | 61 |
| 3.2 | Sofrimentos e a busca pela psicoterapia | 76 |
| 3.2.1 | <u>Acolhimento</u> | 77 |
| 3.2.2 | <u>Sofrimento não compartilhado</u> | 81 |
| 3.2.3 | <u>A busca por psicoterapia</u> | 89 |
| 3.3 | Relações entre psicologia e religião | 103 |
| 3.3.1 | <u>Posicionamento do Conselho Federal de Psicologia</u> | 104 |
| 3.3.2 | <u>Entre religiosidades e psicologias: debates</u> | 106 |
| 3.3.3 | <u>Experiência terapêutica como espaço de conflito e acolhimento</u> | 124 |
| 3.3.4 | <u>Temáticas comuns</u> | 147 |
| | CONCLUSÃO | 187 |
| | REFERÊNCIAS | 191 |

PRELÚDIO

Em uma manhã de domingo, Lia¹ estava sentada na janela de sua igreja. Uma perna para fora da janela e outra para dentro, como se estivesse decidindo entre os dois lugares. Cair do segundo andar de sua igreja provavelmente não a mataria, apesar de ser seu desejo. No máximo quebraria alguns ossos e poderia dizer a todos: “olhe o que a igreja fez comigo! Todos os ossos quebradinhos...” A sorte podia vir trazendo sobre si a benção e a maldição de Êutico (Atos 20.7-12) (BÍBLIA, 1993): ser morta durante o culto, ter a benção de ressuscitar e nunca mais ouvirem falar dela.

Contudo, um pé estava para dentro. Esse pé era infinitamente mais complexo do que o pé que se punha para fora, afinal, havia um desejo de permanecer. Chorava copiosamente, desejava morrer, mas o pé estava ali. O desejo de pô-lo para fora era grande, mas vinha a dúvida: valia a pena permanecer? O que a faria permanecer?

Isaque, um irmão de fé, a encontra na janela e pede para que ela ponha as duas pernas para dentro. Aproximou-se de Lia, segurou o rosto dela, disse para confiar e respirar fundo. O choro permanece, os pés ainda estão divididos: dentro e fora. Ele permaneceu ao lado dela por um tempo que não dava para ser calculado no relógio. O choro diminuía e, aos poucos, o acolhimento a fez pensar em pôr os dois pés para dentro. Movia os dedos dos pés dentro das sapatilhas como se ansiasse por uma decisão, mas temendo tudo o que poderia vir depois. Agora não se tratava de um afeto somente de Lia, mas de como seria para Isaque experienciar o suicídio de uma irmã de fé em sua frente.

Após um silêncio sepulcral, Lia pôs para dentro da igreja o pé que voava ao lado de fora. Sentiu que se o fizesse, seu irmão Isaque se sentiria aliviado. Não foi por ela mesma, mas para ele. Ainda sentada na janela, virou-se para dentro de sua igreja. Olhava as paredes brancas, chorava, mas não dizia palavra alguma. Não era suficiente para fazê-la permanecer, só não queria trazer sofrimento a uma pessoa querida.

Vendo a plenitude de Kairós², Isaque se levanta e sai, deixando Lia sozinha. Era como se tivesse certeza de que da fonte dela não haveria mais água para a saciar, mas que também ela não morreria mais de sede. Um ponto incerto que poderia se modificar a qualquer segundo e que merecia um estado de alerta. Um medo que não se baseava no sofrimento de Lia, mas na possibilidade de alguém morrer na igreja.

¹ Todos os nomes deste relato foram mudados a fim de preservar a identidade dos envolvidos.

² Kairós é um conceito grego para o tempo oportuno, fluido. Na literatura cristã é considerado o tempo de Deus.

“Ela trabalhava tanto! Como vamos explicar para o proprietário do terreno? Como falaremos com os pais dela? Por que ela fez isso?”.

Os pensamentos de Lia sobre o que falariam se perderam ao ouvir um som ao largo. Percebeu, então, que eram Débora e Joana: uma mulher, irmã de fé, com a filha de dois anos em seu colo. Uma madona com um bebê a vendo chorar e pensando em se matar. Tal imagem a perturbou profundamente. Todos os nós sacrossantos, morais e sociais seriam desatados caso ela tentasse pôr os pés para fora da janela. “Por favor, não deixe Joana me ver assim. Ela não tem relação nenhuma com essa dor. Por favor, ela é só uma criança, isso vai assustar a menina. Ela não vai entender o porquê da tia Lia estar tão triste. Não, eu não sei se consigo mais pisar um passo dentro dessa igreja. Já caminhei milhas tantas que nem sei”.

Os olhos negros de Joana estavam assustados como os de Lia. Carne de sua carne, auxiliadora idônea, uma aliança pelo desejo de que algo mudasse. Aonde Joana fosse, era dever de Lia ir, seu povo era o mesmo povo dela – e vice-versa. Débora estava ali como uma ponte antiga, que poderia se partir a qualquer momento, mas que indicava a Lia aonde deveria seguir. Quebradiça, suspeita, mas que seria ainda pior se Lia ficasse sobre a janela, com os pés voando sem pisar na madeira podre. Foi por isso, então, que ela decidiu descer, seguir e em lágrimas semear uma nova árvore e novas pontes para Joana caminhar sobre.

INTRODUÇÃO

Beer-Laai-Roi é o nome de um poço, mas também a história bíblica de uma mulher (Gênesis 16) (BÍBLIA, 1993). Hagar, uma mulher egípcia, escrava, ficou grávida de seu patrão, Abraão, a pedido de Sara, que se considerava infértil por ser idosa. Porém, vendo que Hagar estava grávida, Sara sentiu-se desvalorizada e pediu para o marido a expulsar de casa. Ele apontou que Hagar era escrava dela e que se Sara quisesse expulsá-la, ele iria acatar passivamente. Assim foi feito, e Hagar foi vagar pelo deserto, grávida, agora sem trabalho e lugar para ficar.

A história bíblica conta que Hagar encontrou um poço, e ali um anjo veio conversar com ela. Foi abençoada por ele, que lhe falou que o nome do seu filho seria Ismael – hoje considerado o pai do povo muçulmano. Ela, naquele momento, percebeu que não estava falando com um anjo, mas com o próprio Deus, e deu um nome aquele lugar: Beer-Laai-Roi, que significa “eu vi aquele que me vê”. É a primeira vez na Bíblia que uma mulher dá um nome a Deus, uma expressão que representa uma relação de olhar e ser vista. Antes, temos homens que o nomeiam, como Adão, Noé e mesmo Abraão. Ali uma mulher se posicionou perante Deus e o nomeou. Após essa experiência Hagar teve o filho, foi abençoada e mãe de muitas nações.

Contamos integralmente ou parcialmente essa história em quase todas as igrejas que eu já ouvi falar. Cresci na igreja evangélica, presbiteriana, vinda de berço; isto é: nascida no meio evangélico com quatro gerações familiares nesta denominação. E lá, em nossas classes dominicais, antes do culto, ainda pequena, já conhecia a história de Abraão. Depois de uma faculdade de teologia, após trabalhos como missionária, atividades ao lado de pastores e líderes das mais diversas áreas, repetia-se essa história. Após o rompimento com a denominação presbiteriana, mudando para uma igreja mais progressista, as mesmas histórias se repetiam. Todos conhecem a história de Abraão e Sara, mas poucos ouvem a voz de Hagar. Escrever sobre essa voz e a ouvir não era algo tão simples, mesmo com a disciplina bíblica das classes infantis que tínhamos no passado. Ouvir, analisar, compreender e organizar o conhecimento sobre essas mulheres foi deixado de lado ao longo do tempo. Dialogando com Donna Haraway (1995), muitas vezes o processo de escrita vem com um “olhar de deus”, pendendo a distância e a não inserção do corpo da pesquisadora naquilo que está produzindo. Quando esse olhar afastado se dissolve, pode-se produzir o “compartilhar o pão” entre quem

são os sujeitos implicados na pesquisa (HARAWAY, 2008). Apesar do linguajar que flerta com a religiosidade, isso não significa se afastar dos princípios laicos.

Quando se constrói uma pesquisa científica, muito se aproxima desses métodos controversos do que se ouve, se faz, se repete e se nega; contudo, há peculiaridades necessárias e claras que nos fazem laicos e que devem ser seguidas na pesquisa. Assim, afirmar a laicidade não é negar as afetações religiosas e sociais que produzem a pesquisadora e o quanto essas associações existem no simbólico, mas evidenciar tensões, estudos e conhecimentos próprios de um material não religioso. A laicidade é um princípio constitucional que diz respeito a não influência religiosa em decisões políticas, a fim de que todas as expressões de fé tenham seus direitos garantidos. Aprofundando esse debate, a laicidade na psicologia, como ciência e profissão, vem a fim de proteger tanto o terapeuta como os pacientes de possíveis violências que o discurso religioso possa acarretar nesse espaço. Isso não significa que não se deva ou possa estudar religião, mas sim que posições religiosas não devem pautar a prática profissional (ZANGARI; MACHADO, 2018).

Um caminho simples seria apostar na neutralidade da pesquisadora e o total distanciamento subjetivo dessas mulheres evangélicas nomeadas em pesquisa, transformando-as em objetos de estudo. Contudo, a religião cristã tem um ensinamento que diz que o caminho largo, fácil, não conduz à vida. Uma pesquisa que deseja sentir o cheiro, ser afetada e potente, precisa ser estreita, colada, misturada com as pessoas durante a passagem – pelo menos para uma pesquisadora que professa essa fé.

A autora bell hooks (1995), por exemplo, apresenta dois conceitos para suas análises: sujeito e objeto. O sujeito seria aquele que possui o direito de definir sobre si, falar sobre suas próprias realidades, enquanto o objeto é aquele definido por outros. No caso desta pesquisa, estamos falando sobre sujeitos (mulheres evangélicas) acerca das suas experiências com algo a qual elas nomeiam como objeto (psicologia). Atravessada essa relação, temos uma pesquisadora religiosa e psicóloga que pergunta: o que essas mulheres fazem para lidar com seus sofrimentos psíquicos e sociais?

Infelizmente, ainda é raro encontrarmos pesquisas que tragam esse viés, pois, como Kilomba (2019, p. 55) relata, ao construir seu doutorado na *Freie Universität* em Berlim, este era sempre lido como “interessante, mas acientífico, interessante, mas subjetivo, interessante, mas pessoal, emocional, parcial: você interpreta demais”. Isso porque há um ideal de universalidade que foi instituído como única forma de erudição, verdade e validade científica construído por acadêmicos brancos do norte global. Nesse ponto, ouvir a voz de mulheres evangélicas, dentre as quais 52% são negras – pretas e pardas, segundo Campos (2013) – com

pouca renda e muitas vezes sem escolarização, não é um conhecimento legítimo a ser posto em um doutorado, muito menos provocando tensões com a psicologia.

Todo esse enredo traz um convite para esta pesquisa, onde a forma e o conteúdo vão caminhar conjuntamente. A metodologia vem de referências de pesquisas que relacionem o tema de gênero-religião-psicologia a partir da Análise Crítica do Discurso. Esse formato metodológico não tem como foco a linguagem somente, mas as relações que esses sujeitos trazem e suas relações de poder e lugares sociais (MELO, 2009). Não só aponta as desigualdades, mas a Análise Crítica do Discurso traz em si um posicionamento de contrapoder e dominação. Como uma metodologia transdisciplinar, apesar de ter nascido na linguística, ela consegue observar as lutas sociais que operam na fala (RAMALHO, 2005). E, dessa forma, conseguimos ter acesso às falas das mulheres evangélicas não como discursos isolados, mas como enunciados interdependentes, que se constroem mutuamente. O que é dito e o que não é dito dependem da posição que essa mulher ocupa no mundo em relação não só à religião, mas à raça, à sexualidade e à classe social. Com isso, podemos constituir procedimentos práticos que tragam as demandas sociais e nossas possibilidades dentro dos limites éticos.

Devido ao avanço da pandemia de Covid-19, houve entrevistas semiestruturadas feitas de forma on-line acerca das experiências em relação a esses três tópicos assinalados. A própria experiência do confinamento trouxe à tona a reflexão de como eu iria continuar as produções (MACIEL; MATTOS, 2022). A princípio, um dos processos seria a aproximação via denominações, estudando mulheres evangélicas dentro de um campo específico. Para isso, poderia ser feito uma pesquisa de campo nessas igrejas. Todavia, com a pandemia, essa ideia perdeu sentido pelos atravessamentos sociais que o adoecimento de toda uma população trouxe. A pandemia causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) revelou-se como uma das maiores crises de saúde pública experienciadas pela humanidade. (JUNIOR; PAULA; ZAMPIERI, 2021). No caso de mulheres, essa crise foi ainda pior. Valeriano e Tosta apontam que: “o tempo para o descanso e os cuidados pessoais passou a ser cada vez mais escasso, sobretudo quando a mulher também trabalha remuneradamente, fora de casa ou em *home office*, provocando enorme sobrecarga física e emocional” (2021, p. 413). Dessas, as mais pobres acabam sofrendo mais. Isso foi demarcado desde o início da pandemia de Covid-19, quando a primeira morte no Rio de Janeiro foi a de uma empregada doméstica, que pegou a doença de sua patroa que havia passado as férias na Itália (GOVERNO..., 2020). As mulheres, muitas vezes responsáveis pelos cuidados da casa e de outras pessoas – e principalmente mulheres negras – foram mais afetadas pelo vírus (MOOI-RECI; RISMAN, 2021). Em pesquisa de Araújo e Cadweel (2020), pessoas negras tinham maior dificuldade de se afastar socialmente, pois devido à insegurança

econômica, precisavam permanecer em empregos que muitas vezes requeriam a presencialidade. Desde então a pandemia tem sido mais dura com mulheres negras e empobrecidas até seu fim declarado em maio de 2023 (OMS, 2023).

E, pensando na América Latina e nas comunidades religiosas, há ainda outras complexidades, como lembra PY: “A lembrança da exploração tem muito significado diante da expansão da COVID-19, porque se a Europa, diante de todo seu desenvolvimento técnico-científico, sofreu forte impacto da pandemia da COVID-19, imaginem o continente com traços coloniais como o latino-americano?” (2020, p. 8).

Além da complexidade própria advinda do vírus da Covid-19 que permeou toda a pesquisa, esta também foi atravessada pelo governo Bolsonaro, que complexificou ainda mais a experiência da pandemia e acirrou o fundamentalismo religioso que estava já em ascensão na América Latina. Houve a retirada do Ministro da Saúde durante a Covid-19 e isso possibilitou que diversas igrejas permanecessem abertas durante esse período, negassem a doença ou ainda afirmassem que era uma praga vinda de Deus (PY, 2020). Esse olhar fez com que igrejas explorassem o sofrimento advindo da pandemia, como se aqueles que adoecessem ou procurassem cura fora da igreja estivessem em pecado. Esse atravessamento político, social e religioso se mistura na construção das identidades dessas mulheres e no contexto que elas procuraram a psicoterapia. Algumas começaram a acessar cultos virtuais, de fora de suas próprias cidades, outras deixaram de frequentar as igrejas e ainda houve aquelas que permaneceram indo. Em todos esses percursos se demonstra como a identidade de mulheres evangélicas perpassa um processo comunitário e não só individual. Essas mulheres são evangélicas, mães, filhas, trabalhadoras, brancas, negras, com ou sem deficiência, casadas, solteiras, heterossexuais, bissexuais; enfim, uma diversidade que faz com que os atravessamentos políticos apareçam de modo diferente.

Percebe-se então as comunidades e particularidades do público, que servem para proteger essas identidades e trocar subjetividades (SAWAIA, 1999). O espaço comunitário possibilita a construção de amizades, referências e socialização nos dias de sofrimento, porém, ao mesmo tempo, causa estranhamento e desconforto quando as crenças começam a se diferenciar. Nesse esquema, é bem interessante ver o papel da religião nessa construção de identidades e comunidades. Tudo isso tem um motivo de existir a fim de se colocar academicamente, mas também de acesso à linguagem religiosa. Há uma subversão nesse encontro metodológico tanto para o espaço acadêmico quanto para a religião. Por isso é tão importante para esta tese produzir o conhecimento COM as interlocutoras e não SOBRE elas (MORAES; TSALLIS, 2016). Até mesmo pelo fato de que a pesquisa é sobre mulheres

evangélicas e suas relações com a psicoterapia e minha identidade perpassa por esses marcadores.

Eu sou uma mulher evangélica? Pessoalmente, me identifico como tal. Uma mulher evangélica com uma vivência bastante específica, sendo branca, casada, sem filhos, de classe média, carioca e advinda de gerações de familiares na igreja presbiteriana. O único dado que se tem sobre presbiterianos no Brasil é do IBGE 2010 que mostra que representavam, na época, 0,48% do país. Na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) eu tive minha experiência de conversão religiosa, em 2007, ainda adolescente. Mesmo não fazendo parte mais de tal denominação, a maior parte de minha vida fui membro, servi em ministérios e estagiei na IPB até 2015. Em paralelo, fui estudante missionária na Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (CRU) por cinco anos, durante todo meu curso de psicologia. Era líder nessa missão norte-americana de evangelização de universitários que, hoje, não faz mais sentido teológico e ético para mim. Esse era um projeto interdenominacional e, por isso, conheci pessoas de várias vivências evangélicas diferentes. Além disso, fiz teologia em uma faculdade confessional Metodista (Unibennet) e mestrado em ciência da religião também entre os metodistas, nesse momento em São Bernardo do Campo. Depois segui para a Igreja Cristã Evangélica do Brasil em 2016, uma denominação de raiz protestante tradicional pequena que não é representada no Datafolha ou no IBGE, onde fui educadora cristã, tesoureira, líder de mulheres, além de uma espécie de faz-tudo. Em 2023 o conselho da igreja em que congrego no momento e, onde eu faço parte como diaconisa, decidiu romper com a denominação devido a posicionamentos sobre gênero, sexualidade e raça, seguindo agora independentemente a partir de uma teologia progressista. Considero-me mulher evangélica por tradição, conversão e ideário de vida.

Eu represento esse grupo? Com certeza não. Eu devo falar de dentro (do olhar nativo) ou do olhar de fora (cético, analítico)? Como eu defino meu limite? Qual é o limite da pesquisa acadêmica? Qual é o limite do meu corpo religioso? Com certeza, há os limites da laicidade e da pluralidade da profissão, advinda da referência dos Direitos Humanos no Código de Ética do Psicólogo. Uso então do meu corpo religioso para fazer encontros que talvez alguém que não circula nesse meio não tivesse a facilidade e, ao longo da pesquisa, percebia na abertura das entrevistadas que esse objetivo se cumpriu.

Spivak (1995), ao se perguntar se a subalterna pode falar, logo afirma que não e que, por não poder, é sempre um processo de crítica e desconstrução ao trazer à tona. O foco desta pesquisa são os sujeitos (KILOMBA, 2019) e, para isso, foram realizadas entrevistas não diretivas a partir de suas narrativas a qual elas puderam desejar desenvolver mais sobre um tema do que de outro. As mulheres que foram entrevistadas eram escolhidas dentro de uma

pluralidade de características: negras e brancas, de diferentes classes sociais e de diferentes comunidades cristãs. Essas se achegaram à pesquisa ou por convite da pesquisadora ou por interesse no tema. Contudo, temos como prioridade sujeitos não públicos a fim de explorarmos opiniões diversas, para além do âmbito institucional.

Um caminho largo que tem sido percorrido quando se fala em pesquisa sobre e com evangélicos é ouvir pessoas em lugares de poder. Em uma pesquisa rápida pela plataforma Scielo, encontramos 165 pesquisas que usam o termo “evangélica” e quase sua totalidade era acerca da relação entre evangélicos, política e conservadorismo. Evidentemente, as questões políticas que envolvem sujeitos evangélicos entram como importantes para análise dos discursos, porém, vamos nos afastar desse olhar narrativo de que falar de evangélicos é necessariamente se falar de bancada evangélica.

Os pontos da entrevista advêm do debate gênero-religião-psicologia e tem foco nos seguintes temas: relações dessas mulheres com a religião, formas de autocuidado e percepção acerca da psicologia. As entrevistas foram on-line, sendo realizadas em dois momentos: o primeiro em modo teste, com quatro mulheres com diferentes características socioculturais, a fim de refinarmos as questões de pesquisa; e o segundo, com vinte e uma mulheres, também plurais entre si, a fim de construirmos uma análise qualitativa de suas percepções.

Para isso, é crucial entendermos o campo teórico que embasa hoje os pilares dessa análise, então o primeiro capítulo diz respeito às pesquisas de religião e suas transdisciplinaridades, com pesquisas de gênero e psicologia, mas também com outras grandes áreas como ciências da religião. Tendo como base o que sustenta o papel que a psicologia se encontra hoje acerca do tema e as possibilidades de releituras do campo religioso, abrimos espaço para ouvir práticas dessas mulheres, relatos publicados e de entrevistas da pesquisa.

A partir da leitura teórica do campo, fomos articulando tais autores com o trabalho de campo propriamente dito. No capítulo segundo, começamos as entrevistas preliminares, isto é: as que serviram de norte para a construção da pesquisa. Nesse, entramos em contato com cinco mulheres, dentre as quais quatro se dispuseram a responder a um modelo semiestruturado de questões que nos aproximam de nossa pergunta de pesquisa: **qual a relação das mulheres evangélicas com seus processos psicoterápicos?** Nas respostas pudemos observar como algumas temáticas ficavam enfáticas – as relações delas com o sofrimento e o dogmatismo dentro do ambiente psicoterápico. Lidar com o sofrer e com a carga dogmática advinda dos terapeutas foram as duas grandes temáticas que apareceram nesse primeiro momento. A questão do sofrimento dessas mulheres e como seu ambiente social lê essa experiência foi muito marcante a ponto de se tornar um dos eixos principais de análise.

Em um segundo momento, quisemos abordar mais mulheres e aprofundar nossa pesquisa. Este processo foi o foco do capítulo três, no qual começamos com um formulário on-line onde 64 mulheres responderam e 21 quiseram realizar as entrevistas on-line semiestruturadas. Nessas respostas, se reforçou muito do que apareceu na primeira parte, mas indo além. O sofrimento, como categoria central, retorna principalmente em um discurso de exclusividade e afeta tanto o fato delas terem dificuldade de buscar apoio em outros espaços quanto sentirem muita solidão. Nas respostas tivemos muitas temáticas, mas algumas nos auxiliaram a entender como essas pessoas criam relações com seus psicólogos e experienciam a vivência da terapia.

Assim, dividimos em subcapítulos de aprofundamento. Logo de início o debate sobre o que significava ser uma mulher evangélica foi sendo posto. Os aspectos dessa identidade permearam a construção de tudo nas suas vidas, inclusive como elas sentem alegrias e dores. A religião atravessa essas mulheres, assim como a maternidade, a família, o casamento, as amizades, seus trabalhos e suas condições financeiras. Como elas se cuidam e lidam com dores depende dessas características. Algumas se cuidam estando ao lado do marido, outras fazendo atividades manuais, outras com amigos da igreja e algumas guardam em silêncio para si. E, em meio às dificuldades profundas que atravessaram suas vidas, a psicoterapia aparece. Desse modo, um outro ponto que desenvolvemos foram as intersecções entre lidar com o sofrimento e a busca da psicoterapia, que perpassa principalmente uma necessidade de se sentirem acolhidas e lidarem com um ponto muito marcante nas falas – o não dito. O sofrimento que não pode ser compartilhado, o receio do “mau testemunho”, emerge como sintoma em direção à psicoterapia. Afinal, essas mulheres só podem compartilhar sobre si se forem dar exemplo de boas cristãs e, como tais, “gloriosas nas tribulações” assim como o texto sagrado cristão referencial (Romanos 5.3 – BÍBLIA, 1993). Porém, nem sempre elas conseguem experienciar essa glória e procuram os processos psicoterápicos. E, nessa terapia, surgem questões que atravessam a religião. Isso foi colocado em outro subcapítulo específico sobre as relações da psicologia com o aspecto da religiosidade. Atravessamos primeiramente com uma leitura do Conselho Federal de Psicologia acerca da temática e logo percebemos tensões entre as religiosidades e as psicologias. Essas faíscas podiam ser tanto quanto pela vivência do terapeuta, do paciente ou mesmo da prática em si, levando a uma dubiedade de conflito e acolhimento. Ainda no subcapítulo desenvolvemos outras temáticas que são comuns nas falas dessas mulheres, como sexualidade, casamento, família e racismo. Percebemos que as temáticas advindas das falas muitas vezes iam e voltavam, então por mais que houvesse uma divisão tácita a partir das perguntas, as respostas estão muito implicadas umas nas outras. A identidade de

mulher evangélica pode adentrar como tema de psicoterapia, a família é algo que elas comentam com os seus psicólogos, mas às vezes pode ter sido a própria família que as indicou para esse processo, por exemplo. Por fim, concluímos com essa pesquisa que as mulheres entrevistadas demonstram um lugar ambíguo dentro da experiência de fé e que essa complexidade acaba permeando os assuntos que elas trazem para o espaço da psicoterapia. Além disso, observamos que ainda há muito o que pensar acerca da construção da laicidade da psicologia, equilibrando com um lugar de respeito à experiência religiosa das pacientes.

1 O CAMPO E SUAS COMPLEXIDADES

Ao olharmos o contexto religioso da atualidade, temos algumas fontes de dados para entender o campo brasileiro. O censo do IBGE (2010) foi publicado oficialmente em 2013 e nos ajuda a criar um parâmetro dessa população: mais de 92% da população brasileira é religiosa. Desses, 23,4% são evangélicos. Dentro das igrejas evangélicas, 57% são mulheres. Mais recentemente, em 2020, tivemos uma pesquisa do Datafolha que já trazia uma estatística maior de evangélicos – alcançando 31% da população brasileira e, dentre esses, 58% são mulheres. Isso mostra um aumento do número de mulheres se identificando com a religião evangélica, e sendo atravessado por essa crença e as perspectivas de gênero que esta vivência religiosa propõe. Ainda dentro dos dados do Datafolha, sabemos que 55% da população evangélica é negra – categoria esta que inclui pretos e pardos. Seguindo as análises deste conjunto, 74% têm formação entre ensino fundamental e médio e 48% recebem até dois salários-mínimos.

É impossível negar que esses dados têm efeitos sobre nossas percepções do hoje. Apesar de haver variância entre a porcentagem dentro das denominações, as mulheres são maioria em todas as igrejas evangélicas. As pretas e pardas estão, em sua maioria, em igrejas pentecostais. São 14 milhões de mulheres que se assumem pentecostais, enquanto 9 milhões de mulheres brancas frequentam essas igrejas. Esses dados, apesar de já nos apontarem um panorama sobre os evangélicos no país, não conseguem ainda capturar os números quantitativos destes devido à complexidade do campo.

O catolicismo continua majoritário, apesar do decréscimo constante desde 1970; depois temos os evangélicos, que crescem; os sem religião, em terceiro lugar, como identidade religiosa que recebe ex-católicos e ex-evangélicos. Atrás desses três grandes grupos, encontramos o que chamamos de grupos minoritários: espíritas, pessoas de religiões afro-brasileiras, tradições indígenas, religiosidades orientais, agnósticos e ateus. Apesar desse ranking (MAFRA, 2013) quantitativo, o que se observa é um desejo crescente pela liberdade religiosa e um declínio da religiosidade tradicionalista que pode ser chamada de diversas formas como pós-tradicionismo (PIERUCCI, 2013). O que encontramos, por agora, é um declínio dos chamados “evangélicos de missão”, aumento do público pentecostal e estabilidade nos dados de igrejas neopentecostais. Quanto ao perfil, há uma crescente adesão jovem ao grupo sem religião (NOVAES, 2013), enquanto crianças e idosos se denominam católicos, e adolescentes e adultos tendem a se converter ao grupo evangélico. Tudo isso se mescla num

processo de digitalização da fé, disputa de valores e construção de um perfil cada vez mais errante e incerto de quem é o sujeito religioso. O contexto, o ciclo da vida e a influência religiosa dentro de casa aparecem como algum desses fatores. A religiosidade das pessoas tem passado por um processo de bricolagem, individualização, voltado à espiritualidade e ao ambientalismo, enquanto se observa a empresarização das igrejas (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001). Fundamentalismos, relativismos, lugares de poder e seu exercício carismático encontram terreno fértil na religião (CAMURÇA, 2013), principalmente com o público evangélico.

Ser evangélico perpassa uma experiência de ser religioso no Brasil. Ser religioso perpassa, sim, ter um conjunto de crenças e práticas, mas também uma forma de agir no mundo, de existir (MARIZ, 1991). Ser mulher evangélica perpassa essa definição de religião como conjunto de crenças, mas atravessa os corpos que fazem as relações de gênero serem tão importantes. A experiência de ser “mulher evangélica” traz consigo demandas e experiências próprias que pessoas de outros gêneros não tem. Para Machado (2005), essas acabam procurando a religião para questões familiares, resolução no casamento enquanto homens acessam a religião para problemas individuais. Isso demonstra o quanto a socialização para o cuidado é forte no caso de mulheres e isso afeta a escolha delas por uma espiritualidade. Assim, a religião abarca todas essas possibilidades dentro de si. Pensando sobre o que é a religião e suas complexidades, Zangari e Machado escrevem:

As religiões podem ser compreendidas como instituições, sistemas com discursos e práticas que falam sobre uma realidade transcendente, ou seja, que vai além do mundo físico. No entanto, quando pensamos em duas pessoas religiosas, notamos algumas diferenças na maneira como cada uma vive a religião, tanto na intensidade das crenças quanto nos tipos de práticas e até nas emoções que a prática religiosa faz surgir em cada uma delas, ainda que sigam a mesma religião. (ZANGARI; MACHADO, 2018, p. 15).

Essa definição de religião citada traz consigo uma grande reflexão sobre as complexidades da experiência religiosa. Além desses conceitos, dois outros andam ao lado: o de religiosidade e espiritualidade/fé (ZANGARI; MACHADO, 2018). Religiosidade diz respeito a como uma pessoa aplica o conjunto de crenças. A vivência das crenças – a religiosidade – perpassa a subjetividade e, por isso, atravessamentos sociais também. E espiritualidade é um termo utilizado para descrever esperança e sentido de vida, podendo ter concepções religiosas ou não. Uma pessoa pode ter fé e não ser referenciado por uma crença da religião.

No campo semântico nativo do meio evangélico há basicamente dois polos na construção desses conceitos. A religião, que seria sinônimo de crenças, regras, dogmatismo e

até mesmo de igreja – usa-se a expressão: “a religião prega a pureza sexual”, quando se quer dizer que as igrejas pregam essa ideia – e a espiritualidade, que é sinônimo de experiência pessoal com a divindade, intimidade e corriqueiramente, de liberdade. Se diz, por exemplo, que a prática de oração é uma espiritualidade ou vivência de fé. O termo religiosidade, para o ambiente evangélico, carrega uma ideia católica de prática, como ocorre nas procissões, nas festividades religiosas e, como o protestantismo brasileiro se estabeleceu como anticatólico (CAMURÇA, 2003), essa palavra é muito pouco referenciada. Por isso, na pesquisa, usamos muito mais o termo religião e fé/espiritualidade, as entendendo como termos flexíveis de acordo com os corpos que lidam com essa experiência.

Por exemplo, uma religião pode ter como crença central a ideia de Deus Pai, porém como uma pessoa vai experienciar pessoalmente sua religiosidade pode ser atravessada por como ela vê esse lugar de “pai”. Se teve presente, se não teve, como se construiu a família, quais linguagens sociais são acionadas ao redor dessa pessoa, tudo isso afeta na vivência. Crenças são atravessadas contextualmente e quando lemos essas experiências de formas interseccionais isso fica em evidência. Além disso, o discurso religioso traz em si enunciados que não são explicitamente religiosos, mas que dizem respeito a práticas e leituras de mundo. Assim, a análise crítica do discurso ajuda a perceber como esses atravessamentos aparecem e os tensionamentos de poder (RAMALHO, 2005) que existem quando falamos de gênero e religião.

Souza (2011) enfatiza a dupla marginalidade de uma pesquisa como esta: primeiro, por ser sobre religião, um tema pouco visto nas ciências sociais, e sobre gênero, que, embora em voga na sociedade, é considerado por grupos conservadores como um mal. Recentemente, os estudos de gênero estão se expandindo a fim de suprir as lacunas que ainda existem – principalmente quanto às mulheres evangélicas.

Essa mesma população tem menor acesso ao sistema público de saúde e ao tratamento psicoterápico. Em contrapartida, tem vasto acesso a comunidades evangélicas, cujos discursos apontam para a desvalorização do tratamento psicológico ou, quando respeitado, apoiam uma “Psicologia Cristã”, não reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, dentro de nosso Código de Ética. Essa ideia, além de não ser reconhecida pelo Conselho, tem se mostrado violenta na vida das pessoas. Ao longo da pesquisa de campo, isso se torna bastante evidente na fala das entrevistadas, o que mostra que mesmo dentro do próprio público evangélico essa prática causa danos terríveis à subjetividade de quem infelizmente experiencia. Isso tudo mostra a relevância desta pesquisa no campo na região do Rio de Janeiro, que foi o campo da maioria das mulheres entrevistadas (DEGANI-CARNEIRO, 2018).

Pensando acerca da importância da religião na situação que a psicologia se encontra, cabem novas análises. A partir de uma busca na base de dados Scielo sobre algumas palavras-chave desta pesquisa percebemos um pouco dessa problemática. Ao juntarmos os termos “prática de cuidado + religião”, achamos 16 resultados, não sendo nenhum vinculado a igrejas evangélicas. Esses resultados de pesquisa apontavam as experiências de benzedeadas, mágicas e da espiritualidade afro-brasileira.

Tal busca traz à tona, já de imediato, que o tema evangélico e cristão, no meio acadêmico, sequer é visto como uma possibilidade de cuidado. Contudo, se é um grupo religioso que cresce, o que se fala sobre eles? Conforme citado na introdução, a busca pela palavra “evangélica” no Scielo retorna com 165 pesquisas, em que a maioria se refere à relação entre evangélicos, política e conservadorismo. Outro grupo expressivo de pesquisas surge nas que analisam comunidades terapêuticas, tratamento em álcool e drogas e sobre a experiência de profissionais religiosos na área da saúde. Isso se mostra nas revistas normalmente escolhidas, como a *Religião e Sociedade* (19 artigos), *Ciência e saúde coletiva* (6 artigos), *Revista de Saúde Pública* (6 artigos) e a *Sociedad y religion* (6 artigos). Após esses dois temas, encontramos pesquisas dentro do campo da teologia. De acordo com as áreas nas quais se encontram tais artigos, 14 desses traçam interfaces com a psicologia, isto é, menos de 10%. Isso não seria uma problemática se não houvesse uma disputa política tão forte e presente no cotidiano dos psicólogos. As áreas mais citadas são de Sociologia (24 artigos) e Antropologia (21), mas encontramos força também em áreas que já nascem transdisciplinares como a Saúde Pública e Estudos Culturais, Estudos urbanos etc. Tais presenças podem indicar que, por não haver acolhimento dessas pesquisas em departamentos de áreas específicas, os pesquisadores tendem a procurar programas mais amplos.

Entre 1999 a 2006, encontrávamos somente um artigo por ano com o tema “evangélica” e vemos crescimento desde 2007, que veio com oito artigos em um ano. No último ano dessa pesquisa, em 2020, foram encontrados 18 artigos do tema na plataforma Scielo, sendo o maior número dos últimos anos. Ainda na mesma plataforma, encontramos algo muito parecido com o termo “evangélico” (134 artigos) e “cristã” (517 artigos), com a diferença que esses se encontram mais na área de teologia do que política.

Por isso se torna tão necessária a pesquisa com mulheres evangélicas, associando os estudos de gênero a esse debate. O tema gênero estava quase ausente da agenda do estudo da religião até recentemente (WOODHEAD, 2002). A situação mudou em parte como resultado do impacto do chamado feminismo da segunda onda, que se desenvolveu após a década de 1960, e cujas perspectivas e análises influenciaram gradualmente muitas das disciplinas que

compõem o estudo da religião – da história à antropologia. “Gênero” é um termo em disputa. Ele pode ser usado para legitimar representações, manter objetificações e construir socializações que compõem os indivíduos em espaços sociais. Trata-se de um termo relacional, assim, gênero pode ser visto como representações com implicações corporais, contextuais e concretas (LAURETIS, 1994). Podemos pensar sobre o que é dito e o que é vivido por mulheres evangélicas em suas relações generificadas. A articulação desses saberes torna visível a experiência, fazendo dela algo histórico, que tem autoridade e representação (SCOTT, 1998). Devemos entender a história das mulheres como a história geral, isto é, “mulheres” é um termo que não pertence a nenhum território em particular, mas se mostra interdisciplinar (SOIHET; COSTA, 2008). Contudo, sabemos que não é assim que ouvimos as histórias sendo contadas. Se buscamos nessa história as mulheres, as religiosas, seu corpo, sua cor, seu cheiro, suas alegrias e tristezas, é porque isso nos parece ainda estranho, incomum, mesmo afetando diretamente como são as mulheres de hoje, do século XXI.

Quanto ao gênero, percebemos, na América Latina, que o pânico da palavra surge na igreja católica e, brevemente, se torna uma pauta ecumênica (PRADO; CORREA, 2018). O medo da “ideologia de gênero” passou por outros grupos religiosos e não religiosos, tendo como central a América Latina. Esse medo aparece nas falas das mulheres, quando essas começam a repensar sobre seus lugares sociais como mulheres e as igrejas em que fazem parte se assustam com essas reflexões. “Gêneros” é visto pelo senso comum como um caldo simbólico de pautas “comunistas” e por isso é muito difícil tais debates entrarem no espaço religioso. A “ideologia de gênero” como discurso e estratégia globalista (PATERNOTTE; KUHAR, 2018) se torna um medo presente na vida de cristãos latino-americanos, que consideram tal “ideologia” como referência para ONU e UNESCO, considerando-a parte de uma revolução cultural para o marxismo prevalecer. Essa associação entre gênero e conspiração globalista se apresenta na boca de muitos líderes religiosos, desde Silas Malafaia a Papa Francisco, a qual se bloqueiam para o tema de gênero. Desse modo, o senso comum sobre feminismo e gênero ainda é muito minado no cristianismo (GROSS, 1996).

A realidade contemporânea tem provocado novas configurações nas relações de poder diante dos papéis dos gêneros que afetam o espaço religioso (GOMES, 2015). As mulheres que exerciam essas potencialidades permaneciam em lugares de tensão, como ocorreu com Martha Hite Watts, que viveu no Brasil entre 1881 e 1908. Ela é exemplo das relações entre emancipação feminina, identidades, alteridades e papéis sociais de gênero em suas difíceis situações com a religião em suas vertentes conservadoras. Esses lugares conflituosos são comuns nas religiões em geral. Em sua pesquisa, Horlle (2010) analisa o discurso sobre gênero

de católicos, umbandistas, judeus e evangélicos da IURD. Mesmo assim, as mulheres são mais numerosas e mais ativas nas igrejas sempre.

Ao recontarmos as histórias dessas mulheres e, no caso, mulheres evangélicas, temos que entender que a história que nos foi contada ainda é muito limitada. Ao se falar dessas mulheres, um senso comum paira sobre quem seriam, quais suas relações com a religião e qual o efeito da religião sobre suas vidas. Para se falar de mulheres evangélicas, é importante um olhar a partir do referencial interseccional afinal a percepção que essas mulheres trazem do mundo diz respeito aos lugares sociais em que elas ocupam como mães, negras e brancas, jovens, profissionais e religiosas.

Nesse meio, o sistema religioso não se isola, pelo contrário, está em contato com outros sistemas culturais que refletem essa hierarquia. Então, há uma introjeção de estereótipos de gênero, como a submissão, o estupro e a violência doméstica, sendo esses dois últimos frutos da marginalização da mulher dentro do espaço de fé. Desse modo é que se cria a importância de uma leitura interseccional do gênero, percebendo as articulações dessas diversas áreas e sua relação, também, com a masculinidade. Mulheres brancas e negras terão relações diferentes com homens brancos e negros, além de outras expressões de gênero. Uma mulher com mais capital cultural pode ter acesso a mais formas de lidar com uma violência do que outra que não conhece os recursos sociais que existem. A maternidade pode trazer experiências, no caso das mulheres evangélicas, muito diferentes daquelas que não tiveram que pensar em filhos nesse processo. Nesse lugar de muitos atravessamentos, as mulheres entrevistadas procuram espaços de agências de acordo com cada peculiaridade. O corpo religioso se mostra como um caminho de mão dupla, onde o poder propõe o que seriam os comportamentos, falas e trejeitos proibidos, mas que demonstra ser possível ser tensionado, a partir da resistência das pessoas que vivem essa fé.

Esse lugar faz necessário suportar paradoxos e contradições. Por isso é tão importante que, mesmo pensando de modo social, centremo-nos na experiência do sujeito, do seu cotidiano, infância, prazeres e estratégias (KILOMBA, 2019), principalmente ao se falar sobre mulheres negras. Ainda hoje existem legados comuns, como o da escravidão, que levou a diversas lutas, como os direitos das mulheres negras trabalhadoras (DAVID, 2016), mas a movimentação delas é dinâmica e plural (COLLINS, 2019) e não deve seguir uma lógica unificante. Isso se expressa tanto na resistência quanto nas forças conservadoras, já que os políticos evangélicos não seguem também como grupo coeso (SOUZA, 2013).

Porém, a própria sociedade tem trazido à tona a necessidade de se repensar gênero, raça e classe e suas relações com a religião, devido ao crescimento explícito do fundamentalismo

religioso na política. A popularização da religião evangélica e, principalmente, do pentecostalismo, levanta o interesse acadêmico de sociólogas como Cecília Mariz. A autora (1991), ao analisar os atravessamentos de classe, aponta que as pesquisas por muito tempo iam na direção de pensarem os benefícios materiais que o pentecostalismo trazia – como doações de cestas básicas e cargos remunerados nas igrejas – ou mesmo na ideia de que o povo estava sendo manipulado pela religião. Contudo, desde a década de 1980, as pesquisas têm fugido dessa direção de se debruçar apenas sobre o aspecto da alienação da religião. A religião não deve ser vista como somente um espaço de conquistas materiais – apesar desse ponto ser sim, bastante importante. Ali se criam relações, comunidades e oportunidades de aprendizado que, em outros espaços sociais, a população com baixa renda não conseguiria acessar. Aulas de música, reforço escolar, espaço para treinar falar em público, influência comunitária, vários são os estímulos que as igrejas acionam para cativar seus membros. Porém, o espaço religioso traz consigo com frequência a necessidade de exclusividade – isto é, só ali se podem criar relações e até mesmo se curar de seus sofrimentos. Isso se torna perigoso para pessoas que não tem acesso a outros recursos, tanto financeiros quanto sociais de referência. Assim, pessoas mais pobres se tornam mais vulneráveis ao discurso religioso de “cura religiosa”, como vemos no caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – que tem em seu *slogan* “Pare de sofrer” (PAULA, 2021).

Por causa da forma em que se lida com as mulheres, com movimentações exclusivistas e que negam o sofrimento, a religião não é tão comentada em pesquisas acadêmicas sobre gênero. Surge a ideia, com frequência, de que a religião não deveria significar nada para o feminismo ou ela é a culpada por tudo o que acontece com as mulheres (VUOLA, 2015). A autora cita três motivos disso acontecer nas ciências sociais: primeiro pela da secularização, como esvaziamento da religião; segundo pela fixação no sexismo das religiões e, por fim, pelo eurocentrismo de nossas pesquisas acerca do tema da religião.

No Brasil, essas mulheres são afetadas pelo cristofascismo, conceito que Dorothee Solle (1972) cunhou para a aliança do cristianismo com a política de morte. Isso faz com que seja importante para o profissional de saúde mental olhar para o fator da religiosidade no cuidado dessas mulheres. Algumas mulheres encontram no espaço evangélico trabalho e oportunidade de acessar programas sociais em presídios, hospitais, ONGs e até na política (MACHADO, 2005). Percebemos, então, que algumas faltas encontradas na saúde pública são supridas de algum modo pelo espaço religioso e, no caso, evangélico (MACHADO, 2001).

Para isso, o conceito de lugar de fala (RIBEIRO, 2017) aparece como forma de acessarmos esses saberes produzidos nessa vivência religiosa. A autora compara esse conceito

ao que ela chama de *feminist standpoint*, que seriam experiências historicamente compartilhadas e baseadas em grupos, a ponto de transcender as experiências individuais. Apesar de ela reconhecer que, sim, há a experiência grupal e social, aponta que só essa característica seria reducionista. E, ao mesmo tempo, não é possível falar das experiências individuais sem o lugar social que as pessoas ocupam, pois soaria ingênuo. A ideia de lugar de fala surge como uma quebra de uma visão universal sobre o indivíduo. Poder compartilhar as vivências das interlocutoras nessa pesquisa de referencial interseccional é uma forma de poder trazer à tona as pluralidades desse grupo em um trabalho científico.

Rosado (2015) lembra que, por muito tempo, a crítica feminista só percebia a religião como instituição e não como experiência, deixando passar a pluralidade da identidade religiosa das pessoas. As mulheres não são somente o atravessamento religioso, mas um conjunto de fatores, como raça, classe social e sexualidade que constroem suas identidades com tanta força como a religião. Um exemplo seria a ideia de mulheres evangélicas conservadoras, brancas, envolvidas ativamente contra grupos minoritários. Em contrapartida, trazer a fala de mulheres evangélicas negras, envolvidas em lutas sociais e cientes de seu papel político não pode excluir a existência das mulheres anteriormente citadas. Todas as pessoas têm seus lugares de fala e, a partir deles, devem ser ouvidas. Ouvir não significa ignorar o espaço ético-político que a psicologia reafirma de luta pelos direitos humanos. Há um ponto de não neutralidade, de enfatizar vozes não hegemônicas a fim de romper a ordem estabelecida dentro da religião, de morte, de apagamentos. Escrever sobre essas falas é expor medos, raivas e força (ANZALDÚA, 2000) advindas tanto dessas mulheres, como também das relações em que elas estão inseridas. Ao longo dos relatos, vemos incertezas, receios e apoios vindos das famílias, das igrejas, dos amigos e que afetam como essas se sentem quanto à psicoterapia.. Essa é a construção epistemológica a qual ensaio para esta pesquisa: ouvir mulheres evangélicas, escrever suas histórias, a fim de encontrarmos pontos de convergências entre suas demandas e os fundamentos éticos da psicologia.

Quando falamos sobre ouvir e escrever suas histórias, partimos de territórios, experiências diferentes que trazem condições sociais importantes de serem analisadas. Entrando mais especificamente nas pluralidades dessas mulheres, Spivak (2010) aponta que cada pessoa traz efeitos sociais diferentes e que a banalização dessas particularidades sinaliza a negação do ser sujeito.

A fim de sermos fiéis às diferenças existentes nessas experiências, o conceito de interseccionalidade nos ajuda como base. A interseccionalidade (COLLINS, 2019) se torna uma matriz analítica necessária para entendermos os jogos de poder que vêm nessas identidades de

modo interpessoal, disciplinar, cultural e estrutural. A desigualdade social pode trazer sinergias de indagações entre essas mulheres em meio à violência, a partir da qual podemos achar interseccionalidade em lugares improváveis. O termo *interseccionalidade* é usado por Crenshaw no final dos anos 80. Antes disso movimentos sociais de feministas negras e chicanas pautavam temas próximos nas décadas de 1960 e 1970 e foram lidas como interseccionais. No debate de direitos humanos, ciberfeminismo, raça, sexo e as políticas públicas, a interseccionalidade já aparece mais consolidada que nos estudos em religião. O encontro com esse setor tem sido prioritário para a pesquisa. O feminismo, no qual o termo interseccionalidade aparece com frequência, nos ajuda a entender os marcadores da diferença e como são postos dentro das relações de poder.

A interseccionalidade nos possibilita olhar o campo religioso com discussões sobre privilégios raciais e heteronormativos (DÍAZ-BENÍTEZ; MATTOS, 2019). Cada mulher entrevistada tem suas vivências atravessadas muito além das questões de gênero e de religião. A ferida racial em nosso país e as violências lgbtfóbicas, ao lado de um Brasil extremamente desigual nas diferenças de renda faz com que os corpos religiosos precisem de um olhar para além do gênero. Collins (2019) pensa que a interseccionalidade dentro do feminismo mostra a necessidade de uma teoria social crítica, dispondo a achar práticas dialogais e pontos de caminho comum: trabalho, família, opressões, maternidades, corpos e padrões de beleza. A autora diz que, a partir do diálogo, é possível avaliar as reivindicações, produzir uma ética de cuidar, da responsabilidade e da troca de conhecimento.

De modo próprio, cada um desses pontos tem intersecções com a religião e devem ser observados. A religião pode ser vista como um marcador social da diferença (TOTA, 2013), que aponta para relações de poder, assim como gênero e raça. A objetificação de mulheres negras, o controle de seus cabelos e vivências aparecem nos relatos das evangélicas, assim como o poder da autodefinição e a busca da própria voz entre a fé, em acordo com as contradições de supostos espaços de segurança. A autora percebe a consciência dessas ambivalências como esfera de liberdade, autodefinição, autovalorização, respeito, autossuficiência e independência. A miséria, a opressão e a dominação não são suficientes para contar as experiências das mulheres (PEREIRA; PASSOS, 2017). Então, cabe a esta pesquisa não só ouvir a partir das dores das mulheres religiosas, mas também suas palavras, seus gestos, seus sonhos e sua potência.

Sendo a maioria das mulheres evangélicas negra, é crucial pensarmos nos temas que Patricia Hill Collins (2009) apresenta em seu debate, como o heterossexismo; o sistema de poder; a sexualidade dentro de sistemas distintivos de classe; o corpo das mulheres negras e a

sua regulação, bem como a pornografia, a prostituição e a exploração deste; o estupro e a violência sexual; as relações afetivas das mulheres negras; as mulheres negras, os homens negros e a tradição do “amor e dor”; a solidão da mulher negra; as mulheres negras e a autonomia erótica; o amor, as mulheres negras e a maternidade. Ao lado desses temas, Berth (2019) levanta a importância da possibilidade de autodefinição e autoavaliação das próprias mulheres negras, que desafiam imagens estereotipadas, de um imaginário político de mulheres, no caso, afroamericanas. O encontro desses temas a partir da voz das próprias é definido pela autora como empoderamento, que passa por um processo de autoconfiança e autoestima ao lado do encontro de sentido em comunidade. Não se trata de um termo voltado para o indivíduo, mas com implicações políticas, coletivas de forma conjunta. As igrejas – ao se construir por ministérios e projetos sociais – abrem um campo de atuação para que os membros e principalmente as mulheres explorem mundos que elas não tinham acesso (MACHADO, 2005).

Por fora dos espaços eclesiais, temos pesquisas ainda pontuais sobre gênero e a religião, principalmente na área das ciências humanas da religião – sociologia, antropologia, filosofia, teologia e, em nosso caso, a psicologia. Entender religião sem a fé é a base dos estudos de religião. As ciências da religião trazem informação sobre a variedade de religião, prática e engajamento em tempo e espaço, de forma descritiva, na sua função. E, no caso de gênero e religião, vem com uma dose especial de engajamento, pois este é espaço de conhecimento muito vivido pelas mulheres – mesmo que elas não se identifiquem como feministas. Lauretis (1994), a partir da noção de ideologia demarcada por Marx, assinala que a “ideologia de gênero” é a necessidade de não se falar mais daquilo que já está constituído como relação de gênero, a fim de não discutir a hierarquia dessa relação. Contudo, dentro da realidade brasileira atual, a noção de “ideologia de gênero” se tornou um pânico moral (COHEN, 1972), principalmente em 2014, com a cruzada de fiscalização do Plano Nacional de Educação (PNE), que no inciso III, artigo 2º, buscava a promoção de igualdade racial e de gênero (NASCIMENTO, 2017). Isso se expressa, dentro do nosso país, da seguinte maneira:

A ação de políticos religiosos em favor dos direitos, que acreditam ser naturais ou determinados pela vontade de Deus, empurra uma parcela da sociedade, especificamente aqueles que não se enquadram nesses padrões do que é direito ou correto, para um lugar mais afastado de sua cidadania plena. (COELHO, 2017, p. 258).

Nessa disputa acerca da categoria de gênero, os psicólogos se encontram em lugar de interesse pela classe política, devido à influência que eles podem exercer. Assim essa pesquisa

se justifica devido ao lugar estratégico que os conhecimentos *psis* se encontram dentro do campo social.

Tudo isso converge na urgência desta pesquisa em construir um conhecimento interseccional a partir da fala de mulheres evangélicas, levando em conta os estudos de gênero e os estudos contemporâneos sobre religião, mas entendo que essas são atravessadas por outras experiências como raça, sexualidade e classe. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é analisar a experiência de mulheres evangélicas em seus processos psicoterápicos. Para isso foram realizadas entrevistas que nos aproximaram do público e afinaram nossas percepções sobre essas mulheres. O campo veio pela necessidade não só teórica de acolher as narrativas de mulheres evangélicas em suas relações com a psicoterapia, mas de ouvi-las de fato, na prática. Um encontro com complexidades e negociações, entre um conhecimento laico e religioso que permeia essas mulheres.

Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas preliminares. Foram contatadas, em 2021, cinco mulheres evangélicas de conhecimento pessoal da pesquisadora que responderam a um questionário socioeconômico virtual, pelo google forms. O pré-requisito era de que essas mulheres se auto identificassem como evangélicas e fizessem psicoterapia. Dessas cinco mulheres, quatro realizaram entrevistas a partir do google meets, durando entre meia hora a uma hora e meia. As perguntas feitas foram: “o que é ser evangélica para você? Você frequenta algum grupo religioso? Como você se cuida? O que te deixa feliz? O que te preocupa? O que te faz ficar triste? O que é sofrimento para você? A quem você recorre quando está sofrendo? A quem você não recorreria? Por que você buscou o serviço/atendimento? Como era o seu processo psicoterápico?”. As entrevistas foram semiestruturadas, então não havia rigidez quanto a responder exatamente às perguntas. O objetivo era produzir uma conversa a partir desses temas.

O uso do termo “sofrimento” e do verbo “sofrer” foi muito presente nas respostas da primeira parte das entrevistas e continuaram como disparadores na segunda. Isso tem demonstrado como a linguagem do sofrimento tem sido utilizado no meio religioso (PAULA, 2021). O uso da religião como espaço de exclusividade de se lidar com as dores mostra como a igreja exerce poder dentro dessa fragilidade que a mulher está experienciando. E quando essa congregação não consegue exercer tal poder sobre essas mulheres, ela coopta profissionais – como psicólogos – a fim de trazer o dogmatismo em suas práticas. Essa prática, antiética e violenta, aparece nas falas das mulheres. Impressionantemente, todas tinham experiências com “psicólogos cristãos” e com mais de um terapeuta. Isso fez com que no segundo momento as perguntas fossem reformuladas de modo a enfatizar o que já havia sido percebido.

Em uma segunda fase, já em 2022, fizemos uma nova rodada de entrevistas. As entrevistas foram realizadas de modo on-line pelo google meets. Isso se deu principalmente devido à pandemia e à expansão de pesquisas remotas. O decreto do fim da pandemia ocorreu somente em 2023 (conforme já mencionado), fazendo com que as pesquisas de campo desse trabalho, mesmo havendo vacina e fim do isolamento social em 2022, permanecessem on-line. Para Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020), as entrevistas on-line são vantajosas porque trazem maior abrangência geográfica, economia de recursos financeiros, redução do tempo de coleta devido ao não deslocamento, maior segurança aos pesquisadores e interlocutores, pois ainda não havia sido decretado o fim da pandemia, maior possibilidade de se falar de tópicos sensíveis, pois não estão em espaços públicos e, para os autores, daria maior acesso a grupos marginalizados que tem reticência à exposição. Porém, os próprios reconhecem que há controvérsia sobre essas vantagens que cabem ser ressaltadas. Nem todas as pessoas têm acesso à internet e aos equipamentos necessários para uma entrevista – fone de ouvido, microfone, celular com câmera, ambiente privativo e silencioso, sem grandes interrupções. Isso já demarca um recorte de classe tanto das entrevistadas tanto da entrevistadora, mesmo com o uso de uma ferramenta gratuita como foi o caso do *google meets*. E isso influenciou nos dados das entrevistadas como, por exemplo, tanto a primeira quanto a segunda etapa tiveram pessoas com, no mínimo, ensino superior incompleto e, nas entrevistas principais temos mais de metade das mulheres com mais de 5 salários-mínimos.

Primeiramente, entramos em contato com diversos grupos pelo WhatsApp em que pessoas evangélicas circulam e perguntamos por mulheres que se identificam como evangélicas e que já fizeram psicoterapia, como pré-requisito. Colocamos uma imagem que dizia “Se você for... Mulher, evangélica e já fez/faz psicoterapia, participe de nossa entrevista”. Com o link do formulário logo abaixo. Acompanhando essa imagem, vinha um pequeno texto:

Olá, mulheres.

Gostaria de fazer um convite para você, mulher evangélica que já fez/faz psicoterapia. Meu nome é Rebecca Maciel e sou doutoranda em Psicologia Social pelo PPGPS/UERJ. Minha pesquisa de doutorado se chama “Beer-Laai-Roi: Eu vi aquele que me vê – olhares de mulheres evangélicas acerca do processo psicoterápico.” E estamos nesse momento precisando de pessoas como você para entrevistar.

O objetivo central do estudo é analisar como a psicoterapia é vivida por mulheres evangélicas, tendo como objetivo específico compreender as dinâmicas do trinômio gênero-religião-psicologia, aprofundar as interseccionalidade e pluralidades de experiências destes sujeitos e escutar de modo qualificado e crítico suas experiências dentro do campo psicoterápico. Desejamos com essa pesquisa construir uma prática psicológica mais acolhedora a diversidade de vivências, a fim de evitar propagação de faltas éticas e desrespeito aos Direitos Humanos, conforme instrui o Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005).

Então se você for:

✦ Mulher,

✦ Evangélica (participante de igreja ou não, requer apenas sua identificação com esta fé)

✦ Já fez/faz psicoterapia,

Te convidamos para primeiramente responder o questionário socioeconômico (<https://forms.gle/af3jkiMJHZGYrcmS6>) e, depois, realizar uma entrevista de cinco perguntas. Pode ser realizada de modo online ou presencial, conforme te for melhor. Qualquer dúvida, pode perguntar diretamente a mim por email: macielrfla@gmail.com

Muito obrigada pela contribuição ❤️

Esse texto foi enviado tanto pelo Instagram, Facebook e WhatsApp de diversos grupos, quanto pelo perfil pessoal da pesquisadora. A partir desta divulgação, tivemos 64 respostas de mulheres que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam os seus dados socioeconômicos. Depois das respostas, enviamos e-mails a todas que responderam o questionário on-line. Dessas, 21 se apresentaram para realizar as entrevistas. Logo, foram realizadas 21 entrevistas, gravadas e transcritas. Devido à circulação on-line da chamada para entrevistas entre contatos e por pessoas conhecidas, algumas das pessoas entrevistadas já tinham acesso a mim e sabiam da minha expressão religiosa e, dentre aquelas que não me conheciam anteriormente, percebiam, pelo título da pesquisa e pela minha familiaridade com os termos da religião, que também era evangélica. Durante as entrevistas o tratamento das interlocutoras era de familiaridade com aquilo que elas experienciavam, não se vendo com a necessidade de explicar algumas ideias que, para fins de pesquisa, eu pedia para que explicitassem o que eram. Algumas me perguntavam se eu conhecia um líder, uma igreja, uma atividade e corriqueiramente dizia que sim e como isso as afetava. Nessas horas se expressava que era bom não necessitar de grandes elaborações a fim da pesquisadora entender. Houve entrevistas de 30 minutos a duas horas de duração, seguindo o mesmo roteiro de perguntas: (1) O público-alvo dessa pesquisa são mulheres evangélicas. Qual sua relação com esse termo, “mulher evangélica”? (2) Como você lida com suas dificuldades? Há pessoas com as quais você conta nessas horas? E com que/quem você não conta? (3) Como você foi parar na psicoterapia? (4) A temática da pesquisa é sobre psicologia, religião e gênero. Você tem alguma posição ou gostaria de contribuir com alguma fala para a área?

Com esse roteiro, pelo menos três temáticas apareceram obrigatoriamente em todas as entrevistas: ser mulher evangélica, como lidar com as dificuldades e a busca pela psicoterapia. Porém, foram identificadas muitas outras que vieram nas conversas que separamos como temáticas-chave, além dessas: relação entre psicologia e religião, relação com a própria igreja, sexualidade, família, identificação com psicólogos cristãos. Como se trata de uma entrevista semiestruturada, as falas das interlocutoras não seguem necessariamente uma ordem e a escolha

dos trechos são se acordo com proximidades temáticas. Os nomes das entrevistadas foram substituídos por nomes bíblicos, mas as histórias em si não têm relação com as narrativas sagradas das personagens bíblicas.

A escolha por esses nomes traz a ideia de que, mesmo sendo uma pesquisa anônima, elas continuam sendo mulheres marcadas pela experiência de fé, isto é, não há um apagamento de quem são. Além disso, as falas delas não são apenas como de interlocutoras de uma pesquisa, mas de pessoas que estruturam todo o desenvolvimento dessa análise (TSALLIS; ALMEIDA; MELO; BREDALIOL, 2020).

2 ENTREVISTAS PRELIMINARES

As entrevistas preliminares foram o primeiro experimento de contato com as mulheres evangélicas a fim de entendermos se as perguntas de pesquisa nos ajudavam a chegar à questão principal de análise: como é o processo psicoterápico dessas mulheres? O resultado dessas impressões foi publicado no artigo “Vozes de mulheres evangélicas acerca da psicoterapia no Rio de Janeiro: ética e disputas em contexto de pandemia”, em 2022 pela revista Mandrágora e aqui serão similarmente apresentados.

A pandemia de Covid-19 teve profunda influência no contexto metodológico e, principalmente, no ambiente social em que esta pesquisa foi realizada. O meu doutoramento iniciou em 2019, e as entrevistas preliminares foram realizadas no ano de 2021, ainda em contexto da Covid-19. Perdi duas irmãs de fé para essa doença no ano de 2020 e, de modo muito pessoal, esta experiência me impulsionou a registrar a fala de mulheres evangélicas.

No quadro abaixo conseguimos perceber um pouco do perfil dessas mulheres, mas, diferentemente do artigo citado (MACIEL e MATTOS, 2022), para estas pesquisas foi decidido se utilizar nomes para estas mulheres e não só siglas.

Quadro 1 – Perfil das mulheres entrevistadas

| NOME | Jael | Débora | Zípora | Isabel | Eva |
|--------------------------|----------------------------|--------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------------|
| Idade | 29 | 28 | 35 | 36 | 57 |
| Raça/etnia | Negra | Negra | Negra | Parda | Parda |
| Estado civil | Casada. | Casada | Divorciada | Casada | Casada |
| Filho | 1 | 0 | 0 | 1 | 2 |
| Escolaridade | Ensino Superior Incompleto | Superior completo | Pós-graduação completa. | Pós-graduação completa. | Pós-graduação incompleta. |
| Trabalho | Do lar. | Assistente Social. | Secretária. | Farmacêutica. | Professora. |
| Se frequenta uma igreja. | Sim, histórica. | Não. | Sim, histórica. | Sim, histórica. | Sim, mais de uma comunidade. |

Fonte: As autoras (2022).

Segundo apresentamos também no artigo (MACIEL e MATTOS, 2022), as idades das cinco mulheres selecionadas variavam entre 28 e 57 anos. A elas foi perguntado como se identificavam quanto à própria raça com uma pergunta sem oferecer opções prévias. Três delas se identificaram como negras e duas como pardas. Hoje tanto para o IBGE quanto para o Datafolha, as categorias raciais são pardas, preta, branca, amarela, indígena e outros. O termo negro entra como uma reivindicação dos movimentos negros e tende a unificar os termos pretos e pardos nessa mesma categoria. De forma espontânea, já percebemos a escolha de três participantes por esse termo. E, tendo isso em mente, podemos identificar essas interlocutoras como negras, no sentido de identidade racial. Os dados nacionais (DATAFOLHA, 2020) apontam que esse público é majoritariamente marcado racialmente como “negras”. Pensando as interlocutoras como negras, cabe articularmos com Grada Kilomba (2019), ao pensar a experiência delas. A autora conta sobre experiências de isolamento, onde elas teriam que ser superfortes e sofrerem silenciosamente, sem, muitas vezes, uma perspectiva de cura e transformação desses traumas. Esse sofrimento emerge nas falas de mulheres negras como força de reflexões e práticas. E, muitas vezes esse não é o público que abrange as pesquisas e falas sobre mulheres evangélicas.

Podemos dizer que existe muita produção midiática em revistas, músicas e relatos conhecidos como testemunho de mulheres dentro da religião. Contudo, as que aparecem no gospel e nos púlpitos não correspondem à maioria, de fato, das mulheres evangélicas. O ideal da mulher branca, próspera e bem-casada esconde o relato de milhões de mulheres negras, pobres e solitárias que vivem a fé. O conhecimento dessa maioria é subalterno, subjugado (COLLINS, 2019), enquanto o padrão eurocêntrico valida o conhecimento religioso. Cabe, então, ao se pensar em mulheres evangélicas, determinar a raça como fator crucial de análise, pois essas são a maioria que vivencia, significa e experiencia a fé e, por isso, são autoridade e agentes de conhecimento sobre o tema. São necessários narrar casos (KILOMBA, 2019), expressar silêncios para que se possa ver as singularidades dessas mulheres. Mesmo o conceito de gênero sendo tão endurecido pela cultura na polaridade feminino e masculino, cabe pontuá-lo como construção social, não como essencialista, mas que explicita a relação de poder.

A branquitude, dentro da religião, é extremamente forte, mesmo sendo uma religião de maioria negra. Nessa situação, mulheres negras evangélicas se inspiram em cantoras, escritoras e pastoras brancas, o que mostra o quanto raça atravessa as demandas de gênero no espaço religioso. Raça é a espinha dorsal do sexismo (COROSSACZ, 2014). Esse pacto da branquitude naturaliza a ideia de que a o parâmetro de pessoa ideal seja a branca (BENTO, 2002) implicando que não só temas relacionados à raça, mas também ao gênero sejam excluídos do espaço

eclesiástico. A unificação de uma ideia de mulher evangélica, que agrega raças e diferentes classes, se mostra muito complexo. A ideia de disponibilidade das mulheres negras aparece nas divisões de cargos, onde estas aparecem majoritariamente em cargos de serviços como a faxina, a cantina, berçário e a mão na massa de atividades corriqueiras, enquanto a mulher branca se encontra ao lado do pastor, em decisões e na liderança de ministérios. Não é raro ver mulheres negras cuidando dos bebês de mulheres brancas que querem assistir ao culto sem a interferência da criança, com um fardo duplo ou triplo (KILOMBA, 2019).

Retomando o artigo (MACIEL e MATTOS, 2022), dentre a mulheres entrevistadas quatro estavam casadas e uma divorciada. Quanto à quantidade de filhos, duas tinham um filho; uma, dois filhos e duas não tinham nenhum. A escolaridade dessas mulheres estava dentro de um espectro de pessoas com acesso ao ensino superior. Uma tinha o curso incompleto, outra completo, uma com pós-graduação incompleta e duas com pós-graduação completa, configurando uma amostra com alto grau de escolaridade, o que não corresponde ao perfil médio das mulheres evangélicas indicado pelo Datafolha (2020). Essa diferença reapareceu quanto aos dados de renda. Uma recebia entre 1 a 3 salários-mínimos, duas de 3 a 5 salários-mínimos e duas com mais de 5 salários-mínimos. Nesse sentido, novamente, vimos uma grande discrepância salarial em relação aos dados coletados em plataformas nacionais, como o Datafolha (2020)

Dessas cinco, quatro moravam na cidade do Rio de Janeiro e uma na região serrana. Duas na região da zona sul, uma na região da zona norte e outra não quis identificar. A que não morava na cidade em si viveu por toda sua vida na zona norte, e hoje vive em Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Não tivemos nenhuma mulher advinda da Baixada Fluminense ou da zona oeste do Rio de Janeiro, que são duas das regiões que mais possuem evangélicos no estado.

Quanto à vida profissional dessas mulheres, a maioria era de profissionais liberais. Uma assistente social, uma farmacêutica, uma professora, uma secretária executiva e outra se identificou como “do lar”. Dentre as que tinham uma profissão, três estavam empregadas e uma desempregada.

O último dado levantado, bastante interessante, é que quatro estão atualmente em uma comunidade religiosa, mas uma não. Isso demonstra que se identificar como evangélica não necessariamente significa estar vinculado a uma igreja. As entrevistadas primeiramente preenchiam um formulário com os dados socioeconômicos, conforme analisados acima. Depois se entrava em contato com elas, uma a uma, vendo se havia interesse em realizar uma entrevista presencial com a pesquisadora.

As entrevistas não foram gravadas e transcritas, diferentemente do que aconteceu no segundo momento. Por isso, as percepções foram redigidas a partir das anotações da pesquisadora.

A relação delas com a igreja aparecia com bastante frequência nas primeiras perguntas. Por mais que a comunidade religiosa não as definisse, todas elas tinham experiências muito próprias com este espaço. O convívio nas igrejas traz um parâmetro para essas mulheres – seja positivo ou negativamente. A experiência comunitária, por mais que algumas não estejam mais no ambiente, as marcam até mesmo no termo em que elas desejam se identificar. O termo “evangélica” era algo que elas sempre traziam como problemático e que precisaria ser repensado.

O que traz felicidade são coisas corriqueiras, vinculadas à família, aos amigos e contextos sociais. De modo similar, quando perguntadas sobre o que as fazia tristes e preocupadas, os temas rondavam questões sociais e familiares. Temas estruturais como racismo, machismo e violências apareceram com frequência.

Eva, uma das entrevistadas, particularmente trouxe uma experiência de tristeza vinculada diretamente à igreja. Quando a conversa ia para o tema da dor, esta parecia se alastrar mais do que das alegrias. Apesar de somente uma entrevistada especificar ter sofrido dentro do espaço religioso, outras também não negaram que isso poderia ter acontecido. O tema do sofrimento remetia com frequência às referências religiosas.

O sofrimento e a religião evangélica andam com frequência juntos. Percebe-se que as igrejas usam da linguagem do sofrer para poder prender seus membros em suas narrativas (PAULA, 2021) – afinal, você sofre porque Jesus falou que cristãos iam sofrer ou você sofre quando está em pecado. E, se o sofrer está relacionado a uma narrativa religiosa, somente a igreja pode manejar essa dor. Esse ponto aparece nas falas das interlocutoras quando estas citam que as igrejas muitas vezes trazem para si a exclusividade do cuidado. Nessas narrativas, só a igreja pode ser a responsável pela cura/manejo do sofrimento se esta advém de um problema espiritual. Muito da forma de se manejar a dor está relacionado a quem essas pessoas têm como referência para conversar. Falar com o marido, ficar em silêncio e passear apareceram no mesmo nível de orar e encontrar pessoas religiosas, o que demonstra que não há uma preferência em ações do âmbito espiritual, muito menos por aqueles que estão em igrejas. De igual modo, o terapeuta é um profissional pouco citado. Contudo, quando perguntadas sobre quem ou o que elas não têm como referência para falar sobre sofrimento, a igreja aparece com muita frequência.

Quando perguntadas sobre os motivos que as levaram a buscar esse tipo de processo, trouxeram temas diversos, tanto sociais como particulares. Somente Eva trouxe a igreja como uma de suas demandas. Todas tinham experiências com “psicólogos cristãos” e com mais de um terapeuta. Então, ao falarem de seus caminhos com a psicologia, elas traziam comparações e impressões sobre como foi ter um psicólogo com a mesma fé que elas.

O caso de Débora apresenta alguns pontos importantes. Sua primeira terapeuta foi indicação da igreja e foi paga por uma irmã de fé, não sendo uma escolha direta da própria paciente. Depois disso, o que incomodou Débora não foi o fato de a psicóloga ser religiosa, mas a forma como ela conduzia a terapia e produzia o *setting*. Ser taxativa, não produzir um espaço empático e ser muito formal eram características potencializadas pelo fato de o discurso religioso trazer em si próprio corriqueiramente a ideia de verdade absoluta.

Ao final das entrevistas, foi dado um espaço livre para apontamentos que fossem da vontade das interlocutoras. De modo muito interessante, todas falaram sobre como a psicologia era uma área do conhecimento única, que não poderia ser comparada ao trabalho pastoral. A psicologia também apareceu como um saber específico, diferente do “papo entre amigos”. Especialmente quanto à religião, elas percebiam a diferença entre elas e apontavam como corriqueiramente a religião não estimulava o cuidado em saúde mental.

As entrevistas indicaram o interesse dessas mulheres em cuidar da própria saúde mental e seu grande respeito pela psicoterapia. Entre os conflitos pessoais com a fé e o processo psicoterápico há mulheres buscando rotas de tratamento de suas tristezas e preocupações. Percebemos nessas falas duas grandes t

emáticas que merecem ser analisadas mais detidamente: a quem elas recorrem em momentos de sofrimento, e o que denominamos como dogmatismo no espaço psicoterápico.

2.1 Sofrimento e o fundamentalismo

A experiência das mulheres entrevistadas indica que é mais comum ter a religião como sofrimento do que de acolhimento. Apesar de muitos discursos sobre sofrimento dentro dos espaços de fé (PAULA, 2021), a exclusividade do cuidado feito pelas igrejas não é funcional para essas mulheres e, nesse percurso, encontram a psicoterapia. Elas percebem a diferença entre a psicologia e a fé cristã e se posicionam para continuar o autocuidado através da

psicoterapia. Vemos também o fundamentalismo aparecendo nas falas dessas mulheres e a permear todo um país (MACIEL; MATTOS, 2022).

Dentre as entrevistadas, Débora explicitou quem são as pessoas a quem ela recorre ou não. Quando perguntada sobre quem ela procura em tempos de sofrimento, apontou que quando algo realmente a preocupa, tenta lidar sozinha com o assunto e depois conversa com amigos, marido, o terapeuta e com a rede de apoio. Desses amigos, ela pontuou que podem ser evangélicos ou não, mas que ela nunca conversou assuntos pessoais com colegas da mesma igreja que ela. Assim percebemos que a religião não é um fator decisivo na escolha dos amigos e naqueles em que deseja se abrir.

Contudo, quando falamos sobre quem ela não procura, disse claramente que “com certeza e com toda a convicção” não procuraria mais a igreja para falar dos seus sofrimentos, pois já teve diversas experiências péssimas ao compartilhar coisas a seu respeito nesse espaço. Não é um espaço de acolhimento para suas questões, segundo Débora. Somente procuraria uma comunidade religiosa evangélica em caso de fome ou alguma vulnerabilidade social em que não precisasse expor intimidades. Aqui podemos perceber Débora rompendo com a ideia de exclusividade religiosa, onde a religião é legítima para auxiliar pessoas empobrecidas, mas que deve ser um serviço, dentre muitos. O lugar de dizer sobre personalidades não é o mesmo espaço que pode ter ajuda em momentos de dificuldades financeiras. A comunidade se torna útil enquanto um ambiente que possibilita algo material nesse caso, porém a faz sentir sozinha afetivamente. Esse caso deixa bastante explícito que não é porque há um espaço comunitário religioso que necessariamente essas mulheres evangélicas se sentirão parte. Convive nas experiências dessas mulheres a oscilação entre apoio e solidão nas igrejas.

Isabel, assim como Débora, teve uma experiência que classifica como ruim dentro da igreja e, por isso, relata que não conta com esse espaço para tratar seus sofrimentos. Quando esses sofrimentos chegam até ela, Eva quer ficar sozinha ou com seus cachorros, lendo ou vendo uma *live* no Instagram. Às vezes a ajuda estar com filhos e amigos, principalmente uma grande amiga. Porém, mesmo a igreja tendo sido o espaço em que ela construiu toda sua vida, não sente que ali pode falar à vontade, expor e trazer discussões. Também não se sente à vontade para falar de seus sofrimentos para sua mãe.

Zípora aponta sua fé como sendo algo que a ajuda a lidar com sofrimentos, mas não faz questão de que a pessoa que busca, seja amigo ou terapeuta, seja religiosa. Porém, quando falamos de sofrimento, ela não expressou algo que a faz sofrer, mas o que o sofrer é para ela. “Sofrimento é o que abala as estruturas de modo visceral”, disse Zípora, e ela traz logo a memória religiosa de Jesus, que suou sangue, que suportou dificuldades. Apesar de reconhecer

que há sofrimentos leves e mais profundos, ela sente que a fé a ajuda a suportar. Isso se demonstra na forma com que ela lida com o sofrimento. Zípora faz orações e busca pessoas que são referências em sua vida espiritual. Contudo, ela não coloca essa como a única forma de lidar com as dores. Isso quebra com a narrativa religiosa de que a igreja é o espaço de se lidar com as dores (PAULA, 2021) e faz com que esse lugar não tenha mais o monopólio de como experienciar essa vivência emocional. As igrejas narram a necessidade de culto para uma “cura espiritual” ou de serviços para se sacrificar e purgar seu sofrimento. Contudo, Zípora contorna essa narrativa, ainda evocando referências religiosas, mas fazendo de seu jeito. Relata buscar quietude, acordar cedo, ver o mar, o céu e pessoas que se preocupam com ela, independente se forem evangélicas ou não. Ela explicita que os mais íntimos são da mesma fé, mas diz claramente em suas palavras “Procuro pessoas humanas, não pessoas evangélicas.”. Zípora não expressou que pessoas ela não buscaria.

Observando o relato das entrevistadas, percebemos que o espaço da igreja não aparece como um local de suporte emocional para essas mulheres, mesmo quando a fé em si lhe é acalentadora. Zanello (2018) afirma que a valorização à retenção e não expressão, principalmente de raiva e ódio, leva à implosão psíquica nas mulheres. De modo geral, há questionamento ao sintoma e uma patologização do sofrimento feminino.

Sufrimento, mal-estar, dores religiosas, dor no corpo, família que oprime e sustenta, falta de espaço na igreja, dor misturada, são relatos que Ivone Gebara (2017) também traz ao pesquisar a vivência de mulheres religiosas.

Dependendo também do quanto essas mulheres estão inseridas no espaço religioso, podemos ver o relato de Pereira falando do sofrimento de pessoas no trabalho religioso ao dizer que “Quando estes sujeitos, presbíteros e religiosos, não possuem manejo adequado de estratégias de enfrentamento com a organização, acabam não só ardendo, mas queimando-se por dentro” (PEREIRA, 2013, p. 135).

Essas camadas de sofrimento são acolhidas por outros grupos – às vezes até mesmo de pessoas religiosas. Percebe-se que não há uma preferência de que os amigos e conhecidos necessariamente sejam da mesma religião que as mulheres entrevistadas. O debate, dentro do campo da psicologia, vem do porquê existiria uma necessidade de psicólogos que reafirmam ser religiosos ou de uma igreja, já que as próprias pacientes não dizem procurar essas pessoas em momentos de sofrimento. Essa demanda vem do grupo religioso para controlar seus membros e propor que a igreja e seus psicólogos religiosos sejam o único caminho de tratamento.

As misturas entre psicologia e religiosidade não são incomuns na história da profissão (CLEBER MACEDO, 2017). Durante a Antiguidade e Idade Média europeia, o cristianismo esteve muito próximo ao que se convencionou chamar “história das ideias psicológicas” (DEGANI-CARNEIRO & JACÓ-VILELA, 2012). Essa psicologia veio ao Brasil ainda com suas marcas e encontrou no *evangelicalismo* contemporâneo um terreno próximo e fértil.

Da parte do mundo evangélico, facilmente encontramos materiais de cunho autoajuda, que dizem respeito a questões emocionais e relacionais. Nesses é comum o uso de termos originalmente da psiquiatria/psicologia como depressão, ansiedade, terapia de casais (MACEDO, FONSECA e HOLANDA, 2007). Isso, algumas vezes, vem com uma tentativa de aproximar os conhecimentos *psis* da vivência religiosa

No Brasil, temos algumas grandes organizações que exemplificam esse processo, como a Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE) e a organização chamada Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), que existe desde 1976 e realiza congressos, revista (Psicoteo) e uma bíblia própria – A Bíblia Conselheira. Esta mentalidade de aproximação entre psicologia e a religião tem produzido violências diversas e faltas éticas (CFP, 2019). A fim de enfrentar essa investida, o Sistema Conselhos de Psicologia tem realizado diversas atividades e posicionamentos para instruir psicólogos acerca dos problemas éticos que isso acarreta. De acordo com a Resolução 13/2007, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) reconhece apenas uma psicologia, que se constitui por 12 especialidades, técnica e cientificamente validadas, sendo que a “Psicologia Cristã” não é uma delas. Segundo a Resolução 10/1997, o psicólogo deve obedecer a critérios científicos estabelecidos pela psicologia e a Resolução 07/2023 reforça que esta deve ser laica. Essas práticas são antiéticas e mostram uma violência para as pessoas que acessam psicólogos que agem dessa forma (MACIEL; MATTOS, 2022). Infelizmente, se observa um processo de igrejas e grupos evangélicos em absorver conhecimentos da psicologia e construir profissionais que agem a partir de suas dogmáticas. Assim, vemos igrejas que já não negam a psicologia e brigam com ela, mas tentam dominar (SOUZA, 2017) essa área, atrelada as bases fundamentalistas. Isso nos leva ao segundo eixo de análise, que apareceu durante a entrevista, que é o fundamentalismo.

Esse fundamentalismo nos remete à ideia baseada no movimento dos anos 1910-1915 criado pelos *evangelicals* estadunidense. Estes construíram um documento chamado *The Fundamentals*, em que não só rejeitavam a alta crítica, o socialismo, a teologia liberal, a igreja católica, o ateísmo e a modernidade, mas também propunham pontos de ortodoxia (uma lei correta) e dogmática (imutável). Nascimento virginal de Jesus, ressurreição dos mortos, doutrina do pecado e da salvação, entre outros temas, foram colocados nesse documento que se

tornou mãe do que chamamos de fundamentalismo. O documento de 12 volumes foi escrito por Lyman Stewart, presbiteriano, estadunidense e empresário petrolero (MENDONÇA, 1990). Tal material se tornou por muitos anos uma segunda bíblia de missionários que vieram ao Brasil e construíram a ideia de uma ortodoxia e de fundamentalismo na experiência de fé. A partir desse ponto, as igrejas entraram em uma teologia complexa onde já não se sabia diferenciar o posicionamento da própria fé com a luta por uma lei correta que deveria corrigir o outro que não entrasse nesse percurso. Fundamentalismos, relativismos, lugares de poder e seu exercício carismático encontram terreno fértil na religião (CAMURÇA, 2013), principalmente com o público evangélico.

Na trajetória das mulheres, percebemos como o fundamentalismo apareceu em seus processos psicoterápicos. Zípora buscou uma segunda terapeuta que era esposa de pastor, e nossa interlocutora apontou que as falas dessa profissional eram muito influenciadas pela religiosidade, misturando corriqueiramente o fato de as duas serem evangélicas com a prática da psicologia.

Com Débora, vemos uma experiência similar. A primeira psicóloga que consultou foi indicação de uma pessoa da igreja, e essa irmã de fé pagou uma sessão para a nossa interlocutora. De acordo com ela, a sessão foi “horrível, péssimo, terrível” e isso deixou-a com a impressão de que psicoterapia não era algo bom. O sentimento, ela relata, era de que ainda estava dentro da igreja, que parecia mais um aconselhamento pastoral pouco acolhedor. Ela explicou um pouco mais sobre como isso acontecia, dizendo que a profissional era muito taxativa e sempre tentava conduzir a intervenção “de modo bíblico”. Por exemplo, quando levou uma questão a respeito de seu casamento, a terapeuta lhe disse que o casamento “é indissolúvel”.

Isabel, por sua vez, relatou história semelhante com sua primeira psicóloga, que se identificava como psicanalista e cristã. A segunda, e atual, é junguiana e não é cristã. Para ela, o manejo de cada uma das temáticas relacionadas à religião é totalmente diferente, e ela tem preferido a segunda, principalmente pela forma com que aborda a fé. A primeira não necessitava que ela explicasse sobre como funcionava a igreja e já tinha um ponto de vista padronizado. Além disso, a psicanalista pediu para que o marido de Isabel – que é pastor – participasse das sessões também, o que foi proposto devido a um suposto “poder pastoral” que este marido deveria exercer sobre ela. Isso a deixou muito desconfortável. Com a segunda psicóloga, Isabel precisava explicar como funciona sua experiência religiosa, e isso a ajudou a elaborar alguns temas naturalizados. Outro fator que a faz gostar da profissional junguiana é que esta trabalha com sonhos. Diz que, em sua experiência, a não cristã é melhor porque a religião às vezes mina

a troca e pode trazer julgamentos da fé para dentro da psicoterapia. Durante o processo psicoterápico, Eva também relata que a primeira terapeuta, que começou com atendimento familiar, era muito religiosa e espiritualizava todas as questões que eram trazidas.

Esse processo dogmático foi visto de modo negativo pelas quatro interlocutoras. Elas não ficavam felizes de serem acompanhadas por psicólogas que eram restritas em seus posicionamentos e que misturavam com frequência a fé com a prática psicológica. As mulheres relatavam que essa experiência de fundamentalismo aparecia em psicólogos que se diziam cristãos. Exemplos dessa prática similar à das interlocutoras aparecem no livro *Tentativa de aniquilamento de subjetividades LGBTQIA+* (CONSELHO...2019), material produzido pelo CFP a fim de denunciar atividades de conversão sexual e de identidade de gênero. Vemos relatos como de três mulheres lésbicas que foram entrevistadas nesta pesquisa:

E1: A psicóloga começou invocar alguns trechos da Bíblia, falando sobre o mito da criação, sobre o papel da mulher, sobre as convicções.

E2: Minha mãe disse que o pastor conhecia uma psicanalista que era uma irmã, ela era da igreja, sei lá o quê, e que tratava de casos assim. (...) Ela conversou comigo que talvez fosse isso que Deus queria, sei lá o quê. Antes da sessão, a gente fez uma oração, claro.

E3: Ao buscar ajuda psicológica, a psicóloga veio interpor uma questão de religião. [...] Ela começou dizendo que era uma fase, depois ela entrou muito em religião, começou a falar que Deus tinha um plano para mim e que isso eram “atormentações”, que eu não podia me deixar cair nessas atormentações. Ela passava orações para eu fazer, orações, hinos para eu ouvir, e ficava falando versos bíblicos, nada a ver.

(CFP, 2019, p.102.)

Todos esses casos são de mulheres que passaram por psicólogos que traziam técnicas e influências advindas da religião, às vezes como prática (por exemplo, com uso de orações, hinos e leituras bíblicas) ou no processo discursivo, como vemos também no relato de nossas interlocutoras.

Contudo, quando analisamos as falas dessas mulheres, mesmo estando vinculadas a essa mesma fé, vemos que não desejam esse tipo de processo psicoterápico. Débora relata que procurou em um grupo de mulheres do Facebook por uma psicóloga que cobrasse um “valor social” e se adaptou muito bem a ela. Alguns detalhes foram importantes, como o fato desta profissional “ser descontraída, beber Coca-Cola, ficar sem sapato, não anotar e, principalmente, só atender mulheres”. Está há um ano e meio nesse processo com a nova terapeuta e já conseguiu levar para a terapia muitos assuntos relacionados à igreja, mesmo a profissional não sendo religiosa. O fato de não a induzir a nada lhe fez muito bem, segundo Débora. Ao final da entrevista, Débora quis falar sobre a relação entre cuidado em saúde mental e a igreja. Para ela, a igreja vê esse cuidado como errado, pois “só Jesus cura e Jesus só está na igreja”. A interlocutora disse que já acreditou muito que tudo deveria estar condensado dentro da igreja,

até uns oito anos atrás. Ao longo do tempo, percebeu “que se você não pode procurar por outros espaços, você perde a autonomia” e isso era muito importante para ela.

Percebemos uma movimentação religiosa de querer infundir como certo e o que essas mulheres entendem como tal dentro de seus percursos de cuidado em saúde mental. Importante salientar que não são todas as lideranças evangélicas que são fundamentalistas, conforme Zípora trouxe. Ela está em um processo com um psicanalista atualmente que é pastor, mas percebe o cuidado do profissional para não misturar os conteúdos. Se ele cita a questão religiosa, o faz como um exemplo, ou em um contexto específico. Hoje, ela relata conseguir ver que a terapeuta anterior fazia quase uma clínica pastoral. Desse modo, conseguimos ver três tipos de movimentos da religião acerca da psicologia – religiosos disputando exclusividade de cuidado com os psicólogos e negando sua eficácia, religiosos que absorvem os conteúdos da psicologia para dominar o campo psi e ainda outros religiosos que se interessam pela psicologia e tentam manter o distanciamento laico entre as áreas. Um dos exemplos deste último é o de Eva.

Eva também é atendida há 13 meses por uma psicóloga que tem um lugar de poder na igreja – é esposa de pastor – e traz uma boa experiência na prática. Ao final da entrevista, Eva relatou que, devido a sua experiência na igreja, passou a crer que existia uma regra para a vida dar certo – na família, no emprego e na vida emocional – mas sua vida foi indicando que tudo deu errado. Hoje ela percebe que a religião e a terapia falam de temáticas muito diferentes. Contudo, ela também percebe que nas igrejas não há estímulo a se fazer psicoterapia porque não se deseja que as pessoas sejam verdadeiramente livres, produzindo regras próprias para si mesmas.

A liberdade proposta nos processos psicoterápicos para Eva e outras interlocutoras é que faz haver tanto tensionamento com a religião. Enquanto a psicoterapia repetir noções de “correto” e de “verdade”, irá servir aos interesses dos líderes religiosos. Porém, quando não aparece sendo algo dogmático, é tida nas comunidades como ameaça à liberdade de consciência na vida dessas mulheres religiosas. Assim se percebe um sentimento de autopreservação (SAWAIA, 1999) vindo das comunidades religiosas que não desejam que crenças externas adentrem seus membros. Essa busca pela pureza – que é impossível, pois toda religião, inclusive a evangélica, se constrói no encontro com outras religiões – pressiona as mulheres não só sexualmente, mas sobre o que elas podem pensar. A dificuldade de assimilação na diversidade de identidades dentro do campo evangélico faz com que mulheres transitem entre igrejas e até em outras religiões (SOUZA, 2006). A relação comunitária fica totalmente atravessada pelo fundamentalismo na religião.

A partir das entrevistas preliminares percebemos que não seria possível nos aproximarmos dessas mulheres sem trazer consigo um questionamento também sobre como aparece esse fundamentalismo que comentamos. Ao mesmo tempo em que a espiritualidade produz a oportunidade de as mulheres possuírem uma vida social, filhos, amigos e possivelmente até um marido, ela utiliza-se dessas concessões para apropriar-se da pessoa religiosa. Essa ambivalência real na vida das mulheres cria questões que condizem com a experiência histórica dessa fé (MACIEL; MATTOS, 2022). Assim, as perguntas do segundo momento foram menos sobre as emoções individuais dessas mulheres e como essas as levaram a psicoterapia e mais sobre o que elas já viram na psicoterapia em si e quais são as complexidades desse processo.

3 ENTREVISTADAS

Perguntar para compreender pode levar a satisfação, a alegrias, mas também a insatisfações, rebeliões e revoluções quando as respostas as nossas perguntas não nos satisfazem ou geram injustiças. E isso porque as respostas não são apenas para o intelecto, mas servem para re-situar nossos corpos em novas relações e para abrir caminhos para que a liberdade e a dignidade se tornem presentes. Por isso, há uma multiplicidade de perguntas e respostas, e todas, no final, querem compreender e dar elementos sobre a profundidade das águas nas quais nadamos, para sabermos se estamos a salvo, se elas nos sustentam e nos permitem navegar (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 233).

O campo veio pela necessidade não só teórica de acolher as narrativas de mulheres evangélicas em suas relações com a psicoterapia, mas para poder observar na prática como elas se dão. Já havíamos começado a tatear esse campo a partir das entrevistas preliminares, porém nesse novo momento conseguimos depurar as perguntas e, principalmente, temos a transcrição do que essas mulheres disseram. Assim, com mais propriedade chegaremos ao nosso objetivo de analisar os processos psicoterápicos de mulheres evangélicas.

Como já apontamos anteriormente, 64 mulheres responderam ao nosso questionário socioeconômico que perguntava idade, raça, estado civil, ocupação, renda familiar, cidade e se frequentavam alguma igreja. Observando os dados socioeconômicos, conseguimos analisar a média do público que acessou o questionário e quis responder. O recorte de classe fica muito evidente nas respostas, afinal foi construída uma pesquisa on-line, com pessoas que tinham tempo e acesso fácil à internet. Quanto ao número total, a média é branca (37), jovem entre 18 a 39 anos (49), solteira (29), sem filhos (44), moradoras do Rio de Janeiro (20), com pós-graduação completa (28) e com mais de cinco salários-mínimos (35). Se olharmos cada um dos marcadores citados acima, podemos ter alguns pontos de reflexão, pois são dados claramente atravessados socialmente. Segundo o Datafolha (2020), 30% das mulheres evangélicas são brancas, enquanto nessa primeira etapa tivemos 57% de mulheres brancas. Trinta por cento têm até 34 anos, a partir das categorias desse mesmo instrumento, sendo que na nossa pesquisa esse número chegou a 76% das mulheres que responderam aos questionários. Outros dados que aparecem na pesquisa do Datafolha e cabem ser comparados são os de estudo – aos quais 15% da população total tem ensino superior e só na nossa pesquisa são 43% de pós-graduação completa – e os salários – que no censo são 9% com mais de 5 salários-mínimos e nesta pesquisa são 54%. Essas diferenças são evidentes e foram consideradas nas análises que aqui aparecem. Isso é, não se pode ler esta pesquisa sem considerar quem é o perfil das interlocutoras e, por isso, suas respostas não representam o todo das mulheres evangélicas.

Se compararmos com a média nacional de mulheres evangélicas segundo o Datafolha (2020), o perfil é bem diferente, sendo representadas por mulheres negras, que recebem até dois salários-mínimos, moradoras de periferias e que tem a média de idade de 35 a 60 anos. O caminho desta pesquisa foi, para além de encontrarmos um perfil representativo de toda a população evangélica, ouvirmos as peculiaridades de cada um desses sujeitos e entender como esses marcadores se encontram.

A pesquisa entrou em contato com as 64 mulheres a fim de realizarmos as entrevistas on-line a partir do google meets. Dessas, 21 se interessaram em participar e fizeram as entrevistas. A seguir faremos uma breve descrição das nossas entrevistadas.

Ana é uma mulher de 47 anos, branca, casada e com dois filhos. Ela tem renda acima de 5 salários-mínimos, é promotora de justiça e mora no Rio de Janeiro. Além disso, hoje frequenta uma Igreja Batista.

Abigail tem 48 anos, é branca, divorciada e com dois filhos. Tem ensino superior incompleto e recebe entre três a cinco salários-mínimos, trabalhando como cabelereira. Ela não está em nenhuma comunidade de fé e mora em Niterói.

Zípora tem 37 anos e é parda. Ela é divorciada e não tem filhos. Tem pós-graduação completa e recebe entre três a cinco salários-mínimos como secretária executiva no Rio de Janeiro. Hoje ela faz parte da igreja cristã evangélica.

Maria tem 23 anos, é branca, solteira e sem filhos. Tem ensino superior incompleto e possui renda familiar acima de cinco salários-mínimos. Ela faz parte de uma igreja batista. É irmã de Marta.

Marta é irmã de Maria. Tem 29 anos, é branca, solteira e sem filhos. Tem pós-graduação completa e renda familiar acima de cinco salários-mínimos. Faz parte também de uma igreja batista.

Ester tem 23 anos, é preta, solteira e sem filhos. Possui ensino superior incompleto e renda familiar entre três a cinco salários-mínimos. Trabalha com recreação infantil, mora em Valença e frequenta a Igreja Metodista.

Noemi é uma mulher de 23 anos, parda, solteira e sem filhos. Tem ensino superior incompleto e sua renda familiar está entre um a três salários-mínimos, sendo ela mediadora escolar. Mora em Paty de Alferes e congrega em uma Assembleia de Deus.

Lídia é uma mulher branca de 61 anos. É divorciada e tem um filho. Possui pós-graduação completa, recebe mais de cinco salários-mínimos como Procuradora de Justiça. Mora em Niterói e frequenta a igreja nova.

Jael é uma mulher preta de 31 anos, casada e com duas filhas. Possui ensino superior completo, trabalha com *marketing* e tem a renda familiar de mais de cinco salários-mínimos. Ela frequenta uma igreja cristã evangélica.

Rute é uma mulher de 30 anos, preta, solteira e sem filhos. Tem ensino superior incompleto, recebe entre três a cinco salários-mínimos, mora em Niterói e trabalha como professora. Ela frequenta uma igreja presbiteriana.

Talita tem 37 anos, é branca, solteira e não tem filhas. Tem pós-graduação completa, recebe acima de cinco salários-mínimos como Promotora de Justiça. Mora em Niterói e frequenta uma igreja batista.

Tamara tem 26 anos, é branca, casada e sem filhos. Tem pós-graduação completa e a renda familiar é de acima de cinco salários-mínimos. É bolsista, mora em Florianópolis e é *desigrejada* (não frequenta uma igreja no momento).

Vasti tem 24 anos, é parda, solteira e sem filhos. Tem pós-graduação completa, recebe entre três a cinco salários-mínimos como psicóloga. Mora no Rio de Janeiro e não frequenta igreja.

Mical tem 25 anos, é casada, branca e não tem filhos. Tem superior completo e é assessora de projetos. Recebe mais de cinco salários-mínimos e frequenta uma igreja batista em São Paulo.

Sara tem 34 anos, branca, casada e sem filhos. Tem pós-graduação, é advogada, tem renda familiar de acima de cinco salários-mínimos e frequenta uma igreja presbiteriana, no Rio de Janeiro.

Dorcas tem 63 anos, branca, separada e tem quatro filhos. Possui ensino superior completo e recebe acima de cinco salários-mínimos. É administradora, mora em Cabo Frio e faz parte da igreja Cristã Evangélica.

Miriã tem 28 anos, é branca, casada e sem filhos. Tem pós-graduação completa, mora em São Bernardo do Campo e trabalha como bibliotecária. Recebe mais de cinco salários-mínimos e frequenta uma igreja metodista.

Cloé tem 29 anos, é preta, casada e não tem filhos. Ensino superior completo. Recebe entre um a três salários-mínimos como assistente social. Mora no Rio de Janeiro e não frequenta nenhuma igreja.

Eunice é uma mulher branca, de 64 anos, divorciada e que possui duas filhas. Quanto a sua escolaridade tem pós-graduação completa e recebe entre um a três salários-mínimos como aposentada. Ela mora em São Paulo e frequenta a Igreja Batista.

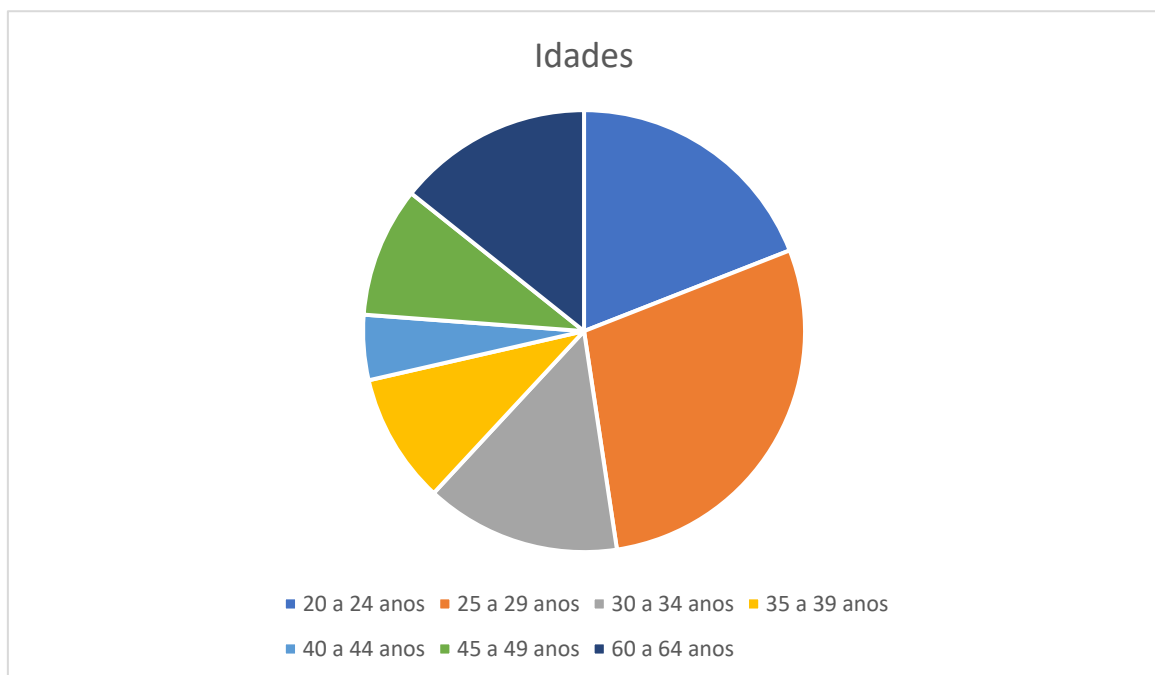
Berenice tem 26 anos, é branca, solteira e sem filhos. Tem pós-graduação completa, recebe entre três a cinco salários-mínimos. É gerente de projetos e mora em Curitiba. É *desigrejada*.

Acsa tem 41 anos, é preta, casada e sem filhos. Tem pós-graduação completa, recebe entre um a três salários-mínimos como administradora. Mora no Rio de Janeiro e faz parte de uma Igreja Cristã Evangélica.

Quis apresentar uma por uma para ficar mais claro que são sujeitos de análise e não objetos. Pessoas com experiências e que buscaram a psicoterapia em momentos sensíveis de suas vidas. Todas nós, em algum momento, conhecemos uma mulher que se encaixa em um dos perfis apresentados acima. Porém, para fins de análise, cabe observarmos um pouco das características sociodemográficas dessas mulheres.

A idade, no Datafolha, é dividida em agrupamentos de quatro anos e, por isso, realizamos o gráfico desta forma. Dentre elas, quatro mulheres têm entre 20 a 24 anos; seis mulheres entre 25 a 29 anos; três mulheres entre 30 a 34 anos; uma entre 40 e 44 anos; duas entre 45 e 49 anos. Não temos a presença de entrevistadas na idade dos 50 anos e voltamos com três entrevistadas entre 60 e 64 anos. Suspeita-se que o perfil jovem se deu, em parte, por ser um questionário on-line e, posteriormente, uma entrevista realizada também de modo virtual. Contudo, apesar de termos um número expressivo até os 30 anos, não devemos desconsiderar a presença de mulheres adultas e maduras na amostragem.

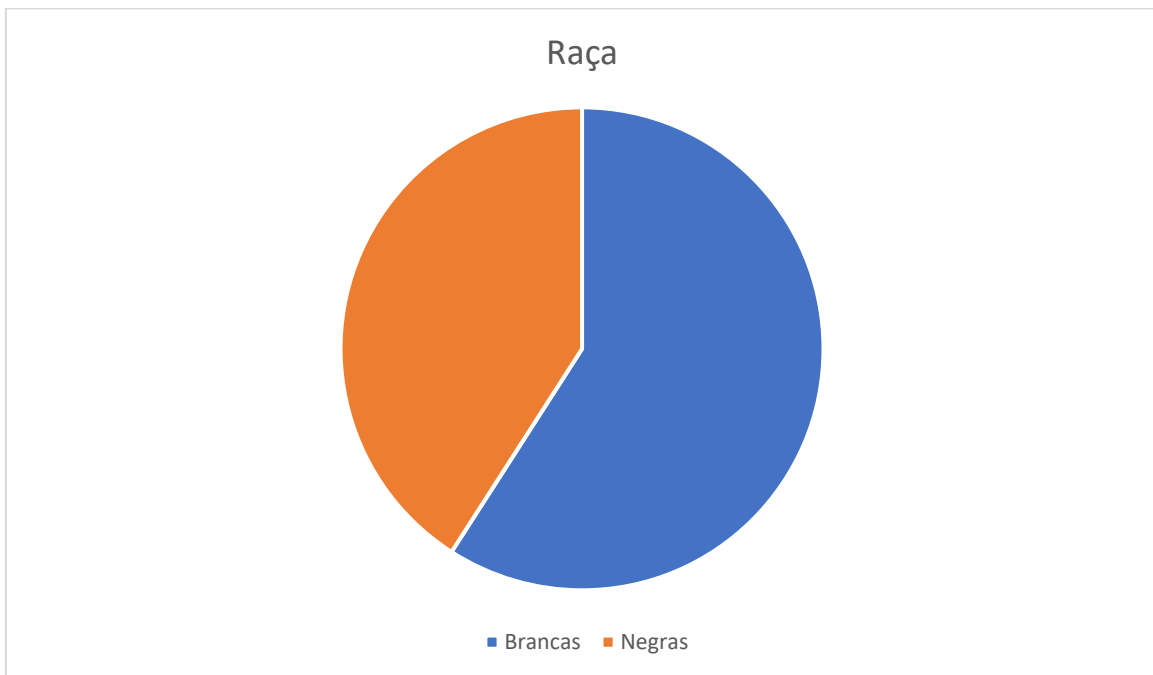
Gráfico 1 – Idades das entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quanto ao perfil racial das mulheres, também seguimos o Datafolha. Assim, mulheres pretas e pardas foram consideradas negras. Esse tópico especificamente ficou em aberto para que houvesse a autodeclaração livre e, no campo da propriocepção, vimos as mulheres se declararem de 4 formas: brancas, negras, pretas e pardas. Então, desse modo, as três últimas foram agrupadas na categoria comum do censo. O total foram de 13 mulheres brancas e 9 mulheres negras.

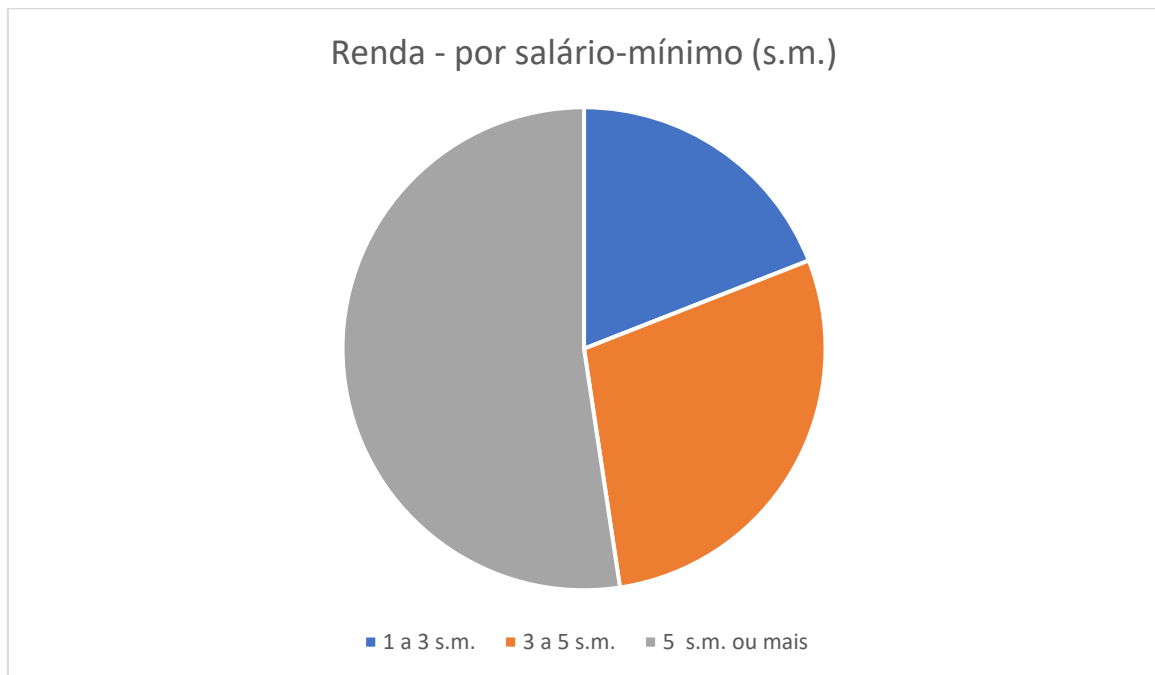
Gráfico 2 – Raça das entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As implicações raciais são profundas dentro da religião cristã, como já citadas anteriormente. O ideal colonial de branquitude (BENTO, 2002) atravessa a construção de subjetividades. Essa construção afeta a autoestima e a percepção de si da mulher negra que, por exemplo, passa a alisar o cabelo ou negar a sua cor (HORGE-FREEMAN, 2018). Além das implicações raciais que ocorrem dentro de casa, devido ao fato de as mães serem maioria na transmissão religiosa (SEIDL, 2012), a religião reforça estereótipos como pecado sendo preto ou como a negação de papéis em teatro religioso por negros. A socialização racista (HORGE-FREEMAN, 2018) faz com que as características negras sejam reprovadas e cria nas mulheres negras fantasias brancas (KILOMBA, 2019).

Gráfico 3 – Renda das entrevistadas

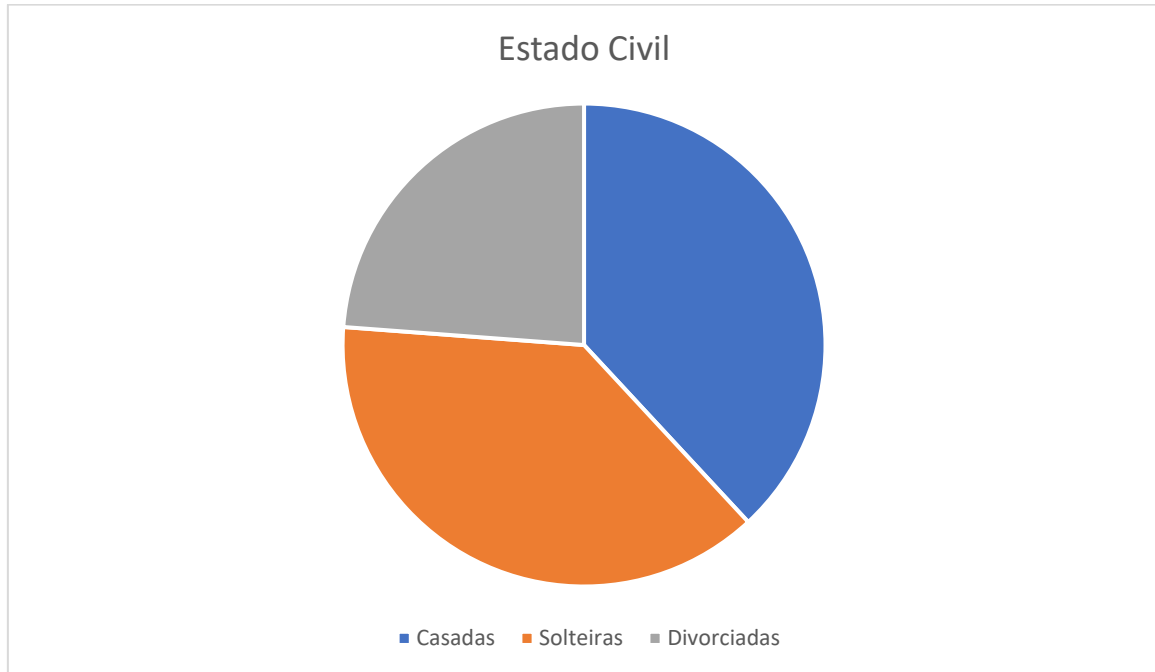


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Esta pesquisa também teve uma demarcação clara de classe. Entre as entrevistadas, quatro recebiam entre um a três salários-mínimos; seis, entre três a cinco salários-mínimos e 11 com mais de cinco salários-mínimos. A informação levantada na pesquisa não é representativa da média populacional do povo evangélico, como vimos no Datafolha (2020). Contudo, essas duas grandes diferenças – de raça e de classe – nos fazem pensar sobre como mulheres brancas, com renda alta, também são mulheres evangélicas e cabe também a pesquisa explicitar o recorte que se teve.

Os atravessamentos não são apenas raciais, de classe, mas também na expressão da sexualidade. Algumas das temáticas que mais aparecem nas falas das mulheres são acerca da construção de família e do desejo sexual. Por isso também foi interessante para que na parte sociodemográfica procurássemos saber o estado civil dessas mulheres. Descobrimos o mesmo número de casadas e solteiras – oito em cada uma dessas categorias – e um número interessante de mulheres divorciadas, contabilizando cinco. Entendendo o ambiente religioso como um espaço não propício para mulheres que fogem do padrão do casamento, ter um número de mais da metade de divorciadas mostra como elas trazem sua pertença de fé para além das regras dogmáticas desse espaço.

Gráfico 4 – Estado civil das entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Aproximando-nos de outros dados, temos a informação de que nenhuma das mulheres solteiras tem filhos, mas dentre as casadas e divorciadas, sim. Curiosamente, das oito mulheres casadas, somente duas têm filhos, enquanto das cinco mulheres divorciadas, quatro têm filhos.

Quanto à ocupação dessas mulheres, temos alguns fatores interessantes. Tivemos duas promotoras de justiça, uma procuradora de justiça e uma advogada, encontrando assim 4 profissionais da área do direito entre as entrevistadas. Além delas, tivemos três estudantes universitárias, sendo duas de psicologia e uma das ciências sociais. As duas estudantes de psicologia trabalhavam – uma com recreação e outra com mediação. Isso traz a reflexão sobre o avanço do número de estudantes de psicologia – dentre 2010 e 2020 aumentou 112,4% (ROCHA e MATTOS, 2023). Essa presença de novos estudantes vem acompanhada com uma mudança no perfil dessa profissão. O avanço das políticas de cotas, investimentos públicos, mas também de igrejas que, por interesses no campo da psicologia, pagam e/ou estimulam seus membros a fazerem essas faculdades. Assim, vemos um número de evangélicos evidentes nesses espaços.

Há também uma estudante de pós-graduação, bolsista da área das ciências sociais. Outra profissão que se repetiu foi de administradora, havendo duas. Fora essas, encontramos várias profissionais de diversas áreas: cabelereira, secretária, nutricionista, marketing, professora, assessora de projetos, bibliotecária, assistente social e gerente de projetos. Além dessas, tivemos uma psicóloga e uma aposentada.

Ao se observar o território geográfico dessas mulheres, vemos que a maioria está no estado ou cidade do Rio de Janeiro. Dentre as 21, 8 estão na cidade do Rio de Janeiro. Entendendo o território do Rio de Janeiro, temos uma composição que “apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades” (ROSENDAHL, 2005, p. 12933). Para a mesma autora, poderíamos até entender a cidade do Rio de Janeiro a partir da noção de “territorialidade religiosa”, como expressa:

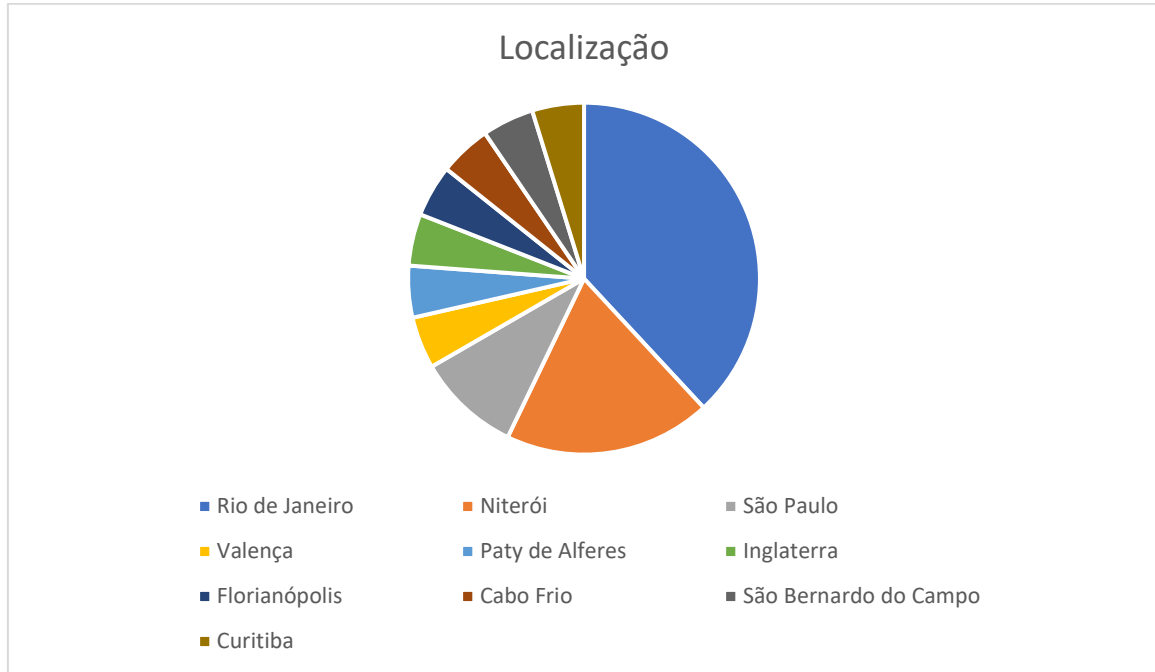
Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. O território torna-se, então, um geossímbolo (BONNEMAISON, 2002 [1981]). Na análise deste geógrafo, a territorialidade está fortemente impregnada de um caráter cultural. É por intermédio de seus geossímbolos que a religião de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso (ROSENDAHL, 2005, p. 12934).

A religião tem um papel muito forte nos símbolos dessa cidade e na constituição de sua subjetividade coletiva. Segundo dados de 2000 da Fundação Getúlio Vargas (NERI, 2007), enquanto o Brasil tinha 73% de católicos, a cidade do Rio de Janeiro já tinha 61%, e o estado, 58%. Isso reflete diretamente nos dados de evangélicos: no Brasil, à época, eram 16%, enquanto na cidade do Rio de Janeiro eram 18%, e no estado, 23%. No caso do Rio de Janeiro, esse número é devido à história de nosso estado com essa religião: grandes igrejas cresceram na cidade. Como Lima (2010) aponta, é possível destacar algumas delas: Assembleia de Deus, Ministério de Madureira (na qual Silas Malafaia se constituiu como pastor), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), Sara Nossa Terra, Projeto Vida Nova, Bola de Neve *Church* e Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD). Então não é estranho que a maior parte das entrevistadas seja do estado do Rio de Janeiro.

A ideia inicial da pesquisa era o recorte no estado do Rio de Janeiro, a partir de entrevistas presenciais em comunidades religiosas. Porém, com a mudança metodológica advinda da pandemia do Covid-19, a pesquisa on-line deu a oportunidade de muitas mulheres de fora do Rio de Janeiro acessarem ao questionário socioeconômico e, posteriormente, termos entrevistas com elas. Suas peculiaridades territoriais apareceram desde as entrevistas preliminares, as quais tivemos Jael e Isabel como mulheres que não moravam mais no Rio de Janeiro – e sequer no Brasil. Jael quis continuar na segunda etapa e outras mulheres se

aproximaram, deixando um pouco de lado o foco no território do Rio de Janeiro. Contudo, as marcações religiosas e sociais desse território apareciam nas falas das mulheres.

Gráfico 5 – Perfil das entrevistadas por localização



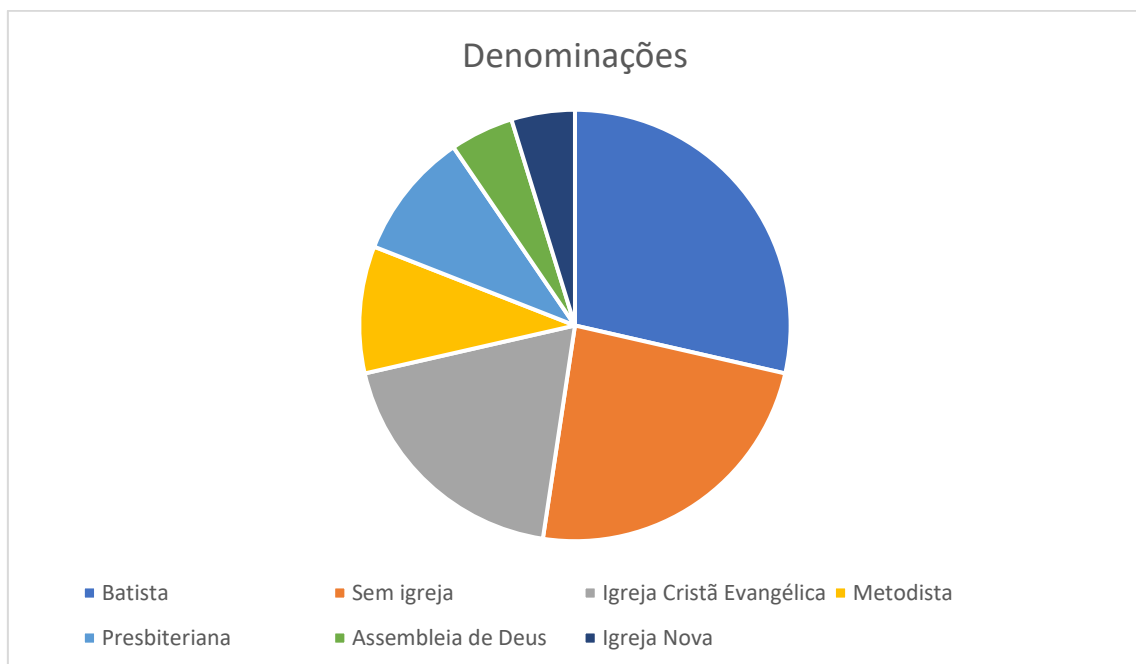
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por fim, outro atravessamento que chama a atenção diz respeito às denominações das quais elas fazem parte. Elas com frequência não explicitavam se a denominação era renovada – isso é, com traços mais pentecostais ou tradicionais – com traços mais históricos. A maior parte das mulheres faz parte de igrejas batistas (6), o que é um dado muito interessante. Em 1882, chegam os missionários batistas na Bahia, já havendo outras denominações no país (ESPERANDIO, 2005). É uma denominação complexa de se analisar, pois possui muitos ramos independentes, mas se usarmos como referência a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, c2017), podemos ter alguns parâmetros. Uso o termo “referência” porque nem todas as igrejas batistas fazem parte dessa Convenção, mas têm pontos comuns. Estes são: 1) aceitação das escrituras sagradas como única regra de fé e conduta; 2) O conceito de igreja como uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas; 3) separação entre igreja e Estado; 4) absoluta liberdade de consciência; 5) responsabilidade individual diante de Deus e 6) autenticidade e apostolicidade das igrejas. Isso mostra um foco na experiência individual e na independência de uma igreja com relação às outras. A denominação tem uma característica

interessante que é possuir tantos pontos de igrejas históricas e pentecostais (TEIXEIRA; REIS, 2023), o que mostra um pouco sobre como são essas mulheres.

A maior denominação brasileira (OLIVEIRA; LELLIS, 2019), a Assembleia de Deus, só apareceu aqui com um correspondente. Depois temos um número expressivo de cinco mulheres que não fazem parte de nenhuma igreja, mas se identificam como mulheres evangélicas. Em terceiro lugar temos a denominação Igreja Cristã Evangélica, com quatro mulheres. Depois temos duas metodistas, duas presbiterianas, e uma da Igreja Nova.

Gráfico 6 – Perfil das entrevistadas quanto às denominações religiosas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Acerca do atravessamento denominacional, percebemos algumas informações importantes. A maioria (batistas, ICE, metodistas e presbiterianas) é de igrejas consideradas históricas, reformadas, que tem um caráter muito próprio na história. O contar da história evangélica (MATOS, 2011) pode ser feito de muitos modos, mas majoritariamente partem de um ponto: Martin Lutero, no dia 31 de outubro de 1517, pôs na porta da Catedral de Wittenberg, na Alemanha, 95 teses, isto é, hipóteses para debate público. Nessas teses, encontramos temas como igreja, indulgências e poder papal, que o levou à perseguição até o fim da vida. Esse dia, comemorado por alguns evangélicos, é dito como o início da Reforma Protestante, que dividiria a Europa em guerras e abriria espaço para a modernidade. Esse ponto seria o que uniria todas as igrejas ditas evangélicas, desde a Anglicana até Bola de Neve *Church*. Obviamente esse

marco simplista não resolve o grande problema dos evangélicos do século XXI, mas nos faz situar vários debates que vão surgir.

Antes do ano de 1517, o catolicismo já havia encontrado resistências e divisões. Nunca associado diretamente à Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Copta, no Egito, mantinha seu poder no norte da África desde 451 d.C. e pautava uma forma diferenciada de viver o cristianismo, com música, maior corporeidade e mais ritualisticamente. Em 1054, temos uma segunda grande divisão dentro do cristianismo romano, que foi a criação da Igreja Ortodoxa Russa, com outro papado, outro formato de culto e outra percepção teológica. Além desses cristianismos, dentro da própria casa romana havia vários movimentos de reforma e transformações internas. Talvez o mais conhecido seja de São Francisco de Assis que, até sua morte, em 1226, esteve ao lado dos pobres, contra a hierarquia católica e acreditava na fé experiencial, mística, na relação com o povo e com a natureza. Nesses embates internos dentro do catolicismo romano, havia também figuras como Santa Clara, que montou uma ordem religiosa com fundamentos muito similares a São Francisco de Assis. Mulheres são as que mais sofrem nessas relações intrainstitucionais (SOUZA, 2008).

Todo esse quadro de complexidades foi o celeiro religioso para outro grande tema do século XV, que é a colonização. A Igreja Católica Apostólica Romana viu nas Américas a oportunidade para construir um território não ameaçado pelo protestantismo. Muitos hábitos medievais, como festas e ritos, foram impostos para a América Latina enquanto o catolicismo europeu se transformava e lutava contra os reformadores. Um dos grandes exemplos dessa potência católica nas Américas se deu por meio dos Jesuítas, uma ordem religiosa que foi criada no século XVI, em resposta à ameaça protestante. Com ênfase na catequização, nos ritos e na educação, foi-se submetendo os povos nativos e escravizados ao catolicismo. Assim, mesmo antes de haver protestantes no Brasil, havia medo da ameaça protestante (MENDONÇA, 1990).

Começou-se a ter protestantes no Sul do Brasil (MENDONÇA, 1990), com a imigração europeia, onde poderiam exercer sua espiritualidade somente dentro de casa mas não construir templos. Depois, tivemos uma segunda experiência com protestantes, devido à colonização holandesa em Pernambuco, com um pouco mais de liberdade religiosa. Essa primeira geração de protestantes é conhecida como históricos: presbiterianos, batistas, luteranos, reformados, anglicanos, metodistas, adventistas etc. Todos esses diretamente estão relacionados com alguma reforma protestante europeia advinda depois de Lutero e, por isso, muitos preferem se considerar protestantes em vez de evangélicos.

No início da Idade Moderna na Europa (XVI-XIX) (MENDONÇA, 1990), o protestantismo se consolidou em alguns países e conseguiu crescer não só nas terras europeias,

mas também avançar pelos Estados Unidos das Américas. Este, que foi criado por colonizadores majoritariamente protestantes reformados, foi fundamentado nos ideais de predestinação, trabalho e do capitalismo, que se consolidava também. Essa trajetória viria transformar os Estados Unidos da América no futuro polo protestante do mundo, principalmente no século XIX. Essa movimentação começa com os protestantes históricos.

Depois temos um número expressivo de mulheres sem igreja (5). Isso aponta para uma movimentação que ocorre no cenário religioso brasileiro. Dados do censo do IBGE também colaboram para entender esse fenômeno quando se observa, em 1980, o registro de nove categorias de religião e, no censo seguinte, em 1991, cinquenta e uma formas de religiosidade registradas. Na pesquisa de Ronaldo Almeida, em 2004, a pergunta principal era “Qual é a sua religião?” e todas as respostas a esta pergunta aberta são reduzidas a algumas alternativas preestabelecidas pelo IBGE. No censo de 1980, eram nove; no de 1991, o número subiu para 47; e, em 2000, foram formuladas 143 alternativas organizadas por tradições religiosas. Porém, já é possível perceber uma movimentação e um número muito maior do que o IBGE levantava (ALMEIDA, 2004). Por esse “leque de opções”, Souza (2006) descreve que fica cada vez mais difícil manter o monopólio simbólico-religioso, pois há grande mobilidade religiosa e as tradições se enfraquecem. No IBGE de 2000 se utilizava para o público evangélico “sem igreja” o termo “evangélico sem vínculo institucional” e em 2010 se transtornou no termo “evangélico não determinado”. Surge o “evangélico genérico” (NOVAES, 2006), não como o “católico não praticante”, mas como o “não determinado”. Apesar de ambos não serem adeptos de forma enfática, no caso dos católicos não praticantes, os laços familiares são determinantes e há relação com ir aos ritos. Os evangélicos genéricos não têm essa relação com o pertencimento à instituição. Ainda há a possibilidade dessas mulheres se enquadrarem na categoria “sem religião” dentro do IBGE porque, segundo Regina Novaes (2006/2013), nem todos aqueles que se identificam nessa categoria são pessoas avessas à identidade religiosa. Ou seja, o momento social em que se vive favorece essa identificação, como Almeida (2006) assinala:

As estatísticas relativas ao caso brasileiro parecem indicar, ainda que timidamente, uma movimentação religiosa em correspondência a este contexto cultural da modernidade e da pós-modernidade: uma movimentação que aponta para uma tendência da religião se tornar um amplo leque de recursos culturais, disponíveis para a experimentação de indivíduos autônomos que operam independentemente de sua institucionalização ou preceitos universais (p. 297).

Essas características, tanto citadas por Almeida (2006) como também por outros autores como Camurça (2003) e Souza (2006), dizem respeito a um momento histórico muito próprio, no qual a religião se insere e, por isso, é influenciada por ela.

Por fim, temos duas mulheres de igrejas pentecostais e, apesar de ser um número quantitativamente baixo, o pentecostalismo como teologia se infiltra em quase todas as denominações. A importância da Assembleia de Deus na história do protestantismo é inegável e isso é apontado pelo fato de ainda hoje ser a maior denominação do país. Apesar da igreja Assembleia ser identificada na primeira onda pentecostal, cujo foco era nos dons espirituais e no ascetismo – distanciamento do “mundo” –, a chegada à região Sudeste do país advém da segunda onda, quando se começou a falar de cura espiritual. Por fim, temos o início da terceira onda pentecostal no Rio de Janeiro, com a IURD e suas derivadas, em 1970, quando a prosperidade financeira e a intervenção no dia a dia secular e na política se tornam mais enfáticas e influenciaram o imaginário da cidade. Mesmo com o número baixo nessa pesquisa, os pentecostais são os que mais crescem no país.

Podemos fazer um cruzamento entre os dados raciais e de denominação. As pretas e pardas estão, em sua maioria, em igrejas pentecostais. São 14 milhões de mulheres que se assumem pentecostais, enquanto 9 milhões de mulheres brancas frequentam essas igrejas. Apesar do número alto de mulheres negras também em igrejas históricas, a população branca é majoritária.

Isso se expressa pelo histórico das igrejas pentecostais no Brasil. O encontro do protestantismo com a cultura latina, afro-brasileira e afro-americana foi, aos poucos, reacendendo um ponto que sempre existiu dentro da Reforma Protestante e que sempre foi posta como herética – a experiência pentecostal. Desde 1700, temos relatos e cartas de pastores apontando mulheres e pobres entrando em transe no meio de cultos e a mensagem era sempre de repressão e esquecimento. Casos como de Sojourner Truth (JESUS, 2019), que trocavam de nome e se tornavam pregadores itinerantes eram advindos de uma cultura pré-pentecostal, de avivamento que ficou registrado nas canções de *negro spirituals*, e nas palavras de escravizados recém-libertos.

Contudo, poucos anos depois, começaram a se relatar o que foram chamados de avivamentos. O mais famoso foi registrado em 1905 nos Estados Unidos da América, o qual foi chamado de Avivamento da Rua Azusa (2007), em Los Angeles. Este se deu numa igreja Metodista Episcopal Afro-americana e permaneceu durante dez anos. A igreja, num bairro pobre de Los Angeles, recebia imigrantes latinos, negros, asiáticos, pobres e iletrados e era liderado por William J. Seymour (2001), filho de ex-escravizados. Apesar de tão forte similaridade com a igreja pentecostal brasileira, o Brasil recebeu pouquíssimos missionários pentecostais. A maioria dos missionários estadunidenses que vieram ao Brasil eram provenientes do sul dos Estados Unidos, ainda escravistas e de igrejas históricas.

A vivência pentecostal brasileira se parece, de certo modo, com a estadunidense porque surge dentro de igrejas periféricas, negras, ainda que históricas. O maior marco do pentecostalismo brasileiro é a criação da Assembleia de Deus, em 1911, em Belém do Pará, a partir de missionários sueco-americanos Daniel Berg, Gunnar Vingren e Frida Maria Strandberg Vingren. Eles se tornaram referências para a história da denominação e, infelizmente, Frida Maria Strandberg é esquecida, por ordem dos líderes da Assembleia de Deus, e morre dentro de um hospital psiquiátrico na Suécia (VILHENA, 2016). A própria denominação construiu livros oficiais para contar a história dela. A construção da Assembleia de Deus passou por diversos períodos até o que hoje conhecemos: era Vingren (1911-1932), era Nytrom (1932-1946), era Canuto/Macalão (1946-1980), era Wellington (de 1980 em diante). Além dos grandes pastores de referência, a igreja estruturou organizações e publicações para chegar por todo o Brasil, como a CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus, o mensageiro da paz, a harpa cristã e as revistas de escola dominical. Isso fez com que se criassem polos em diferentes regiões, como o que ocorreu no Ministério de Madureira, estabelecendo formatos de cultos (a oração e a participação coletiva, os hinos da harpa cristã, a leitura bíblica, testemunhos, os hinos avulsos, a apresentação dos visitantes, as ofertas e a pregação), hierarquias (cooperador, obreiro, diácono, presbítero, evangelista e pastor) e departamentos (infantil, homens, mulheres, jovens, louvor, círculo de oração etc.), podendo, a partir desses vários lugares, difundir os usos e costumes (FAJARDO, 2019).

Esta e algumas igrejas históricas que estavam começando a ter uma vivência carismática foram chamadas de primeira onda pentecostal para Paul Freston (1995). Essa primeira onda teria como característica a valorização do batismo no Espírito Santo, a glossolalia e a valorização da vida ascética, longe dos interesses da sociedade, como a política. O interesse no porvir e pela volta de Jesus foi o grande foco desse primeiro momento pentecostal brasileiro. No meio pentecostal, encontramos o avanço do tradicionalismo a partir da década de 1950, com os ministérios em disputa, tendo como referência a Assembleia de Deus do Ministério de Madureira. As disputas se davam no campo dos pastores presidentes, da educação teológica e na importação de uma tradição americana vinda ao país (ALENCAR, 2018). Percebe-se que a religião evangélica ao longo de sua história brasileira vem a partir de embates políticos e teológicos internos que, no fim, levavam uma igreja ter mais ou menos membros, sobreviver e crescer ou simplesmente não serem recordadas nos manuscritos.

Após esse primeiro momento, igrejas brasileiras começaram a surgir, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é amor e a Brasil para Cristo. Agora com o foco de evangelizar a população brasileira, as igrejas pentecostais já começaram a se arriscar no mundo das mídias,

começando por programas de rádio. A importância da vestimenta e dos costumes diminuiu para entrar em foco a cura divina e o acesso ao grande público na década de 1960. Alencar (2018) chamou essa transformação de segunda onda pentecostal.

Já em 1977, surge uma nova igreja que demarca muito claramente uma transformação no campo religioso brasileiro: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essa igreja se torna a pioneira no Brasil a tratar a teologia da prosperidade, onde o foco é no agora, nas bênçãos terrestres e em grandes curas e milagres. A partir da divisão da IURD, encontramos outras igrejas muito conhecidas como a Igreja Mundial do Reino de Deus, do pr. Waldemiro Santiago, e a Igreja Internacional da Graça, do pastor R.R. Soares. Outras não vieram da IURD, mas vieram com força nessa mesma teologia como a Igreja Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo. Todo esse movimento era advindo da teologia da prosperidade, inspirada em pregadores americanos como Benny Hinn, no uso da televisão, e ficou conhecida como terceira onda pentecostal.

Apesar da metodologia em ondas criada por Paul Freston (1995) ser um grande parâmetro para os estudos sobre igrejas evangélicas, conseguimos observar falhas e incompletudes. Hoje, alguns autores já apostam numa quarta onda pentecostal, a qual o projeto de poder e o foco na construção da cultura gospel antifeminista, antissocialista e anti-LGBTs aparece mais. Além dessas características, se aprofunda a inspiração a igrejas americanas no modelo *worship*, com palco, luzes, pastores tatuados e nomes em inglês – a exemplo da Bola de Neve *Church*. A teologia se torna cada vez mais neoliberal, focada no empreendimento de si e na autoestima, independente do senso de coletividade. Ainda assim, a ideia de ondas, mesmo que fluida, ainda não consegue capturar as complexidades evangélicas brasileiras (ALMEIDA, 2017). Podemos pensar o caso da ministra (do governo de Jair Bolsonaro) Damara Alves, que facilmente aparece com características da quarta onda pentecostal, mesmo ela sendo pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular e Rosinha Garotinho, mulher presbiteriana, com ações em direção ao projeto de poder evangélico.

As suspeitas, contudo, não vão por este caminho porque, ao mesmo tempo em que o termo evangélico emerge com força, vemos também que organizações denominacionais têm se fortalecido para apoiar retrocessos e a perseguição dos que não entram na visão dos *fundamentals*. Casos como a potência da IURD no Rio de Janeiro, assim como a Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Brasil – vulgarmente conhecido como Ministério de Madureira, por ser a base da convenção – e a Convenção Batista do Brasil são poderosas na construção da política nacional. Um exemplo claro foi o caso de desconvite (DUSILEK, 2019 e FLORENTIN, 2019) no Congresso Nacional de Juventude Batista de dois palestrantes negros

na palestra sobre racismo e a extinção desse debate no congresso, dentro da Igreja Batista Atitude – a qual Michelle Bolsonaro faz parte. A Convenção Batista do Brasil usou de sua força política dentro de um grupo denominacional específico para silenciar um debate que poderia criar oposição ao mandato presidencial de Jair Messias Bolsonaro.

Isso é um sintoma da dificuldade do debate democrático dentro dos espaços religiosos, mesmo em assuntos como raça. O discurso dos direitos humanos não é hegemônico nestes espaços, apesar do histórico protestante que apontamos acima. Mesmo com a presença emblemática de Lutero e Calvino na história do processo democrático dentro e fora das igrejas, mesmo com as reivindicações batistas para a democracia no Brasil, permanece a religião como lugar complexo (ALENCAR, 2018). A disputa, contudo, continua existindo. Os dois palestrantes – uma mulher negra e um homem negro – eram batistas, assim como Martin Luther King Jr. e mais de 10% da bancada evangélica. Os dois homens citados eram pastores, assim como o pastor Josué Valandro Jr. que abençoou o candidato à presidência Jair Bolsonaro em seu púlpito. Nesse embate para se conquistar a hegemonia social a partir da ideia de uma Teologia de Domínio, isso é, que a igreja precisa conquistar as várias camadas da sociedade, desde as artes, a mídia, a economia, a política e as diversas áreas profissionais (PEREIRA, 2023). Isso faz com que se cause consequências para o campo psi, afinal é um campo de acesso a subjetividade e de reflexão sobre problemas sociais (MEDEIROS, VIANNA, 2023) que a igreja se interessa em apropriar. No meio desses processos há as mulheres evangélicas que vivem no Brasil, um país permeado por essas disputas, e que procuram psicoterapia.

3.1 As mulheres evangélicas

Eu não estou indo embora.
Vou ficar aqui
E resistir ao fogo.
(Sojourner Truth³)

Antes de produzir este texto, precisei fazer um olhar sobre o chão, as mãos e os olhares que poria sobre as mulheres evangélicas. Ser mulher evangélica é uma questão que perpassa toda a pesquisa, pois é um aspecto estrutural identitário de análise. Quando estas procuram psicoterapia, quando elas relatam sobre as temáticas principais de análise, a forma que elas

³ Referente à fala dela na reunião de Windsor Lock. Tradução livre de Djamila Ribeiro (2017) e transcrição completa em inglês em: [https://allpoetry.com/ToThe-Preachers-\(The-Second-Advent-Doctrines\)](https://allpoetry.com/ToThe-Preachers-(The-Second-Advent-Doctrines)).

lidam com o sofrimento, tudo está implicado pelo fato delas serem mulheres evangélicas. Até mesmo a forma em que elas me respondiam, diz respeito ao fato delas entenderem que era uma situação entre mulheres evangélicas. Como as interlocutoras me respondiam estava diretamente relacionado com o fato delas perceberem, pelo meu linguajar, referências ou até mesmo por conhecimento meu, que já me identificava com este termo. Assim, da mesma forma que Ivone Gebara e Débora Diniz (2022) dizem que compartilhar é um verbo bitransitivo – se diz algo a alguém – as interlocutoras sabiam desde o início que eu era mulher evangélica e psicóloga. Creio que, para além de uma discussão epistemológica fria, tem o processo da carne de encontrar um ponto que pudesse ser visto em mim – um ponto ético, político, social e religioso – que serviria para a pesquisa.. O que faz a mulher evangélica ser um ser coletivo – que é atravessado pela religiosidade, mas não só ela – e ter suas particularidades é o que faz o termo ser tão complexo.

O que faz uma mulher evangélica? Damares Alves, Benedita da Silva, Mônica Francisco, Michele Bolsonaro, Rosinha Garotinho e tantas outras? O que faz haver ministérios, roupas, livros e músicas para esse segmento? O que aproxima ou o que afasta essas mulheres?

A fim de entendermos esses encontros e desencontros, precisamos começar pelo que seria a experiência de ser uma mulher evangélica. A conversão traz uma nova experiência religiosa e de vida, como um todo. Bondía (2002) aponta que o sujeito da experiência se define não pelo que ele faz, mas pelo que ele vive e se deixa viver. A experiência anda junto com o sentido, pois revela aquilo que nos toca. Não se trata apenas de saber, ter o conhecimento da Bíblia, religião ou do que há de conhecimento sobre como é essa mulher. O caminho para se adentrar nesse campo precisa dar um passo e vislumbrar ao lado do sentido de cada uma em relação ao mundo que vive. Para entrarmos na experiência, Bondía (2002) nos aponta outro passo que é necessário para ultrapassarmos o que já possuímos como opinião, às vezes devido a nossa formação acadêmica ou por preconceitos vindos do que já pressupomos ser o campo religioso. A obsessão pela opinião nos afasta da experiência, do deixar-se afetar pela pessoa. Usamos aqui o verbo “afetar” no sentido utilizado por Favret-Saada (1977), que agrega experiência emocional dos atores e suas relações sociais (BIRMAN, 2009). Requer tempo, escuta, silêncio. Birman (2009) relembra que, tanto nas línguas germânicas quanto nas latinas, a palavra *experiência* contém inseparavelmente a dimensão de travessia, perigo. A possibilidade de se afetar por esses corpos se torna crucial nessa passagem (em hebraico, *Pessach*, que significa Páscoa). Falamos de um lugar inesgotável, onde as pesquisas científicas, as lutas feministas e os escritos religiosos são apenas uma parte de um conjunto de

conhecimentos sobre os corpos de mulheres evangélicas. Esse processo de escrita sobre experiências traz à tona a presença da religião na sociedade, como diria Dalgarrondo:

Estudar, refletir, escrever sobre religião é trabalhar sobre o mesmo material de que ela é feita, da experiência humana, nos seus limites, assim como de símbolos culturais, que constituem e alimentam, constroem e enriquecem viabilizaram nosso espírito e nossa existência neste mundo. Todos, crédulos e incrédulos, de uma forma ou de outra, somos tocados pelo espírito da religião e dele dificilmente escapamos. (DALGALARRONDO, 2009, p. 19).

Precisamos entrelaçar a produção de subjetividades dos evangélicos e a construção histórica deles no Brasil. Para isso, é necessário que nos voltemos ao que se diz ser o grupo de evangélicos e suas complexidades para despertar leituras não lineares sobre o que se entende por mulher evangélica. O termo *evangélico* está na boca do povo brasileiro. Pode aparecer na política, na escola, nas vestimentas, na literatura, no rádio, nos vizinhos e em nossa televisão. Dificilmente, encontramos um cidadão brasileiro que não faz a menor ideia do que seja um evangélico. Contudo, por mais inseridos que os evangélicos estejam na sociedade brasileira no século XXI, trata-se ainda de um fenômeno novo no Brasil. O crescimento rápido dos evangélicos desde os anos 1970 fez com que esse grupo fosse observado com mais cuidado.

Têm sido feitos usos dos dados do IBGE para análise de temas tão complexos como gênero, raça, classe e religião (MENEZES; TEIXEIRA, 2013), que podem trazer estereótipos e ações políticas contra ou a favor de grupos sociais. É impossível negar que esses dados têm efeitos sobre nossas percepções do hoje. Com o Datafolha, temos novos dados que contribuem para entendermos esses processos. (2020) Apesar de haver variância entre a porcentagem dentro das denominações, as mulheres são maioria em todas as igrejas evangélicas. E essas igrejas evangélicas têm sido espaço de ação e motivação para população empobrecida (MARIZ, 1991). Essas mulheres encontram ali um território para resolver questões sociais, familiares e pessoais (MACHADO, 2005). Essas demandas que o gênero traz sobre as mulheres – de serem as que estruturam a família, cuidam dos filhos, sejam amorosas, mantenham o casamento pacífico – é respondida em muitas igrejas. Na pesquisa de Maria das Dores Campos Machado (2005), a autora percebe que mulheres procuram se casar com pentecostais ou levar seus maridos para essas igrejas porque ali se estimula a virtude da família, evitando que eles deixassem o lar e fossem beber. Assim, essas demandas de gênero fazem com que mulheres possam realizar seus desejos no espaço religioso.

Essas igrejas foram os primeiros lugares a se assumirem o pastorado feminino (MIRANDA, 2009), levando em conta a tradição oral e a experiência particular (GARCIA, 2009). Um olhar que demonstra esse percurso é a construção da teologia negra, que de forma

orgânica traz a ancestralidade para o campo das igrejas (PACHECO, 2019). Dentro das igrejas evangélicas, 57% são mulheres. Essas precisam, muitas vezes, estar em lugares de mediadoras das mazelas cotidianas (TEIXEIRA; REIS, 2023) e nas igrejas conseguem construir amizades, espaço de sentido, referências culturais – como peças de teatro religiosas, acesso a aula de música e dança – e possibilidade de estudo. Muitas mulheres evangélicas aprendem a ler através do costume de se ler a Bíblia que há em igrejas evangélicas (MACHADO, 2005). Isso é muito marcante quando pensamos que 35% do público evangélico só tem o Ensino Fundamental, segundo o Datafolha (2020). Além disso, dentre os 15% que possuem Ensino Superior (DATAFOLHA, 2020), observa-se um crescente no número de pessoas que buscam o curso de psicologia – como é o caso de Noemi, Ester, Abigail e Vasti – e corriqueiramente, as igrejas ajudam no pagamento das mensalidades. Isso mostra o interesse religioso por esta área de conhecimento, que trabalha com a subjetividade e cabe aos psicólogos, em sua formação ética entender que movimentações a religião está construindo em nossa sociedade.

Essas movimentações e mudanças são percebidas quando falamos com as mulheres entrevistadas. Cada uma tinha uma história que circulava processos de trânsitos e bricolagens quanto a experiência religiosa. Mical, por exemplo é uma das pessoas que vem de origem católica e ela fez a mudança de fé. Noemi também veio de origem católica e se tornou evangélica. Abigail fez ainda um trânsito religioso maior, saindo do catolicismo, passando pelo espiritismo e, por fim, se denominando evangélica.

Outras mulheres fizeram um trânsito interno na própria religião, conhecendo denominações ou mesmo mudando de igrejas dentro do mesmo espectro. Miriã, por exemplo, relata que “Nunca me declarei não evangélica”. Ana fez uma trajetória entre igrejas desde seus 17 anos, passando pela Maranata e indo para igreja batista. Ester mudou de igreja de acordo com as suas mudanças de cidade, ficando hoje na Metodista. Maria cresceu sempre em igrejas batistas, porque é filha de pastor. Ainda há aquelas, como Berenice, que se aproximaram de movimentos interdenominacionais, como a Aliança Universitária do Brasil (ABU). Ela relata:

A ABU, Aliança Universitária do Brasil, é uma missão estudantil que atua, principalmente dentro das universidades, mas ela também tem atuação dentro das escolas com o ensino médio com a ABS secundarista e com a ABP que são dos profissionais, né. E é um movimento que acredita no sacerdócio do universal dos crentes, então, o estudantes são muito protagonistas do movimento e se organiza de uma maneira muito híbrida entre movimento estudantil e missão e aí é...organiza principalmente encontros de estudo bíblico através do método estudo bíblico indutivo dentro...e esses grupos chamam núcleos e se encontram dentro das universidades ou escolas ou reuniões profissionais, enfim, que reúnem as pessoas para discutir a respeito da bíblia de uma maneira bastante compromissada dentro de uma teologia que não é a mais progressista do mundo, mas dentro de uma teologia que é bastante comprometida, assim, séria e eles recebem treinamento, toda uma perspectiva de uma missão, assim, mais integral. Não sei como está o status da ABU com o termo missão

integral ultimamente, mas quando eu estava lá era um termo muito falado, muito importante, parte fundamental do movimento, dessa missão que não é... simplesmente salvar a alma da pessoa, mas é sobre estruturas.

Vemos um percurso bastante variado entre essas mulheres no espaço religioso e suas motivações são atravessadas por questões pessoais, mas também políticas e sociais. Um exemplo é Jael. Hoje ela aponta que sua identidade como evangélica não é de “mulher evangélica”, mas de “mãe evangélica” porque sua filha a estimula muito a frequentar o espaço religioso. A identidade de Jael como mãe atravessa a experiência dela com a religião. Se não fosse pela maternidade, ela não estaria com a mesma relação que hoje tem com a fé. E, em seu percurso, foram diversos os motivos para a mudança de igreja, inclusive financeiros:

E... Posso ser sincera? (...) Pra ser muito sincera, eu passei muitos anos, porque eu era da [Presbiteriana], o marido que eu perdi foi de lá, mas eu sinto que foi onde eu realmente aprendi sobre o evangelho foi na [ICE], porque eu vi também o evangelho na prática, porque tinha uma coisa, você vai me entender, quando eu frequentava a [Presbiteriana], é uma igreja de pessoas com muito dinheiro e isso às vezes faz com que você, quando você é jovem, faz diferença.

Assim a escolha de um lugar de identidade religiosa não vem sem antes atritos e conflitos. Esses atritos corriqueiramente vêm com o fato de que lugares sociais estas mulheres ocupam. Por exemplo, se estas politicamente se alinhassem com o projeto de poder das igrejas que ocupam espaço na mídia e na política, elas não se incomodariam com o termo evangélicas. Assim, seus posicionamentos políticos afetam na construção da identidade delas como “mulheres evangélicas”. Muitas relataram até dificuldade com o termo “evangélica”, inclusive Acsa que conta:

Eu evito falar evangélica. “Ah, você é de qual religião?”, eu sigo Jesus, sou cristã, praticante do amor de Jesus, então assim, para que desconstrua um pouco. (...) Eu fico um pouco ressabiada em dizer, espera aí, e a pessoa já vem com aquele pré-julgamento de “ah, então você é assim, então não posso falar isso, fazer isso”. Eu digo não, não é por aí. Acho que cada um é responsável pelas suas atitudes, o teu corpo é um templo, então cada um sabe o que faz da sua vida, cada um sabe qual caminho seguir, então eu não me identifico por isso, por isso que eu não me identifico. Mas não é por questão religiosa, é mais por esse preconceito que tem das pessoas sobre nós e eu não me identificar com alguns evangélicos, eu não me identifico com muitos. Então até aí na mídia eu não me identifico, eu acho que... totalmente errado, aí eu fico bem triste.

Em sua história, ela passou pela Maranata, mas não utiliza do lugar da igreja como sua referência religiosa, principalmente devido a questões da mídia, que para Acsa traz um lugar muito negativo dos evangélicos. Apesar de, historicamente, mulheres ocuparem os espaços religiosos, transformando-os segundo suas necessidades (MAFRA, 2007), isso não é necessariamente o que faz Acsa se definir como evangélica. Cloé, que nasceu em “berço evangélico”, diz que o termo causa desconforto:

Não me soa mais com conforto. Já me soou com conforto, mas não mais, pois muitas coisas mudaram na minha forma de pensar, mas durante muitos anos era orgulho esse termo porque eu cresci na igreja dos 9 anos 25, assíduo. Me considero cristã, mas não dentro dos padrões da religião. Se hoje me classificassem nesse meio eu sentiria vergonha, especialmente sobre o que é o evangélico no Brasil.

Ouvindo os relatos de quase todas as mulheres, percebemos que nenhuma delas diz se sentir totalmente bem com essa terminologia. Cloé diz ainda que não entra no padrão da religião. Mas, curiosamente, parece que nenhuma das mulheres se encaixa no padrão. Elas demonstram construir suas identidades de formas diversas. O fato delas buscarem a pesquisa – que dizia claramente ser sobre mulheres evangélicas – e ainda insistirem nesse lugar nos faz pensar as ambivalências. Dentre os relatos de desencaixe com o termo “mulher evangélica” encontramos mulheres negras, brancas, jovens e mais maduras. Temos de um lado, por exemplo, Cloé, como uma mulher negra de 29 anos, casada, sem filhos e recebendo entre um a três salários-mínimos e Dorcas, mulher branca, de 63 anos, divorciada, com quatro filhos e recebendo mais de cinco salários-mínimos. Olhando de modo geral os marcadores sociais da diferença, essas duas só tem em comum a experiência religiosa e um sentimento de não se adequarem às terminologias da fé. Um exemplo desse debate aparece no diálogo com Dorcas:

R: Me diz uma coisa. Como você considera que é sua relação com a sua fé?

D: Ativa e atuante.

R: O que você chama de ativa e atuante?

D: Alguém que põe em todas as coisas tudo aquilo que crê, como se porta.

R: Você se considera religiosa?

D: Nem um pouco.

Quis saber a relação de Eunice com esse termo “mulher evangélicas” e sua relação com a religião. Nesse ponto ela cita que se considera uma pessoa “religiosa, mas não uma fanática”, em seus termos. Em sua definição ela mesma diz que é uma pessoa equilibrada e sensata, trazendo um exemplo:

Por exemplo, agora mesmo eu tava no meu trabalho e tem várias pessoas ali evangélicas e uma me convidou pra ir num culto pentecostal da pesada, né. Então, “ah, mas Eunice, vamos”. Mas o que que tem lá? “Ela: Deus vai falar contigo”. Não. Eu não preciso. Deus vai falar comigo do jeito que eu sou. Não preciso ir lá. Então, é esse grau que eu penso, esse grau de maturidade, mas eu acredito sim... nos problemas, é em Deus que eu me apego, sabe? Eu acredito que a religião, ela é para isso: para me ajudar, para me consolar e não para ditar regras para eu viver. Entendeu? É isso.

Esta cena traz algumas impressões. Primeiramente, de um lugar primeiro de não unidade entre as mulheres evangélicas. A própria entrevistada se percebe diferente da colega de trabalho e de sua experiência de igreja e fé. O lugar da individualidade, apesar de ter uma identidade como mulher evangélica, é algo que se evidencia no caso. Diniz e Gebara comentam que

“nossos corpos não garantem cumplicidade” (2022, p. 208), afinal ser mulher evangélica pode significar pessoas muito diferentes entre si. Para ela, a expressão para a vivência da colega é de um culto de igreja pentecostal “da pesada”. Infelizmente não pude desenvolver com a entrevistada, mas fica a curiosidade do que significava “ser pesado” e “ser leve” na espiritualidade dela. Contudo, conseguimos observar uma resposta que Eunice evoca. A religião, na sua identidade é para ajudar e consolar. Se esta for ditar regras, deixa se servir. Se a colega dela diz que precisa ir em um espaço religioso para que Deus fale com ela e Eunice aponta que não precisa, as duas traçam diferenças. O senso de comunidade tem importâncias diferentes para elas, uma focando mais na presença comunitária e outra no individual. Isso, contudo, não impede que a interlocutora a trate como evangélica. A identidade evangélica, nesse ponto, tem uma maleabilidade.

Outro ponto interessante dessa fala é a propriocepção da religião. Eunice em nenhum momento da primeira pergunta falou sobre comunidades de fé, mas ela tinha muita clareza do que significava a espiritualidade. O que ela traz de crenças, hábitos e contatos com amigas religiosas são mais importantes do que a relação com um território religioso. Para ela, sua fé está vinculada com um grau de maturidade e este vem de trazer essa fé mais para si mesma e menos para os outros. Essa ideia da maturidade religiosa é um tema muito corriqueiro na psicologia da religião. Para Antônio Ávila (2007), haveria um processo de desenvolvimento da identidade religiosa até a formação “madura” desta, em adultos. A primeira identidade viria de uma fé original, ao qual é um sentido amplo de crença em algo maior. O autor depois aponta que essa fé se tornaria intuitivo-projetiva, onde a partir das referências familiares e sociais, se projetaria algo divino do mesmo modo. Um terceiro passo seria a fé mítico-literal, quando a pessoa se encontra com a base de crença de uma religião e se apega profundamente a esse modelo. Depois, essa fase passaria por uma mudança devido à adaptação com o mundo ao redor, se chamando de fé sintético-convencional, até que passe a se tornar uma fé individual-reflexiva que, posteriormente, acompanhe as ambivalências da fé paradoxo-consolativa, tendo, por fim, o ideal de uma fé universal, equilibrada e sã. Essa é uma leitura evolutiva da religião. A pessoa deixaria o apego a instituições familiares e as convenções sociais até alcançar o auge, que acolhe o afeto dessa fé. Essa parece ser a leitura que a interlocutora possui de uma fé madura.

Menos dependência da igreja, de pessoas e de propriamente das regras que ali são colocadas. Essa fala se conecta com uma discussão levantada por Ivone Gebara e Debora Diniz (2022) quando essas apontam, no conceito de *Aproximar*, que:

As modificações são inevitáveis e, por isso, nós, mulheres, devemos conversar com as tradições religiosas que recebemos. Não é mais preciso as considerar como blocos de pedras imutáveis ou leis universais sobre nossos corpos. Aproximamo-nos delas como quem conversa com alguém que quer descobrir se uma velha palavra escrita ou uma tradição oral pode de fato nos ajudar a avançar no caminho do bem de nosso corpo individual e coletivo. (2022, p. 83)

Se dizer parte da fé ou não, de uma igreja ou não, entra em diversas complexidades pessoais. No caso daquelas que não estão dentro de uma denominação, isso produz um atravessamento próprio. Abigail conta como a política foi um tema que circundou a necessidade dela de sair do espaço religioso:

A: Eu não me considero com nenhuma igreja. Eu não me identifico com nenhuma igreja, por causa dessa questão política envolvendo aí a...a...questão das igrejas. Conheço alguns evangélicos que pensam como eu, pastores que pensam como eu e eles estão se intitulando como... não é “desigrejado”... Eles falaram... Um outro termo agora... Na época, que eu conheci chamavam “desigrejado”, hoje, já usam um outro nome que eles falaram, mas eu me considero assim, porque não é a minha fé, mas uma questão de você ir para uma igreja que prega uma coisa e faz arminha. Então, eu não tô mais me identificando com esse tipo de igreja. Então, não vou a nenhuma.

R: Mas você se considera evangélica?

A: Sim.

R: O que significa ser evangélica, então, para você?

A: Ser evangélica é você adotar os princípios do cristianismo, né os ensinamentos de Jesus, os ensinamentos que Jesus deixou. Principalmente, nas relações humanas, sabe? Jesus veio e deixou o exemplo de se relacionar com pessoas de várias é... classes, de vários tipos. Então, para mim... E esse relacionamento pautado no não julgamento, no amor e... na empatia, né. Também quando você ama, acho que automaticamente você já tem empatia. É você ter empatia, é você olhar para o outro como se ele também fizesse parte da sua família é... consanguínea, entendeu? É você repetir... tentar repetir o que Jesus fez aqui. Isso pra mim é ser evangélica. (...) **É... é, porque... pra mim ser evangélico não é uma... não é uma prisão.** Não é uma coisa, assim, um rótulo. Eu não tô presa a nenhuma igreja. O evangelho vai dentro de mim. Vai dentro de mim nas minhas atitudes no meu dia a dia, sabe? (grifo nosso).

Abigail, ao ser perguntada sobre o que significa ser evangélica para ela, traz alguns princípios religiosos como base. O critério para se dizer evangélica não vem da presença na igreja, mas de ensinamentos que ela associa a Jesus, de lidar com pessoas em sua diversidade, buscando o não julgamento, amor e empatia, segundo os termos da interlocutora. Vemos uma movimentação dentre as mulheres entrevistadas em trazer os princípios mais diretamente ligados a Jesus do que a igreja. Contudo, essa forma de tentar fugir do controle institucional é falho porque a leitura de como entendemos Jesus hoje perpassa ainda a interpretação institucional, por mais que existam teologias marginais (PACHECO, 2013). Assim, vemos mulheres manejando a teologia para que possam viver fora de uma prisão. O grifo realizado aqui na pesquisa diz respeito ao fato de que, se ser evangélico não é uma prisão, significa que o termo pode ser manejado do jeito que os sujeitos se sentirem interessados. Isto é, tanto para interesses políticos quanto individuais. Sendo assim, quando falamos de mulheres evangélicas precisamos abarcar a individualidade de cada uma: quem é esta mulher, de onde ela fala, quais

categorias ela evoca e de que maneira ela as usa, estrategicamente ou não. Um caminho comum é reduzir essas experiências a charlatanismo, superficialidade e exploração financeira dos fiéis, sem analisar os fatores anteriores (TEIXEIRA, 2018). Mahmood (2006) observa tal ponto tanto nos estudos de religião, como nos estudos feministas ao tratar a relação dos muçumanos com a fé islâmica, colocando as mulheres muçumanas em constante condição de opressão de gênero e de alienação. Esse posicionamento produziu teorias que negam a possibilidade de agência por parte de alguns sujeitos. Segundo Mahmood (2006), isso ocorre porque o termo *agência* é associado à resistência, que é vista como ação enquanto movimento de negação de espaços opressores. Então ela traz uma separação entre esses conceitos, olhando para a prática em ação destas mulheres (MAHMOOD, 2006, p. 124).

As mulheres que se recusam a se submeter à autoridade masculina podem ter dificuldades com um Deus masculino, e as mulheres que desejam uma carreira em igualdade de condições com os homens podem ser alienadas por igrejas que privilegiam os papéis domésticos das mulheres. Contudo, essa não é a história toda, pois, apesar da saída das mulheres das igrejas, elas continuam a participar em maior número do que os homens. Para algumas mulheres, as atrações tradicionais do cristianismo permanecem, inclusive sua capacidade de afirmar os papéis domésticos das mulheres e oferecer apoio à vida familiar (WOODHEAD, 2004).

Mesmo perante as teologias progressistas, como a teologia da libertação, da missão integral, teologia negra e feminista, essas não preenchem o critério de liberdade que a secularização fortalece. Apesar disso, a literatura feminista é onde encontramos a discussão de gênero, mesmo em casos complexos como esses. Isso não exclui a possibilidade de que, em alguns casos, as religiões possam não servir a essa função positiva ou que espaços sociais alternativos possam servi-la melhor.

O século XX trouxe consigo, dentro das lutas feministas, questões acerca de religião que pouco comentamos (GROSS, 1996). Esta é a época dos rituais pós-patriarcais, linguagem inclusiva, igreja feminina, participação nas decisões, movimento de espiritualidade feminista, mudanças de leis religiosas, ecofeminismo, teologia ecofeminista, conceito pós-cristão sobre o divino, Deus e a Deusa atravessado pelas culturas e terras comuns nos feminismos e religiões: finitude e corporeidade. Isso, na teologia feminista, se chama epistemologia teológica da vida cotidiana (GEBARA, 2008), como vemos também com Sandra Duarte de Souza:

as mulheres negociam em seus discursos e práticas com os padrões religiosos do feminino, gerando novas possibilidades hermenêuticas. Evidentemente, essa interpretação está condicionada pelos códigos culturais dominantes, que tendem a

definir as escolhas simbólicas dos sujeitos, ajustando-as ao seu mundo social, porém na busca pela significação de seu cotidiano, as mulheres têm questionado as representações dominantes de gênero evocados pela religião e por outros sistemas de sentido (SOUZA, 2017, p. 329).

Nessa ambivalência, mulheres sempre encontraram na religião um lugar de consolo e até mesmo de autonomia dos maridos (HOOKS, 2018). Encontramos relatos de lutas político-sociais em direção à luta por moradia, população indígena e de mulheres vindo de grupos religiosos (ROSADO-NUNES, 2008). O processo decolonial perpassa para trazer ao centro a influência da religião na vida das mulheres (PUI-LAN; DONALDSON, 2015). As mulheres procuram um cuidado na religião e cada vez um cuidado crítico, com a popularização das pautas feministas (DEMARINIS, 1993). Ao mesmo tempo, a igreja dá aporte afetivo e social, mas é rígida nas mudanças e controladora (PEREIRA, 2013). Assim, a mulher religiosa que deseja ser feliz constantemente está nesse lugar (GEBARA, 2017). Como as lutas feministas não são lugares de consolo, segurança, mas sim de política e enfrentamento, essas encontram na religião o espaço que faltava de acolhimento e força. Em uma entrevista, a filósofa e teóloga Ivone Gebara (2017) diz para Amanda Massuela:

Algumas vezes, em reuniões com feministas eu disse: vocês são críticas da religião, eu também. Mas o mundo das periferias é um mundo religioso [...] Mas também não pode ser tratada só do ponto de vista sociológico: eu tenho que me aproximar daquela mulher que pega a toalhinha e enxuga a cara com ela. O que ela está vivendo? Que emoções essa toalhinha provoca nela? E para isso é preciso que haja pessoas, homens e mulheres, com uma sensibilidade quase artística, poética, que percebam como nesse transfundo religioso existe outro tipo de racionalidade. (GEBARA, 2017 *apud* TOSTES; RIBEIRO, 2019, p. 34)

A questão de se perguntar, dentro do espaço religioso, como aquela mulher se sente e como ela articula a fé e a vida social se dá pelo lugar social que as mulheres religiosas ocupam.

Muitas [feministas] chegam até a recusar a importância da religião e isso toca, sobretudo, as massas populares e mulheres de outras classes, que muitas vezes buscam nos espaços religiosos alívio para seus muitos sofrimentos. De fato, as lutas feministas não são lutas por consolo e segurança emocional. Elas criam distúrbios a ordem religiosa vigente, desestabilizam, convidam ao pensamento e à criação de novas compreensões de vida. E não há espaços públicos como igrejas e templos, abertos para acolher as dores de muitas mulheres necessitadas de ajuda e de consolo numa perspectiva feminista ou alternativa ao que já existe. (GEBARA, 2017, p. 13)

No Brasil, essas mulheres necessitadas de ajuda são em sua maioria negras, analfabetas e periféricas, além de serem as mais afetadas pelo cristofascismo (SOLLE, 1972). Conforme já mencionado e reiterado em outros trechos deste trabalho, por isso é tão importante o cuidado do profissional de saúde mental para o aspecto da religiosidade. Onde a saúde pública não comparece o espaço religioso preenche de alguma forma essa falta Mesmo nas dificuldades e

desigualdades, ainda é um espaço de referência e cuidado. Quanto à busca por espaços de resistências, Linda Woodhead (2007) faz uma análise dessa ação dentro da religião. Ela diz que não é possível olhar para os objetos das ciências sociais sem observar a questão de gênero. As relações de poder que se encontram no mundo secular afetam diretamente a relação de mulheres com a religião. O gênero afeta a produção de conhecimento sobre religião. Por exemplo, a religião pode reforçar ou transformar as relações de gênero, pois se a ordem social é sexuada, a religião também é. As mulheres percebem que a religião trata diferentemente elas dos homens e isso fica claro em todas as falas das mulheres entrevistadas. A questão que fica é que elas têm demandas que encontram sentido na espiritualidade. Woodhead (2007) indica quais caminhos as mulheres tentam percorrer para lidar com essa religião. Existe um método de consolidação sob o qual mulheres que querem estar nos espaços conservadores, com uma família e um protetor, precisam se submeter. Há também aqueles onde muitas elaboram táticas, que produzem esferas libertadoras dentro de uma ordem, a fim de construir uma autonomia relativa. Outras, ainda, fazem uma busca, isto é, transitam dentro da ordem existente, sem se consolidarem. Para além disso, citadas pela autora, há mulheres de contracultura, que tentam resistir fora de uma religião hegemônica. Essas formas de resistência, por muito tempo, eram consideradas menores pelos movimentos feministas, pois, para as epistemologias europeias e seculares, a religião só teria espaço para a subjugação desses corpos (MAHMOOD, 2010). Esse lugar de suporte tem sido bem lembrado por algumas autoras feministas como bell hooks:

Apesar do sexismo das religiões dominadas pelos homens, as mulheres encontram em práticas espirituais um lugar de consolo e um santuário. Ao longo da história da igreja na vida ocidental, mulheres se voltaram para a tradição monástica para encontrar um lugar delas, onde pudessem estar com deus, sem a intervenção do homem, onde elas pudessem servir ao divino sem a dominação masculina. (HOOKS, 2018, p. 151)

A questão da mulher como a detentora do cuidado é uma controvérsia que aparece com frequência nas pesquisas de gênero. Na religião, ao mesmo tempo em que elas encontram justificativas para os cuidados familiares, e até estímulo a estudos em cursos relacionados ao cuidado – como é tida a psicologia –, isso faz com que elas sejam responsabilizadas pelo cuidado de outros (MACHADO, 2005) e isso se torna ainda mais evidente quando vemos relatos de mulheres negras. Contudo, essa não é a única prática nem interesse das mulheres na religião. Relatos de religiosos dentro do campo político na luta por reforma agrária, combate ao trabalho escravo, acesso à educação de mulheres, defesa da população indígena tem aparecido cada vez mais (FREESTON, 2011; ROSADO-NUNES, 2008). Um exemplo interessante é o “clube de mães”. Mães católicas na década de 1960 e 1970 se articularam em campanhas a

favor de creches, que não existiam nos colégios católicos, e conseguiram resultados (ROSADO-NUNES, 1992). As dissidências e resistências na religião tem forte impacto político, mas é mal percebido pelo movimento feminista e de diversidade sexual (VAGGIONE, 2011). Marta, por exemplo, conta como o atravessamento político afetou sua vida religiosa por ter dentro de sua igreja um membro da família Bolsonaro:

Nasci e cresci na igreja. [...] eu acredito que se fosse para uma pesquisa de IBGE, eu estaria classificada como praticante, porque eu continuo frequentando. [...] Mas era sempre muito neutro, de não misturar uma coisa com a outra, mas por outro lado, o [membro da família Bolsonaro] era membro da igreja e ele se posicionava como membro da minha igreja, que a mãe dele é de lá. Então, era um climão, assim... “Vai ter programação dos jovens será que vai ter algum posicionamento? Será que ele vai aparecer? Será que a mãe dele vai tá lá? Será que vão ouvir? O que será que vai ser falado depois disso?”. Era uma coisa que acabava afetando o comportamento e... Assim, algumas atitudes pra serem tomadas. Por exemplo, uma pauta que ia ser discutida, percebia que tinha alguma resistência lá dentro ou não. Eu tô... Eu, o grupo que eu participo – que eu participava, né que foi se definhando ao longo da pandemia – discutia muito as questões sociais, então, a gente tinha minicurso sobre racismo, minicurso falando sobre o papel da mulher, tinha sobre violência [...] as mulheres que tavam no grupo também super engajadas no tema e por outro começou a ter uma resistência da igreja reprimindo aquilo, né. “Tá discutindo o feminismo. O que isso tem a ver com a igreja? Tão se afastando da fé. Daqui a pouco tão querendo discutir movimento LGBTQI”. E isso daí o grupo acabou se descolando da igreja. [...] Então, a própria comunidade que vai pressionando dessa forma. Então, praticante sim. Um pouco menos talvez. Durante o período de pandemia, eu poderia ser classificada como afastada...mesmo me declarando evangélica. [...]

Enquanto Marta tinha um grupo que debatia acerca de temáticas relacionadas à teologia feminista, a sua igreja resistia a esses estudos, criando um conflito pessoal com a experiência de fé do nosso sujeito. Ela queria pessoalmente estudar sobre violência e o fato de não poder, de ser silenciada sobre isso, mostra o quanto a violência ainda é invisível no espaço religioso e isso reforça tal comportamento (SOUZA; OSHIRO, 2018).

Ela relata que, durante a pandemia, talvez tenha sido classificada pelas pessoas que frequentam igrejas evangélicas como “afastada”, o que já diz, de forma indireta, que é afastada de algo ou alguém – no caso, da igreja. Isso traz uma força externa que afeta a construção dessa identidade evangélica. A pauta do fechamento das igrejas dividiu o povo evangélico durante a pandemia do Covid-19 no Brasil.

Diferentes igrejas se posicionaram contra e a favor das vacinações, dos fechamentos e, inclusive, apoiando o presidente em exercício na época, Jair Messias Bolsonaro (REIS, 2021). Outra mulher que teve sua experiência atravessada pela política foi a Tamara, que cursou ciências sociais. Ela relata:

Tamara: E aí foi nas ciências sociais que eu comecei a pensar sobre feminismo, sobre teologias diversas e aí lá eu também conheci o meu namorado, que agora é meu marido e a gente junto caminhou pra sair dessas nossas instituições que eram neopentecostais

e a gente foi pra uma Igreja Batista e lá na Igreja Batista (...) era uma igreja mais progressista assim, ela era mal vista na cidade e lá a gente ficou acho que um ano e meio...por aí, porque com o tempo, a gente foi percebendo que a gente era muito liberal para aquela igreja também. E aí a gente tinha um grupo de estudos que chamava *Provocações com outros amigos*, a gente fazia palestras na cidade e aquilo incomodava o pastor e alguns membros da igreja e aí chegou um momento que ele pediu pra gente sair da igreja, eu e o meu namorado. A gente acabou saindo e não encontrou outra denominação que abarcasse tudo o que a gente pensava. Não tudo, mas que a gente ficasse confortável, né. E aí, desde então, eu me considero evangélica *desigrejada*. [...]

Rebecca: Tá quanto tempo assim *desigrejada*?

Tamara: Desde 2017.

Rebeca: Certo. Muito tempo.

Tamara: Foi antes do Bolsonaro, eu acho.

Apesar de dizer que sua saída do espaço religioso foi anterior ao governo Bolsonaro, este foi um marco de referência. Por serem mulheres, o atravessamento de gênero está misturado dentro dessas questões macro/micropolíticas que se encontram no espaço religioso. E como Tamara relata que estava pensando sobre feminismo e sendo um pouco mais “progressista” e “liberal”(usando os termos da interlocutora), não encontrou mais uma comunidade religiosa que respondia a essa demanda. Para ela, mais importante do que estar num espaço religioso era sentir que sua identidade era similar a de outros membros. Assim, quando ela e o namorado percebem, a diferença, vem o *desigrejamento*. Vasti mesmo relata algo parecido, quando vê sua desconstrução e percebe que as igrejas não correspondem mais aquilo que ela tem refletido. As demandas dela não se encaixam mais na igreja e com os pais. Um exemplo disso é o que Vasti expõe e como sua família vê os papéis diferentes para homens e mulheres:

E aí, eu cresci, nasci ali, né, fui apresentada e cresci participando de todas as atividades de escola bíblia dominical, EBF, salinha das crianças de noite, tudo eu tava participando e continuei me envolvendo, né, quando era adolescente e aí, participei das coreografias, né, do ministério de dança, do ministério de louvor, participava quando os adolescentes tinham oportunidade também e aí, isso foi só se intensificando. Só que quando eu entrei no ensino médio, eu tinha...eu comecei a ter uma outra visão, assim, eu nunca tinha...Eu sempre estudei em escola de bairro e aí, eu fui pro [nome do colégio]. Eu morava em Campo Grande e aí quando eu fui pro [nome do colégio], eu tive contato com muitas pessoas diferentes, assim, que tinham vindo de escola pública, que moravam em outro município, que eram ateias e eu nunca nem tinha visto essa possibilidade de não fé. [risos] Todos os tipos de sexualidade, né, pessoas bissexuais assim, homossexuais e eu tipo gente, o que que é isso? [risos] nunca vi isso. É outro mundo, assim. E tinha uma menina que ela pra mim é minha referência, né, foi minha referência de feminismo, porque ela tinha 14 anos e ela falava: “eu sou feminista”. E ela sabia muito sobre o direito das mulheres, da história mesmo da luta feminina e eu ficava “hum. Não. Isso não”. Eu era bem conservadora, sim, no pensamento, muito por influência do meu pai, né.

Na época, o Bolsonaro tava em ascensão ainda aqui no Rio de Janeiro e ele já era um eleitor do Bolsonaro e falava coisas às vezes sobre cotas. O Bolsonaro tinha uma fala bastante é... enfim, complicada sobre isso e às vezes eu reproduzia isso. Eu lembro que no ensino médio eu cheguei a discutir com a professora de sociologia sobre a questão das cotas. Enfim...Uma vergonha, né. [risos] E aí eu fui meio que me

desconstruindo mesmo, assim. Fui tentando entender melhor o que que era e eu comecei a reparar, não sei. Não foi nem movimento inconsciente na minha vida, assim, pelo que eu percebo, mas eu comecei a reparar as coisas dentro de casa que eu não concordava. Meu pai militar, né, e a minha mãe por muito tempo foi dona de casa, assim, ficava com as tarefas domésticas e com o cuidado com os filhos, só que nesse momento ela já tava trabalhando e eu via muita diferença de tratamento, né, com as pessoas em relação ao trabalho dela e ao trabalho dele. Por exemplo, quando eu tava no ensino médio, ela conseguiu entrar numa pós se eu não me engano. Eu acho que foi no meu último ano e foi uma pós pública que ela conseguiu e ela tava muito feliz com isso só que a pós era em São Cristóvão e teve um momento que eu lembro, assim, que o meu pai é... Ela meio que se sentiu obrigada a parar de fazer a pós, na verdade, a diminuir os dias que ela ia, porque o meu pai não tava querendo comer a comida que quem tava fazendo era o meu irmão, não era ela, porque ela não tinha mais tempo. E aí foi assim, isso pesou muito pra mim, né. Na época, eu lembro que eu fiquei tipo “não. A senhora não pode fazer isso”. Porque ninguém questionava ele, né, ele tinha feito já pós, diversas coisas. Se ele quisesse fazer uma outra graduação, ele faria e ninguém falaria nada e... Ela ouviu comentários do tipo, de pessoas próximas “Ah! Por que você tá querendo tanto? Você não precisa. Você já tá empregada” e isso me deixava muito agoniada, né.

A experiência com a misoginia entra em várias direções da vida dessas mulheres. Quando adentrarmos nas temáticas específicas dos seus processos terapêuticos, a família irá aparecer novamente como um dos primeiros espaços em que a religião se mistura, mas que também há seus rompimentos. Lídia, por exemplo, tem 33 anos de convertida na religião evangélica e disse que decidiu voltar a essa fé porque a mãe estava doente e precisava de cura. Talita, nessa temática, diz que em sua família ela é a única que ainda crê numa religião:

[...] Não é porque todo mundo da família é que eu sou. Eu continuo sendo a única hoje que professa alguma religião. A minha mãe tá *desigrejada* e os meus irmãos, eles não professam religião.

A escolha passa por as vivências pessoais e coletivas, como também Berenice também relata. Esta passou por igrejas, experienciou o movimento interdenominacional da ABU, viveu conflitos familiares dentro da igreja que estava inserida, passou por uma crise de fé em 2017 e decidiu usar o termo “cristão”:

Com o passar do tempo, e principalmente nos últimos anos, foi ficando agridoce esse termo, né, e ficou cada vez mais complicado, especialmente depois que eu passei a estudar um pouco a origem desse termo e saber, porque que os protestantes passaram a se chamar evangélicos e toda a relação com Estados Unidos, enfim... E eu acabei gostando mais do termo cristã, mas eu acho que apesar de eu gostar mais desse termo, eu não...É...Na prática, no dia a dia, no pragmatismo, o que define o grupo que eu sempre fiz parte no religioso, enfim, e ainda faço parte em muitos sentidos é “evangélico”. Então, politicamente e pessoalmente eu curto mais a “cristã”, mas não dá pra negar que a realidade brasileira aqui é essa.

O que faz, então, uma pessoa se denominar cristã é variável. Para Woodhead (2002), todas as formas de cristianismo aceitam a autoridade da Bíblia, embora isso possa significar

coisas muito diferentes em diferentes tipos de cristianismo. Entendendo o cristianismo como uma religião milenar, de um livro sagrado que não possui um único autor, um único estilo ou uma única mensagem, as pluralidades são ainda mais evidentes. Os documentos mais antigos da Bíblia (WOODHEAD, 2002) provavelmente datam do século V a.C., embora possam conter tradições já do século XI ou XII; os últimos documentos da Bíblia datam do primeiro século d.C. Os cristãos católicos romanos aceitam um número maior de livros como canônicos (73 livros) do que os cristãos protestantes (66 livros). Apesar da diversidade, muitos cristãos leram a Bíblia como tendo uma certa unidade narrativa, e isso dá a impressão de uma certa uniformidade de pensamento (WOODHEAD, 2002).

As bases religiosas do cristianismo incluem a Bíblia, Jesus Cristo e a instituição da igreja – cada uma das quais foi interpretada de maneiras amplamente variadas ao longo de mais de dois milênios da história cristã. Essa estruturação ajuda a entendermos o sistema de crença das mulheres evangélicas, mas não as limita. Um exemplo extremamente curioso de como isso se dá é quando Sara aponta sua própria fé. Ela relata em suas palavras que “adora um evento de igreja, um coral, coisa de velha de igreja”, que não liga para ser estudiosa da fé. Além disso, em suas palavras, percebemos que suas crenças não batem nessa racionalidade simples sobre o que é evangélica. Ela diz que “Coisas certas da vida são minha fé, pedras, olho grande e signo.”. Isso não faz Sara ser menos evangélica, apesar de crenças fora do escopo do mundo evangélico. Outra que caminha num processo diferente de uma estrutura de crenças formais é Berenice, que relata uma crise de fé em 2017. Ela diz que, mesmo que Jesus não fosse real, valeria a pena viver aquela fé, pois a experiência lhe valia:

[...] E aí em 2017 eu meio que, resumindo muito, eu cheguei à conclusão que se mesmo que Deus não exista e que todas as experiências que eu já tive com a minha fé fossem grandes invenções da minha cabeça e coisas psíquicas rolando comigo tava tudo bem pra mim, porque Jesus e os valores que tavam dentro daquilo que eu acreditava valiam a pena, sabe? Valiam a pena ser vividos apesar...por mais que não fosse verdadeiro.

Uma grande mudança nos séculos XX e XXI foi no sentido de uma maior ênfase na experiência. Até recentemente, por exemplo, as articulações entre psicologia, gênero e religião estavam sendo pouco investigadas. Essa situação tem se modificado como resultado do impacto do chamado feminismo da segunda onda, que se desenvolveu após a década de 1960, e cujas perspectivas e análises influenciaram gradualmente muitas das disciplinas que compõem o estudo da religião – da história à antropologia (WOODHEAD, 2002).

Todas essas mudanças têm feito reacender o interesse científico de entender o fenômeno religioso com respeito e propondo a convivência pacífica entre os diferentes grupos religiosos.

Contudo, apesar desse interesse, cientistas da religião ainda não prestam consultoria a prefeituras, governos estaduais, câmaras de vereadores e assembleias legislativas. Ainda há uma lacuna entre esse conhecimento e a prática política, havendo uma inserção mais pontual dentro dos próprios espaços religiosos. Dessa forma, entendemos que deve ser um campo em expansão não só de pesquisa, mas de ação prática.

A ideia de uma mulher evangélica muitas vezes perpassa uma noção de uma repetição única de uma performance de gênero, como uma essência a ser copiada. Contudo, observa Butler (2019) que esse destino não se segue de fato, pois existe maleabilidade dentro das configurações de gênero. Essa autonomia (no sentido de construção de regras próprias, auto/nomia) nos faz pensar no nível de adaptabilidade que essas mulheres têm dentro de suas religiões de se construírem dentro de suas identidades de evangélicas.

3.2 Sofrimentos e a busca pela psicoterapia

Depois de perguntar acerca do que elas entendiam sobre ser mulher evangélica, a entrevista continuava com outros pontos disparadores. Como elas lidam com os sofrimentos? Com quem elas contam e não contam? Como elas se achegaram à psicoterapia? A partir dessas perguntas, alguns pontos se repetiram e foram cruciais para o agrupamento deste tópico. As interlocutoras respondem que majoritariamente lidam com os sofrimentos sozinhas, com atividades que não implicam outras pessoas. E, ao se aprofundar nessa questão, vem uma grande dificuldade delas de se sentirem acolhidas por aqueles que estão ao redor delas. Esse acolhimento corriqueiramente não acontece por julgamentos morais sobre suas dores e, assim, elas decidem não compartilhar esse sofrimento, guardando para si mesma ou pessoas muito pontualmente. Dentro desses sofrimentos, existem casos em que elas percebem ou são indicadas pelos amigos a fazerem psicoterapia. Isso acontece prioritariamente quando outros recursos religiosos e afetivos falham. Assim, esse tópico se estruturou no acolhimento, no sofrimento não compartilhado e a busca por psicoterapia como forma de aprofundar a temática.

3.2.1 Acolhimento

Primeiramente, as entrevistadas começam a me relatar como elas lidam com os sofrimentos no dia a dia, para além de buscar a psicoterapia. Alguns pontos aparecem em comum nas falas: elas buscam suporte em atividades gerais, na espiritualidade individual e, às vezes, na amizade, com a família, maridos e poucas vezes em grupos religiosos. A maior parte dos processos para lidar com o sofrimento são individuais, solitários. Essa forma de lidar com o sofrimento tem relação com o fato de as igrejas trazerem à tona que o sofrer é consequência de uma questão individual (PAULA, 2021).

Acsa, por exemplo, falou que logo depois que teve um acidente, ela buscava conforto em filmes e séries. Sara diz que começa a chorar, busca ajuda em Deus e se consola na comida. Ela gosta de conversar com a família, marido e algumas amigas. Tamara diz que gosta de lidar com seus problemas sozinha, às vezes com a mãe, o marido e a psicóloga. Ester comenta que vai diretamente a Deus, sem pedir ajuda a ninguém. Cloé procura apoio no líder de célula da sua igreja porque crê que este tem uma ética em comum com ela. Ela mesma comenta: “Mas hoje eu consigo ver gente do meio religioso que é referência para mim, em situações extremas porque o conselho vem com uma ética cristã. [...] Eu acho que para dialogar sobre alguma dificuldade precisa sentir um ambiente de conforto e de não julgamento”. A ética cristã é reforçada como a base de um comportamento, de uma construção de si, como Esperandio cita: “A fé para salvação, é o chão onde a ética se constitui. Ela é condição para a modelização da subjetividade.” (2005, p. 26)

Miriã comenta que gosta de ler, ouvir música, conversar com o marido e amigos e que não gosta de buscar lideranças religiosas. Mical ouve música, escreve e fala com o companheiro. Ela sente que não tem intimidade com ninguém da igreja para conversar. Essas percepções aparecem de muitas formas nas falas delas, com algumas particularidades. Um exemplo é de Dorcas, que procura os amigos cristãos, Deus, leituras, crochê e o chá de santo Daime, como relata:

Eu recorro muito ao crochê. O manuseio. Eu tenho uma doença ocupacional bem séria. Minha carteira de motorista é de deficiente física. Eu passei toda a infância, adolescente e fase adulta com essas dores que hoje que eu sei que são psicossomáticas. Era a maneira que eu lidava. Quando eu descobri que na minha alma não cabia a dor e foi passando para o corpo, eu comecei a lidar com isso. Obvio, com terapeutas, rodas de conversa, oração, com amigos e me ajudou muito, também, tomar o chá de Santo Daime. Me ajudou muito porque me vi. Foi uma experiência que não recomendo para ninguém, acho muito pessoal. Não levo essa experiência como religiosa, mas como tratamento. [...]

Eu...Tenho um grupo que eu considero como cristão, que eu faço parte, que eu estou com ele e eu sei que eles estão comigo. Mas é tão bonita a relação que existe que aprenderam a respeitar as minhas falas e meus silêncios. Porque às vezes eu preciso falar, falar, falar porque eu sou sozinha, eu vivo sozinha e outras vezes eu preciso me calar. E esse grupo me respeita porque ele é cristão, mas respeitador. Que tem essa consciência do outro. É o que sinto em relação a eles. Eu não uso o sofrimento e alegria para procurar alguém. Eu deixo que aconteça. Eu não fico procurando.

Abigail relata que gosta de dançar, conversar com o namorado, que é ateu, e a tia, que é evangélica:

Eu danço. Fui para a dança de salão. Já faço há um ano e meio, quase...É, um ano e meio e foi onde eu me transformei, me transformei, me libertei, me senti mais mulher, me senti mais autoconfiante. Meus problemas de autoestima diminuíram bastante. Não total. Não zeraram não, mas diminuíram bastante. É...São essas as coisas que eu faço para me ajudar a caminhar

Berenice também recorre à arte e fala com seus amigos que, em sua maioria, são evangélicos. Zípora relata que a fé ajuda a lidar com as dificuldades, principalmente após a mãe sofrer um AVC. As leituras religiosas dos outros eram de questionar o ocorrido com a mãe, enquanto ela foi entendendo o ocorrido como uma fatalidade. Costuma ficar quieta, chora. Escuta música e externa, às vezes. Tem medo desse “curtir o sofrimento” porque ela tende à depressão. A ideia de “curtir o sofrimento” como algo perigoso é comum no discurso religioso. Afinal, a depressão é algo a ser combatida, como um pecado e se a pessoa se deixa experimentar o sofrimento ela está “dando brecha” para o pecado acontecer, utilizando a terminologia religiosa. Na pesquisa de Tiago de Paula (2021) analisando a ideia de sofrimento nos discursos da IURD– percebe-se claramente essa crítica ao “curtir o sofrimento”, como nesta fala:

Se você curte o sofrimento e acha que isso é da vontade de Deus, tenho uma notícia para você: quem curte sofrimento é o ímpio. Curte sofrimento, pois não confia em Deus. Perde tempo dando cabeçada na parede, pois não quer recorrer ao Senhor. Porém, quem confia em Deus não tem que curtir sofrimento; antes, tem acesso à misericórdia. (IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS [IURD], 2016 *apud* PAULA, 2021, p. 15).

O termo “ímpio” é utilizado nativamente para descrever uma pessoa que não é cristã e, mais do que não religioso, alguém que desdenha da fé, não liga para ela. E, na citação acima, traz a ideia de que qualquer outra forma de lidar com o sofrimento para além da experiência religiosa – e pode incluir a psicoterapia nisso – seria “perder tempo dando cabeçada na parede”. Porém, nossas interlocutoras têm se mostrado que depositar na religião a cura do sofrimento não é suficiente. E, no caso por exemplo de Zípora, o “curtir o sofrimento” é uma forma individual de manejar a dor. Ela relata que já teve relacionamentos de se abrir muito e ficou bastante machucada e aponta nessa fala a sua dificuldade de externar:

Eu tenho uma personalidade tendenciosa a ter depressão. Então isolar, triste, a tendência é ficar depressiva. Eu me considero até emo (risos). Eu curto o sofrimento, escuto música para chorar, eu, assim... Se precisar assistir filme para chorar, assisto. Sou dessas, curto um sofrimento e isso é perigosíssimo. Eu tenho tentado, é bem difícil, às vezes externar, falar com alguém que eu considere próximo, enfim, e tento escoar bastante na terapia. (...) Então eu vivi um relacionamento bastante disfuncional de amizade por muitos anos e fiquei muito machucada, muito machucada. Lógico, inconsciente. De chegar num nível, num nível de que você é aquela pessoa e aquela pessoa é você. Você se perde de si e isso é ruim.

[...]

Não é porque sou amada, filha amada de Deus que eu sou isenta de sofrimento. Não estou. Então minha fé me dá pé no chão de que eu não sou um ser humano super especial. Que eu não sou diferente de quem não tem a mesma fé do que eu e que estou sujeita a sofrer qualquer coisa como qualquer ser humano pode ter. Essa percepção e esse amadurecimento veio bem forte, talvez, quando minha mãe sofreu o AVC. Eu lembro que recebia muita palavra de “por que com ela? uma mulher tão boa”. Eu ouvi isso de uma pessoa que eu compreendo a fala nesse momento, que está na igreja há anos e vem com falas perigosas “uma mulher tão boa”. Isso acontece com gente boa também. O sol nasce sobre justos e injustos, né. Eu não queria cair nesse engodo do “por quê, Deus?”. Aconteceu e foi uma fatalidade. Fatalidades podem acontecer com seres humanos. Minha vida, a vida dos meus, não é diferente. Eu lamento muito, muito, muito. Gostaria de que não tivesse ocorrido? Claro. Mas aconteceu. Aí minha fé me ajuda a lidar com isso. Aconteceu e agora? O que você vai fazer? Vai surtar? Vai enlouquecer ou vai aprender a lidar com isso e me entregar também? A fé é um desafio, você crer, entregar, confiar. Que as dificuldades nos colocam nesse lugar. Quando está tudo muito bem é fácil crer.

Ao mesmo tempo em que a espiritualidade produz a oportunidade da mulher ter uma vida social, filhos, amigas e possivelmente até um marido, ela utiliza-se dessas concessões para apropriar-se da pessoa religiosa. Essa disputa real na vida das mulheres cria sintomas e síndromes que condizem com a experiência histórica dessa fé. Tal tensão interessa nesta pesquisa para pensarmos a saúde mental dessa população. A conclusão que emerge é que o envolvimento das mulheres nas religiões tem menos a ver com a falsa consciência do que com as maneiras pelas quais as religiões oferecem espaços sociais para a articulação e, em alguns casos, a realização dos desejos das mulheres.

Jael também comenta que a forma com que ela lida com os sofrimentos está vinculada com a forma com que ela lida com a fé. Antes ela dizia jogar “culpa/responsabilidade em Deus” e hoje ela entende que precisa se responsabilizar e entender que Deus permite. Recorre ao pastor e ao marido, que não tem religião, mas respeita. Faz terapia e toma remédio. Tem amigos e tenta ler como se seus sofrimentos não fossem tão grandes, como ela mesma diz:

Olha pra trás. Olha pra onde você chegou, aonde tá. Vai dá tudo certo. Vai passar. De uma forma ou de outra isso vai ser vencido, entendeu? De uma forma boa, de uma forma ruim. Vai passar. Olha o que eu já passei.

Vasti procura pela mãe, pelo irmão ou faz exercícios vinculados à espiritualidade: jejum, oração, ouve louvores e leitura bíblica. Busca auxílio do namorado, que tem uma criação

religiosa, apesar de não ser religioso. Ela não se abre de jeito nenhum nas redes sociais, principalmente porque tem pessoas da igreja antiga.

Antes da terapia foi isso que me ajudou: leitura bíblica, jejum, oração era isso que me mantinha, assim, com a mínima vontade de, sei lá, não era nem vontade, mas, tipo, dava um fôlego mesmo para eu continuar tentando. [...] Quando eu tô muito ansiosa eu preciso do meu momento, aí eu leio um versículo, um texto, uma passagem. Isso tem me ajudado. Hoje em dia eu continuo dessa forma.

Maria relata que é uma pessoa positiva, que orava e se sentia boa. Mas quando ela esteve deprimida, não desejava mais orar. Se apoia na família (pai, mãe e irmã) e no namorado. Além disso, a mãe é psicóloga.

Ai, depende muito do assunto. [risos] Mas não normalmente não, assim...É só...Não, não tem ninguém que eu evite. É só por uma questão de proximidade. Eu não vou chegar pra um desconhecido dentro da igreja e despejar tudo lá, porque eu não me sinto próxima daquela pessoa. Mas até em algumas reuniões da igreja, eles abrem esse espaço para a pessoa trazer a sua dificuldade, né. Então, não muito. A menos quando é um assunto muito pessoal que eu sei que...alguém da igreja pode não lidar bem. Aí eu acho que depende muito do assunto, sabe.

Ana gosta de estudar e orar, como ela também relata:

O estudo pra mim é um reforçador psíquico. Então, meu marido até sabe. Quando ele me vê caindo nos livros, ele sabe que eu tô angustiada. Mergulhar no estudo é... me acalma muito. Muito, muito, muito.

Durante a troca, perguntei como era a forma da Eunice lidar com seu sofrimento, se procura por alguma pessoa ou não e, instantaneamente, trouxe Deus como a primeira pessoa que ela aciona. Nos próprios termos: “primeira coisa é automático, eu ligo já, que nunca tá desligada, a minha anteninha com Deus que nunca tá desligada com Deus, né. Mas ela fica mais ligada ainda. É com Ele que eu me apego”. Recordo da escrita de Ivone Gebara quando diz que:

Deus se mistura aos nossos pedidos e lamentos, às nossas alegrias momentâneas e às pequenas e grandes esperanças que nutrimos. Deus é palavra-grito, palavra-suspiro, palavra-sonho, palavra-ira, palavra-esperança. (GEBARA, 2017, p. 158).

Esse vínculo pessoal parece ser crucial não só para sua identidade como religiosa, mas para construir sua rede de suporte emocional. Ao mesmo tempo que a espiritualidade aparece, ela não é a única força dessas mulheres. Pelo contrário, muitas preferem deixar no campo individual e não compartilhar para as pessoas das igrejas em que estiveram. E isso adentra em um ponto interessante, que é o fato de quase todas as mulheres relatarem dificuldade de compartilhar suas dores.

3.2.2 Sufrimento não compartilhado.

Retomo a reflexão de que compartilhar é um verbo bitransitivo – elas dizem algo a alguém (GEBARA; DINIZ, 2022). E, na fala dessas mulheres, o sofrer é algo que se diz a quase ninguém. Um dado muito marcante das entrevistas, que não foi planejado, foi o fato de quase todas falarem que é difícil falar dos seus sofrimentos. Se o sofrimento é um lugar de vergonha, pecado e afastamento de Deus (PAULA, 2021), dificilmente sentirão a vontade de falar sobre este. E, ao lado desses relatos, vinham histórias de muita dor. Para as entrevistadas, a fé deveria a fazer se sentir forte e, assim, seria extremamente equivocado mostrar para os outros sinais de fraqueza. Isso atravessa o processo psicoterápico, pois percebemos que são mulheres que não estão predispostas, a princípio, a expor suas dores. E, ao longo de suas falas, vemos que esse silêncio vem muitas vezes com discursos religiosos. O que pode ser dito ou não é atravessado pelo poder da religião onde estas mulheres, apesar de possuírem espaços de expressão, ainda são subjugadas. Desse modo, o não dizer aponta para os atravessamentos (RAMALHO, 2005) que ocupam os corpos dessas mulheres.

Berenice, por exemplo, disse que, por ser filha de pastor, não se sentia confortável de falar o que sentia. Afinal, se a filha do pastor está sofrendo e outra irmã da igreja também passa por isso, as duas dão mau testemunho, segundo essa perspectiva teológica. Tiago Franco de Paula (2021) analisa que as teodiceias – isso é, as narrativas religiosas - muitas vezes nascem como uma forma de justificar os sofrimentos que já estão postos no dia a dia. A dor, no contexto religioso, precisa ser justificada, direcionada a um fim que é o “bom testemunho”. Essa ideia de “bom testemunho” – de que a pessoa se tornou mais parecido com Jesus ou criou virtudes espirituais – se opõe a da pessoa em sofrimento, que é o “mau testemunho”. Essas ideias religiosas atravessam na hora de se escolher conversar com alguém ou mesmo para buscar a psicoterapia. Ela diz:

Eu tenho uma dificuldade, tive muito tempo de me abrir com as pessoas de forma geral e com amizades. Primeiro, que como filha de pastor você não podia abrir, porque você não tá falando, você não tá falando de você pra uma amiguinha. Porque se essa amiguinha chegar em casa e falar pra mãe dela alguma coisa que você contou, você tá falando do pastor da igreja e durante muito tempo eu fui traída, assim, por essas amigas, mas hoje eu entendo que não. Não era uma traição. Era simplesmente uma criança chegando em casa e falando “minha amiga falou isso, isso e isso pra mim” e esse adulto falando “caramba, é o pastor...blá, blá, blá” e criando um caso em relação a isso. Mas o sentimento enquanto criança é que eu fui traída ali pela pessoa, porque ela contou uma coisa que era minha e tal e na escola isso acontecia muito. E eu tenho uma facilidade, tive muito enquanto era criança, uma facilidade muito grande pra me abrir. E conforme essas coisas foram acontecendo, eu fui me fechando e criando um muro e uma fachada e uma proteção muito grande. [...] Eu era uma criança muito extrovertida e eu sou uma pessoa muito introvertida hoje. Cronicamente introvertida.

Vasti fica muito em silêncio e não gosta de contar com a mãe ou a religião. Tem amigas, mas estas não ajudam a resolver porque ela resolve antes. No momento que ela saiu da igreja e saiu de casa, ela relata que ninguém a procurou, priorizando a narrativa de ingratidão que o pai trazia. Isso veio de um pastor que a conhecia por muitos anos e a marcou profundamente. E isso dificultou que ela buscasse pessoas da própria igreja para momentos difíceis.

Dentro da minha história...Eu...Acho que eu acabei seguindo muito aquele exemplo, acho que é da mulher samaritana, né. [risos] Agora eu não sei se é da mulher samaritana...Não. É da mulher Sunamita que ela fala “vai tudo bem. Vai tudo bem” e acabou, né. Minha mãe é muito assim e ela sempre me ensinou muito assim. Eu acho que eu sempre fiquei muito em silêncio e ainda fico em silêncio. Tem uma amiga que é até da época da igreja que ela fala “amiga, você só me conta os seus problemas quando eles já estão todos resolvidos. Eu nunca te ajudo a resolver”.

Apesar de eu ter saído da igreja, a gente ainda se vê, porque os outros que chega, que chega até mim, que me colocam nessa posição de menina rebelde, ingrata, que o pai faz tudo e eu não dou valor. E ninguém nunca me procurou, assim, de conversar comigo e saber como é que eu tava. A história que prevalece é a dele.

O silêncio de Vasti expressa bem isso que se repete em várias mulheres entrevistadas. Souza (2020) relembra que ao longo da história ocidental foram intencionalmente apagados os relatos de mulheres e naturalizando que essas se esconderiam nos seus silêncios. Contar-se a si, apropriar-se de si, como Foucault (1990) é uma possibilidade de fugir desses silêncios históricos e sociais que estão normalizados no processo.

Talita também não compartilha sobre suas dores. Ela relata até que recusou tirar licença no trabalho para ninguém achar que “estava ficando maluca”, nas suas palavras. Apesar disso, diz que a igreja repara, mesmo não deixando todos falarem sobre o assunto.

Sim. É quase impossível ninguém perceber, entende? Quando eu tô mal, mal mesmo a pessoa sabe na hora. Ainda pergunta: Tá tudo bem? Tá estranha. Aí você aproveita e fala, né. Assim como algumas pessoas têm a liberdade pra poder falar comigo.

Acsa tem um relato muito interessante, que é o fato de que não gosta de mostrar a dor porque tem que se mostrar forte e cuidadora da família. Isso aparece em suas falas:

Ali perto deles eu tento não mostrar essa fraqueza, vamos dizer assim, mostrar para não preocupá-los. Eu procuro ser forte, contar o menos possível para não preocupá-los e deixar mais uma preocupação, eu não quero deixar eles preocupados, são pessoas que eu evito contato, eu sei que sabem o que está passando, que tem alguma coisa errada, desconfiam mas eu não conto, não é da minha boca. Talvez uma prima, algum conhecido chegou para eles e falou alguma coisa ou então eles sentem, falam assim: “Acsa tá diferente, tá acontecendo alguma coisa”. Aí quando eu falo: “ah, eu vou para terapia, vou para o grupo”, “ah, tá. Vai sim, minha filha”, mas assim, sentar e contar o que é, eu evito para não levar preocupação [...] eu tenho medo de que eles sofram e que eles se preocupem “então aí ela vai sofrer”. Então o que eu menos quero é levar problema, então eu acho que é uma coisa de desde pequena, de jovem que eu sempre quis fazer “ah não, deixa. Não se preocupa comigo não, se preocupa com outras coisas, com outras pessoas, mas comigo não precisa, eu estou aqui fazendo faculdade, no

trabalho, eu estou bem, comigo não precisa se preocupar”. [...] Eu quero sempre estar ali cuidando, cuidando, sendo a cuidadora e não sendo cuidada, eu acho que é por conta disso.

Kilomba (2019), ao pensar a experiência de mulheres negras – como Acsa – conta de experiências de isolamento, suicídio, onde elas teriam que ser superfortes e sofrerem silenciosamente, sem, muitas vezes, uma perspectiva de cura e transformação desses traumas. Acsa afirma que tem medo de falar para os familiares que está em sofrimento, pois esses iriam sofrer. A percepção de que ela está sofrendo vem dos outros e a forma dela não precisar da ajuda de seus parentes é dizer que está resolvendo em terapia ou em um grupo de apoio. Ela reforça que tem faculdade, trabalho, como se o desenvolvimento profissional dela fosse um sinal para a família de que ela não precisa de preocupação. Em contrapartida, Acsa relata que os familiares têm outras coisas e pessoas, logo não devem ser as pessoas acionadas para falar sobre as dores. Percebemos aqui uma questão de classe – Acsa tem mais acesso educacional e financeiro e, por isso, não quer preocupar os familiares que não possuem. Porém, essa leitura de classe se encontra com o fato de Acsa ser uma mulher negra. Se, como Kilomba (2019) comenta, as mulheres negras têm que ser fortes, a que ascendeu profissionalmente tem que ser duplamente mais firme para não preocupar. Essa questão não aparece nos relatos de mulheres brancas, onde a única coisa sobre a qual elas não falam é sobre sua própria raça.

Bento (2002) relata que a branquitude se estrutura a partir da não enunciação de seus marcadores. Nesse silêncio, outras pessoas são beneficiadas, não a mulher negra. No caso de Acsa, o silêncio sobre seus sofrimentos acaba naturalizando seu lugar como cuidadora. A partir de Fanon (2008), que era psiquiatra, entendemos que a população negra possui feridas próprias ao lado da marginalização de sua linguagem. A patologização e a demonização, encontram espaço na experiência de colonização. Em uma pesquisa realizada em 1968, Fanon já observa que a população negra, afetada pelas guerras coloniais, tinha perturbações mentais como depressões agudas, apatia, desinteresse, medos fóbicos, estereótipos verbais, temor de toda conversa a sós com pessoas, além das consequências corporais como úlceras, cólicas, taquicardias e rigidez muscular. Vemos que as práticas racistas decidem quem pode ser morto – não só os corpos, mas também as subjetividades.

Jael também tem dificuldade de perceber que pode estar em sofrimento e de relatar. Tanto o caso dela e de Acsa tem um atravessamento muito importante por serem mulheres negras. Na própria fala de Jael essa vivência se mostra muito clara quando ela lê os sofrimentos

como *White people's problem*⁴ usando o próprio termo da entrevistada e que ela não tem direito de sentir. Podemos ver nesta fala:

Eu vou ser bem honesta com você. Há muito tempo que Deus tem me feito não passar por momentos que eu precise recorrer a alguém e precise conversar, porque as coisas estão muito ruins. Às vezes eu olho e falo assim: “Nossa! É tão *white people problem*”. Entendeu? “Ah! Eu tô chateada, porque eu queria comprar aquele tênis ali e ele acabou”. Por que que você tá chateada? Por que eu queria aquele tênis ali e ele acabou? Tipo, sério? Tem gente morrendo de fome. Então, assim... Há muito tempo eu não tenho problemas, sabe? [...] Eu não... Eu enterro muitas coisas. Eu não costumo botar pra fora muito e quando eu tô passando por alguma coisa. Recentemente, eu não conto pra ninguém. Se é uma coisa que eu não posso... Se eu briguei com o Dan e eu não posso contar pra ele, eu não conto pra ninguém. Fico sozinha. Falo sozinha.

Lorde (2019) ainda nos lembra que muitas são as respostas de mulheres negras de transformar silêncio e ação, através do amor, do erótico, da raiva e de métodos próprios que não passam pelo que é definido pelos brancos ou pelos homens. O espaço da espiritualidade como autoamor também quebra o imaginário de uma mulher que não possui o direito de ser amada. Kilomba aponta que:

o mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher muçulmana oprimida, homem muçulmano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco liberal são exemplos de como as construções de gênero e raça interagem (KILOMBA, 2019, p. 94).

Essas interações aparecem também no ambiente eclesial e nas histórias de mulheres evangélicas. A partir de todas essas possibilidades, pensamos aqui, como profissionais da área da psicologia, no que pode ser transformado para melhores respostas a essas demandas. Percebemos o início de uma preocupação real com essas intercessões dentro do campo psi, contudo de modo ainda básico nas articulações entre gênero e religião. Lendo ainda de forma interseccional, mais raro ainda nos estudos de religião e gênero. Numa pesquisa como esta é impossível não pensar na categoria racial. A religião evangélica hoje tem 55% de pessoas negras (DATAFOLHA, 2020). Nessa entrevista, a primeira etapa teve a totalidade de mulheres negras e, na segunda etapa, 42%. Isso, em um país construído socialmente e teologicamente a partir do desprezo a população negra (PACHECO, 2013) não pode ser deixado de falar. Há um impacto claro do racismo na saúde mental de homens e mulheres (DAMASCENO, 2018). Incorporar tal tema dentro das teorias psiquiátricas e psicológicas tem sido um desafio de mudança de epistemologia. Esse sujeito da experiência, ao falarmos de saúde mental, deve ser

⁴ “Problema de gente branca”, na tradução literal, termo usado quando se trata de problemas considerados fúteis ou supostamente que atingem classes sociais mais abastadas.

visto com todas as suas complexidades sociais (ALVES, 2017) que, como observamos, trazem implicações à saúde.

Além de não se sentirem confortáveis em falar sobre seus sentimentos, os relatos dessas mulheres também vêm com muitas histórias de pessoas que não conseguem entender suas dores.

Lídia, por exemplo, diz que não consegue confiar em pessoas que não entendam sobre sua fé:

Assim... Eu acho que com pessoas que...com pessoas que não entendam a minha fé, que não compreendam a minha fé. Não precisa necessariamente ser evangélica. Mas, assim, que não compreenda, que não respeita...não valorizem isso. Acho que é isso.

Sara já aponta o contrário, que na igreja não há com quem ela desabafar. O caso de Sara é interessante porque ela, em sua entrevista, relata que houve um “golpe de estado” na igreja, usando os termos dela. Nesse “golpe” o pastor foi colocado na comunidade de forma arbitrária e criou uma divisão na comunidade. O grupo em que ela faz parte, o coral, não apoiou essa liderança e, por isso, não confia nesta, como vemos:

Lá na igreja eu tenho um grupo muito específico que são pessoas muito mais velhas que eu. No grupo que eu frequento, o coral. São muito mais velhas. Então não tem a mesma cabeça que eu e o mesmo entendimento das coisas de hoje que eu. É diferente. Algumas coisas até falo. “Estou desempregada, estou chateada. Vamos conversar, vamos orar.” Eu falo, mas “eu briguei em casa com meu marido” não falo. Até porque não tem a mesma relação. Aí eu não falo com as pessoas da igreja sobre isso.

Rebecca: liderança nenhuma?

Sara: NENHUMA! (Ênfase da entrevistada). Até porque o pastor da minha igreja eu sou contra! Faço questão que seja colocado isso! Sou contra a liderança da minha igreja, completamente contra.

Percebemos aqui com Sara que dentro de uma mesma comunidade há grupos diferentes, como no caso o coral de pessoas “mais velhas” usando o termo da interlocutora de 34 anos, que não apoia o pastor e nenhuma liderança. Nesse agrupamento menor, ela se sente confortável de falar sobre desemprego, chateação, pedir para conversar e orar, contudo não sente abertura para falar sobre brigas com o marido, por exemplo. A entrevistada relata que esse sentimento se dá porque existe um conflito geracional, de que eles não entendem “as coisas de hoje”, contudo cabe uma reflexão. As relações trabalhistas mudaram de geração em geração e ela consegue conversar sobre tal assunto, porém, quando o assunto é casamento e família, é difícil explicitar suas lutas. Isso expressa também uma performance de gênero, onde a mulher casada deve “edificar o lar”, como o texto da Bíblia prega (Provérbios 14.1 – Bíblia, 1993). Assim, por ela não cumprir o que se demanda dela como esposa, se sente sozinha. Precisa ter uma relação diferente – segundo os termos da interlocutora – para poder falar sobre essas complexidades do casamento.

Ana também tem dificuldade de falar sobre suas dificuldades no casamento. Relata que fica angustiada, mas é muito reservada. Não fala com a família porque o marido também é reservado e não deseja ser exposto. Aqui percebemos que o marido tem um lugar privilegiado na relação a ponto de dizer se poderá contar sobre sentimentos ou não. O casamento se torna um mediador das emoções. Essa percepção se mostra ao longo da história. Construiu-se um cerceamento social: igreja-casa, comunidade-família, com centralidade da família nuclear. O valor da mulher apareceria em seu trabalho doméstico, familiar. Federici (2017) ressalta que, mesmo na Reforma Protestante, Lutero ainda dizia que as mulheres tinham somente uma virtude, que era ter útero, a qual anularia sua debilidade por meio do casamento. O controle da função reprodutiva e a recusa da procriação levava mulheres à greve de produção de crianças, já que estas vinham para trabalhar com seus maridos. O controle, diretamente vindo da Igreja Católica Apostólica Romana, se expande: “do púlpito ou por meio da escrita, humanista, reformadores protestantes e contra reformadores católicos, todos cooperaram constante e obsessivamente com o aviltamento das mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 202). Esse controle se expressa na falta que Ana sente em ter em quem confiar, como tinha quando solteira. Ela relata que: “Então, essa coisa assim de amiga, confidente eu não tenho não. Sinto falta, sabe? Eu já tive, assim, quando solteira, né, mas com o casamento eu perdi muito isso.”. Assim como Ana tem dificuldade de ter com quem falar e se sentir solitária, Vasti também relata similaridades. No caso, ela diz que tem muito medo de falar de seus sofrimentos em redes sociais:

Aí foi mês passado que eu resolvi fazer uma limpa [nas redes sociais]. Pessoas que eu achava dos meus seguidores “ah! Vou tirar esse aqui, esse aqui e esse aqui”, mas eu morria de medo. Eu percebi que depois de 4 anos fora da igreja, eu ainda tinha muito receio do que “ah! eu vou postar nas minhas redes sociais, porque tal fulano tá pensando, tá vendo e tá observando”. Acho que não tem uma pessoa que eu não fale. Eu evito falar com desconhecidos, pessoas que não tem muita proximidade, porque eu não gosto mesmo dessa exposição, mas no geral assim uma coisa que eu não faço, que eu nunca faço é colocar nas redes sociais: “ah! Estou triste”. Eu vou ficar triste aqui deitada na minha cama, sozinha, com a cabeça coberta, ninguém vai me ver por dias, mas eu não vou falar nada, entendeu? Eu acho que é isso.

Para Vasti, esse medo construído pelo ambiente da igreja fez com que ela desenvolvesse uma insegurança sobre exposição. Saber que alguém da igreja está vendo, observando, seguindo e, mais do que isso, pensando causou nela uma necessidade de reclusão para lidar com os sofrimentos. O que o outro está pensando especificamente não sabemos e nem Vasti explicita, contudo causa desconforto nela. A partir das falas de Vasti de como esta começou a refletir sobre feminismo, sexualidade e vida para além do espaço eclesial, podemos considerar que o desconforto seja provavelmente por uma moralização do olhar do outro sobre ela. O

juízo e a leitura religiosa sobre, por exemplo, a tristeza, traz uma dificuldade de compartilhar. Nessa direção acerca de uma dogmática sobre as dores, Tamara tem uma mãe que espiritualiza seus sofrimentos e, por isso, não se sente confortável de falar com ela. A gente percebe que as influências familiares, principalmente de pai e mãe, se encontram muitas vezes misturadas com o aspecto religioso. Isso se demonstra nessa fala:

É...Conforme eu fui amadurecendo, eu fui percebendo alguns problemas na minha relação com a minha mãe. É... Eu fui percebendo que algumas falas dela tavam meia erradas, sabe? Ela tentava trazer todo mundo, tudo muito pro mundo espiritual sem focar naquilo que realmente tava acontecendo, sabe? E aí conforme eu fui entendendo mais da minha relação com Deus, eu fui me distanciando dessa lógica de culpar muito o diabo, dessas coisas, sabe?

Miriã relata que não se sente à vontade de falar com pastores sobre suas dores e nem com os colegas da igreja. Curiosamente, Miriã comenta que sempre esteve cercada de pessoas e que participava de muitas atividades, mas que por causa de sua introversão não falava sobre os sofrimentos. A figura que aparece para esta compartilhar é Deus, como relata:

Olha...Eu sou muito introvertida então eu não sou de compartilhar com as pessoas. Sempre fui eu e eu mesma. Na igreja eu sempre estive cercada de pessoas. Eu sempre estive muito ativa nos ministérios, nos grupos, participei de muitos grupos pequenos, mas nunca fui de confidencializar, assim, amizades bem próximas. Então eu lidava comigo mesma. [risos] Comigo mesma, eu e Deus. [...] Nunca fui nem de ficar conversando com pastor sobre. Mais sobre dúvidas, perguntas, porque eu sempre fui muito questionadora. Então, desde adolescente eu já perguntava, mas não no sentido de “Ah! Estou passando por isso. Eu queria saber o que você acha ou o que que é isso...”Não. Coisas mais genéricas, dúvidas cristãs de céu, morte ou coisas assim. Dúvidas que são frequentes, que são genéricas, não pessoais.

Mical não fala muito com a família para não se expor e não fala dos sofrimentos para pessoas do trabalho.

Pra família, assim, para os meus pais eu evito ao máximo. É porque geralmente eles são parte das questões, mas é mais isso, assim. Com amigos também eu costumo falar bastante, mas em relação aos pastores, ao pessoal da igreja, eu não tenho nenhuma restrição assim, acho mais uma questão de falta de hábito. Não é algo que está no meu automático.

Eunice diz sobre as ajudas humanas, como podemos perceber nessa seguinte fala, mas prefere um psicólogo a um pastor.

Mas eu também procuro ajuda humana. Eu procuro ajuda de um psicólogo. Agora mesmo eu estou atrás de um. Vendo se eu consigo preços mais acessíveis e tal. É... Eu procuro também, já procurei o pastor da igreja, mas nem sempre eu confio, tá?! Então, eu acredito mais num psicólogo do que num pastor. É...Então é assim... Eu sou uma pessoa que eu converso muito o que tá acontecendo comigo, as angústias, sabe?! Mas, ultimamente eu ando pensando com quem eu me abro. Não é com qualquer pessoa que eu me abro não. Tanto é que eu tô com coisas aqui guardadas, minha pele tá horrível por conta de um monte de coisa, mas eu... É com...É só com

um psicólogo que eu gostaria de me abrir, entendeu? É isso. Tem a ver com o que cê quer saber, né?

Nesse ponto, temos várias ideias interessantes. Apesar de ser uma mulher com pós-graduação completa, não está na faixa salarial acima dos 5 salários-mínimos. Ela é uma mulher aposentada que se encontra entre 1 a 3 salários-mínimos. Então, recorrentemente observamos nessa entrevista uma demanda por uma psicologia com “preços mais acessíveis”. Além do ponto evidente quanto ao salário dessas mulheres, cabe questionar se elas priorizam a terapia como fonte de cuidado. Pois, a princípio se busca resolver sozinha o problema e a ida à psicoterapia vem de uma necessidade de eficácia para resolver uma questão. As relações entre o que a fé diz, o que as famílias comentam e a própria forma de tentar resolver tudo sozinhas faz com que a ida ao psicólogo seja uma das últimas opções.

Logo em seguida, ela traz a relação dela com o pastor da igreja e faz uma comparação com o psicólogo, usando as palavras “confiança” e “acreditar” para valorar o psicoterapeuta em relação ao religioso. Essas palavras retornam em outras entrevistas realizadas e que precisam de transcrição. O fato de possuir confiança a ponto de dizer que “só com um psicólogo gostaria de me abrir” diz respeito a uma validação desse profissional para esta mulher.

Ao final, ela pergunta se isso era o que eu queria saber, como se tivesse um tipo de resposta padrão. Pedi então para ela desenvolver mais sobre a quem ela recorre e quem não quando está sofrendo. E, ao longo de suas falas, ela diz sobre assuntos aos quais ela expõe ou não para pessoas específicas. Sobre trabalho e vida profissional, a interlocutora não tem receio de falar para as pessoas, mas quando, por exemplo, diz respeito às suas filhas, ela não se abre com todos, como explicita:

Agora, se for alguma coisa de foro íntimo, entendeu? Por exemplo, alguma coisa relacionada...minhas filhas. Inclusive, tô com alguns problemas realmente, mas eu não me abro com qualquer pessoa, porque eu sei que isso pode afetar a vida das minhas filhas em relação a mim e eu não posso jamais quebrar esse vínculo. Então, não é com qualquer pessoa que eu me abro. Agora se for em relação a um patrão, se for em relação ao pastor da igreja, eu não me importo. Agora o que eu penso mesmo é em relação às minhas filhas, eu não me abro mesmo com qualquer pessoa. Não me abro.

Aqui a entrevistada mostra que não tem receio de falar sobre o pastor com outras pessoas, o que com outras mulheres já era diferente. Algumas demonstravam receio de expor problemas com lideranças para outras pessoas, enquanto umas não tinham esse temor. Pelo contrário, com frequência reafirmava o quanto não sentia abertura com pastores no geral, como expresso por ela:

Eu não confio. Mesmo por questões de competição, sabe? Em questões de ficar...A pessoa ficar torcendo contra. Eu não me abro não. Não é tudo que eu me abro com

peças da família e mesmo com amigos assim. Não. Mas com psicólogo eu me abro sim, mas com gente da família eu não me abro não, nem com pastor também não me abro. Eu preciso confiar muito.

Novamente a temática da confiança retorna, agora aqui com algumas informações a mais. A ideia da competição e do torcer contra aparecem como um receio em confiar não só na família, mas também na liderança religiosa.

3.2.3 A busca por psicoterapia

Quando adentramos nas impressões das mulheres quanto aos processos psicoterápicos, percebemos algumas características. A maioria usa o termo “ir ao psicólogo”, como algo próximo a ideia de “ir a um médico” o que denota mais pessoalidade do que “fazer psicoterapia”. Há um jogo que aparece mais à frente em que existe a ideia de tratamento, mas que é muito importante o vínculo que você constrói com seu terapeuta. Essa troca vai mostrando, similarmente às pesquisas preliminares, que elas procuram alguém que inspire confiança, não julgamento, e que esteja longe de dogmatismos.

Muitas iniciam a terapia no processo ainda escolar, na adolescência, quando começam a lidar com a alteridade com mais intensidade. Os conflitos se intensificam e sintomas depressivos e/ou ansiosos aparecem. Depois a temática da família e da sexualidade vai aparecendo com frequência, como veremos mais à frente.

Atualmente, a psicologia estuda principalmente dois tópicos da psicologia da religião – a religiosidade e a espiritualidade – comumente a partir de um olhar individual. Todavia, estudar a religião está para além desses dois tópicos. O conceito de religião, assim como o de psicologia, é controverso e amplo (MACIEL; MATTOS, 2022). Nunca se consegue capturar o que, de fato, o indivíduo – e a cultura – entendem por religião. Por isso, se dá preferência por estudos do fenômeno e como este se dá individualmente. Contudo, os estudos individualistas não conseguem captar as necessidades de uma população, como é o caso de mulheres evangélicas.

Dentro das questões de gênero, observamos também altas taxas de depressão em mulheres, que se referem ao alto nível de estresse, às suas privações sociais e cobranças sobre seus corpos (USSHER, 2010). A depressão, que vem aparecendo cada vez mais no senso comum, demonstra como esse sofrimento tem permeado a cultura, levando muitas mulheres a um consumo exacerbado de medicamentos (MARTIN, 2012). Em relação à depressão, temos

visto uma assimetria entre os gêneros, que pode ser vista pela Organização Mundial de Saúde e nas políticas públicas. O acesso à saúde também é desigual (BENLLOCH, 2004), fazendo com que mulheres tenham morbidades diferentes dos homens, com diagnósticos próprios e vivências particulares dentro das clínicas psicológicas. A depressão e até mesmo a tentativa de suicídio tem sido cada vez mais recorrentes nesse grupo social (SILVA, 2019).

Em um contexto de violência e desamparo, aparece nos corpos das mulheres a vontade de exercer seus afetos e ações para lidar com esse mal-estar. O desejo de sair do não lugar, com a intensidade do que se sente leva a novas dinâmicas do corpo da mulher, que pode se encontrar dentro do tradicionalismo ou numa crítica. Isso se expressa muito bem na religião quando mulheres se encontram dentro de espaços que, a princípio, não dão tantas oportunidades a elas, mas que a acolhem. De modo similar, acontece quando uma mulher encontra espaços de luta como ambiente de afeto para lidar com esse sentimento de não lugar. Essas escolhas transformam o corpo, o que se pensa e como se identifica. A linguagem da religião pode vir com violência, com poder, se encontrando com a intolerância, mas também com o amor de si e do encontro com o diferente.

A terapia aparece como uma opção para essas mulheres que não conseguem se abrir em nenhum outro lugar. Ali elas podem se despir do que os outros pensarão sobre elas, se parecerão ingratas da vida que têm ou com falta de fé. As motivações são as mais diversas. Ana relata que ajuda nas angústias, como diz:

Olha...Eu sou bem, eu sou do tipo sofrida... [risos] Bem, eu... Eu tendo a ficar mais angustiada, né. Eu faço psicanálise que me ajuda bastante, né...Enfim, eu sofro, choro, oro. Tem a ajuda da psicanálise, que me ajuda, né...a...a trabalhar com outras perspectivas, né e eu...e eu tenho, assim, uma tendência de elaborar um cenário muito ruim, sabe? Já imaginando um desfecho trágico pras coisas. Então, é algo que eu tô começando a trabalhar também.

Cloé acredita que é possível recorrer a profissionais da saúde mental e a pessoas religiosas. Está no mesmo terapeuta, psicanalista, desde sempre, mas para e volta, cerca de 2 a 4 meses. Houve a tentativa de mudar de terapeuta por “uma questão de plano de saúde, finanças e logística”. Há processos de negação e aceitação, principalmente em relação a família.

Hoje eu ainda tenho algum contato, próximo, de confiança, com alguma liderança, mas dá para contar nos dedos. Dependendo da situação, sim. Até hoje tenho contato com líder de célula que se tornou um amigo, em algumas situações que eu precisava de uma orientação. Num momento que não precisava só de um profissional de psicoterapia, nesse sentido, mas num direcionamento da religião eu busquei essa pessoa. Essa ligação entre o psicoterapeuta que tem a mesma fé que eu é muito relevante. Eu costumo recorrer aos dois caminhos. Eu acho que, hoje com mais autoconsciência. Hoje eu busco...Eu busco os dois caminhos. O auxílio, no momento,

nas emoções afloradas, eu procuro pessoas próximas, a quem eu tenho segurança. Para ver o que está acontecendo. No segundo momento, faço uma autorreflexão e vou conversar com Deus. E num terceiro momento vem a psicoterapia.

Noemi já vê como uma dificuldade que vem do contexto religioso, como diz:

Nesse sentido, porque quero proteger o outro, mas com a terapia isso tem me ajudado bastante a sair muito desse lugar de responsabilidade. Isso vem muito do contexto religioso, sabe? Aquela questão de liderança... de não pode sofrer e tal, só que eu tento me ver como ser humano hoje em dia. (grifo nosso).

A experiência da igreja coloca parâmetros de quem pode sofrer ou não. No caso de Noemi, isso a desumanizava, tirava de si este direito. Nesse ponto podemos perceber como o contexto religioso molda as formas de sofrimento. Na pesquisa de Pereira, Vasconcelos e Moreira (2022), sobre sofrimento nos documentos da IURD, eles apontam que existem tipos de sofrimentos aceitos, pois possuem um caminho de libertação. Exemplos deles são os vícios e doenças psíquicas, como depressão e ansiedade. E, nessa estrutura, os líderes são aqueles que libertam enquanto os membros são libertados. Logo, Noemi, como líder religiosa, não poderia estar sofrendo. Mais ainda, Noemi, como uma mulher negra, estudante de psicologia que trabalha e estuda, traz consigo muitas cargas da sociedade racista e classista que a lê como a mulher que precisa ser forte. Então, quando o contexto religioso se constitui como mais um espaço de silêncio sobre seu sofrimento, ela busca a psicoterapia.

A pergunta disparadora era “como você chegou ao processo de psicoterapia?”. Logo que a fiz, outra entrevistada, Eunice respondeu com o seguinte questionamento. “Psicoterapia quando você fala é o psicólogo mesmo, né? [Respondo com aham] Tá, porque a psicoterapia é uma coisa mais contemporânea, né? Eu fui no psicólogo”.

Vi-me tentando explicar o termo. Contudo, ao longo da minha explicação fui compreendendo que este não era o questionamento dela, mas sim uma questão de terminologia. A pergunta “quando você chegou a ir no psicólogo?” seria melhor compreendida do que usar o termo psicoterapia. Lembrei-me então de uma frase simples do livro *Esperança Feminista* que diz que “perguntar não é um verbo fácil” (2022, p. 227), pois existe a diferença de linguagens e de experiências que dizem respeito a cada uma dessas mulheres. As autoras apontam que “por causa do nosso lugar social diferenciado, nossas buscas e as respostas a elas são diferentes e igualmente marcadas por valorações diferentes” (2022, p. 233). Depois ela descreveu como ela foi ao psicólogo pela primeira vez.

Então, eu tive um problema muito sério. [...] Então, aí, é...Eu procurei a psicóloga para tratar disso e..., porque era um momento de angústia. Eu fiquei cinco anos casada e não tinha relação então, eu tava..., mas eu não me abri com ninguém durante esse tempo. Só quem sabia era o meu marido na época. Só ele sabia, mais ninguém. Então, eu fiquei cinco anos segurando isso e teve um momento da minha vida que eu já não aguentava mais e foi aí que eu me abri com a minha mãe e a minha mãe me levou até

essa psicóloga que era do trabalho dela, enfim... Então, foi essa vez que eu recorri a isso porque eu senti que sozinha eu não ia conseguir, mas eu não consegui com a psicóloga me libertar disso, embora ela ajudou muito no processo, porque como eu fiquei mais relaxada eu fiquei grávida da minha filha, porque até então eu não conseguia ter relação. [...]

Aí eu procurei a segunda vez o psicólogo que foi..., porque eu tava me sentido muito...é...com as minhas filhas. [...] eu senti que elas ficaram mais com os maridos, né. Então, eu me senti...me sinto ainda sozinha, né, mas elas nem imagina [*sic*] que acontece isso. Eu penso que elas não imagina [*sic*], né. Então, esse foi um segundo caso.

O vaginismo, como uma disfunção sexual, se tornou o ponto de partida para a psicoterapia. Aqui vemos novamente algo que a interlocutora já havia citado que era a necessidade de alguém de confiança para se abrir. E a mãe indicou um psicólogo do trabalho que, a princípio, não tinha nenhuma relação com a religião. Percebemos nesse relato que a primeira busca pela psicoterapia foi por um problema conjugal, assunto este que é recorrente em quase todas as entrevistas que realizei.

Aí veio a pandemia e eu parei de ir. A gente conversava bastante eu e o psicólogo. Aí veio a pandemia. Aí, eu parei. Aí...É...Agora, no começo do ano...É...antes de eu viajar que eu fui para...Aliás, foi no fim do ano, eu procurei de novo um psicólogo. Na verdade, eu não procurei. Foi ele que...Acho que ele tava fazendo algum trabalho para faculdade ou alguma pós-graduação, não sei, e ele tava procurando pessoas, né, pra...pra dar...é...pra dar consultas, né. E aí eu me inscrevi. Então, era até de graça, né. Não cobrava nada e foi muito legal, porque ele acho que ele é um recém-formado e...e ele adorava conversar comigo, porque eu a...eu sentia que eu falava...acho que ele aprendia mais comigo do que eu falava com ele, mas pra mim foi ótimo, porque eu conseguia me soltar, falar sem a preocupação de que... ele ia espalhar por aí, né. Então, eu pude falar, então e aí terminou o prazo dele e tal...eu vou, até tô em contato com ele para saber se ele tá voltando a...a...a terapia, né, fazer as terapias. E...e..., mas ele não voltou. Ele deve tá fazendo pós. Não sei. Mas e...são nesses momentos que eu gosto de falar, de me abrir, entendeu? Porque eu confio. E eu gosto de falar, mas eu não gosto de falar com qualquer pessoa.

Abigail sente uma tristeza e alteração de humor desde a adolescência. Tem um relato de abuso no segundo casamento. Morava fora do país, longe da família. Engravidou sem planejamento e teve a filha. Voltou para o Brasil, querendo permanecer na Espanha. Procurou vários profissionais da saúde. Foi a um endocrinologista que prescreveu antidepressivo e ansiolítico. Depois foi num clínico geral, tudo sem psicoterapia. Vê hoje a psicoterapia como um processo de autoconhecimento que foi ganhando.

E aí...é...Eu fui procurar primeiro ajuda médica. Eu fui a um neuro. Não. Mentira. Eu fui procurar um endócrino, porque na minha gravidez eu tinha descobrido [*sic*] que eu tinha hipotireoidismo [*sic*]. Aí, cheguei no Brasil, eu tive que procurar um endócrino para dar continuidade ao tratamento de hipotireoidismo e falei com ela sobre a minha tristeza, sobre a minha tristeza de estar aqui no Brasil, de ter tido esse tipo de casamento, as minhas tristezas e as minhas frustrações. Aí, ela, mesmo sendo endócrino, passou uns antidepressivos e ansiolíticos para mim e tal. E aí eu comecei

aí, já desde 2010 a tomar esses remédios mesmo sem fazer psicoterapia. Aí, parei um tempo, não tinha, assim, um exato acompanhamento. Aí, eu fiquei sem plano. Tinha horas que podia, tinha horas que não podia. Aí eu descobri uma...uma psiquiatra que atendia com preço popular. Nisso, eu tomei alguns remédios e aí eu parei. Fui no clínico geral [no] SUS, ele me receitou um remédio que eu já tinha tomado quando eu fui no endócrino.

Assim como Abigail, Ana é mãe e está na mesma psicóloga de quando ela estava com a filha pequena. Falou “coisas para ela que não falei nunca pra ninguém”. Ajudou no relacionamento com as filhas, com a maternidade e o relacionamento com a própria mãe.

A minha demanda, né, tava esse relacionamento da minha filha entrando na adolescência e...e...aquelas situações próprias de adolescência, a rebeldia, né, a...a negação dos pais. Eu tô muito envolvida nessa temática. Até a gente tá falando pouco de mim [risos], porque a gente tá falando tanto...[risos] tanto dessa temática que realmente essa questão da fé não...não tem comparado não. Tem comparado a questão da maternidade mesmo. A “maternagem”.

Diferente das anteriores, Noemi precisou de terapia depois que entrou no estágio da psicologia, devido à pandemia e à ansiedade. Enumo e Linhares (2020) apontam que quadros de ansiedade, medo, depressão, pânico foram aumentados no período pandêmico. Está há 1 anos e 4 meses e mudou de psicólogo uma vez porque não condizia com o horário de trabalho, mas depois voltou à primeira terapeuta.

Além de eu ser um ser humano, que precisa de ajuda para resolver algumas questões, eu preciso estar bem, né. Estar bem entre aspas para poder tratar do outro. Foi por isso que entrei.

Lídia comenta que buscou a psicoterapia por um problema no antigo casamento. O primeiro psicólogo é falecido. A segunda psicóloga serviu para a filha e para a mãe. O fato dela estar inserida numa comunidade a ajudou a lidar com a ansiedade da filha, para além da psicologia.

Acabei me afastando da igreja e nesse tempo eu fiquei bem vulnerável.[...] A minha cunhada era psicóloga [...] Hoje ela é pastora. E...Ela me indicou uma pessoa e...eu fui...ter uma conversa com ele, era um psicólogo...é...da terapia comportamental. Achei que foi um método que me ajudou muito. E aí nesse processo depois dessa alta e tal eu fui dar uma trabalhada, organizar minhas ideias. [risos] Eu consegui organizar. Ele me ajudou muito a organizar as minhas ideias e...é...E acabou que eu saí dele, tive alta e tal e o desenrolar depois de um tempo foi o divórcio...que eu me divorciei, mas já não tava mais na terapia [...] Aí eu ainda continuava fora da igreja. Meu ex-marido começou a...tratar...tratar a minha filha, né, fazer uma violência psicológica também. [...] É...Aí foi indicada uma, uma psicóloga que ficou no lugar dele que eu amo. E aí a minha filha ficou com ela e conseguiu passar bem. Ela ajudou bastante a minha filha. Conseguiu...a minha filha conseguiu passar...nesse processo...Ali...Aliás, né...Assim...Aprendeu a lidar, né. [...] Ela procurou de novo...Ela teve uma crise de ansiedade...e...também...é...a psicóloga ajudou

bastante e ela ficou um tempo lá, recebeu alta e tá tudo bem, mas agora depois...com a crise da ansiedade a gente já tava...já tava inserida de novo na comunidade, assim, na comunidade de fé. Aí já foi um outro processo, mas mesmo assim, né, a grande ajuda foi, a ajuda foi muito boa, a psicóloga também...

A subjetividade religiosa aparece como soma, é mistura, errática e antropofágica. A religião aparece muito cedo na vida dos brasileiros, através de atividades lúdicas, familiares, parentes próximos e, principalmente, das mulheres da família. Isso faz com que a religião tenha um legado emocional, de alegria, mas também de culpa.

Em entrevistas com mulheres vítimas de violência doméstica no estado de São Paulo, Valéria Vilhena relembra a frase de uma das mulheres a qual havia sofrido: “ele (meu marido) usava a Bíblia para acabar comigo (me violentar)!” (TOSTES; RIBEIRO, 2019). Sofrimento, mal-estar, dores religiosas, dor no corpo, família que oprime e nos sustenta, falta de espaço na igreja, dor misturada. (GEBARA, 2017). Tudo isso aparece nas falas das mulheres, como vemos com Ivone Gebara: “Há conquistas, momentos de esperanças, encontros que marcam a vida, mas as feridas na carne são maiores e são poucas as mulheres que ainda ousam falar dela em relação às igrejas” (GEBARA, 2017, p. 23).

Sara buscou a psicoterapia por causa do casamento. Zípora foi para esse processo por baixa autoestima, sentimento de rejeição e depressão. Foi inspirada numa amiga e depois procurou um projeto social da igreja que a levou à terapia. Ela disse que era um tabu nas igrejas. Passou por duas psicólogas e não sabia a linha delas. O terceiro e a quarta, atual, são psicanalistas. Não sabe se a atual é cristã. Diz que com a atual ela aprende muito e sente que tem uma leve transferência materna.

Eu não sabia, eu não buscava autoconhecimento e também um período que esse tipo de assunto até era tabu nas igrejas e a gente está falando de 12 anos atrás. Fui inspirada por uma amiga que trabalhava comigo. Ela sabia sempre na hora do almoço para fazer terapia e eu tinha o maior preconceito. Achava que terapia... desculpe o termo, mas era para gente de baixo escalão, gente maluca e não, foi minha tábua de salvação. E aí em conversa com ela, ela contou da experiência dela, como ela foi parar na terapia e eu fui entender o que era isso. E foi numa igreja, num projeto social na igreja e foi quando eu conheci e me encantei.

Dorcas foi por questões com a mãe desde pequena, dificuldade de interação na escola e a avó com processo de adoecimento mental. Foi levada ao psiquiatra muito nova, pois tinha sintomas diversos como demora de fala, babar muito, anorexia, se machucar muito, disritmia. Já houve a suspeita de autismo. Teve uma experiência de violência sexual na adolescência e na vida adulta. Para Souza (2020) a vida da mulher perpassa uma negligência sistêmica, que mostra uma violência ao longo da existência. Fez terapia aos 7 anos por causa da escola e na

adolescência fez psicodrama, que ela relatou não se sentir bem. Chegou a fazer uma formação em psicodrama para entender do porquê não se sentiu bem. Tomou remédio, mas não se adaptou. Ia para roda de conversa e relata que duas psicólogas viraram amigas. Ela diz que:

Existiu um estigma muito grande na igreja, que era o ambiente que eu convivia, sobre pessoas que tinham problemas mentais, misturavam com demônio ou com ideia de fraqueza espiritual. [...] Conheci a terapia muito cedo. Aos sete anos, enviada pela escola. Era dor e a paz de ter espaço para escuta. Era muito preconceito com quem fazia terapia na década de 1960.

A igreja era o ambiente em que a Dorcas estava inserida e ali era o espaço em que ela, pela primeira vez, teve que lidar com as narrativas sobre sua saúde mental e aquilo que os outros consideravam sobre sua experiência. Curiosamente, a paz de ser escutada só veio pelo espaço terapêutico, o que nos faz pensar sobre o quanto a religião estava de fato apoiando e dando suporte a essa mulher em sua vida. Isso traz o questionamento do quanto o cuidado da vida é real nos espaços eclesiais. Isso faz relação com o que Butler sugere ao dizer sobre o contexto que faz a vida ter sua plenitude.

Quando tentamos entender, em termos concretos, o que significa nos comprometermos com a preservação da vida do outro, somos invariavelmente confrontados com as condições corporais da vida e, portanto, com um compromisso não apenas com a persistência corpórea do outro, mas com todas as condições ambientais que tornam a vida possível de ser vivida. (BUTLER, 2018, p. 80).

Assim a psicoterapia entra na vida destas mulheres como possibilidade de lidar com seus silêncios e dificuldades. Não só Dorcas passou por esse processo. Mical foi a primeira vez quando criança por recomendação da escola, por timidez. Depois na época do pré-vestibular, mas parou por questões financeiras. Depois em 2019 começou a terapia, na graduação quando estava deprimida. Talita fez terapia quando pequena para ansiedade, depois, mais velha, quando estudava para concurso e por fim, uma terceira vez quando a avó faleceu. Depois ela teve um *burnout* por causa do trabalho e voltou para terapia em 2020. Faz uso de medicação e vai a neurologista.

A professora chegou a comentar comigo. Eu não achei que foi certo dela. Eu tinha nove anos de idade, né. E ela chegar e falar assim: “Nossa! Que estranho! Tão mandando eu fazer um questionário pra saber se você tem problema e tipo você é tão quietinha, tão tranquila. Como assim você tá indo pra psicólogo? Psicólogo é pra essas crianças que são malucas, doidas. Não pra você.” Que ela não tinha identificado, nunca tinha visto essa questão. Quem via mais era a minha família. Então...Eu só tenho muito dessa lembrança. De como se as pessoas tivessem falando assim: “Mas como assim ela inteligente, tá sempre bem e tá precisando de psicoterapia?” Então eu não sei se isso também atrapalhou eventualmente o tratamento. Aí eu já não sei. Eu não sei muito.

Essa ideia de que o psicólogo é para pessoas “malucas” e “doidas”, usando o termo da Mical, a fez questionar sobre si e seu estado mental. A partir da separação de papéis entre

homens e mulheres é que ocorre uma ideia de que “no organismo da mulher, em sua fisiologia específica, estariam inscritas as predisposições ao adoecimento mental” (ZANELLO, 2018, p. 21). Isto é, a experiência de sofrimento da mulher seria continuamente patologizada (MALUF, 2010 *apud* ZANELLO, 2018). A psiquiatria e a psicologia ofereceram grande contribuição para o processo de patologização das experiências das mulheres mães por meio do fenômeno da psiquiatrização e do psicologismo. (ZANELLO, 2016b *apud* ZANELLO, 2018). Para esses profissionais, tanto a histeria como a melancolia feminina eram associadas a um ser débil, frágil, de natureza imbecil e enfermiça (DEL PRIORI, 2009).

A mulher só pode ter uma agressividade: autoagressividade, o choro prolongado e a autocompaixão (BELOTTI, 1983, *apud* ZANELLO, 2018). São poucas as formas de expressão sincera de sofrimento. O choro é mais essa tentativa frustrada de expressar do que antes era energia agressiva voltada para fora. Para Belotti (1983 *apud* ZANELLO, 2018), o choro é o acesso de raiva impotente. A valorização à retenção e não expressão, principalmente de raiva e ódio, leva à implosão psíquica nas mulheres (SHOWALTER, 1987; GARCIA, 1995; SIMON, 2014 *apud* ZANELLO, 2018). A exemplo disso, temos o choro, conforme aponta o texto:

Um exemplo clássico é o choro, cuja expressão é inibida socialmente em homens, mas não apenas permitida, como até incentivada em mulheres, em culturas sexistas. Destaca-se que o “choro” é o exemplo dado nos principais manuais de classificação diagnóstica para sintoma “tristeza”, para diagnosticar o transtorno mental da “depressão”. (ZANELLO, 2018, p. 23).

De modo geral, há questionamento ao sintoma e uma patologização do sofrimento feminino, como ocorreu nos protestos feministas, chamados socialmente de loucura (SHOWALTER, 1987 *apud* ZANELLO, 2018). A cobrança, o sentimento de culpa e a tristeza são mascarados pelo diagnóstico de desigualdade, injustiça e desempoderamento. Para isso, é importante pensarmos em recriar as classificações e a quem elas servem. Podemos pensar que

Em outras palavras, os “transtornos mentais” são criações culturais que possuem efeitos performativos: prescrevem formas de sofrimento que são passíveis de serem reconhecidas, validadas e amenizadas com terapêuticas também culturais, ou etnoterapias (ZANELLO, 2018, p. 29).

Segundo esses autores, a incidência de quadros de depressão e ansiedade são maiores em mulheres, indivíduos que ocupam status social baixo e são economicamente marginais. Então, os aspectos de raça e classe se encontram com a categoria gênero. E, interseccionando a religião, as mulheres podem ter apoio emocional, financeiro e motivacional nas igrejas em momentos que não têm condição de pagar uma psicoterapia (MARIZ, 1991). Apesar de não

substituir a prática do psicólogo e com o aumento da profissão em serviços públicos, a religião ainda é uma referência das demandas de cuidado, como vemos nas falas das interlocutoras – seja objetivamente num culto voltado a cura ou mesmo em pequenas práticas como a oração, a reflexão bíblica. Miriã teve sua primeira experiência na adolescência e voltou depois de adulta, não tendo como pagar a psicoterapia neste momento.

Então, acho que a minha primeira experiência foi acho que aos dezess...dezoito anos quando eu tinha terminado um namoro e eu tava assim devastada. Cheguei na terapia. Eu não sei nem como, eu não tenho memória de como eu decidi fazer essa primeira sessão, mas eu fui, chorei a terapia inteira, fui embora e falei: “nunca mais eu vou voltar”. [...] Não voltei, num período de 5 anos eu não voltei. Aí depois quando eu comecei a namorar o meu atual marido, o meu atual marido, ele começou a questionar um pouco, né. “Ah! Você não tem amizades, você não conversa com ninguém, seria bom você se abrir” e aí foi onde eu procurei.

Jael fez terapia na época da escola, com a psicóloga da escola e depois fez com uma terapeuta indicada pela igreja, que atendia de graça. Teve uma tentativa de suicídio que a levou a internação. Ficou muito tempo sem ver a filha e estava com um processo na justiça com o ex-companheiro. Precisou de um laudo para o processo e depois continuou com a psicóloga. Sendo Jael uma mulher negra, podemos ver como é comum a esta a luta de poder exercer sua maternidade. Davis (2016) relata, em seu livro *Mulheres, raça e classe*, que as mulheres negras não tinham a opção de serem “donas de casas” e “frágeis”, pois passavam por tamanha desumanização a qual as enquadrava como seres trabalhadores, reprodutores e não como mulheres. Seus filhos poderiam ser vendidos como animais e sofriam toda forma de abuso sexual e maus-tratos pelos homens brancos, mas também pelas mulheres brancas. Não só esses corpos negros devem ser vistos como devem ser lembrados como construtores de conhecimento, atores de suas histórias (COLLINS, 2019). As mulheres negras são as que mais ficam só e adoecem (PACHECO, 2013), além de serem majoritárias na religião evangélica brasileira.

Quando eu tava aqui na Inglaterra, eu fiquei muito deprimida, muito. Durante a pandemia, eu não podia ir pro Brasil ver minha filha. E tinha o processo na justiça do [nome do ex-companheiro]. No processo, ele usava contra mim quando eu fui parar no [nome do hospital psiquiátrico], na tentativa de suicídio quando eu te conheci, quando eu te conheci, falei com você. E ele usou contra mim. E meu advogado falou “a gente precisa de um laudo pra dizer que você não é um perigo pra sua filha”. [...] Aí me indicou a [Nome da psicóloga] pra eu fazer o laudo com ela. Aí ela falou: “ah! Deixa eu fazer duas sessões e eu faço o seu laudo”. Depois que ela fez o meu laudo o [Nome do atual marido] falou: “por que você não continua com ela?” Eu tava muito mal. Eu tava sem remédio. Eu tava bem mal, bem mal mesmo. E aí eu comecei a fazer com ela e já tem dois anos e eu nunca mais parei. Tô com ela esse tempo todo. Às vezes, eu faço só de quinze em quinze. Tem vez que ela fala “vamos fazer de quinze em quinze”, tem vez que fala “vamos fazer toda semana” e aí eu cheguei e nunca mais parei. Confio muito nela. Nunca mais troquei. Faço com ela uma vez por semana via vídeo e gosto muito.

Dessa forma, a história também perpassa por corpos não ocidentais (PUI-LAN; DONALDSON, 2015), em intercessões que não são simples e que nos fazem pensar no que de fato há em comum quando pensamos na história das mulheres. Vemos um pouco da intersecção de tudo isso no relato de uma grande pregadora, missionária e militante do direito das mulheres e do povo negro, Sojourner Truth, no seu conhecido discurso “Eu não sou uma mulher?”:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 13 filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. (JESUS, 2019, p. 44-47).

Ao recontarmos as histórias dessas mulheres e, no caso, mulheres evangélicas, temos que entender que a história que nos foi contada ainda é muito limitada. Kwok Pui-Lan afirma que temos construído uma leitura sobre as mulheres e mesmo sobre o feminismo que não faz sentido para 2/3 da população mundial, no caso de mulheres religiosas. A história das relações de gênero deve ter uma nova estética religiosa que se pareça com as pessoas que estão vivendo isso na pele (PUI-LAN; DONALDSON, 2015). Assim como mulheres negras têm demandas sociais diferentes de mulheres brancas, as mulheres religiosas são atravessadas por outras questões que se diferenciam do que um feminismo majoritário almeja, que não abarcam essas necessidades. Sojourner Truth precisava pautar gênero, raça e uma teologia que incluísse as mulheres porque essa era a demanda de seu corpo no mundo, para conseguir trazer a reflexão as pessoas religiosas que ali estavam. A partir disso, redirecionando a pesquisa, mulheres

evangélicas vão para as psicoterapias e trazem demandas de seus corpos como mulheres, mas também de outras marcações sociais, como o fato de serem religiosas.

Maria foi para a psicoterapia ainda adolescente, no terceiro ano, por briga no colégio e a linha era Terapia Cognitiva e Comportamental (TCC) Voltou em 2018/2019 na graduação para fazer análise. Os assuntos principais eram o término de relacionamento e uma questão com a igreja do pai. Berenice foi durante a graduação, no período da monografia. Sempre foi ansiosa. Fazia muitas coisas e isso começou a mudar seu comportamento. Foi a uma psiquiatra e fez uso de fitoterápico. Foi a duas psicólogas quando criança. Uma contou para a mãe e a mãe, que tem depressão, sofreu muito.

Eu fiz muita coisa. Eu fazia faculdade, eu trabalhava, eu era voluntária na ABU e na época eu era presidente da região sul da ABU, né, então o movimento tava meio que morrendo aqui e eu me sentia responsável por isso. Tinha um monte de pressão que não necessariamente os outros colocaram em mim, mas eu coloquei em mim. Aí, então, enfim...Numa dessas minhas brigas com essa minha amiga ela falou: “Berenice, você tá muito diferente. Você parece que não gosta mais de mim. Você briga comigo o tempo todo. Você tá super irritadiça. Você tá super dispersa”. O que que tá acontecendo, né? “Eu acho que você não tá bem. O que que eu te fiz?” Ela não disse nada assim pra mim, assim. Ela não disse “você é ansiosa. Você é não sei o quê.”, mas me fez um monte de perguntas. Aí essa conversa com ela me levou a ver, porque eu não via o que que estava acontecendo, nem esses processos de dormir. Eu ia dobrar as roupas, eu deitava em cima das roupas e apagava do nada e acordava no outro dia com as roupas todas embaixo de mim assim.

[...] 2015 tava aquele fervilhão de grupos de Facebook e...e...muitos grupos feministas e eu tava em muitos grupos. Em 2017 eu ainda tava nesses grupos e era muito normalizado falar muito de terapia. Esse papo ficou. E eu falei, cara, eu vou procurar ajuda. Vou procurar uma terapia. Vou tentar. Eu preciso te contar que no passado, quando eu era criança, eu fui a psicólogas. Eu fui a psicólogas duas vezes e eu tive experiências muito ruins. Uma...Depois você vai entender essas experiências ruins, mas uma delas foi uma psicóloga muito ruim. Eu tinha uns 10 anos. Ela contou coisas que eu falei, pra minha mãe, durante a terapia. E isso foi muito ruim. A minha mãe é uma pessoa que tem depressão e quando eu tava nessa fase, ela tava com uma depressão bem, assim, agravada e isso deixava ela muito agressiva e...e isso pra mim foi muito ruim, porque na minha casa isso virou um inferno por causa dessa...dessa terapia. Daí, enfim, quando eu nessa época, eu passei a minha adolescência inteira tendo pavor de psicóloga. Eu tinha preconceito com psicóloga. Eu odiava, eu não queria saber, eu tinha rejeição verdadeira, assim. E hoje eu sei que...enfim...A psicóloga que atendia a minha mãe era a [nome da psicóloga], que é daquele grupo Psicólogos Cristãos, né blá, blá, blá. E enfim...Tinha motivos pelos quais as experiências que a gente teve com psicoterapia antes eram muito ruins, mas enfim. Da minha família, por exemplo, sempre foi muito a favor, sempre achou que era importante. Eu não vim de um lar evangélico aonde era mal visto, era ruim. Não, pelo contrário, na minha família, até os meus pais sempre foram bem progressistas com isso, assim, sempre foram muito abertos e tal. Então, eu tive a oportunidade de ir, mas acabou rolando essas experiências ruins.

Tamara foi para terapia quando precisou lidar com o namorado tendo tentativas de suicídio, além do processo seletivo do mestrado, da mudança de estado. Chegou a fazer três vezes na semana e hoje é quinzenal:

Então, aí...Até o meu namorado, no início do nosso namoro, ele começou a apresentar sintomas de depressão e aí ele passou por uns momentos muito difíceis de tentativa de suicídio. Aí nessa época, que eu acho que eu percebi que eu precisava de ajuda, mas eu ainda não tinha buscado essa ajuda. E eu sempre tentei lidar com tudo sozinha, sabe? Tentar lidar com problemas internos sozinha e sempre consegui, assim, por muito tempo, mas chegou um momento que eu percebi que eu precisava de um outro tipo de ajuda, não só a oração. Eu acho que foi também na época que o meu namorado tava com esses problemas, eu ainda segurei bastante tempo sem buscar essa ajuda. Sempre foquei nos meus esforços em ajudar ele, mas lá em 2019 que eu percebi que tava fora do controle já assim, também foi o último ano da minha graduação. Aí foi um ano bem difícil. [...]

Pelo menos quando eu tava crescendo, assim, início dos anos 2000, parecia que era uma coisa muito...uma coisa de elite e aí eu nunca busquei esse tipo de ajuda, nem pensava em buscar, porque eu achava que não tinha como, assim, os meus pais pagarem por isso. Até que foi quando o meu namorado tava passando por esse momento de crise de depressão e a gente buscou uma terapeuta pra ele e aí eu vi que era realmente possível, sabe, que era também para pessoas não muito ricas. Foi quando eu descobri que, assim, qualquer pessoa, se ela tiver algum tipo de planejamento, um mínimo também de estabilidade financeira, ela conseguiria fazer.

Ester começou a terapia de forma gratuita no Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) e depois foi fazer paga, por causa da faculdade. Entendeu que era uma a questão do autocuidado, pois sempre se cobrava muito.

Aí depois quando eu parei a terapia na faculdade e escolhi pagar isso foi tipo, realmente um processo de entender, né, que somos seres integrais. Isso começou em alguma aula, alguma coisa assim, mas...e também eu lendo a Bíblia, eu entendi que isso era muito importante, muito importante mesmo. Tanto que, tipo assim, eu não sou uma pessoa, não era, não era uma pessoa de fazer muito exercício e ativa fisicamente, né, mas a partir desse processo de entender tudo isso, eu comecei a...Comecei primeiro terapia e depois agora que eu parei a terapia infelizmente, pelo menos tô fazendo um exercício.

Vasti começou a fazer terapia porque precisava de desabafar e com a mudança política. Ela precisou se recolocar no mundo depois que saiu da igreja e entrou na faculdade. Ela fez terapia on-line e presencial.

Aí, eu comecei a fazer terapia no final de outubro. Foi justamente no dia seguinte das eleições do segundo turno. Bolsonaro já tinha ganhado e eu tava assim só o pó da rabiola e aí eu fui fazer a minha primeira sessão de terapia com a psicóloga e é com ela que eu continuo até hoje. Aí eu...Foi melhor assim pra mim e eu acho que muito do que mobilizou, óbvio, eu já tinha 2018 todo eu não tava conseguindo ver direito os meus pais. Tava tudo uma situação de muita solidão mesmo, né, fora da igreja e eu ficava basicamente em casa, porque quando você é uma criança, uma adolescente crente, quando você sai da igreja parece que você não tem mais nada, você não sabe fazer nada tem que se reaprender, se recolocar no mundo e aí eu não gostava, né, de festas da faculdade, não me sinto bem.

Essa relação dúbia com a religião, de solidão, mas de identidade, causa muitas vezes sofrimento para as mulheres. Sair da comunidade trouxe muita solidão para Abigail e ela relata como esse espaço era crucial para a socialização de crianças e adolescentes nesse meio. No seu

caso, como alguém que cresceu no meio evangélico, suas relações com outros espaços de sociabilidade era muito pequena e não criou afeição por outras formas de se divertir, como por exemplo as festas. Nas expressões da interlocutora “você não tem mais nada”. Estss termos mostram o peso da comunidade e qual o tamanho da solidão que esta pode causar. Em pesquisa com líderes religiosos, William Pereira (2013) percebe diretamente ao dizer que “a igreja pode produzir, ambivalentemente, relações autônomas ou dependentes, subjetividades produtivas ou reprodutivas, em diferentes tempos históricos” (PEREIRA, 2013, p. 70). Ao mesmo tempo, há a necessidade de se afirmar que, apesar de a igreja produzir nas pessoas dedicação intensiva, descaso com si, recalque de conflitos, negação, recolhimento, mudanças de comportamento, despersonalização, depressão, esgotamento, vazio, entusiasmo romântico, estancamento, frustração, apatia, desorientação, instabilidade emocional, culpabilidade, solidão, tristeza e necessidade de se reequilibrar, o trabalho religioso é um dos que mais traz satisfação profissional. Religiosos ocupam os grupos dos que mais sofrem com o público que trabalha e mais amam o trabalho.

E, observando as relações de gênero, vemos que a solidão é conveniente para manter reproduzindo políticas de morte e de silenciamento (SOUZA, 2020). Essa solidão também aparece para Acsa. Ela sempre fez tudo para todos e foram as pessoas – amigos e irmãos – que sinalizaram a necessidade de terapia depois das perdas gestacionais. Se não fosse pelo apontamento destas pessoas ao redor, sua solidão e seu silêncio permaneceriam sendo utilizados como forma de explorar Acsa. Nesse processo procurou pelo grupo de mães para dar apoio. O caso de Acsa é interessante porque ela não percebia seus próprios sintomas, mas foi o olhar dos outros, junto com os traumas que a fizeram perceber que era hora de se cuidar. O fato dela só beber água e respirar, ficar só deitada, tentar desligar de tudo, não querer pensar sobre o evento traumático e emergir na ficção como forma de fugir da vida não eram fatores importantes para ela. O outro precisou ver. Isso fica claro no seu relato.

Eu não me toquei, assim, ainda não foi uma coisa que eu finalizei, até por que a gente demora a sinalizar. Uma das questões que eu percebi foi por conta das perdas gestacionais e aí foi mais assim vocês, irmãos, amigos que sinalizaram, nesse caso que eu precisava de ajuda [...] eu não tive nenhum problema, nem um episódio de depressão que eu achava que eu tinha, embora uma vez eu fiquei muito mal, só bebendo água e respirando, mas eu achei que não, que aquilo não era, mas depois assim olhando para trás, eu queria só ficar deitada dormindo e agora também esses episódios de você se desligar do mundo, não querer ver celular, nada, não falar com ninguém para você não ter que contar o caso que aconteceu, não ter que remexer naquela dor e ficar ali só no mundo onde você não pensa, você fica no mundo novo, eu entrava naquelas histórias, eu fazia parte. Aquelas histórias do livro, assistindo série, vendo filme, eu entrava naquela história ali e eu esquecia do meu problema porque eu estava naquela história. Então quando estava para acabar uma temporada, um episódio eu já estava já: “não, não, tem que botar outro, outro”, aí agora eu olhando

eu penso assim, isso não foi saudável porque eu abdiquei de fazer tudo e foi sinalizado para mim que aquilo foi um processo depressivo.

Assim podemos perceber alguns pontos: muitas conheceram o processo psicoterápico enquanto crianças/adolescentes, muitos desses processos foram atravessados por opiniões de pessoas religiosas ou da própria igreja e a terapia é um espaço que elas conseguem se expressar quando já não tem mais outras opções.

A ideia de que o organismo da mulher é, em si, louco foi um dos motivos pelos quais a psicologia sempre se atentou às mulheres (PASSOS, 2017). O gênero traz em si as características de seus dispositivos, como um ser frágil, choroso e disposto à maternidade. Quando se fala de saúde da mulher somente se fala como função biológica e reprodutiva, através da ginecologia e obstetrícia, sem entrar em outras complexidades, como a psicológica. Há variabilidade no gênero, na semelhança e na diferença (BARBERÁ, 1998). As pesquisas quantitativas na área da psicologia que ousam estudar as mulheres perpassam pela análise da agressividade, de pedir ajuda, da capacidade de ser influenciada e da comunicação não verbal, ainda enfatizando uma essência feminina.

Contudo, é necessário se pensar para além da biologia, mas também nas relações sociais onde as mulheres estão implicadas, já que o patriarcado aparece no sistema de saúde. Uma das relações sociais que aparecem na vida das mulheres diz respeito à religião (MALUF, 2011). Há uma tradição de ecletismo da vivência religiosa e uma interpenetração entre os diferentes universos e planos da prática religiosa, confluência entre o religioso e o terapêutico e abertura a um pluralismo terapêutico caracterizado pela informalidade das práticas terapêuticas. No senso comum da população brasileira, já há manipulação da esfera do adoecimento e da cura para além dos controles biomédicos, que podem cair para um caminho contra o caráter laico das ciências da saúde.

Não entrando na mistura entre ciência e religião, podemos pensar a religião como um espaço simbólico e emocional que já foi visto por muito tempo como uma neurose social, patológica, psicogenética e psicodinâmica, que perpassa fundamentalismos, fanatismos e possessões diabólicas (MALUF, 2011). Podemos também tomar a religião como um sistema de análise e de interpretação de mundo para o acolhimento, com cuidado e crítica (DEMARINIS, 1993). A autora Demarinis entende que a religião pode criar um espaço seguro, entrar nos espaços simbólicos, identificar estratégias e rituais simbólicos da realidade.

Percebemos, então, o poder subjetivo da religião para as mulheres (GEBARA, 2017). Poder do sentido. Poder do limite. Poder de segurança. Poder organizador da vida. Poder de consolo e do perdão. Poder de celebração simbólico da vida. Poder de influir nos rumos e nas

decisões da história. É o espaço de expressão de força maior, com motivação a favor e contra as pessoas. Não sofrer só, ter consolo, principalmente com outras as mulheres. Poder de produzir novos símbolos para mulheres. Podemos perceber isso mais especificamente na fala de Ivone Gebara:

Deus se expressa como raiva quando a raiva do mundo toma as entranhas diante da violência e da injustiça vivida. Raiva do Império, da guerra, das armas, do tráfico de drogas, das ameaças que nos assolam dia e noite. Deus-raiva e Deus-consolo quando a lágrima estancou e a ferida foi curada. Deus misturado a mistura da vida, aos seus altos e baixos, as suas exaltações e depressões. (GEBARA, 2017, p. 158).

Enquanto as crenças religiosas aparecem como uma forma de dar sentido subjetivo a vidas e, inclusive, aos sofrimentos, também podem reforçar sentimentos de culpa, pecado e diminuição de si. Por isso, falar de religião não é somente pensar espaços religiosos ou só teologias que ali se pregam, mas como tudo isso se implica em corpos diversos, fazendo com que essas mostrem possibilidades de liberdade, mas de muita exploração dessas dores (PAULA, 2021).

Nesse ponto, o autor William Pereira traz o questionamento de “que recursos psíquicos teríamos para viver essa potência religiosa?”. Importante captar a potência dessa rede pensando esse espaço como também de sofrimento. A subjetividade é feita pela rede de micropoderes que sustenta o fazer cotidiano (PEREIRA, 2013, p. 127) e pode ser bem suportada dependendo das redes que tem. A ambivalência da construção de dor e luta, de repensar o lugar da mulher, é o que esse poder tem de interessante para uma pesquisa na área da psicologia.

3.3 Relações entre psicologia e religião.

É um sofrer que tem um prazer, é engraçado isso.
(Noemi, informação verbal, 2022)

Ao longo da trajetória das perguntas feitas nas entrevistas, a religião sempre atravessou. Porém, ao final das entrevistas, após a apresentação de como elas chegaram à psicoterapia, foi deixado em aberto a possibilidade delas comentarem sobre essa relação. A pergunta que guiou foi: “a temática da pesquisa é sobre psicologia, religião e gênero. Você tem alguma posição ou gostaria de contribuir com alguma fala para a área?” Assim, deixamos livres para as interlocutoras comentarem sobre o tripé de nossa pesquisa e, desse modo, várias temáticas adentraram esse debate. Família, sexualidade, relações com a comunidade, identificação com

os psicólogos foram alguns dos temas que emergiram desse disparador. E, assim, fica o grande questionamento deste capítulo: como pensar as relações entre psicologia e religião?

A fim de estruturarmos a temática, começamos a partir do que a categoria tem, de forma institucionalizada, como referência ética para se falar do assunto. Desse modo, o ponto de partida é o Conselho Federal de Psicologia (CFP), cujos posicionamentos estruturam a psicologia como uma ciência e profissão a favor dos Direitos Humanos. Depois a pesquisa cita como a área acadêmica tem pensado a relação entre psicologia e religião. Assim fizemos a ponte entre o que essas mulheres nos contavam sobre opiniões e vivências até que chegávamos a um debate em específico – se a psicologia é um território de acolhimento ou conflito. Por fim, separamos um espaço para analisar as temáticas comuns nos espaços psicoterápicos e que são conflitivos nos relatos dessas mulheres.

3.3.1 Posicionamento do Conselho Federal de Psicologia

O CFP foi criado a partir da Lei 5766/1971 e regulamentado em 1977 com o propósito de regulamentar, orientar e fiscalizar o trabalho profissional de psicólogos. Além disso, o CFP ajuda a trazer discussões para os profissionais, a fim de qualificar a categoria. A fim de complementar o debate da tese, é fundamental salientar duas resoluções importantes: a que define a psicoterapia como prática do psicólogo (Resolução CFP 10/2000) e a que aponta a laicidade do campo da psicologia (Resolução CFP: 07/2023). A última foi aprovada em unanimidade em dezembro de 2022 pela Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) – a maior instância deliberativa do Sistema Conselhos de Psicologia, formado pelo CFP e pelos 24 Conselhos Regionais de todo o país, estando em vigor desde 06 de abril de 2023. Essas resoluções têm poder de lei para um psicólogo, podendo o profissional ser denunciado e cassado caso seja descumprida.

Quando pensamos a temática da psicoterapia, é importante ver o que o Conselho Federal de Psicologia estipulou sobre o assunto. Afinal, no senso comum temos um uso indiscriminado de terapias – isto é, tratamentos – que usam o termo “psicoterapia” – que é uma prática do psicólogo. Aqui nesta tese focamos em psicoterapias, mas atentamos para as ambivalências que o próprio campo traz do tema. No artigo 1 da resolução temos a seguinte definição.

Art. 1º – A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos. (Resolução CFP 10/00)

Podemos observar nessa definição algumas pautas importantes. Primeiramente, a psicoterapia é de um campo profissional específico – de psicólogos. E, além disso, se constrói pelo reconhecimento científico, prático e ético dessas técnicas. Isto é, não é qualquer atividade, mesmo do psicólogo, que pode ser chamada de psicoterapia. Um psicólogo que também seja pastor e estiver usando técnicas da religião no processo terapêutico não pode chamar essa prática de psicoterapia. Apesar da definição ser bastante clara, a dubiedade que se apresenta no campo é um espaço fértil para atividades antiéticas que são nomeadas como psicoterapia.

Nessa mesma resolução temos no Artigo 2, parágrafo III um ponto que vale salientar nessa temática sobre como o psicólogo deve se portar com seu paciente:

Esclarecer à pessoa atendida o método e as técnicas utilizadas, mantendo-a informada sobre as condições do atendimento, assim como seus limites e suas possibilidades; (Resolução CFP 10/00)

Então existe um dever do psicólogo de manter o paciente informado acerca das técnicas utilizadas e entender os limites e possibilidades dessa metodologia. Ou seja, não há espaço para colocação de atividades e pensamentos religiosos dentro do espaço psicoterapêutico. Mesmo assim, ainda há diversas faltas éticas nesse campo. Além disso, em 2023, foi lançada a Resolução 07/2023 que ajuda a definir os pontos fundamentais da laicidade no campo da psicologia. Esta nova resolução reafirma pontos do Código de Ética do Psicólogo e o que foi estipulado na resolução citada anteriormente, como podemos ver:

Art. 1º A psicóloga e o psicólogo devem atuar segundo os princípios éticos da profissão, pautando seus serviços no respeito à singularidade e diversidade de pensamentos, crenças e convicções dos indivíduos e grupos, de forma a considerar o caráter laico do estado e da ciência psicológica.

Art. 2º A psicóloga e o psicólogo, no exercício profissional, devem utilizar princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, e considerar:

I - a laicidade como pressuposto do Estado Democrático de Direito, fundado no pluralismo e na garantia dos direitos fundamentais;

II - os aspectos históricos e culturais das experiências espirituais e religiosas;

III - a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e das coletividades;

IV - os aspectos históricos e culturais dos saberes dos povos originários, comunidades tradicionais e demais racionalidades não-hegemônicas presentes nos contextos de inserção profissional;

V - as vivências a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos.

Art. 3º É vedado à psicóloga e ao psicólogo, nos termos desta Resolução e do Código de Ética Profissional:

I - praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão à crença religiosa;

II - induzir a crenças religiosas ou a qualquer tipo de preconceito, no exercício profissional;

III - utilizar-se, ou favorecer o uso, de práticas psicológicas como instrumentos de castigo, tortura ou qualquer forma de violência que atentem contra a liberdade de consciência e de crença religiosa, ou que se baseiem em alegações de preceitos de fé religiosa;

IV - utilizar instrumentos e técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações em relação à liberdade de consciência e de crença religiosa;

V - utilizar o título de psicóloga ou psicólogo associado a vertentes religiosas;

VI - associar conceitos, métodos e técnicas da ciência psicológica a crenças religiosas;

VII - exercer qualquer ação que promova ou legitime práticas de intolerância e racismo religioso contra indivíduos e comunidades de matriz africana, indígenas e tradicionais;

VIII - exercer qualquer ação que promova fundamentalismos religiosos e resulte em racismo, LGBTI+fobia, sexismo, xenofobia, capacitismo ou quaisquer outras formas de violação de direitos;

IX - utilizar, como forma de publicidade e propaganda, suas crenças religiosas. **(grifo nosso)**

A resolução 07/2023 aborda diversas características da prática religiosa no meio da psicologia que valem a pena serem normatizadas. O Artigo 1º reafirma a necessidade ética do psicólogo e essa postura está relacionada ao fundamento dos direitos humanos e da laicidade. Só na possibilidade da laicidade é que todas as religiões podem ser expressas. Os Estados laicos são constituídos a partir da independência em relação à religião, nos quais todos e todas possuem igualdade e liberdade em suas escolhas sem privilegiar uma em específico. Isso não diz que não haverá tensões, como Miranda aponta:

Um Estado proclamar-se laico não significa o fim de conflitos entre Estado e religião, ao contrário, pode representar a explicitação de novas disputas, já que os cidadãos que professam alguma religião tendem a defender seus valores e interesses (MIRANDA, 2010, p.125).

Para amenizar essas tensões, os padrões da ciência psicológica, entendendo fatores históricos e sociais do fator religioso, são apresentados no Artigo 2º como uma possibilidade de exercer essa laicidade. Os dois primeiros artigos deixam claro os princípios que devem ser considerados: da singularidade e diversidade, fundamentados na ciência psicológica e os Direitos Humanos. A laicidade, no artigo 2º, é um pressuposto para a democracia e se baseia no pluralismo. Desse modo, um psicólogo que usa o princípio de uma religião como base está descumprindo o que é colocado na Resolução 07/2023. E, no Artigo 3º, temos algumas vedações que, ao longo das falas das interlocutoras, se observa muito – reforço de preconceitos, mistura

de técnicas psicoterápicas e se divulgar como “psicólogo cristão”. Esse termo traz em si mesmo um desrespeito a resolução 07/2023, pois aponta uma associação da prática psicológica com a religiosidade. Desse modo, reforçamos que esse profissional não é ético segundo as referências profissionais do CFP e pode produzir violências em suas práticas, como vemos nos relatos das entrevistadas. Faz-se uma mistura entre o conhecimento da psicologia e da religião e isso em si fere a laicidade profissional. Como isso é percebido pelas entrevistadas, é como uma mistura que não agrega na psicoterapia. A única exceção é a possibilidade de identificação com o psicólogo pela religião, mas não há um desejo de que este traga a religiosidade para a psicoterapia. Assim, por meio dessa Resolução e por outros debates, vemos uma busca da área da Psicologia, como formadora de conhecimento e profissão, uma quebra de aliança com discursos de poder.

Durante muitos anos, a psicologia esteve aliada a discursos de poder, não só religiosos, mas também raciais, machistas e colonialistas. A pesquisa de Martins, Colosso e Santos em 2013 apontava para um número muito baixo de estudos sobre a negritude ainda dentro da psicologia, cerca de 40 artigos publicados. Quando tomamos, em especial, os estudos sobre as mulheres negras, esse número diminui mais ainda. Sendo assim, permanecemos muito longe de uma discussão ampla sobre gênero, raça, sexualidade e religião dentro da psicologia. Contudo, percebemos uma movimentação para o tensionamento do campo.

3.3.2 Entre religiosidades e psicologias: debates

Deus, tu me sondas e me conheces, mas, vê bem!
Sou uma mulher.
Sabes quando desejo
quando choro?
(Nancy Cardoso *apud* Tostes & Ribeiro, 2019)

Os estudos sobre religião não são recentes dentro do ambiente científico. Encontramos interpretações sobre a relação da religião com a modernidade em clássicos como Weber, mas também em outros como Marx, Engels e Freud (SIQUEIRA, 2009). Muitos dos fundadores da sociologia (WOODHEAD, 2002) acreditavam que a secularização era inevitável e concomitante à modernização, e que esta secularização poderia acabar com a religião. Alguns debates acerca da secularização são importantes porque estão presentes no imaginário comum

sobre o tema: a racionalização, que levaria ao desencanto do mundo e gradualmente apagaria a religião; o processo de separação entre Estado e religião, que deixaria as religiões com cada vez menos funções sociais, à medida que outras agências assumiriam funções como governança, educação e bem-estar; a migração, urbanização e comunicação, que desestabilizaram comunidades e ordens sociais assentadas e as religiões que eram parte integrante delas; a pluralização fez com que crenças e práticas, uma vez tomadas como certas e suas reivindicações à verdade absoluta e exclusiva, pareçam cada vez mais implausíveis. Apesar de haver um Estado laico que tem uma relação diferente da religião de 200 anos atrás, a secularização e os processos da religião permanecem fortes no país. A vitalidade religiosa pode ser vista tanto na revitalização de muitas tradições antigas quanto na proliferação de novas religiões e espiritualidades.

Pensando o público de mulheres evangélicas, as pesquisas ainda seguem se desenvolvendo. De 1999 a 2006, encontrávamos somente um artigo por ano com o tema “evangélica” e vemos crescimento desde 2007, que veio com oito artigos em um ano. No último ano dessa pesquisa, em 2020, foram encontrados 18 artigos do tema na plataforma *Scielo*, sendo o maior número dos últimos anos. Ainda no *Scielo*, encontramos algo muito parecido com o termo “evangélico” (134 artigos) e “cristã” (517 artigos), com a diferença que estes possuem mais artigos sobre teologia do que política. O século XXI tem mostrado novas relações, no caso de mulheres.

As mulheres participam de religiões, pois oferecem espaços sociais para a articulação de suas vidas, medos e desejos (WOODHEAD, 2004). De qualquer forma, percebemos que a aproximação com a religião nunca é aleatória, sem nenhuma demanda pessoal ou social. Algo – como o medo da morte, das mudanças sociais e do futuro – são pautas comuns de se buscar a experiência religiosa. Em termos de participação das mulheres, dois tipos de religião parecem crescer em todo o mundo: as conservadoras, que afirmam os papéis doméstico e privado das mulheres *versus* os papéis públicos das mulheres, e as novas religiões. Como tal, essas religiões oferecem às mulheres a chance de entrar na esfera pública sem abandonar a identidade de gênero e responsabilidades domésticas, lealdades e virtudes. Cada uma possui sua demanda para com a religião e dependendo de seu posicionamento político e social, acabam encontrando mais ou menos espaço na religiosidade. Em um momento de recrudescimento do fundamentalismo nas igrejas evangélicas, o discurso do conservadorismo tem crescido e há mulheres que escolhem essa perspectiva (WOODHEAD, 2004). A leitura de gênero, então, fala sobre essas relações de poder e através da referência interseccional nos faz refletir que dentro de um grupo de mulheres existe diversidade e exercício de poder.

Vale uma releitura daquilo que era dito sobre gênero nos autores clássicos e como isso influenciou na leitura das experiências de mulheres hoje (CHABAUD-RYCHTER; DESCOUTURES; DEVREUX, 2014). Émile Durkheim, um dos pais da sociologia, apontava a ideia de que homens e mulheres foram feitos de forma complementar, como uma unidade orgânica. Engels, por esta mesma época do século XIX, observava as relações entre propriedade privada, mulheres e família, restringindo ainda a fala sobre estas ao campo doméstico. Marcel Mauss tentou seguir alguns passos adiantes, porém não terminou sua pesquisa sobre a divisão da sociedade por sexos, que faria a ideia de homens e mulheres como complementares em uma família sair do eixo principal. Claude Lévi-Strauss, a partir do olhar antropológico, analisa a realidade de troca de mulheres em sociedades específicas, seus discursos e caráter formal. Mais à frente, Pierre Bourdieu já entra em debates acerca das diferenças entre os sexos e suas relações de poder, a qual não era ainda uma construção feita teoricamente. Erving Goffman, mais profundamente na sociologia, começa a encontrar a importância da teoria feminista e de gênero para essas ciências humanas a partir da década de 1960. No campo da história, em época similar, vemos Carlo Ginzburg observando relatos dentro da micro-história de diferentes relações de gênero.

Mais próximo da contemporaneidade encontramos a palavra *gênero* na boca de homens conhecidos, teóricos e que utilizamos hoje – como Anthony Giddens, Bruno Latour, Michel Foucault etc. – mas principalmente de mulheres, latinas, negras e LGBTIs que impõem na sua escrita parte de seu corpo, do diálogo com o mundo e referências para além do norte global masculinista. Para Saffioti (1976), o advento do capitalismo foi crucial para colocar as mulheres em um lugar social subalterno. Contudo, cabe afirmar que, na ordem escravocrata, algumas mulheres tinham direito à instrução, se associavam a correntes de pensamento crítico e outras não a partir da divisão racial que ainda impera hoje. Isso também se expressava na vivência religiosa que se dividia entre mulheres brancas, católicas, senhoras de engenho e mulheres negras que, às vezes incorporando ou não o catolicismo, resistiam com as práticas de fé advindas da África. Outra mulher que nos ajuda a entender esses processos é Silvia Federici (2019), ao observar a relação do capitalismo com a caça às bruxas, que controlava o sexo, o aborto e, também, as heresias, concepções religiosas que, muitas vezes, eram construídas por mulheres. Em seu trajeto, a autora percebe que a história da luta de classes é corriqueiramente caminhante ao lado da história das mulheres, sabendo os diferentes lugares destas na colonialidade. Nesse espaço religioso, mulheres pobres que são lidas como “sem poder” pela sociedade podem se reivindicar (MARIZ, 1991).

Pesquisas que surgiram desde a década de 1960 registram também a relação intensa entre as religiões e as mulheres (DALGALARRONDO, 2009). Estas seriam mais religiosas, na maior parte das vezes, que os homens; são mais assíduas em suas comunidades de fé e realizam mais orações privadas – no caso das mulheres cristãs (ARGYLE, 2014). Paiva (2009) comenta, em uma pesquisa realizada em São Paulo, que as mulheres entrevistadas usam o espaço religioso como uma forma de independência dos homens, onde elas podem estar livres, diferentemente dos homens, que podem acessar qualquer espaço livremente. Algumas hipóteses apontam para a socialização da submissão e do cuidado, que indicariam a busca de mulheres pela religiosidade (MILLER; STARK, 2002). Porém, elas são colocadas em lugar de questionamento, pois o fenômeno não varia, mesmo em culturas diferentes. Thompson (1991) diria que é o fato de as religiões terem características socialmente compreendidas como “femininas” – por exemplo, a castidade, evitação de riscos espirituais e educação – que atrairia as mulheres. São muitas considerações, e percebemos que não é simples entender a relação entre mulheres e religiões.

Encontramos também informações de que essas mulheres seriam mais ligadas à ortodoxia e ao conservadorismo que os homens (HOFFMANN, 1995), o que nos leva a considerar que talvez seja para conseguirem ser aceitas dentro do espaço religioso. E, por último, vemos que mulheres recebem mais apoio emocional do que os homens na sua comunidade de fé, enquanto em outros espaços sociais é o inverso (KRAUSE; ELLISON; MARCUM, 2002).

Devemos incluir nesses espaços sociais o acesso à saúde também, onde os homens ainda têm mais acesso do que as mulheres. Isso tudo compõe a subjetividade das mulheres, minadas por papéis sociais que precisam exercer, especialmente se forem negras, além de afetar diretamente o acesso à saúde. Essa população, classicamente nos estudos, é a que mais sofre quanto ao direito à saúde pública. E, assim, cabe-nos pensar em rotas de acesso ao cuidado para essas mulheres, atentando ao que Abu-Lughod (2012, p. 464) afirma: “Meu ponto é lembrarmos de estar atentos às diferenças, de ser respeitosos em relação a outros caminhos que levem à mudança social e que possam trazer às mulheres vidas melhores”.

Há uma invisibilidade de sua saúde mental, e isso provoca um aumento das violências que elas já sofrem. Percebemos tal relação de mal-estar, por exemplo, na dificuldade de dizer não, que é frequentemente relatada por elas nos atendimentos clínicos e, muitas vezes, envernizada por uma mensagem de altruísmo (ZANELLO, 2018, p. 155). E, desse modo, foi constituído uma ideia de mulher única, modelo, ideal, sendo que, entretanto, a categoria mulheres é plural, com diferentes referências e potencialidades como a mulher negra, lésbica,

indígena, com deficiência etc. (PEDRO, 2011 *apud* ZANELLO, 2018), pois as pessoas são gêneros não só pelo sexo, mas por causa dos códigos linguísticos e representações culturais (ZANELLO, 2018, p. 46).

A medicina e as áreas de saúde, como a psicologia, se tornaram cada vez mais uma ciência da fiscalização e da repressão moral (DEL PRIORI, 2011) e sempre focada nas mulheres como percebemos na autora ao dizer que “era preciso manter-se bela, saudável e praticar a arte de agradar, de encantar, mantendo-se sempre próximas ao ideal da amizade amorosa” (DEL PRIORI, 2011, p. 254). Infelizmente, essa moralização ainda acontece dentro da psicologia quando esta se alinha com a religião e usa de seu espaço e técnicas para reforçar a ideia de pecado e silenciar experiências diversas.

Uma das formas mais severas de exercício da violência de gênero é o silêncio, que, para a mulher é um reflexo de sua posição de gênero. Outra representação de gênero importante a ser destacada é a imposição de uma disponibilidade afetiva e sexual da mulher (ZANELLO, 2018, p. 120). Isso pode causar situações como o estupro matrimonial (LAGARDE, 2011 *apud* ZANELLO, 2018), por exemplo, e outras violências.

Segalen (1989 *apud* ZANELLO, 2018) traz o termo “santa mãezinha”, que resume o aspecto religioso, inspirado em Maria que contrapunha a ideia de Eva, a pecadora, a qual pairava sobre as mulheres antes deste século.

Assim, não há lacunas nas quais apareçam satisfação, cansaço, arrependimento, raiva, ou mesmo dor. Vinda sempre com doçura, feminilidade, propensão natural à dedicação e ao sacrifício, debilidade, necessidade de proteção e autotutela, a subjetividade da mulher sempre deve estar focada no outro e, quando o faz, não fez mais do que sua obrigação. Nesse meio, o sistema religioso não se isola, pelo contrário, está em contato com outros sistemas culturais que refletem essa hierarquia. Então, há uma introjeção de estereótipos de gênero, como a submissão, o estupro e a violência doméstica.

A saúde mental, para Martin Baró (1984), deve ser vista de forma mais positiva e ampla, que está muito mais nas relações e nos grupos do que nos indivíduos. Tais relações é que constroem sintomas e síndromes. Isso aponta para a saída do modelo médico para o modelo social. A ideia de que saúde e transtorno mental são somente dos indivíduos, segundo Martin Baró (1984) é falha, pois isso seria simplificar a complexidade da experiência latino-americana.

A partir disso, algumas percepções do senso comum sobre saúde mental são excluídas na nova forma de se constituir o psicólogo. Ideias como a “fraqueza” de quem se trata psicologicamente e marginalização dos pobres nessa ciência são rapidamente reconsideradas nessa perspectiva. Outro ponto desconstruído nessa perspectiva é de que os pobres devem ficar

com serviços pobres também. Isso se relaciona fortemente com a experiência evangélica no estado do Rio de Janeiro.

A importância do reconhecimento histórico dos sintomas aparece até mesmo no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), o que demonstra um crescimento dessa perspectiva dentro da saúde mental. Essa humanização, importante salientar, deve ser realizada nos processos sociais, para que, enfim, haja uma rede terapêutica, uma comunidade a qual todos poderão lidar diferentemente com sintomas e as síndromes. Sem a mudança social, pessoas marginalizadas, como mulheres, podem até tomar consciência de si, mas serão invalidadas.

Algumas pesquisas apontam para a dificuldade de mulheres brasileiras no que tange à manutenção de sua saúde mental. De acordo com Almeida *et al.* (1994), Alvarez (1993), Côrtes e Trindade (1997), as mulheres têm uma posição de destaque em relação ao consumo de tranquilizantes, além de serem as maiores consumidoras de ansiolítico (85% das vendas são para elas). Fora o cuidado materno e infantil (CAMPOS, 1991), as mulheres não têm políticas públicas que abarquem suas necessidades, que assegure saúde mental, saúde sexual, assistência ao aborto, assistência específica à adolescência e velhice e ao trabalho cidadão. Suas necessidades perpassam pelo desemprego, pela fome, falta de moradia adequada e possibilidade de melhores dias (OLIVEIRA, 2000), além do fato de serem as representantes da família brasileira, sendo responsável pela saúde desses também. Mauss (1950, p. 20) aponta acerca desse tema que “a sanidade do espírito individual implica a participação na vida social, assim como a recusa de prestar-se a ela (mas ainda segundo modalidades que ela impõe) corresponde ao aparecimento dos distúrbios mentais”.

Para isso, precisamos de detalhes acerca do cuidado com a população religiosa em si, que tem cor, gênero, sexualidade e classe que dentro de uma percepção interseccional não pode ser posto à margem. No olhar comum, tudo que vem do feminino é visto como louco (OLIVEIRA; PASSOS, 2017) e, principalmente, no caso das mulheres negras, mais afastado fica ao centro das pesquisas. Para as autoras Pereira e Passos (2017), isso se torna muito visível dentro da psicologia, onde vemos, por exemplo, como as comunidades terapêuticas olham para as mulheres, vendo a vivência de gênero como sintomas de doenças. Histórias de assédio e violência são costumeiras nas experiências das comunidades terapêuticas, mas também em relatos de buscas por tratamentos psis. Desse modo, vemos como o racismo e o sexismo estão no sistema de saúde.

Percebemos que há uma grande dificuldade ainda de articular todas as complexidades de gênero, raciais e religiosas dentro do campo da saúde mental. E, pensando na área da

psicologia, a busca dos pacientes é por um espaço que possa ter segurança de elaborar todos os tipos de problemas. Isso, principalmente, porque o espaço das igrejas aparece não como um lugar seguro de exposição dos sentimentos. O sofrimento, na fala dessas mulheres, é para se guardar. Porém, esse ensinamento também é questionado por elas. Dorcas, por exemplo, diz que queria ter tido um espaço seguro para falar de seus sentimentos antes de brigar com a mãe.

[...] Se eu tivesse conseguido falar com uma terapeuta, eu não teria falado com minha mãe daquele jeito, falaria como eu falei um mês antes dela morrer. Bonitinha, agradável, sem trazer uma coisa que ela não teve culpa.

A expectativa de Dorcas é que na terapia ela pudesse aprender a falar “Bonitinha e agradável”, como se esse espaço fosse para o psicólogo ajeitar e podar o sujeito e, no caso das mulheres, colocá-las em um molde menos agressivo. Contudo, mais do que colocar nesses parâmetros, muitas interlocutoras falavam de como seria importante ter um bom espaço de escuta e que a igreja deveria apoiar a psicologia. Vemos falar sobre isso com Noemi, Cloé, Mical e Jael, mas também em outras como Acsa. Ela gostaria que as igrejas tivessem um espaço de escuta psicoterapêutico ou psicopedagógico para mulheres porque sofrem caladas. E que para mulheres negras, há um reforço da ideia de que elas devem só servir.

Então, eu acho que seria muito bom ter nas igrejas esse espaço de escuta da psicoterapia para as mulheres, eu acho que não tem nas igrejas evangélicas esse lugar de escuta porque muitas delas eu percebo que estão também, sofrem por serem caladas, não é negligenciadas, mas é você abafar a voz de mulheres, não pode falar e muitas ali eu vejo que fica naquele, naquela submissão ali, naquele fardo carregando, indo na igreja porque tem que ir e eu penso assim “mas cara, não é assim, você não precisa fazer assim, não tem que ser um fardo”, eu acho que falta esse lugar de escuta para um espaço psicopedagógico ali para as mulheres, para ouvir muitas delas não precisa nem levar a vida daquele jeito que elas levam, lugar de mulher é submissa, nessa sociedade heteronormativa e ter que ficar naquela coisa abaixo do marido para ser a mulher virtuosa porque é assim que Deus quer, aí quando você vai falar que não, deus não quer assim, não quer que você sofra, porque não quer que você se anule em prol do outro, aí você ou é “ah, que evangélica é essa?”. [...]

Rebecca: E você sente que tem diferença no caso de mulheres negras?

Acsa: Assim, comigo eu nunca senti não, mas assim, eu acho que nesse meio evangélico não é só para mulheres negras. Eu percebo que o sexo feminino em si, a misoginia é geral, entendeu? Eu acho que falta ali um trabalho assim, um coletivo para que todas tenham o direito. Acho que são as mulheres como um todo, eu não vejo esse recorte não, é um lance por parte dos evangélicos, daqueles mais pentecostais, mulher não tem direito, é assim que tem que fazer, tem que estar ali só servindo, entendeu?

Por mais que Acsa esteja acostumada a guardar seus sentimentos para si, ela mesma aponta a necessidade desse grupo de escuta e ela, como uma mulher negra, percebe que há uma diferença. Para a interlocutora, o machismo é mais evidente que o racismo, mas ainda assim é perceptível nesse espaço. E, ao longo do tempo, Acsa procurou grupos e espaços de apoio para lidar com suas questões. Uma das questões que Acsa precisou lidar foi com as perdas

gestacionais e, por isso participava de um grupo de mães ao qual era mediado por uma psicóloga. A interlocutora chamava esse grupo de “roda de conversa”.

Então, era uma roda de conversa, são rodas de conversas que ocorrem e a gente tinha uma mediadora e essa mediadora ela estava ali e pedia para cada uma, numa semana, falava como foi, falava o que aconteceu, o que está fazendo para mudar aquilo. Então eram mais ou menos umas 15 mães sentadas e em cada dia uma contava como estava sendo lidar com aquilo, então essa mediadora ela era psicóloga e ficava ali conosco, mas essa terapia não era feita individual. Era uma roda mesmo, a gente sentava em roda e falando “ah, hoje eu consegui, hoje eu doeí isso, já consegui doar aquilo que eu já tinha deixado”, “ah, eu ainda não, eu ainda guardo coisas”. Então cada uma ia falando desse processo que estava passando, o que estava acontecendo e como lidavam com a família.

Mical também sente falta que a igreja falasse mais sobre apoio psicológico e que tivesse espaços de acolhimento, mas ainda sente resistência. Para ela, algumas pessoas já fazem uma movimentação para que o assunto seja discutido. No espaço comunitário religioso, para Mical, existem os dois tipos de pessoas: as que se movimentam e aquelas que têm muitas resistências. Assim, por mais que ela tenha irmãos de fé que crêem de forma similar a ela, Mical toma a decisão de não frequentar tanto. Inclusive, ela traz uma cena curiosa em que relata à psicóloga que queria se voltar mais para a igreja e a psicóloga pergunta por que e traz um questionamento se ali era bom para ela. Ter algumas pessoas que pensam em comum sobre psicoterapia não necessariamente faz com que ela se impulsione a frequentar essa comunidade. Ela mesma pontua que se tem discutido mais, contudo é um processo:

Ah, é que eu acho que, é...que a comunidade evangélica, assim, eu tenho percebido um movimento, é...de discutir mais este tema, [...] E ver pessoas assim, é...com, realmente, embasamento bíblico, com embasamento teológico, falando que: “não, é importante fazer terapia e, se for necessário, é importante tomar medicamento.”, são movimentos que eu fico muito feliz, assim, aliviada também, né...mas eu acho que ainda é um processo, é uma minoria dentro do mundo evangélico, digamos assim, as pessoas ainda tem muita resistência, é...e eu acho que é muito uma questão muito de resistência, para enfrentarem as suas próprias questões. Eu acho que, sei lá, eu acho que é isso assim, pastor e terapeuta são pessoas diferentes, tem propósitos diferentes e...eu, particularmente, não sei se é porque eu tive muita sorte, mas eu nunca fui desrespeitada, em relação a minha fé, no espaço da terapia. Então, sempre que alguém fica assim: “ah, meu eu vou lá e a pessoa vai querer me mudar, vai querer mudar o que eu penso.” Tipo, não, as minhas psicólogas nunca fizeram isso, tanto que, a minha atual psicóloga, teve um dia que eu falei assim: “ah, eu preciso voltar mais pra igreja e não sei o que.” E aí ela falou assim: “mas por quê você parou de ir? Isso não te faz bem?” Né? Então, eu acho que é isso, assim.

Esse processo, inclusive, aparece com alguns pontos interessantes de serem observados. O meio evangélico precisa usar de argumentos bíblicos para convencer as pessoas de que psicoterapia é bom. Logo, para Mical, precisa do linguajar religioso para dialogar com esse público. E a psicoterapia precisa respeitar a fé e se necessário, até estimular ela para ser aceita.

Percebemos um jogo entre a igreja de controle da psicologia como ciência e profissão. E, mais ainda, quando esse conhecimento não serve à religião, ela aponta para lugares muito profundos da subjetividade da pessoa, como Mical aponta de resistência:

Sim, e é...eu acho que vai tanto de ser evangélico, essa resistência, quanto da tendência natural que nós seres humanos temos né, então, sei lá, tipo, com 3 meses de terapia você não tá nem começando assim né, é um processo doloroso, é um processo que, meu, vai ser muito difícil...tem sessão que você vai sair radiante, tem sessão que você vai sair e vai querer dormir, assim...então, é entender que, meu, é um mergulho profundo assim...

A questão da resistência também é percebida e, para ela, a religião aponta que tudo vai passar e tem a psicologia como algo secundário. A psicoterapia apareceria, para a entrevistada, como a oportunidade de lidar com coisas que a igreja não sabe. A comunidade religiosa, para Mical não lida com seriedade com assuntos como depressão, autoestima e outros problemas, como ela relata:

Por exemplo, questões de psicologia eu vejo que a comunidade tem muita resistência. A psicologia como algo muito secundário, quando a gente deveria tratar as questões da mente... se você quebrou uma perna, você vai no ortopedista, se você tem dor de estômago, vai tomar remédio pro estômago. E as questões da mente, a religião não trata da mesma forma, como “ora e tudo vai passar”. E não é por aí, o ser humano é extremamente complexo, temos tantas questões. E isso me gera uma inquietação: porque a religião não lida da mesma forma, com a mesma seriedade e importância. E dentro da religião tem muita gente com depressão, problema de autoestima, uma série de problemas. E são pautas que a comunidade não tem preparo para lidar. Infelizmente, são poucas. [...]

Da mesma forma que Mical, Cloé também sente esta dificuldade. Para Cloé, a igreja tem algumas pautas que ainda não conseguem tratar, principalmente por preconceito e julgamento. E, essa resistência da igreja à psicoterapia, é algo generalizado a “pautas delicadas”, a qual inclui política e sexualidade. Essas pautas citadas são exatamente temas em que a religião tende a exercer poder e que não pode haver espaço de diferenças. Assim, a psicologia entra nessa categoria.

E eu sinto que tem algumas pautas que... falando de comunidade (de fê) primeiro, a comunidade não está preparada para lidar, e nem quer lidar. Para não criar conflito e não ficar militante no meio religioso eu prefiro me abster de falar algumas pautas, que me causam inquietação. Posso discordar da comunidade, mas... é claro, algumas coisas que são gritantes eu não consigo me anular. Eu vou deixar claro meu posicionamento. Mas, quando eu vejo que minha opinião não vai mudar, não vai a lugar nenhum, só vai criar discórdia, desconforto... nem adianta. Então muita coisa a gente vai ao externo da comunidade porque ela não está preparada a lidar com assunto. Por exemplo, política, é um assunto muito pouco difundido. Homossexualismo [sic], acho que é um assunto, uma pauta muito delicada. Ou se abstém de falar ou se fala com muito extremismo, o que está muito longe do ser, do sentir. Uma pessoa que se identifica como não cisgênero tem muita dificuldade porque não tem esse ambiente de acolhimento. Tem uma teoria muito bonita, mas a prática, no relacionar em

comunidade há um olhar diferente, há um preconceito, um julgamento, se esquece do ser.

O psicólogo seria um sinal de que a igreja fracassou ou, para a religião evitar ver seu próprio limite, um sinal de que aquele fiel fracassou. Por construir um olhar de preconceito e julgamento, comunidades religiosas afastam pessoas. O sentimento comunitário tem um limite de discordância; Cloé cita um pouco essa experiência.

E eu ouvi muito isso dentro da igreja: terapia para quê? Terapia é para louco. Terapia é para fraco. Pra... Quem não crê em Deus. Então eu ouvi muito. Foi em 2015 que eu comecei por uma situação emocional extrema onde eu entendi que eu precisava encontrar outro caminho e a religião, assim, o clichê do culto de domingo não estava rolando. Foi a melhor coisa que eu fiz.

Contudo, nos cabe questionar esse discurso do fracasso, do que não crê em Deus, daquele que está em pior estado. A psicologia é utilizada por lideranças religiosas, mas, ao mesmo tempo, desprezada como um “tratamento de quem foi fraco”. Assim a psicologia é referenciada quando é útil para o discurso religioso, mas quando não responde à demanda, pode ser demonizada. O embate entre psicologia e religião aparece regularmente nas falas de Lídia, Noemi, Abigail, Vasti, Talita, Miriã, Zípora, assim como vimos em Cloé e Mical. Ana é outra interlocutora que traz essa experiência consigo, até pontuando que a diferença entre a experiência religiosa e psicoterapêutica foi tão conflituosa que fez ela não se sentir bem.

Dorcas teve relações diversas com a psicoterapia. Ao mesmo tempo que relata ter tido excelentes experiências, ela também diz que sente falta de um psicólogo que olhe nos olhos, que acolha profundamente. Durante a entrevista ela relata muitas complexidades ao longo da vida: abuso sexual na adolescência, separação, questões relacionais com filhos, a presença de um ex-marido violento e uma mãe difícil. Além disso, há o atravessamento do relato de um ex-cunhado que era “pedófilo, psicopata, doente e homossexual”, de acordo com os termos da entrevistada. Esta pessoa teria tentado assediar o filho dela e se tornou um trauma em sua vida. Essa associação que ela faz infelizmente é extremamente comum no espaço religioso e ela precisava falar sobre todas essas vivências em um lugar fora da igreja e que fosse acolhedor. Ela também relata históricas com terapeutas que “viraram amigas”, nos termos dela, choravam e pediam sua força, como vemos:

Então os terapeutas... Uma delas me abraçou. Eu fiquei 6 anos com ela. E ela disse “estou chorando demais, eu preciso pegar um pouco da sua força”. [Dorcas começou a rir].

Então eu passei por diversas. Algumas não bateram. Eu... Gosto de fazer terapia olhando nos olhos. Eu tenho necessidade que o outro me entenda. É, que entenda o que eu tô falando, o que eu tô sentindo e nem sempre consigo me expressar através das palavras. É... Tinha algumas que eu não conseguia ver nada dentro delas. Mas,

assim, eu sempre estou em processo terapêutico. Aqui, em Cabo Frio, estou um tempo sem terapia. Então me faz muita falta porque eu acabo conversando com pessoas que não são terapeutas. Mesmo numa relação de amizade, tem coisas que são de terapia. Então... Eu sinto que de vez em quando eu preciso de alguém para estar ligando, até mesmo para me contestar, pela ciência e pelo amor. Não pelo preconceito, com alguma ideia pré-disposta, mas uma contestação que me faça pensar melhor. Então eu sinto muita falta disso. Por isso eu não gosto de terapeuta que fica calado. Eu gosto de interagir, de ter retorno.

[...] Eu tenho... O marido da minha irmã, ex-marido, era pedófilo, psicopata, homossexual, doente. Comprovadamente doente. (...) eu perguntei “cadê o meu filho?” Nessa época ele tinha 8/9 anos. Aí ela me disse “meu ex-marido está com ele no apartamento do lado”. Olhei para minha mãe e disse “a senhora sabe que esse homem está com meu filho? Sabendo de tudo isso? Vocês deixaram meu filho com o psicopata?”

Essas complexidades na relação terapêutica fazem com que, mesmo o psicólogo sendo ético e laico, tenha que lidar com diversos preconceitos e atravessamentos advindos da religião. De modo diferente, temos o caso de Miriã que tinha com frequência atividades com psicólogos na igreja:

A gente tinha, pelo menos lá na Metodista e tal, a gente tinha várias palestras. Então, por exemplo, dia das mães, às vezes falava pra mulheres, mas tinha uma psicóloga falando é “como cuidar de pessoas” É...em mês de setembro amarelo tinha palestra sobre saúde mental, sobre depressão, suicídio. Então, nunca foi um problema na minha comunidade e hoje também. Eu frequento a Metodista de [nome da cidade] e tem muitos psicólogos. O pastor anterior a esse era psicólogo, então, sempre foi algo bem natural.

A relação da igreja com a psicologia advinha então de palestras no espaço religioso, contato com psicólogos que tem a mesma fé e até pastores. Curiosamente a psicologia precisa estar um pouco inserida no ambiente religioso para ser bem aceita, pelo menos no caso de Miriã. E, especificamente, ensinando mulheres a cuidar. A psicologia se aliando com a religião para impor uma performance de gênero. A fim de responder à demanda social de que mulheres devem ser cuidadoras, as duas áreas de conhecimento fazem uma aliança extremamente perigosa, pois se perdem as fronteiras de cada saber. Com o discurso de popularização do conhecimento sobre saúde mental por palestras, a presença de um psicólogo que é pastor faz com que a interlocutora relate que era bem natural, sem que fosse um problema. A questão é a forma como se constrói essa naturalização, pois se os limites não são bem delimitados, se cria uma narrativa antiética, que responde à demanda religiosa e perde a identidade da psicologia como uma profissão laica. Essa presença da psicologia internamente nas igrejas cria um lugar mistura, como aconteceu com Talita. Ela já não sabia se seu problema era espiritual ou psicológico e, por isso, a levavam para igrejas que se propunham a uma cura espiritual. Contudo, saber que outros membros da igreja passaram pelo mesmo a ajudava.

Aí antes de começar a psicoterapia, inclusive, em 2011, a minha vó dizia assim: “Vamos na igreja que isso aí é espiritual” e me arrastava pra Universal e eu nem era da Universal. Eu era da Batista. E aí as pessoas falavam: “Isso aí é uma questão mesmo espiritual”. Não chegou a falar que eu tava com encosto, mas que era uma questão voltada pra espiritualidade. Que eu tava sentindo aquela tristeza, aquela coisa toda por causa dessa questão. Não era porque eu tava precisando mudar a rota, rumo, nada disso. Pessoas da minha igreja quando perceberam, chegaram a ir lá em casa em crises. Elas falavam...Eu ficava envergonhada. “Nossa! Parece que eu sou a única que tá passando isso”. Aí uma colega minha que inclusive ela é anestesiolegista e ela falou: “Cara, não pense nisso. Todo mundo aqui já passou. Pastor já passou. Eu já passei. Todo mundo já passou em algum momento por algum momento de crise e se sentiu exatamente desse jeito. Você não pode pensar dessa forma, não.” Isso colaborou muito, né. Até na psicoterapia. Permitiu avanços que talvez eu não conseguiria se eu ficasse retraída na ideia de que não era uma coisa que uma pessoa cristã deveria ter.

E mesmo ela tendo essa referência da igreja, ela relata ter vergonha porque estaria dando um “mal testemunho”. Não tinha dúvida se era um processo útil para ela, mas receio do olhar do outro. Isso significaria que o bom testemunho é não passar por nenhuma dificuldade. Remota novamente sobre a questão do silenciamento que fazem muitas mulheres não falem de suas dores. E esse silenciamento com leitura religiosa, afinal “eu tenho Jesus”.

Eu tinha mais vergonha do que dúvida. Eu achava que era ruim eu ter problema, porque gerava um mal testemunho. É como se fosse pra uma pessoa de fora, né: “como assim a pessoa diz que é cristã?”. Então, é como se a gente achasse que tem que tá sempre bem. O mundo tá caindo, mas eu tô bem, afinal, eu tenho Jesus e esquece que é humano, mas eu já tinha uma noção de que não era bem assim até pela própria leitura da Bíblia, né. Em vários momentos você vê as pessoas escrevendo de angústias que elas estão passando, mas eu tinha vergonha. Isso é fato.

Por causa de situações como a de Miriã, Abigail decidiu não falar suas personalidades com pessoas evangélicas. Pois, de acordo com a interlocutora, estas cobram um ideal de santidade. Isso significa, na linguagem religiosa, ser “santo”, que na etimologia diz respeito a ser “separado”. Haveria, então, uma performance de como uma pessoa deve ser e esta se expressa na política onde um cidadão de bem (santo) não se mistura com um bandido (pecador). E a própria Abigail questiona essa percepção usando como base a teologia também.

Com as pessoas evangélicas, em geral, eu não posso falar tudo o que eu penso. Não posso. Primeiro, porque é uma cobrança de santidade, né. Há uma cobrança de santidade. Há uma cobrança, sabe, que... Não acho natural, cara. Eu acho pressionado demais. Eu acho forçado. E...Sei lá...As pessoas falam tanto que se libertaram: “Eu me libertei! Eu sou nova criatura! Eu sou nova criatura!” E continua...Eu sempre me questionei isso, cara. Eu tava ainda muito envolvida na igreja. Aí, quando você vê um filme que tem um bandido. Aí, a polícia que vai perseguir o bandido. O que que você torce? “Tomara que ele morra. Aí, pega ele, mata ele. Não. Ele tem que sofrer. Teve alguma coisa que ele fez à vítima”. Se eu penso isso vendo um filme...Se eu me empolgo dessa maneira vendo um filme...Por que que na minha realidade do meu dia a dia eu vou olhar para um encarcerado, uma pessoa...e vou sentir algo diferente, né? E eu sei que eu não sou a única. Todo mundo que vê um filme, se envolve emocionalmente naquele filme, né e vai torcer sempre pelo bandido, pelo mocinho. E Jesus se misturou com os bandidos, foi crucificado no meio dos bandidos, entendeu?

Assim observamos um movimento de pessoas, assim como Acsa, que buscam um aconselhamento, um cuidado que pode ser pastoral ou generalizado de várias áreas da vida dessas mulheres evangélicas. Esses grupos podem ser rodas de conversas, como Acsa relatou para nós anteriormente. Em uma dessas experiências ela relata que a terapeuta era umbandista e como isso era natural dentro do espaço:

Não falavam, em nenhum momento, mas tem uma mediadora que ela era, acho que é umbandista que fala, não sei, umbandista porque ela tinha umas coisas assim no braço e aí eu perguntei, eu falei o que que é isso? Você não pode tirar? Está apertando o seu braço? Aí ela falou assim: “não, isso aqui é da minha religião, não sei o que lá de umbanda, é da minha religião”, aí eu falei assim “ah tá, eu pensei que estava apertando”, aí ela “não, de forma alguma”. Aí ela falou assim: “você fez uma cara, né?”, aí eu falei “não, é porque as pessoas confundem umbanda com candomblé, mas não é, a gente mexe com outras coisas, com folha, aí eu tenho que andar, é muito banho aí eu falei assim “ah tá”, para mim está falando igual, aí ela até sorriu e tudo. Aí ela fazia aquela... Ela foi oferecer porque nisso, uma das mães, ela engravidou de novo, aí ela foi oferecer um banho que tem para grávida...

Vemos que Acsa acolhe a religião da terapeuta e, nesse processo especificamente, até algumas técnicas advindas da espiritualidade – como banhos – foram utilizados. Isso mostra que há um espaço, para essas mulheres evangélicas, para outras formas de tratamento que não são psicoterapia. Contudo, fica o questionamento, quando perguntadas de seu processo psicoterápico elas relatavam essas outras experiências. As fronteiras parecem borradas e isso diz respeito a um interesse de igrejas evangélicas de acessar a ciência e o trabalho da psicologia.

Essa mesma discussão aparece quando Dorcas, Mical e Talita trazem as experiências do Celebrando a Recuperação. Percebemos perfis diferentes que acabam recebendo a influência do Celebrando a Recuperação. Mical conta que, além do processo psicoterápico, ela faz parte do grupo. Em seu relato diz:

Mical: Sim. Eu to participando agora do grupo “Celebrando a recuperação”, que é um espaço terapêutico, não é terapia, mas é terapêutico, **eles fazem várias discussões assim, na semana passada falaram sobre “id, ego e super ego” discutimos “por quê somos resistentes às terapias?”**, o meu pastor já falou várias vezes que faz terapia e toma remédio, então...nesse sentido assim, tanto que é um dos motivos de eu ter escolhido essa igreja assim, pois é um espaço que eu me sinto confortável assim, dentro dos confrontos que ela propõe assim...

Rebecca: Eu sei, por conta própria, mas para a entrevista: “o que é o Celebrando a recuperação?”

Mical: Ah, é um espaço, como se fosse, uma comparação que eu faço, **é como se fosse o Alcoólicos Anônimos só que pra questões não tão delimitadas, então...tem dependência emocional, tem pessoas que estão em processo de separação e divórcio, tem pessoas com questões sexuais então...são grupos pra, espaços de escuta, bem, então eu falo, os outros me escutam, é...tem sempre uma palavra, tem uma reflexão** e aí nós vamos para esses pequenos grupos aonde nós falamos a partir daquela reflexão proposta.

Rebecca: Uhum. E quem é que normalmente conduz?

Mical: Ele é bem descentralizado, digamos assim, a pessoa que vai lá e da essa palavra principal, **às vezes é um pastor, uma pessoa com alguma autoridade lá dentro da**

igreja, mas, nos grupos, é... são voluntários, são pessoas que já participaram do “Celebrando a recuperação”, eles são os mediadores, os líderes. (grifo nosso).

Mical apresenta como alguns conhecimentos da psicanálise aparecem dentro do Celebrando a Recuperação. Ela aponta como algo próximo ao Alcoólatras Anônimos, mas voltado para as emoções. Se usa técnicas do âmbito da psicanálise e trata temáticas similares, pode ser facilmente confundido com um processo psicoterápico. Talita também trouxe um pouco de sua experiência nesse tipo de grupo, que ela relata ser um espaço em que pode compartilhar sobre seus sofrimentos:

Talita: Então, ultimamente, desde a pandemia que eu fiquei mais em crise por causa do desenvolvimento do transtorno de ansiedade...Eu tenho...Tem um grupo de apoio na igreja, né, o: “Celebrando a recuperação” que eu faço parte e aí é quase uma equipe toda de apoio, inclusive, dentro da igreja. Então se eu preciso, se eu me sinto um pouco mais estressada, então eu peço pra que alguém ore. Então, às vezes as pessoas ligam, a gente compartilha, a gente vai trocando e quando a pessoa precisa também troca comigo. Eu também tenho um círculo de amigas que eu sempre converso quando eu tô mais...mais tensa. O meu próprio círculo familiar também: cunhada, irmão, mãe. Então eu tenho uma rede de apoio bem interessante, mas eu comecei a procurá-la mais depois do CR, porque antes a gente tem um pouco daquela coisa que principalmente por ser a única evangélica da família, mas por que eu tô me deixando levar por esses problemas, estou sentindo dor por esses problemas sendo a única evangélica da família e tando numa situação que é um pouco mais confortável, porque graças a Deus eu não tenho problemas financeiros graves, problemas de saúde graves, é mais porque a minha resposta ao estresse é um pouco maior do que das outras pessoas, mas eu demorei muito pra admitir isso até pra mim mesma.

Rebecca: E como foi a tua trajetória?

Talita: Começou...O que que aconteceu...Eu já tive...por questões...acho que por ter, assim, um plano de vida e às vezes as coisas não acontecem do jeito que a gente tá planejando algo assim, eu fico um pouquinho mais ansiosa e você fica pensando que eu não vou conseguir dar conta de tudo o que eu tô querendo fazer. Eu tô meio assim a Magali na série da Turma da Mônica. Se você me falar assim: Vamos? Vamos! E depois eu me enrolo um pouco e aí, durante a pandemia e o excesso de trabalho, juntou com a pandemia. Basicamente só trabalho. Você não tinha outra coisa. Até a igreja tava sem culto, então, a gente...Eu senti particularmente. Então, eu acabei batendo com o carro. Assim, uma coisa boba, mas eu estava mais desatenta mesmo, já pensando em um monte de coisas ao mesmo tempo e aí o bater com o carro e ter que consertar o carro desencadeou uma crise de choro violenta e aí eu liguei pro meu pastor: “Eu preciso de ajuda. Uma psicoterapia e eu gostaria que o senhor recomendasse alguém, que o senhor não vai poder, né”. **Ele é psicólogo, mas aí não teria como, né, pelo vínculo que a gente tem e aí eu comecei com uma pessoa indicada por ele e aí depois de um tempo, eu já conhecia o Celebrando. Não participava. Aí eu falei “acho que tá na hora de pensar isso também. Vai ser bom”.** E aí eu comecei foi no final de 2020, depois eu fiz os Passos, aí me formei nos Passos agora no início de 2022 e tô seguindo. E aí a gente continua, quase todo mundo que começa, né, continua indo nem que seja on-line. Pra mim foi bom. Tava sendo on-line, eu trabalhava em outra cidade então, isso facilitava estar nas reuniões, né. Hoje presencial tá um pouquinho mais difícil, mas eu tô querendo voltar agora então que vai começar uma nova rodada de estudos de passos vai ser importante.

Rebecca: pra quem não sabe nada sobre, o que é o Celebrando Recuperações. Eu sei um pouquinho, porque eu já acompanhei pessoas que vieram do Celebrando, mas, por exemplo, assim, pra minha pesquisa: o que que é o Celebrando?

Talita: **Então, o Celebrando a Recuperação é um programa que foi preparado nas mesmas lógicas de programa dos Alcoólicos Anônimos, dos Narcóticos**

Anônimos por um pastor de igreja norte-americana, né, que já até é falecido. Faleceu recentemente. E a ideia do programa é que o poder centrado, o poder superior que podia ser centrado nos narcóticos ou em qualquer outra coisa, é um programa centrado em Cristo e usando as Bem-aventuranças como guia dos princípios e dos passos, mas é bem parecido com o AA e com o NA. A única diferença é que você não tá focando numa compulsão você tá focando em outros problemas também que podem inclusive levar a uma, né, compulsão, mágoa, tristeza, codependência, a própria ansiedade, depressão, alguns tipos de vícios compras, pornografia, em especial criar um espaço seguro para que as pessoas possam compartilhar isso com os outros, né, porque o que é falado lá dentro fica lá dentro, você não compartilha com outras pessoas. (grifo nosso)

Aqui Talita aprofunda o que Mical disse sobre as características do Celebrando a Recuperação e enfatiza que foi criado por um pastor. Um dos pontos cruciais da fala de Talita é que o Celebrando a Recuperação traz em si a ideia de que os princípios são religiosos, como Cristo e as Bem-aventuranças, que diferente da psicoterapia, tem como os princípios os Direitos Humanos. Isso já separa as duas áreas totalmente. E, nesse espaço do Celebrando a Recuperação, com esses princípios religiosos e reafirmando que outras pessoas não saberiam sobre o que se trata, ela se sentia à vontade de compartilhar. O fato de outros não saberem dá um aspecto de segurança para Talita. Dorcas também relatou ter passado pelo processo do Celebrando a Recuperação, apesar de não estar mais:

Dorcas: [...] A não ser que era na roda de conversa, que era o Celebrando a recuperação, que **usava as bem-aventuranças, os passos do AA**, mas sem nenhum tipo de julgamento. Ninguém queria curar ninguém. Ninguém intervém na conversa de ninguém. **Foi a primeira vez que eu tive coragem de dizer publicamente que eu tive... violências sexuais.** Algumas que eu lembro e que não lembro. Ali eu consegui me abrir porque eu senti um ambiente acolhedor que ninguém ia me julgar. Era a regra. Ninguém julga ninguém. E saber que eu não estava sozinha. Mais da metade das mulheres havia sofrido violência sexual. **Inclusive, a terapeuta, que era crente, que foi violentada por vários anos.** Quando eu abri, isso faz parte da roda de conversa, outras abriram também e isso me acolheu. Eu falo sem problema nenhum hoje. Meu segundo marido era meu melhor amigo e não falava. **Nem com terapeuta eu conseguia me abrir.** E... ele falava “o que aconteceu com você no passado para você passar por esse espaço de terror?” e eu pensava “o que ele vai pensar” e eu dizia “ai, para de falar sobre isso”. **Eu não falava nem com terapeuta de tão sério. Era guardada em um lugar tão profundo por isso acredito que deva ser falado, trazido. Por isso eu amo tanto roda de conversa. Roda de conversa vai ter uma hora que vai falar, um ambiente que traz isso e aí as pessoas começam a falar porque existem outras violências do olhar, do medo... não só do ato, mas do assédio, no emprego, na vida.** (grifo nosso)

Aqui vemos uma pequena comparação entre o processo psicoterápico e o grupo do Celebrando a Recuperação. Dorcas consegue se abrir no Celebrando a Recuperação quanto a sua violência sexual, não só o ato em si, mas as experiências que circundam essa dor, como o medo. Algo que a interlocutora reforça é que no Celebrando a Recuperação “ninguém julga ninguém” e isso dava confiança de se expressar. Curiosamente, quanto a psicoterapia, Dorcas

comentava que imaginava “o que o terapeuta vai pensar” se ela relatasse a violência, o que demonstra que havia o receio do julgamento. Isso traz à memória um relato de Dorcas em que ela estava fazendo uma terapia e descobriu que, por traz do vidro da sala, havia pessoas observando-a e, por isso, tinha medo do que esses outros estavam pensando sem o consentimento dela. É extremamente antiético essa prática sem a total clareza da paciente sobre o procedimento e esse caso mostra o quão violento e marcante isso foi, a ponto de ter dificuldade depois de confiar em psicoterapeutas. A confiança permaneceu, todavia, no Celebrando a Recuperação. De modo similar, Acsa conta sua experiência em dois outros grupos similares – Florescer e o Afetados pelo Afeto:

Acsa: [...] Aí marquei dois a três e fui [na psicoterapia]. Há tempo mesmo, certinho, eu estou há três meses com essa doutora e aí também faço parte também **do grupo terapêutico dos Afetados, Afetados por afeto onde a gente também conversa muito**. Temos conversado muito sobre essas questões que as pessoas falam que estão passando, é um grupo que se encontra semanalmente on-line e a gente vai e acaba falando, então ali também foi um momento de cura muito bom.

Rebecca: Que grupo é esse?

Acsa: **Então, é um grupo que tem on-line, não sei se você já ouviu falar, é um grupo de cura. Espere aí, aquele grupo que tem da [nome de igreja], um muito famoso, Celebrando a recuperação.**

Rebecca: Ah, sim sim. Ele é do Celebrando, esse grupo, então?

Acsa: Isso, Celebrando a recuperação. **Aí tem esse grupo, aí uma das pessoas que eram do grupo, que eram oriundas das orientadoras ali do Celebrando a recuperação está fazendo, começou a fazer esse formato mais reduzido, com menos textos e tudo, mas tem que ler semanalmente sobre impulsividade, sobre as questões de paternidade, o que vem na infância e ela começou, criou esse grupo o “Afetados por afeto” e aí é aonde a gente se encontra, vai no ciclo e ele tem um ciclo de passos para você ver e ver até onde é a sua dor, o que aconteceu com você, sobre... A que se trata? É um grupo de partilha onde as pessoas partilham as suas dores e experiências e, por exemplo, naquela semana vai falar sobre avareza, bem aleatório.** E aí você entra on-line, geralmente pelo zoom, tem ali um vídeo do [Pastor]. Conhece o [Pastor]?

Rebecca: Sim, aham.

Acsa: Isso, aí o [Pastor] fala, dá uma pregação relacionada àquele tema e aí depois têm algumas, acho que a [líder do CR] do Celebrando a recuperação, não sei se você conhece. **E aí tem algumas perguntas, as pessoas estão ali on-line no zoom se reúnem e começa a cada um responder aquelas questões, mas responder de acordo com a sua vida e o que a religião fez, o que Jesus faria, como aquilo afetou na sua vida. É bem bacana, muito bom, Afetados por afeto.**

Rebecca: Muito bom e quem media? É uma psicóloga, é um pastor, como funciona a condução?

Acsa: Tem. **A nossa mediadora atual é uma historiadora**, acho que ela também é. Pastora ela não é, a [nome da líder] não sei se ela é pastora, mas ela é cristã, ela dá aula não sei se você conhece. [...] Ela é quem conduz. No momento agora está sendo ela, ela e outros facilitadores que não são, eles são só facilitadores que estão ali há um tempo ali, que fazem esse afetados com ela, eles facilitam um pouquinho, ajudam ela porque ela tem outras funções na página dela, nos cursos que ela dá.

Rebecca: sim, sim. E é interessante. Você está fazendo isso e você está fazendo a terapia? Está fazendo dois processos diferentes.

Acsa: **Diferentes, sim.**

Pesquisadora: O que que você acha que tem de parecido, o que você acha que tem de diferente nesses dois lugares?

Acsa: **Olha, parecido é a escuta, a escuta, tem sempre alguém ali para te escutar, a escuta afetiva. Então isso é muito parecido, mas a diferença só é o presencial, mas embora os nossos encontros sejam on-line, por eu já está fazendo algum tempo, já fica mais...** Cria um vínculo melhor de você falar e conversar, falar dos seus problemas e por saber também que as pessoas que estão ali não vão te julgar, que é uma das normas no grupo você ouvir, acolher e tudo. **É bacana isso e o interessante com a terapeuta lá, com a psicóloga é que é um pouco, não é muito... Não tem muito afeto, não é afeto, é meio distante, frio porque é meio profissionalismo, vai entrar um outro paciente depois no consultório dela, é uma coisa assim que se perdura.** O grupo Florescer que é das mães de anjos e tudo, que era melhor, né? **Por conta das psicólogas, aí era mais acolhedor e tudo, só que é isso foram, cada uma indo por um lado e acabou que deixaram um pouco, era mais acolhedor. Agora a consulta, eu percebo que tem essa, assim, não é distância, você vai, você fala, sinalizou algumas coisas mas muitas das coisas também o Afetados tem suprido, entendeu?** Os Afetados por afeto tem suprido por que eu tenho conversado, aí sinaliza, fala alguma coisa, cada um fala uma coisa e aí você acaba também se vendo que é assim, às vezes você até se, não é se culpa, nem sinaliza mas se entristece por você estar naquela situação e elas terem outros problemas tão maiores ou tão iguais, aí você acaba percebendo isso e aí você fica “aí meu deus, poxa porque eu fico assim tão mal mediante a tantas outras coisas, embora tudo é um sofrimento, sofrimento não é mensurável.

Rebecca: Não é comparável, né?

Acsa: É, você vê ali que uma coisa pequenininha pode ser grande para cada pessoa diferente.

Rebecca: E esse Afetados, você está há quanto tempo nele?

Acsa: Estou há dois anos. Três, três anos.

Rebecca: Três anos?

Rebecca: Interessante. E na psicoterapia você está há três meses, né?

Acsa: É. (grifo nosso)

Para Acsa, a psicoterapia tem um caráter de profissionalismo que deixa a relação muito impessoal e, por isso, se sente mais confortável com o Afetados pelo Afeto. Quando perguntado para Acsa o que havia em comum entre os grupos de apoio que ela frequentava e a psicoterapia ela cita a escuta, mas ela relata que nas rodas de conversa tem mais afeto. A diferenciação é que o psicólogo precisa performar um profissionalismo e isso inclui não ser afetivo.

Percebemos na fala de Acsa tem ainda um ponto interessante de se observar porque ela relata que o espaço da roda de conversa faz com que os sofrimentos sejam compartilhados, mas também comparados. Esse é um ponto que se repete nas falas das mulheres entrevistadas. O compartilhar muitas vezes vem junto com uma opinião externa de comparação ou de um ideário de certo/errado. E, quando elas estão sensíveis, não desejam passar por esse processo. Essa visão traz novamente um reforço à ideia de que não vale a pena abrir para suas próprias dificuldades.

Todas essas falas apontam para a complexidade das relações das igrejas com os processos psicoterápicos. A existência de outras rodas de conversa e de outras terapias não precisa ser uma oposição ao trabalho do psicólogo, da mesma forma que a vivência de fé. Contudo, a apropriação de igrejas e grupos de conhecimentos da psicologia e o direcionamento

da prática apresenta complicações para a laicidade. Afinal, para um bom exercício profissional do psicólogo é necessário que este se atenha a saberes reconhecidos pelo CFP, a fim de evitar violências dentro do espaço terapêutico. Mesmo em meio a tantos debates, todavia, vemos que mulheres buscam a psicoterapia e, ali, experienciam a relação psicoterapêutica.

3.3.3 Experiência terapêutica como espaço de conflito e acolhimento.

Quando falamos em processos terapêuticos e, no caso, relatados pelas entrevistadas, temos um recorte específico das experiências delas. Não caminhamos somente no que teoricamente um psicólogo tem de ferramentas para aproximar das questões dessa paciente. Caminhamos ao lado do que o sujeito constrói de sentido nesse espaço, para além da parte técnica que com certeza está inclusa na relação profissional. Bondía (2002) enfatiza o lugar dessa experiência que “nos acontece” de forma singular. Esse autor nos sugere que:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (BONDÍA, 2002, p. 27).

E, se cada experiência é singular, acontecida especificamente com aquele sujeito, atravessado por questões sociais, é necessário o olhar para cada uma dessas histórias. Anzaldúa convida a pôr no papel essas experiências:

Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Continuamos acompanhando a fala dessas mulheres que estão longe de serem pobres de experiências. Quando falado com Eunice acerca da psicoterapia, ainda não havia sido citado o tema da religião. Então, as perguntas seguintes foram “Você sabia a religião dos seus psicólogos? Se eles eram crentes, se não eram? Faz diferença pra você isso?”. Nisso, como quem se sente muito tranquila em relatar, ela discorre que sim, que sempre soube a religião e

que sempre chamou a atenção dela, sendo um assunto recorrente em terapia. Disse que começou a terapia aos 25 anos e que a relação com os psicólogos sempre foi muito boa, a ponto da primeira psicóloga indicar o ginecologista para fazer o parto da primeira filha dela e que era sensível ao fato da nossa interlocutora sofrer de vaginismo na época. Esta primeira terapeuta marcou muito Eunice, tendo épocas que precisou encerrar a psicoterapia, mas logo quis voltar com ela. Naturalmente, enquanto dizia sobre a boa relação com os terapeutas, ela lembra também dos relacionamentos positivos familiares que a apoiaram nos momentos difíceis.

Quando ele arrumou a...a amante, né, meu marido ia embora e tal, eu procurei ela de novo. Foi uma segunda vez que eu procurei a doutora e eu me lembro que a irmã do meu ex-marido, ela...todo mundo soube o que que tava acontecendo. Ficou tipo um escândalo, sabe?...na família e ela... Todo mundo sabia que eu era evangélica, embora não tivesse indo na igreja, na época, mas todo mundo soube que eu sempre era evangélica. Então, a irmã do meu ex-marido que foi ela que me falou que ele tinha uma amante. Todo mundo ficou do meu lado, sabe?...Porque as meninas eram pequenas, então, todo mundo ficou assim...muito sensibilizado com o que tava acontecendo.

O relato de Eunice repete que todo mundo sabia que ela era evangélica logo após citar o escândalo da traição do marido. A sensação que se levanta é que o fato dela possuir essa fé criaria uma camada a mais de seriedade, como se o escândalo ficasse maior. Aqui parece levantar que a performance da família perfeita poderia ter afastado as pessoas de darem suporte para esta mulher e como o discurso religioso reforçaria esse sofrimento. Para Woodhead (2013) a família é um dos pilares da religião e que compõem ao mesmo tempo um espaço de possível valorização dessa mulher – como a boa mãe, a boa esposa –, mas também de regras e cobranças. Depois ela relata uma cena bastante curiosa quando diz:

Aí, a irmã dele falou: “olha, Eunice eu conheço um pai de santo”...Pra você ver o grau que eu tava de desespero, né. “Eu conheço um pai de santo e...Ele vai falar o que que tá acontecendo com o [Nome do ex-marido].” É o meu ex-marido, que é o irmão dela. “Ele vai falar o que que tá acontecendo com o...com o [ex-marido] pra você se programar, porque você nem sabe essa mulher como é que ela é.” Ela era bem mais velha que eu e era bem mais velha que ele. Ela era bem madura, né...Bem experiente na vida, né. Aí ela falou: “Vamos nesse pai de santo? Eu vou com você”, por que eu...imagina, eu tinha muita distância dessas coisas. Fui criada na igreja evangélica. Aí ela falou: “Vamos lá. Eu deixo meu carro longe pra ninguém ver. Eu sei que você não gosta dessas coisas, mas nesse momento eu acho importante você ir comigo.” Cheguei a marcar com ela, a minha cunhada da gente ir. Só que eu resolvi falar com a psicóloga, que eu tava indo lá, né, conversando com ela desse momento. Aí ela falou: “Olha, Eunice eu não aconselho você ir, porque você é uma mulher evangélica.” Ela já sabia, porque eu tinha falado pra ela. “Eu sei que isso realmente existe, pessoas sérias que poderiam te ajudar, mas eu acho que como você não conhece a pessoa...Eu acho que você não deveria ir.” Ela falou: “Eu sou espiritualista”. A psicóloga. Então, ela era espírita e ela me aconselhou a não ir. Então eu fiquei sabendo nesse momento que ela era espírita.

Aqui percebemos algumas pessoas que compõem a cena. A ex-cunhada, que propôs a visita ao pai de santo, a Eunice, que possui um distanciamento dessa experiência religiosa por

ser evangélica e uma psicóloga que manifesta sua religião como espírita/espiritualista após o relato da paciente. Por mais desapegada a regras religiosas que ela se apresenta, aparecem algumas dificuldades evidentes ao se falar da outra experiência religiosa, pela distância que ela tinha desse tipo de vivência. Ver a ida a um pai de santo como sinal de desespero, deixando o carro longe para ninguém ver e possuindo muito receio dessa experiência de fé. Fica um questionamento se haveria tanto receio se estivesse indo para uma outra igreja, um templo budista ou um centro espírita. Essa desconfiança dirigida a um espaço de religião de matriz africana indica o racismo religioso que perpassa nossa cultura. Me fez refletir sobre a ideia de escutar, dentro do conceito de *Ouvir*, que Diniz e Gebara acionam ao dizer que “A prática da escuta é sempre incompleta, pois ela necessita nos deslocar das certezas do vivido” (2022, p. 23). Nesse caso, o terapeuta não parecia confiante de que a interlocutora visitasse essa casa de santo e ela interpretou isso como uma recomendação, devido à “espiritualidade” do terapeuta. A fala de Eunice deixa claro que ali, no *setting* terapêutico dela com seu profissional, o psicólogo falava como religioso que faz uma indicação sobre religião, o que não é autorizado pelo Código de Ética da profissão. Outra cena interessante aparece logo em seguida:

Então, aí a segunda vez que eu fui, que já foi agora no começo da pandemia. Logo depois da pandemia... Não lembro exatamente, mas eu sei que eu parei por causa da pandemia. Aí ele falou... ele é católico. Católico, bem aquele católico de tocar, até tocar na igreja. Mas uma coisa bem é... interessante que ele é um católico até de tocar lá na liturgia, mas ele é homossexual, entendeu? Então eu achei bem interessante, porque católico é católico, não é homossexual, né. Então, esse eu soube. E esse agora que eu tava com ele no final do ano ele... a gente acabou se abrindo, eu falei pra ele que eu tinha feito Ciência da Religião... Não sei o quê... Aí ele me perguntou se... Ele me perguntou se eu achava... se eu achava que existia alguma religião certa. Aí eu comecei a conversar com ele e eu vi que ele era inexperiente, mas eu gostava de conversar, porque eu sabia que ele tinha... Ele tinha uma... Como é que fala? Ele não podia espalhar essas coisas pra ninguém, né. Aí ele... Eu falei pra ele, né nosso estudo e tal. Aí eu descobri que ele vai numa igreja inclusiva, porque ele é homossexual, entendeu? Então dentro dos meus papos eu acabo descobrindo o que os meus psicólogos eram. Mas é isso...

O período pandêmico foi um marcador para Eunice voltar à psicoterapia, pois foi um grande momento de mudanças sociais e pessoais (ENUMO; LINHARES, 2020). Temos o relato aqui dos terapeutas seguintes aos quais tememos um atravessamento de sexualidade e religião, agora não vindo por parte da Eunice, mas dos terapeutas. Os dois, pela fala da interlocutora, eram homossexuais e tinham suas experiências de fé.

É interessante ver como há diferença ao olhar dela sobre a sexualidade deles a partir da religião que eles professam. Um é católico e, pelo olhar popular de que existe uma diferença entre o praticante e o não praticante, ela quis saber como era a relação com a igreja. Mesmo não sendo as regras ou a presença numa igreja que definem uma pessoa como religiosa para a

interlocutora, o fato de o terapeuta ser homossexual a fez ter dúvidas se este era realmente da fé, como se dissesse “essa não é a regra desta religião”, afinal “católico é católico, não homossexual”. Isso se expressa diferentemente com o terceiro, que simplesmente o fato de ser de uma igreja evangélica inclusiva, isto é, que aceita ativamente pelos LGBTQIA+, não se tornou um estranhamento.

É intrigante também observar a pergunta que o terceiro terapeuta faz, se há alguma religião certa. Pela fala de Eunice, o assunto veio por conta dela ter estudado Ciência da Religião e pela curiosidade do próprio terapeuta com a área. Nesse recorte vemos um psicólogo religioso, uma paciente religiosa e a temática da religião aparecendo dentro do espaço terapêutico, sem que pareça, a princípio, como uma forma dogmática de forçar a convicções religiosas dentro do *setting* terapêutico. .

Decidi perguntar se ela havia percebido alguma diferença na forma de intervenção pelo fato de os terapeutas serem dessas religiões. Ela então disse que se sentia “bem confortável” e até mesmo esse último, ao qual ela considera inexperiente, “conduzia direitinho”, usando os termos que ela cita. Então Eunice comenta uma intervenção que este último fez:

Ele me propunha algumas coisas... Bem legal. Até o conceito de submissão. Eu trouxe pra ele um... um tema, porque assim, eu sou muito amiga do meu ex-marido. Segundo, não do primeiro. Segundo, que é pastor. E aí... Hoje a gente continua amigos eu e ele. Só que ele ainda tem esperança da gente voltar. Só que eu não, eu não quero, né. Não quero isso. E aí eu... Só que ele vem na minha casa e toma café e às vezes eu também me sinto só. Eu converso com ele, os meus netos adoram ele. Ele foi pra João Pessoa, que a minha filha tá morando lá. Ele foi pra João Pessoa ver os meus netos. Então... E eu conversei com o psicólogo. Eu falei que às vezes eu me sinto mal, porque dá a impressão que eu tô alimentando, sabe? Essa... Essa... Esse desejo dele. Aí ele me falou o seguinte... Ele falou: “Ele sabe que você não gosta dele? Assim, que você não gosta pra casar?” Ele sabe. Todo mundo sabe. “Então, você não pode fazer nada. Ele tá com você, porque ele se sente bem, né.” Então, ele falou: “Parece, Eunice... Pode ser que você ainda se sinta submissa a ele. A impressão que me dá, mas pelos nossos papos eu já percebi que você já não tem nenhum tipo de submissão. Você já entendeu, mas de repente é bom... é interessante você rever esse conceito de submissão que você conhece.” Então, eu achei bem legal isso dele, sabe? Eu falei: “É verdade. Vou ter que rever.”

Eunice foi divorciada duas vezes. A primeira com o pai das filhas dela, vindo de um processo de traição e de disfunção sexual, que a levou a terapia. A segunda vez, ela relata com muita tranquilidade sobre o ex-marido pastor, ao qual se sentia mais amiga do que propriamente dita uma esposa para ele. Ali o psicólogo percebe uma relação de que eles chamam de submissão da Eunice ainda com o ex-marido e esta propõe rever esse conceito de submissão que ela conhece. Aqui percebemos que, mesmo os dois nesse caso sendo evangélicos, a ideia de submissão não aparece como algo que deveria ser imutável ou valorizado, mas a ser

repensado. Ela mesma diz que o psicólogo não percebe nela nenhum tipo de submissão, um não encaixe a esse lugar recatado. Isso se expressa bem quando vemos no verbo *Ouvir* das autoras (DINIZ e GEBARA, 2022): “Não acolhemos mais o silêncio da obediência em nós. É esta a novidade que toca nossos ouvidos. Já não silenciemos as nossas dores comuns. Já não somos mais as boas mães, as boas filhas, as boas esposas, as boas noviças, as boas cristãs”. (2022, p. 29).

Ela ainda age de modo submisso como foi ensinada por toda sua vivência religiosa,. O espaço da igreja a ensinava que para ser uma boa mulher ela precisava aprender a se submeter, tanto à divindade quanto aos homens. No caso que Eunice levanta estava internalizada essa ideia de que ela deveria uma submissão ao homem ao qual não desejava casar. Mesmo ela tendo certeza do seu próprio sentimento, Eunice sente que deve algo a esse homem por ele estar sendo afetuoso. Essa é uma performance que se espera de mulheres em um mundo generificado, mas não é o que Eunice demanda para si. Há um incomodo manifestado pela interlocutora de ainda ter traços de submissão, de obediência a ideais religiosos que ela vem desconstruindo ao longo do tempo. Ivone Gebara, uma das maiores referências da Teologia Feminista, discorre em um dos seus textos o como é difícil perceber em si mesma as dores dessa submissão, mesmo depois de tanto tempo de reflexão sobre isso. Gebara (2023, p. 9) diz, a respeito deste desconforto: “Incomodo-me com a obediência às leis divinas proclamadas pelos homens das Igrejas, pela graça que pregam quando cobram alto preço por ela”. Obedecer aos seus próprios desejos antes do que o outro quer foi um processo que Eunice quis trabalhar em psicoterapia. Interessante ver o processo psicoterapêutico como um aliado dessa reflexão. No montante, Eunice relata que se entendeu “muito bem com os terapeutas” e que “os psicólogos a adoram”, nas palavras dela.

Foram três bem diferentes, né. Uma espiritualista, um católico praticante, né...Eu creio que praticante (...) Inclusive, essa a...essa associação que eu fiz com ele é de uma igreja católica. Uma associação que tem vários psicólogos. É de uma igreja católica. Interessante, né? E...E esse outro não. Esse outro era...acho que era algum trabalho de faculdade, alguma coisa que ele tinha que cumprir. Alguma...é...algum trabalho. Não sei. Isso é bem legal. É...Eu gostei de todos os três que eu conheci e que eu fiz as...as terapias. Foi bem legal.
Inclusive, se você souber...se você souber de algum que...que faça on-line e que..., mas tem que ser ou...ou...associação preços bem acessíveis ou de grátis. Acho que não tem. Tô sem.

Nessa última fala ela cita uma informação a mais de que o psicólogo católico fazia parte de uma associação de psicólogos de uma igreja católica. Não cheguei a perguntar qual organização estava se referindo, mas ela não relata como se fosse uma questão problemática, mas sim que seria até “interessante”. Ela reforça que em todas as três experiências, sendo psicólogos da mesma fé ou não que a dela, foram “bem legais”. Por fim, reforça o que havia

dito no início da conversa que está procurando pessoas que a atendem em um preço acessível ou grátis. Pelo que demonstra, parece querer fazer terapia mais uma vez.

Seguindo as experiências de Eunice, outras mulheres procuraram por atendimentos psicológicos por indicação, como Sara, Abigail, Tamara e Miriã. Algumas tiveram recomendação já no início da adolescência, como Ana e a própria Sara, outras já foram na vida adulta.

Quando Sara fala da sua experiência em psicoterapia, ela começa comentando que quando era adolescente conversou com a esposa do pastor, que era psicóloga, mas a própria interlocutora diz que a relação era de amizade. Depois, já adulta, recebeu uma indicação da mãe de uma psicóloga que não se adaptou por culpar os pais. Interessante ver como fatores totalmente externos a técnica podem afetar na escolha de um psicoterapeuta, como a vestimenta. E o fato de a psicóloga dar um “nó na cabeça” de Sara foi lido como uma sensação horrível, pois ela tem bases muito sedimentadas, mesmo que aquilo que crie uma estrutura não tenha uma ortodoxia clara.

Olha...quando eu era adolescente a esposa de um pastor era psicóloga e era evangélica. Ela me ajudou muito na época que eu estava com aquele ex-namorado terrível que eu tinha. E ela me ajudou muito a base da religião. “Ora sobre isso. Vale a pena continuar com ele.” Tudo mais. Mas ela conversava comigo não como psicóloga, mas como amiga. [...] Então foi a única hora que a religião invadiu a “terapia” (aspas da interlocutora), mas ela não era terapeuta, mas minha amiga. É isso, acho que foi a única época que a religião entrou um pouco. Teve uma época há muitos anos atrás que mamãe cismou que eu tinha que fazer terapia quando eu terminei com o meu ex. Eu odiei a mulher. Fiz uma sessão de terapia. Odiei a mulher com todas as minhas forças. Odiei os córneos dessa mulher. Era uma hipponga, querendo colocar a culpa nos meus pais. Começou a dar um nó na minha cabeça. Foi horrível. Quando eu procurei foi completamente diferente. Eu gostava do terapeuta, vou até ligar para ele. Gostava muito dele. [...]

Porque eu tenho minha fé como muito certa para mim. Nunca tive dúvida sobre o que eu tenho. Isso é muito interessante. Tenho dúvida de várias coisas, mas dá minha fé não tenho dúvida. Nunca foi uma questão. Minha fé... não sei que o que. Nada demais. Signo, pedra e minha fé: certa! E olho grande. Coisas certas da vida: minha fé, pedras, olho grande e signo. Isso tem muito a ver (começa a rir)!

Mesmo sendo uma pessoa de base religiosa, isso não foi fundamental para a decisão do psicoterapeuta. Outras mulheres, todavia, consideraram o fator religioso nessa escolha, seja numa negação de um psicólogo com fé ou não, como Eunice, Berenice, Jael, Maria, Abigail, Talita, Miriã, Zípora, Acsa e Ana. Além delas, temos o caso de Tamara de como a temática da religião atravessou a escolha de um psicólogo. Ela relata não querer um psicólogo com uma religião, mesmo tendo pedido ajuda para o pastor. O fundamental para a interlocutora era não ser antifeminista. Observando esse fator, percebemos que mesmo ela não explicitando o desejo por alguém da mesma religião, ela queria algum alinhamento com alguém que ela poderia

chamar de psicoterapeuta. Isso cria um certo conflito quando a própria diz que gostaria de uma psicóloga neutra, afinal não existe um psicólogo neutro. Uma psicóloga feminista, que usa desses parâmetros teóricos, metodológicos e políticos não é neutra. A preocupação rondava em receber um julgamento, como mostra em sua fala:

Quando eu fui pesquisar ela, eu pesquisei na internet, mas eu não tinha encontrado uma que fazia sentido. Aí eu perguntei pra um pastor, que é sempre aberto a tudo e aí ele me indicou ela, que ela tinha estudado na mesma universidade com ele. Aí eu “estalquei” ela no Instagram pra ver se ela não era antifeminista, alguma coisa assim. E aí ela era bem assim feminista. Pelo visto não é evangélica e aí isso também foi um fator pra eu querer encontrar com ela. Não via sentido em encontrar com uma psicóloga que fosse declaradamente evangélica, sabe, e essas coisas bizarras que acontecem por aí.

Rebecca: Mas por quê? Qual é o problema da psicóloga ser crente, nesse sentido assim?

Tamara: Ai...Era 2019, né, então já tinha rolado aquela treta da eleição e aí eu não conseguia imaginar uma pessoa de Campo Grande que fosse da área e que eu não conhecesse e me atendesse de uma forma neutra, sabe? E aí eu fiquei com esse medo de pegar uma psicóloga que fosse me julgar muito por eu ser de esquerda, por eu ser feminista. E aí foi um preconceito meu. Eu sei. [riso] Mas naquela época era um preconceito que pra mim fazia sentido, sabe, pro que eu tava vivendo.

É curiosa a fala de Tamara de que o psicólogo poderia julgar. Ela relata que era pós eleição, logo o atravessamento político conservador estava muito evidente no Brasil e, principalmente, no território da Zona Oeste do Rio de Janeiro. A forma que esta tentou se proteger foi procurar no *Instagram* – e pediu ao pastor ajuda para procurar uma psicóloga feminista – e vê isso como uma forma de preconceito. Entendendo o contexto socioeconômico que o país vive, o receio e medo são materiais, afinal direitos das mulheres são atacados. Ela relata que tinha preconceito contra psicólogos que se diziam evangélicos, mas como o marido tem uma e é boa profissional, quebrou o seu receio. Tamara relata isso quando diz:

Hoje eu acho que depende muito da pessoa. É...Meu marido, ele tem uma psicóloga e a gente sabe que ela é evangélica, mas ela é muito tranquila, assim, nas orientações que dá pra ele. A gente nunca viu nada que fosse assustador, assim. Tem uma relação bem profissional. Então, hoje eu acabei com esse meu preconceito. [risos] Naquela época, eu também era muito militante, sabe, chata. Mas hoje, eu percebo assim que super dá. É tranquilo. **A pessoa pode ter a própria fé no particular dela, mas eu não vejo sentido de ter uma psicóloga dita evangélica. Isso não.**

Eu não sei como seria, assim, se ela não fosse cristã e também não me entendesse, não fosse sensível em relação a tudo o que eu vivi, mas...assim, eu nunca vi problema em você fazer terapia mesmo sendo cristão, né. Eu vejo problema em você ser um cristão e ficar abusando das pessoas emocionalmente pela sua fé, mas eu tinha mais dificuldade por eu, por ser uma coisa que eu achava que era cara, sabe, é...

A fé para Tamara entra num espaço particular e não haveria sentido de reivindicar o que se chama de “psicólogo cristão”. O importante seria apenas se a pessoa é sensível à experiência

religiosa do paciente. Todavia, para Ana, existe uma importância se dizer um “psicólogo cristão”, principalmente para adolescentes que ainda estão construindo a própria fé. Isso demonstra como, na leitura dessa interlocutora, a psicóloga é uma formadora, influenciadora e, se assim é, deve conduzir a pessoa na espiritualidade cristã. Novamente, vemos uma aliança de evangélicos e psicólogos para se exercer um poder sobre os pacientes, capaz de dizer se a fé é positiva ou não. De uma forma similar o que Sara pontuou, o psicólogo não é para criar confusão, conflito. E, para a fé religiosa cristã, a confusão é uma inimiga. Para Ana, isso depende da maturidade da pessoa, como aponta:

Pra mim, que já sou assim, mais madura na fé...É...Isso não é importante a questão da fé dela, dela ser ou não evangélica. Mas, por exemplo, se minha filha adolescente...Se eu procurasse uma terapeuta pra minha filha adolescente...Lógico, além dos...da formação profissional, de ser uma pessoa de confiança, com uma boa formação, eu tenho medo de deixar a minha filha adolescente com uma terapeuta não evangélica, por conta dessa experiência anteriores, pretérita. Era uma pessoa que exaltava o mundo, a liberdade, achava que eu tinha que experimentar de tudo, então, talvez por conta dessa experiência negativa pretérita, eu tenho receio de deixar uma filha adolescente que não tem toda essa bagagem ainda de fé aos cuidados de uma profissional não evangélica. [...] Essa pergunta, eu acho que depende muito do quanto a pessoa está firme ou não na sua fé, né. [...] **Não digo nesse trabalho de firmar a fé não, mas que pelo menos não criasse um conflito, sabe? Não colocasse a igreja, a religião, a fé como algo negativo na vida da pessoa, como se fosse uma corrente que acorrentasse a pessoa e a impedisse de ser feliz, entendeu? Pelo menos isso.** (grifo nosso).

Novamente vemos a ideia de que o psicólogo tem que tomar cuidado com pontos sensíveis. Havia um medo da filha ser influenciada por um psicólogo não cristão porque, na experiência anterior de Ana, o psicoterapeuta trazia outras possibilidades de se existir no mundo e a interlocutora experienciou um conflito interior. Ana relata que nessa psicoterapia conflitiva, a psicóloga via a fé como “algo negativo na vida da pessoa, como uma corrente que impedisse de ser feliz” e que “exaltava o mundo e a liberdade”. O mundo, na linguagem religiosa, é de onde advém os prazeres não relacionados à vida ascética espiritual e, por isso, se opõe a Deus.

Não é papel do psicólogo opinar sobre a vivência religiosa de seu paciente, contudo se o profissional perceber que algo na vida da paciente está causando sofrimento, este deve ser explicitado. Assim como o profissional da psicologia não deve julgar a experiência religiosa, este também não deve se aliar à religião para ser a favor de uma crença em si. Isto é, o psicólogo não deve ser contra nem a favor do “mundo” porque não é o seu papel, independente se a crença pessoal dele seja cristã ou não. Ana tem medo de um psicólogo laico para si e para filha porque, ele não tem o dever de permanecer em sintonia com a religião. Em outra fala de Ana, ela afirma que este profissional deve estar ali para “estabilizar a pessoa”, como se devesse endireitar o seu funcionamento e, para isso, se a pessoa mexer nos fundamentos, pode desestruturar.

Eu acho que... E falando da experiência da minha profissional, né. Eu acho que é fundamental o profissional perceber o quanto a fé é fundante daquela pessoa e...e...o quanto você pode afundar a pessoa se você mexe nessa estrutura dela. O quanto você pode desses...Você está ali para estabilizar uma pessoa de modo que ela possa, né, racionalmente tomar as suas decisões, fazer as suas escolhas.

Aparece nessa fala a crença de que o paciente é frágil e influenciável pelo psicólogo e que, dependendo de como o profissional exerce esse poder, pode desestruturar a pessoa.. Ali, no *setting* terapêutico, o psicólogo exerce um saber-poder, que pode expor o que há de adoecido e violento nessa fé. Nesse sentido, observando tudo aquilo que já foi levantado na revisão bibliográfica e na experiência dessas mulheres sobre mulheres evangélicas me vem que elas sabem que a relação com a religião tem falhas, complexidades e pontos de discussão. Porém, nem todas elas se sentem no conforto de olhar para isso.

O psicólogo que tem uma fé cristã ocupa várias percepções das entrevistadas. Para Dorcas, por exemplo, ela não desejaria ser atendida por um, mesmo sabendo que atualmente há com pensamentos diferentes. Ela considera que esse psicólogo vai querer pautar a Bíblia nas consultas nas “linhas e entrelinhas”. E, por isso, não valeria a pena, como diz:

Se eu soubesse que era cristão eu nem queria. Eu nem queria ver. Hoje não, temos psicólogos cristãos que são feministas, com outra cabeça. Antigamente psicólogas cristãs queriam curar o gay, queria o casamento voltar, que era essa, ser boa, agradável e do lar. Que a Bíblia manda ser. Nem nas linhas, nas entrelinhas. Se fosse crente, eu nem ia querer.

Para Ester, todavia, não saber a fé da psicóloga a deixa insegura. Afinal, ela possui a experiência de ter sido atendida e sentiu como se a psicoterapeuta tivesse um “pé atrás”, não se sentindo acolhida e entendida. Há a ideia, para Ester, de que o compartilhar sobre a fé precisa ser feito com uma pessoa que também esteja inserido e o motivo pelo qual isso ocorre é que assim a profissional poderia entender. Isso fica mais evidente quando decide uma terapeuta cristã ao falar que:

Foi bem eu notei e umas outras amigas também notaram essa questão e quando elas iam falar, a sensação era que ela colocava um pé atrás, né, e isso já deixa a gente um pouco mais inseguro de tentar falar mais sobre essas questões. Porque também a...a igreja faz parte da minha vida e não contar isso é estranho [risos] Mas eu vou mudar pra uma terapeuta que é cristã. É um pouco mais difícil de achar nessa cidade, mas tem. Então, eu vou tentar, tipo, pra poder compartilhar um pouco mais e ela poder entender. (grifo nosso)

A parte de “poder entender” aparece com frequência nas falas das mulheres. Maria, por exemplo, já relatou que trabalhou temáticas da igreja dentro da terapia. Ela não sabia qual era a religião da psicóloga atual, mas já teve uma psicóloga que se dizia cristã. Acas, por outro lado,

já relatou que pensaria em ter um psicólogo evangélico, focando no aspecto de se sentir mais acolhida. Porém, ela não vê como um filtro, que impediria de ver outros psicólogos porque na experiência com o grupo Florescer, ela teve um bom contato com uma psicóloga umbandista que a fez muito bem. Sentir afeto pela psicóloga independe da religião como aponta:

Olha, assim, seria bom eu encontrar um evangélico porque eu acho que faz, não é que faz diferença, mas eu acho que tem esse acolhimento, mas pelo que eu percebi...[...] Pelo que eu percebi do projeto da Florescer, das mães de anjo, eu vi que ali também tinha muito acolhimento, muito afeto e que eu acho que elas não eram ou eu posso perguntar depois para poder ajudar na pesquisa, mandar mensagem, ali não. [...] Agora olhando ali para o grupo Florescer, também eu vi que uma das meninas também falou que era de umbanda, eu vi também que não fazia diferença, estavam todas ali para se cuidar, então assim, analisando, olhando para trás, não essa terapeuta que eu estou agora no plano não, eu acho que eu não sei a religião dela, mas olhando lá para a [psicóloga] que me atendeu em 2020 e o grupo Florescer agora em 2021, foi assim, eu não vi que foi diferença, cada uma era de uma religião e todos tinham um cuidado, estavam ali com amor, desejando, tinha um interesse em cuidar, não faz diferença não. Aí talvez eu não procuraria, não seria um empecilho para um tratamento essa questão da religião, não seria porque eu vi que, assim, não é a religião que faz o profissional, se for um profissional que está com vontade de querer ajudar.

Nessas experiências, Acsa se lembra de contar de um tempo que conversou por WhatsApp com uma psicóloga que era evangélica, com horário marcado, chamando de sessão e que se falava de religião e orava. A própria interlocutora percebe que não foi um tratamento, mas um impulso para se buscar ajuda, como em uma amizade. Todavia, fez uma associação que a junção entre fé e psicologia pode trazer maior acolhimento.

Ah, tem uma outra coisa para te falar muito boa. Eu fiz também no ano passado, um acompanhamento com uma psicóloga por WhatsApp vídeo. Eu fiz, foram 5 sessões além desta, foram 5 sessões, muito boa, ela era evangélica, ela era cristã, evangélica, agora eu estou lembrando.[...] Aí ela falou assim “eu estou aqui para te ajudar e tudo, vamos conversar”, aí ela foi e marcou um horário, marcamos um horário e começamos a falar, aí ela queria muito entender como foi essa questão minha de tudo, como começou a gestação, porquê da demora, desde lá do início, desde a infância, eu fui relatando a ela, muito boa, muito boa, uma pessoa encantadora. E aí eu soube, nós conversávamos muito, era uma conversa bem acolhedora, aí eu soube que ela era evangélica. **Aí ela estava falando comigo na conversa, falando sobre religião, estávamos falando e ela falou assim e aí ela foi e pelas palavras dela, “crê em Deus, vai dar tudo certo, nós oramos, aí ela falou: “eu sou evangélica também”,** aí eu falei “aí que bom, que não sei o quê, aí tudo e assim foi bem gostoso e assim até talvez eu acho que eu não coloquei, eu não lembro dela como terapia porque o dela foi um caso tão diferente, vamos dizer assim, tão acolhedora, parecia uma amiga que estava ali naquela escuta de um ombro amigo que foi naquela primeira perda, foi lá em 2020, eu acabei você falando agora eu lembrei, **eu não via como um tratamento, não vi não como tratamento e foi ela que me impulsionou a ir, buscar ajuda e ela: “não, vai, tentar de novo, não sei o que, e tudo”** aí assim, eu não via como tratamento, mas sim ela era psicóloga e cristã. (grifo nosso).

Esse tipo de relação Acsa não encontrou com a nova psicóloga. Na percepção da entrevistada, a psicóloga sinaliza, mas a própria não sente grandes mudanças. Pelo contrário,

gostaria de saber mais da terapeuta e investir num vínculo maior que ela compara com a moça, psicóloga e evangélica, que a acolheu anos antes. São atividades diferentes, apesar de possuírem escuta e formação psicológica, mesmo assim Acsa compara. Esta psicóloga atual, que ela acionou pelo plano de saúde, desanimou a própria até mesmo de procurar outras terapeutas e continuar o processo. O afeto, novamente, aparece como um ponto crucial para se manter a relação psicoterapêutica. Essa experiência é vivida quando Acsa comenta:

Acsa: Assim, eu consigo sinalizar as coisas, observo onde tem as falhas mas eu não vejo, não estou vendo mudança ainda, não vejo mudança, eu sei que o problema está ali mas ainda está engrenando, não é aquilo que eu “opa, vi, estou uma outra pessoa, eu consigo”. Não, ainda não vejo, não me vejo assim, talvez outras pessoas de fora consigam enxergar que foram vocês que sinalizaram, mas eu mesma, em mim eu não consigo sentir, eu vejo que tem um problema, hoje eu me enxergo também junto com vocês eu enxergo o problema, consigo enxergar, “ah, então esse é um problema que eu estou passando”, entendeu? [...] Ela nunca fala, a que eu vou no plano? Não fala, fala pouco, ela senta “e aí Acsa”, aí a gente conversa, conversa, conversa, “ah, então tá, então agora parou, semana que vem a gente se vê”. Não tenho esse retorno, essa devolutiva para eu poder voltar a pergunta para ela.

Rebecca: Só tem essa psicóloga no plano?

Acsa: Não, tem outra, tem outra, eu vou marcar para ir, mas aí o que que acontece, aí foi a consulta, aí eu fico assim “ah, vai ser igual aquela dali”, aí acabo não indo, aí chega outra coisa para fazer, eu acabo não indo. [...]

Rebecca: Você gostaria de saber coisas sobre ela?

Acsa: Eu gostaria.

Rebecca: E por que nunca perguntou para ela?

Acsa: Então, eu não sei porque, eu acho que como fica o campo... A gente acaba conversando muito, falando, eu vou contando assim como eu estou fazendo com você e aí sempre acaba excedendo o tempo e aí “ah tá”, aí não sei o que, às vezes toca “doutora, já cheguei”, na porta de paciente, aí acaba, eu saio e não dá, mas agora já tem uma intimidade, eu sei que ela tem duas filhas [...]

Rebecca: Você gosta dessa terapia?

Acsa: Eu não gosto não, às vezes até eu falto [risos]. (grifo nosso)

Nessa busca por psicólogos, diferente de Acsa, Zípora passa por duas psicólogas que eram evangélicas. Nesse processo, Zípora relata que a religião quase não aparecia na terapia, quase como um tema superficial, do trabalho e por isso não importaria na hora de escolher um psicólogo. Porém, ela relata que a segunda psicóloga foi uma experiência bastante frustrante, pois era uma terapeuta de casal que citava termos bíblicos, como a indissolução do casamento, que ela deveria sentir gratidão pelo marido e isso a deixava insatisfeita. Novamente, uma psicóloga aliando a possibilidade de exercer poder dentro da profissão para colocar a doutrina religiosa. E, quando isso ocorria, Zípora não gostava. Hoje ela está com uma terceira psicóloga, que também é religiosa, mas que não faz diferença, pois é uma “boa profissional”.

A primeira é como se não fosse porque, apesar de naquela época eu trabalhar numa instituição religiosa, era inevitável eu falar de religião, de alguma maneira, mas ela pontuava algumas coisas, não ficávamos falando disso. [...]

Não tá evidente se ela tem uma fé. Eu falo de fé, mas eu falo de uma maneira bem superficial. Eu falo da minha vida, mas ela não entra em questões religiosas comigo e

eu não sinto falta que ela toque. Para mim não faz diferença nenhuma se falar qual é a (fé) dela, eu vou continuar querendo fazer terapia com ela. Independente do que ela creia, para mim ela é uma ótima profissional.

Assim, a partir da percepção dessas mulheres já temos uma ideia do que elas consideram um bom profissional: alguém que acolhe a experiência de fé, que evita influenciar, mas que não questione muito e que seja afetuoso. Isso pode vir com um outro termo que Tamara já citou antes e Miriã também diz que é a ideia de que o psicólogo precisa ser neutro. Miriã sabe que sua psicóloga é presbiteriana, por ser uma conhecida do pastor e indicação da mãe. Contudo, era importante que esta se mostrasse “neutra”.

Eu não achava que a religião em si influenciava a terapia, o caminhar era neutro. A não ser eu mesma tinha consciência da fé dela e sabia que ela entendia do que eu estava falando, né. E isso, eu acho que pode interferir no julgamento que ela tinha de mim. Então, eu falava às vezes menos por saber que ela ia me julgar por algumas coisas.

Curiosamente, mesmo Miriã desejando esse lugar da neutralidade, ela sabe que existe uma grande possibilidade de ter uma influência religiosa. Por exemplo, quando na entrevista citávamos o assunto da sexualidade, ela apontava que poderia aparecer, mesmo nunca tendo essa experiência na prática. Entendendo um psicólogo como um sujeito social e político, não existe neutralidade.

Olha...Eu não consigo julgar como alguém neutra, né. Já sabendo que eu tenho um olhar que é influenciado pela experiência religiosa, eu acho que olhar dela é sim influenciado, mas eu não sei te falar se a prática é influenciada. Até porque eu posso pensar uma coisa, mas eu não falo e coloco o meu profissional em prática, né.

E, nessa complexidade, Miriã relata que talvez seja até bom um psicólogo cristão quando uma pessoa tem uma crise de fé. Esse profissional, nos termos de Miriã, poderia dar conselhos porque ela já entende como é o funcionamento do espaço religioso. O imaginário do psicólogo que dá conselhos e que deve estar alinhado com o paciente aparece novamente. Tanto que ela remete que se tivesse um paciente de uma religião que não é a sua não “saberia o que falar”. Em sua fala, deixa esse ponto mais evidente:

Olha...Acho [pensativa] que depende do objetivo talvez. Por exemplo, se você tiver passando, sei lá, alguma crise de fé...[pausa] Pode ser...Não sei, porque eu nunca passei por essa situação, mas **pode ser que ter uma pessoa que tem a mesma fé que você, ela vá fazer questionamentos, porque ela entender do que você tá falando, não porque a fé dela vai te dar conselhos, por exemplo, mas porque o vocabulário que você fala, ela entende, então, ela o que que é uma sociedade, um ministério, mas às vezes não é nem a fé dela, só dela saber como funciona uma igreja, já pode ser um ponto positivo para isso então.** Mas por exemplo, se eu for...e eu tiver numa crise de fé e fizer terapia pra isso e ela não tiver ideia do que que é uma igreja, da organização de uma igreja, então eu acho que ela não vai saber do que você tá falando. Então, eu acho que nessa questão é importante. **Da mesma forma, se eu fosse, sei lá, do candomblé e fosse atendida por uma pessoa evangélica, por exemplo, eu não saberia o que falar, porque eu não sei como funciona a religião, os grupos.** Então,

eu acho difícil alguém ter, fazer questionamentos sobre isso, mas é mais nessa perspectiva de saber o vocabulário, saber do que se trata o assunto. Só por isso (grifo nosso).

O vocabulário comum aparece aqui como um vínculo entre o profissional e o paciente, porém traz consigo a problemática de que isso criaria uma relação muito restrita de psicólogos somente com aqueles com quem há alguma característica em comum com os seus clientes. Assim, tanto profissionais como pacientes demonstram não estarem abertos a se relacionar com pessoas que possuem linguagens sociais diferentes. Em um pouco similar com o de Miriã, Jael entende que o psicólogo precisa ter alguma fé para entender. Já teve uma psicóloga cristã e hoje não sabe a religião de sua psicoterapeuta, mas vê como importante uma experiência religiosa. E, novamente, vemos que o critério para isso é não querer se sentir julgada.

Acho que uma terapeuta com fé, não necessariamente a minha, é importante pra entender...Eu acho. Acho. Ainda que ela seja de umbanda, de candomblé, de uma fé diferente da minha, ela tem fé também e aí ela tem fé em alguma coisa. Quando se tem fé é mais fácil. Eu acho. Se eu falar da minha fé, como a igreja foi importante pra mim sem julgamento. Acho também que no tempo em que a gente vive tudo é muito polarizado e meio sei lá...**Quando eu digo foi a igreja que me ajudou, que me ajudou a tratar a minha saúde mental, as pessoas falam “fizeram lavagem cerebral”. Não. A igreja me botou pra fazer terapia. A igreja me ajudou a comprar os remédios. [pausa breve] Então...Eu acho importante ter uma terapeuta com fé, no meu ponto de vista.** (grifo nosso).

O psicólogo não tem o direito de julgar o paciente, apenas ajudar a manejar caso haja sofrimento e, de modo algum, pode dizer se uma experiência de fé é boa ou não em si. Essa construção valorativa parece um receio das pacientes. Mas, mesmo assim, não deixam de trazer os temas relacionados a igreja. Por exemplo, Jael relatou em terapia que se relacionou com um homem de 27 anos na igreja quando ela tinha 17 anos e teve um filho com ele. Os colegas de fé tentaram alertar, mas depois não a acolheram, como ela relata:

Sobre o que eu falei com você que eu achava quando eu me relacionei com o [ex-companheiro], as pessoas estavam sendo inimigas, elas estavam sendo ruins comigo, mas, na verdade, eu não conseguia perceber que elas estavam me protegendo. Elas estavam tentando me preservar. E...hoje, quando eu olho pra trás eu tenho raiva. É que eu tenho uma questão que eu não perdoei a Jael do passado. Aí, quando eu olho pra Jael do passado eu falo “cara, tava tudo na sua cara. Tava todo mundo tentando te ajudar e você aí fazendo birra”. Então, eu levei isso pra ela. Aquelas pessoas que me viram crescer e na verdade tavam me ajudando eu criei na minha cabeça que na verdade elas eram as vilãs, que elas eram pessoas ruins.

Hoje ela até mesma acredita que há uma banalização das terapias e diagnósticos e que todo mundo deve fazer psicoterapia. Quando observamos as mulheres entrevistadas, elas também no geral dizem que vale a pena fazer acompanhamento com um psicólogo, independente da religião. Curiosamente, muitas não sabem se são evangélicos como Lídia,

Noemi, Maria, Mical, Jael, Ester, Vasti, Talita, Tamara e Acsa ou sabe que é religioso, mas não evangélico, como a Sara. Berenice, por exemplo, é uma que se sente muito satisfeita fazendo psicoterapia e, diferente das outras entrevistadas, ela gosta de sentir desconforto nesse processo. O desconforto não é inimigo do processo, mas parte dele, contudo nem todas as mulheres entrevistadas sentem isso.

Eu faço terapia com a mesma psicóloga desde novembro de 2017 até hoje. Atualmente. É...Hoje eu faço...Desde dois mil e...Desde que....Faz uns seis meses que eu faço de quinze em quinze dias, mas até então, eu fazia semanalmente. Pra mim foi muito importante na época o fato dela praticar um preço social e...até hoje ela pratica um preço que é muito acessível pra mim. E...Isso foi muito importante pra eu poder acessar a psicoterapia ali naquele momento, porque eu tinha um salário de estagiária, né. Então, foi isso que meio que acabou me levando para a terapia com ela, né, porque teve essa questão. [...] Eu fui vendo, eu fui me sentindo bem, eu fui me sentindo confortável ali, mas eu estou até hoje e eu não me vejo largando. Assim, é...**Eu sei que a terapia nem sempre é um processo confortável, mas eu gosto muito de estar ali apesar do desconforto.** Eu conheço pessoas que detestam ter que ir pra terapia, mas vão porque é importante pra elas. Pra mim tem uma coisa muito intrigante de...de se investigar. Tem uma coisa muito legal nisso. Tem uma lógica muito legal nisso e eu não me vejo largando porque eu preciso, mas eu não me vejo largando porque, cara, é muito legal passar uma hora, nem que seja uma hora a cada quinze dias se investigando e tentando entender...pra mim é muito interessante, sabe, esse processo. Tô desde então e não tenho intenção de parar não. (grifo nosso).

Berenice é uma mulher com uma experiência interessante em psicoterapia. Por indicação, ela teve uma psicóloga vinculada ao Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, um grupo que possui revista, organização, congressos com a ideia de que o psicólogo não deveria ser restrito em sua liberdade de expressão religiosa. Todavia, flerta com frequência com uma quebra da laicidade profissional, como aparece no caso dessa psicóloga que atendeu Berenice. A laicidade na psicologia não é uma restrição da liberdade de expressão religiosa, mas a possibilidade de que a profissão não esteja aliada a nenhuma religião específica, a fim de proteger as pacientes de discursos violentos. Esta psicóloga dava livros para Berenice ler e a induzia a pensar que tudo deveria estar sempre bem, positiva, como uma mulher de fé deveria se portar. Esse regramento na vida de Berenice, apontando um modo certo segundo uma religião, é antiético e violento. E isso criou um processo de muita culpa para Berenice, como ela aponta quando perguntado sobre essa mulher estar vinculada ao CPPC:

Sim, era. Era sim. Inclusive ela era...vinculada, né, porque ela foi uma recomendação dessa outra que atendia a minha mãe. Então, tinha isso. Eu lembro que ela me indicou para ler dois livros. Eu sempre gostei muito de ler, né. Daí, ela pegou isso e me indicou “O Pequeno Príncipe” e “Poliana”, que são hoje dois livros que me estragaram um pouco psicologicamente [risos]. “Poliana”, principalmente, porque Poliana tem aquele jogo do contente, né. **Não sei se você conhece, mas esse jogo do contente me fez muito mal crescendo, porque me fez é...me sentir muita culpa por tudo, e isso foi uma das coisas que me impedia no começo da terapia, daí adulta, me impedia de...me impedia no sentido de evoluir, de falar as coisas, olhar de verdade pro**

sofrimento, porque a minha vida é muito boa, eu sou muito privilegiada, eu preciso estar contente. E durante todo o tempo eu...eu me sinto, né, quando eu penso, assim, na minha adolescência principalmente, é como se eu pegasse todos os sentimentos, colocasse embaixo do tapete e passe com um trator em cima. **Tanto é que eu era a pessoa que se eu tava triste, eu não ouvia música triste, eu ouvia música feliz, porque eu tenho que tá feliz, porque a minha vida é muito boa, porque dá tudo certo, eu sou cristã e o crente tem que ser feliz. Tipo assim, toda essa lógica da felicidade e de dar conta de tudo.** Você vai dar conta de tudo. Você vai fazer tudo bem feito, vai dar certo e com excelência. Todo esse peso. **Então, pra eu ir pra terapia foi, assim, admitir: eu falhei.** (grifo nosso)

Esse imaginário de que é necessário ser feliz a todo custo permeia toda a sociedade e é reforçado na religião. Por isso, a dor aparece em um lugar de falha e significaria religiosamente que o sacrifício de Deus não foi suficiente. E a psicoterapia era um sinal de total falha na sua construção como uma “boa mulher de Deus”. Contudo, apesar da resistência, ela foi. Primeiramente, consultou o pastor que deu uma palavra religiosa e depois foi para a psicoterapia.

Eu já me perguntei muito isso. No começo, será que vai ser mais fácil e eu não vou ter que ficar explicando tanta coisa e essa pessoa vai sacar melhor as dinâmicas e tal? Mas depois eu meio que fui pro total oposto. Eu falei, não sei se talvez por essas experiências que eu tive na infância, talvez seja por isso. Mas quando eu tava muito mal, muitas pessoas que eram, é... que são evangélicas, até...pessoas muito bem intencionadas falaram: “Ah! Vai conversar com o pastor”. Naquela época eu tava ainda indo numa igreja com um pastor muito incrível, uma pessoa maravilhosa. Inclusive, uma pessoa muito pró-terapia e etc. “E por que você não vai lá conversar? Conversa com fulano. Quem sabe não te ajuda?” **E eu lembro que eu sentia que eu não queria ouvir. Eu já sabia o que eu ia ouvir, entende?** Eu não queria sentar...Eu não tô dizendo que esse pastor falaria isso. Provavelmente não, inclusive, mas eu digo assim, a imagem que eu tinha era que eu ia ouvir: “Não andeis ansiosos por coisa alguma. Blá, blá, blá.” E eu não queria ouvir isso, tipo já não...Sei lá! Me dava crise de ansiedade só de pensar de ouvir isso, assim. Então, pra mim foi muito importante não ser e ter uma perspectiva de alguém que não esteve a vida inteira inserida nisso, porque a minha vida inteira foi inserida nisso. Toda a minha lente pro mundo e as pessoas que estavam a minha volta estavam inseridas nisso. Foi muito legal pegar uma pessoa que, não sei, a impressão é que ela não tinha nada a ver com essa farofa toda e aí ter alguém que vai olhar pra toda essa situação e ela faz isso e ela fala: “beleza” e absorve de outras formas. **Engraçado que a própria terapia com uma pessoa que não tem uma abordagem cristã me fez voltar mais pra perto da minha fé, porque já teve momentos que eu levei crises de fé pra dentro da terapia e ela falava: beleza, mas o que que é seu nisso? Vamos conversar sobre essa situação e não pela perspectiva de isso te leva ao céu ou ao inferno. Mas pela perspectiva de “o que é isso pra você?”, “como que é essa sua relação com isso?”.** Então, isso pra mim foi, foi, eu acho, né...Eu gosto dessa relação em que a religião não é estruturante, sabe, da conversa, assim.

Aqui novamente vemos o ponto interessante da Berenice que vai ao encontro com a fala de outras mulheres: a terapia auxiliando a fé. Essa função psicoterapêutica parece uma característica comum, de um desejo que este profissional esteja alinhado ou pelo menos não atrapalhando o crescimento espiritual. A importância desse acolhimento aparece para outras mulheres como Vasti.

Apesar de não saber a religião das psicoterapeutas que já passou, entende que esse é um espaço próprio, seguro e que ela pode ir além do “está tudo bem” que ela deve performar dentro da igreja, tendo como exemplo a mulher Sunamita na Bíblia. A história dessa mulher, relatada no texto de 2 Reis 4, é de uma mulher que não pode ter filhos e hospeda um profeta – um homem, Eliseu – em sua casa. E, a partir disso, ela se torna fértil e tem o filho. Todavia, o filho dela falece e o mesmo profeta retorna a casa dela e ressuscita o menino. Assim, a mensagem é de persistência, oração e acolhimento, que deve ser o lugar social dessa mulher evangélica, como ela discorre:

Sinto assim. Eu acho que... Eu não sei se ela tem religião, qual que é, mas eu sinto que apesar de não conseguir compreender completamente o que é essa questão que eu vivo, que eu sinto, que eu senti muito, ela me dá uma escuta, assim, muito cuidadosa, entendeu? Ela me oferece essa escuta cuidadosa assim. [...] Eu sinto que eu tenho uma boa experiência com ela. Eu tenho uma boa experiência. [...]

Há uma resistência por parte de mulheres evangélicas em conseguir conversar com alguém igual eu falei da mulher Sunamita, né. Tá tudo bem? Tá tudo bem. Você tem que falar que tá tudo bem, porque no final das contas o milagre vai acontecer e vai dar tudo certo e...foi muita coisa do que eu aprendi com a minha mãe, assim ela falou: “sempre que alguém perguntar se tá tudo bem, você fala que tá tudo bem, porque ninguém tem que saber. Só você e Deus. Você se tranca no quarto e ora e acabou.” Eu acabo seguindo muita coisa disso? **Acabou, mas hoje eu tenho o meu espaço que é o da terapia.** Eu entendo já, né. Principalmente como psicóloga da importância desse espaço. Aí por outro lado, tem as mulheres, né, que ainda estão na igreja e estão num relacionamento que não tem essa discussão sobre os gêneros, assim. “Ah! Mas eu não deveria tá vindo na psicóloga tá falando sobre isso, ela tá me mudando” e o marido instigando isso. Eu acho que tem essas nuances assim de gênero dentro da religião sobre como é difícil pra mulher evangélica, cristã ter esse espaço da terapia como uma possibilidade mesmo, de perceber esse espaço como uma possibilidade, mas, não sei, assim, é essa observação.

Vasti mostra evidentemente essas demarcações de gênero da religião e a possibilidade de a psicoterapia sair um pouco dessas diferenciações que a igreja impõe. Ali ela pode colocar as demandas que ela tem sobre sua própria vida que o discurso religioso *generificado* discorda por construir um ideal de como se deve ser mulher. Joan Scott (1998) afirma que a diferença sexual é hierarquizada, dentro de uma forma de pensar dual e engessada, naturalizada e a-histórica. Além disso, ela pontua que o gênero é algo imposto no corpo sexuado, sem ter escolha direta do sujeito. Isso construiria uma relação de poder, na qual homens seriam sempre uma prioridade para a sociedade – situação entendida como patriarcado. Apesar das continuidades e descontinuidades, esse modelo possui milhares de anos e mantém estes lugares sociais. Butler (2019) nos lembra que gênero é tanto ansiedade quanto prazer, isto é, dores, mas também potências. A ideia de uma mulher evangélica muitas vezes perpassa uma ideia de uma repetição única de uma performance de gênero, como uma essência a ser copiada. Contudo, observa Butler (2019) que esse destino não se segue de fato, pois existe maleabilidade dentro das configurações de gênero. Isso nos faz entender como seria possível Damares Alves e Alexya

Salvador dentro do mesmo espectro de mulheres evangélicas. O aspecto nem biológico nem cultural se sobrepõem, mas constroem as performances que balizam as formas de vida. A repetição do ato de ser mulher evangélica, a partir de lugares de poder e sempre em renovação, faz com que esse espectro se torne complexo. Dentro das normas de gênero existentes nas maiorias de igrejas evangélicas, Alexya não seria considerada mulher nem religiosa. Em outros espaços minoritários, contudo, dizem que Damares Alves não pode usar o título de evangélica, pois negaria os ensinamentos de Jesus ao não amar o diferente de si. São disputas e estas instituem e são instituídas pelas pessoas (BUTLER, 2013).

Essas disputas políticas e teológicas afetam diretamente a vida dessas mulheres evangélicas e, por estarem em um contexto específico de vivência, corriqueiramente esperam que tenham um psicoterapeuta que esteja em sintonia com essa linguagem em comum. Vasti relata até mesmo um constrangimento de falar de temática religiosa por não saber como a psicóloga irá se portar, como diz:

Então, às vezes eu acho que sim. É importante. Eu vou tentar te explicar, assim, porque sabe aqueles momentos que tem coisas muito sutis e sobrenaturais que acontecem, tipo: “ai, eu senti que era Deus falando comigo”. Uma pessoa que não tem fé, daqui a pouco fala assim “esquizofrênica”. [...] Então, eu acho que tem algumas sutilezas que quem tem fé conseguiria segurar um pouco mais e não dar um diagnóstico logo de cara assim. **Lógico que a gente tem que ficar atenta, mas é muito sutil isso, muito tênue, mas eu sinto isso assim. Tem coisas que eu fico assim, não é constrangida, mas é mais “eu não sei se você vai entender, sabe?” Tem a sensação que eu quero dizer, “eu senti que era Deus falando comigo”, sei lá.** Levar o guarda-chuva, porque ia chover e tá mó sol lá fora. E aí tudo bem, tem gente que coloca pro universo, né. Eu acho que é isso...**É importante, mas não é um requisito que eu falo “meu Deus, se não tiver religião dela eu não vou, eu não quero”. Assim, não é nem coisa que eu pesquise e realmente pergunte, mas às vezes eu acho que pode fazer uma diferença na escuta, uma diferença positiva, assim, dependendo da ética daquele profissional.** [risos] Mas acho que sim, assim, não sei se eu posso acabar me colocando também na posição de psicóloga, né, porque a gente acaba caindo nessa, mas vou explicar assim, né, **eu faço um acompanhamento que a pessoa tem uma fé muito grande e isso tá ajudando ela, por exemplo no uso abusivo de substâncias, né, e ele traz muitas analogias, assim, com... com Paulo, sei lá, com a igreja de Laudiceia, porque ele tava meio chateado de não tá lá nem cá, né, de não tá meio ali, de tá morno, né. Eu entendo o que ele tá falando. Se fosse outra pessoa, talvez não entendesse, assim.** E aí ele me falou essa semana, o que eu fiquei muito feliz, que acho que a gente tá conseguindo ter um retorno muito bom, que ele falou assim “ah, eu falei da terapia na minha pregação essa semana, porque eu tava aqui querendo desistir e você me ajudou a não desistir”. [risos] E eu acho que é isso, assim, tudo de maneira ética, assim, responsável, pode ser que tenha ali um estalozinho, né, uma virada de chave que a outra pessoa que não tem esse conhecimento bíblico teria, assim. Então, eu acho que dependendo do caso ia fazer uma grande diferença, mas não é algo que pra mim seja fundamental, digamos assim. (grifo nosso).

Isso, todavia, não é uma unanimidade. Abigail é um exemplo disso, ela teve indicação de uma psicóloga pela tia, que é evangélica. Porém, ela relata que várias vezes o tratamento ia

para a direção de um aconselhamento pastoral – isto é, uma instrução religiosa de um líder religioso sobre assuntos cotidianos a seus membros – e não um processo psicoterápico. Hoje, por ela estar com um psicólogo não evangélico, sente que se abre mais. E, se repararmos nas falas das interlocutoras, a maioria não está com um psicólogo que se diz cristão ou mesmo não sabe da fé dos profissionais. Logo, a situação de Abigail, de se abrir com um psicoterapeuta que não é cristão, é comum a essas mulheres. E no caso de Abigail ainda é interessante porque a própria estuda psicologia e deseja atender de forma laica, como ela aponta:

É uns 20 anos mais velha que eu mais ou menos e com bastante experiência com psicologia, né, em terapia, em clínica... Só que aí, entra a questão, eu era evangélica, ela era evangélica e como que eu ia contar pra ela que eu enganava ela e ela me enganava? Era um acordo tácito. Eu não falava as verdades, eu não falava pra ela o que eu pensava, o que eu desejava, eu não falava nada pra ela e ela... **Hoje, eu entendo, assim, que ela ao invés de fazer comigo uma terapia, ela fazia um aconselhamento pastoral, eu acho, porque ela não me provocava, ela não me... ela não interagia com as minhas sensações. Acho que ela poderia ter rendido muito mais se não fosse o bloqueio da fé, tanto dela quanto minha.** Eu acho que isso prejudica demais. Tanto é que hoje eu saí dela. Eu vou a um psicólogo... ele é um psicanalista, né, não... É psicanalista, né? Ele faz análise. É... E ele, eu não sei o que que ele faz da vida, se ele é umbandista, budista, católico... Eu não sei o que que ele é. E aí, eu consigo falar as coisas mais livremente com ele. Hoje, no meu entendimento, é... Não é necessário ele ter uma... uma, declarar uma fé, mas eu acho que pra todo ser humano a fé é importante. Porque amanhã, se eu tiver que atender pessoas eu quero que venham... de qualquer fé, gente, de qualquer lugar, de qualquer jeito, entendeu? Eu não quero selecionar: eu só atendo crente. Eu não vou fazer isso. (grifo nosso).

No relato de Abigail, o psicólogo que se diz cristão pode ser manipulador e os pacientes que buscam esse tipo de profissional negam o emocional abalado. A fala da interlocutora faz coro com o que temos percebido dentro da bibliografia quanto a esse exercício de poder que pode e tem sido feito por profissionais que usam dessa categoria “psicólogo cristão” – que não é regulamentada pelo CFP e fere a laicidade profissional. Abigail percebe as violências que o profissional que usa esses termos exerce, negando outros tipos de tratamentos e estimulando que os seus pacientes não façam reflexões críticas. Porém, aqueles que buscam esse tipo de terapia são diversos, como vemos na fala das mulheres dessa entrevista.

Mas há uma tendência, pelo que eu percebi, dos crentes procurarem psicólogos crentes, quando procuram..., porque eles negam... Eles negam o emocional abalado, a depressão. Eles negam a psiquiatria. Eles negam remédio. Eles negam tudo isso. Quando o negócio já tá lá daquele jeito, aí, eles procuram um psicólogo... de preferência evangélico, porque eles acham que o psicólogo é um... é um manipulador... é uma pessoa que vai lavar a sua mente, que vai te hipnotizar, que vai te tirar tudo e vai virar outra... vai virar um zumbi, né, e não é, né, a gente sabe que não é assim. Então, eles preferem procurar... Já que é pra lavar meu cérebro, que seja um crente que venha lavar.

Abigail, como estudante de psicologia defende o estado laico e diz que o psicólogo não deve ter uma bandeira a levantar, baseando-se em valores universais. Esses princípios e valores universais seriam neutros, sem uma “bandeira para levantar” e seriam diferentes dos valores das religiões que tem um posicionamento claro. Contudo, cabe refletir sobre essa ideia, pois os valores levantados pela Resolução 07/2023 acerca da laicidade dizem claramente que existe um fundamento nos Direitos Humanos e, logo, não é neutro para caso de violências como o racismo, machismo, lgbtfobia, capacitismo e a intolerância religiosa. Essa fala se encontra com a de Miriã e Tamara sobre uma possibilidade de uma neutralidade do psicólogo. Abigail continua essa reflexão ao dizer que:

Assim como eu defendo o Estado laico, eu defendo a ciência da psicologia laica, de nenhuma religião. E...Porque o ser humano é muito mais que uma religião, né? Ele tem que ser entendido em vários aspectos que...Claro...Às vezes a raiz do sofrimento dele é tá dentro da igreja, né. Algumas pessoas podem ter se decepcionado dentro da igreja de uma tal maneira, entraram num processo depressivo, aí, sim teve que levar a igreja pra dentro da psicoterapia, mas eu acho que não. A princípio...**Ainda que ela vá levar o problema da igreja dentro de uma psicoterapia, esse psicólogo não tenha religião, não tenha bandeira para levantar, entendeu? A não ser ter princípios e valores que isso é universal.** (grifo nosso)

Essa neutralidade faria um psicólogo capaz de entender um sofrimento religioso. Como observamos, qual seria o formato de psicologia que melhor acolheria varia para cada mulher. Lídia, por exemplo, conta a experiência do processo psicoterápico com uma psicóloga que era católica, dizendo que “respeitava muito”. Essa foi a que a atendeu poucas vezes e que acompanhou a filha dela. Curiosamente na conversa ela me corrigiu quando falei apenas “psicóloga cristã”, ela reforçou que era católica. Uma ênfase interessante. Quando perguntada do primeiro psicólogo, que faleceu, ela respondeu que não sabia a religião dele. Em suas palavras: “Não era católico...Acho que não...Acho que não tinha nada a ver”. Lídia relata respeito religioso e pessoal no processo.

Então, num primeiro momento não fazia pra mim muita diferença, qualquer coisa que fosse assim, da pessoa fosse cristã, católica ou se tiver alguma outra religião. Acho que a gente nem chegou a conversar quanto a isso. Mas num segundo momento já foi uma coisa que pra mim era importante, que eu já tinha passado por esse processo com Deus de reencontro, de já tava vivendo uma vida é.. com mais intimidade, então pra mim isso foi fundamental. Eu já coloquei isso desde o início e ela nunca me questionou, e entrou... entrou na minha onda. E tinha processo dela, nós fizemos várias técnicas, ela aplicou, mas também tinha esse respeito por meu tempo. Ela aguardava esse tempo que eu tava sendo mexida pelo Espírito Santo. É interessante, sabe, Rebecca? Eu...Eu... acho que um terapeuta que consegue te enxergar como um todo, ela... faz você passar assim de uma forma melhor, mais segura, mais confiante, né, com menos questionamentos. Você já fica cheia de questionamentos em relação a sua vida conjugal, social, enfim, se o terapeuta vem e começa a questionar também o fundamento da tua fé aí, eu acho que a gente atropela tudo, sabe. Foi isso que aconteceu. [...] O chão sai, né. Acho que aí o chão sai geral.

Retorna à temática de que um psicólogo não religioso poderia desequilibrar o emocional de um paciente. Fica um imaginário de que um psicólogo que não é religioso necessariamente questiona mais e está mais à disposição de “retirar o chão” do paciente. Pode-se pensar que, quando a psicologia não é aliada da religião, ela é vista como inimiga da fé, como uma disputa espiritual. O inimigo de Deus, o certo, é o diabo – termo que significa adversário – o mau. Se a psicologia não serve à religião, ela entra no lugar de inimiga da batalha espiritual (PEREIRA, 2022). Ou ela serve para fortalecer a fé ou ela está em oposição a ela. Essa narrativa produz uma negação da psicoterapia.

Essa leitura de um posicionamento da psicologia “contra ou a favor” da religião coloca em um lugar muito restritivo a psicoterapia, afinal, dentro da laicidade, a questão que se levanta não é a positividade ou a negatividade da fé, mas a negação do uso de técnicas religiosas e de pressupostos religiosos em uma área que é diferente. Mical, por exemplo, pontua isso. Para ela, são espaços diferentes e por isso sequer procurou saber a religião da psicóloga, nunca “sentiu falta”, como diz:

Eu acho que não faz muito sentido, assim, pra mim eu nunca senti essa vontade, nunca senti essa falta, pra mim sempre foram espaços diferentes, com propostas diferentes e eu sempre me senti muito respeitada, então, nunca me surgiu esse desejo de procurar uma psicóloga cristã. [...] **Mas acho que se fizesse alguma diferença ela não estaria fazendo tão corretamente o trabalho de psicóloga**, porque a psicóloga entra em alguns questionamentos, ela ouve, faz uma escuta ativa e tal e, por exemplo, nas minhas experiências de aconselhamento espiritual com pessoas cristãs, elas compartilhavam também as experiências delas, a gente ora junto, chora junto, é...e elas me dão assim, algumas dicas, digamos assim, e acho que não é tanto o trabalho da psicóloga assim, esse trabalho, essa parte tão ativa, de tipo: “olha, fazer assim é legal”. Então, acho que, não sei, pra mim são coisas diferentes, uma coisa não anula a outra e dá pra conciliar. (grifo nosso)

Uma das diferenciações que Mical cita entre uma psicóloga e um aconselhamento pastoral é que o último poderia compartilhar suas próprias experiências pessoais e, inclusive sua espiritualidade e emoções. Isso para ela é uma “parte ativa” e pensando a laicidade é o limite ético profissional. Uma leitura muito interessante que Mical faz é que psicoterapia a ajuda na vida espiritual não pela religiosidade em si, mas porque se conecta mais consigo mesma e com a sociedade. Isso cria uma linha diferente de relação entre apoio/oposição, um olhar de fortalecimento dessa mulher como um todo.

Olha, vale. Vale porque eu acho que, é também um processo que...faz com que eu me conecte mais com Deus, então...é, eu ter consciência dos meus sofrimentos, dos sofrimentos que me causaram e dos que eu já causei aos outros, né...**não é uma questão de evolução espiritual, mas é uma questão de é... “quem eu sou?”, “o que eu faço?”, “o que fizeram comigo?”**_eu acho que isso é muito presente assim, eu não sei nem de quem é, mas tem uma frase que é mais ou menos assim: “que o processo terapêutico, começa na sessão e termina na sociedade” é algo mais ou menos assim, e eu acredito muito nisso assim, então, pra mim é bem esse link mesmo que eu

faço com a terapia e com o meu papel na igreja, que a igreja é que eu sinto que é o espaço de olhar pra dentro, mas é muito um espaço de oferecer pra fora. Então, na terapia, eu to ali refletindo, questionando, ressignificando as dores e, na igreja, eu posso praticar isso assim, acho que é mais ou menos assim que é o equilíbrio que eu faço assim, entre esses dois espaços. (...)

Acho que, eu sinto que eu ganho espaço, pra falar de tudo, então, eu lembro de uma sessão, com essa psicóloga, de quando eu era criança e que eu fui depois que eu estava no cursinho, que a gente começou a falar de questões sociais e aí ela falou assim: “E como você se sente falando disso aqui na terapia?”, e aí eu “ah, eu acho bom mas acho estranho, porque eu vim aqui pra tratar a minha ansiedade, não esperava de falar sobre questões sociais com você.” e aí ela falou assim: “É, mas é que a Mical é uma pessoa integral né, ela não é só a ansiedade dela.”

Ali “Mical é uma pessoa integral”, mais do que a ansiedade, mais que a religião, mais do que luto do avô. É uma pessoa que equilibra vários espaços de sua vida. E, para Mical, funciona esse equilíbrio. Porém, quando vemos Ester, Talita, Acsa e Ana, a dependência de uma identificação aparece mais. Uma identidade comum entre o psicoterapeuta e essas mulheres, que define quem são os “em comum”, que inclui não somente um afeto terapêutico, mas a relação religiosa.

Assim, a identidade se torna uma política que precisa da interseccionalidade (COLLINS, 2016), não porque haja um instinto de uma classe, uma essência, mas que enfatiza a diferença histórica, marcando sua fala (SPIVAK, 2010). A autora relembra que não há um instinto de classe, o que traz as identidades são os interesses, os silêncios, algumas ideias unificadas, mas também por se diferenciar de outros. Do mesmo modo que percebemos ao longo das falas o que significa ser uma mulher evangélica e os atravessamentos de outras identidades que essas possuem, o psicólogo que tem algo “em comum” com o paciente não necessariamente irá atendê-la melhor. No caso do “psicólogo cristão”, o uso da dogmática religiosa em psicoterapia só proporciona mais violência e rompimento ético com a profissão. Desse modo, não há como “atender melhor”. Contudo, um psicólogo que estuda aspectos da religião, mas constrói seus saberes de forma laica, pode muito bem fazer uma ponte com alguém religioso mesmo sem professar a mesma fé. Cabe então entender como se cria a narrativa de que somente um dos seus pode compreender a vivência religiosa. Isso se constrói a partir da ideia de que a igreja é a única que possui as crenças corretas e referenciais para se lidar com o sofrimento (PAULA, 2021).

Todavia, essa construção logo se desmorona porque a religião se expressa pluralmente, afinal os corpos que vivem a religião não são iguais. No caso da religião, essa identidade vai se expandindo dentro da religião e em contato com outras, num processo de diálogo, múltipla-pertença, mas também de rejeição (TOSTES; OLIVEIRA, 2019). Ao olhar, por exemplo, a construção da identidade assembleiana, há mitos e pessoas referenciais, que ensinam sobre os

ministérios, a teologia, mas também as relações de gênero, tudo isso englobado com a presença da mídia e dos templos (ALENCAR, 2019). Essas questões acabam afetando tanto pessoas evangélicas ou não. Podemos então observar duas mulheres da mesma denominação religiosa – como Acsa e Dorcas – e termos experiências totalmente diferentes com psicoterapia. Dorcas adora as psicoterapias que fez ao longo da vida e Acsa acha psicólogo um profissional muito impessoal. Contudo, se é vendido a ideia de que o “psicólogo cristão” é o que terá o processo identificatório, o que é incorreto e antiético.

Ester compara essa necessidade de identificação com o caso de pessoas negras que procuram psicólogos negros. Pois, para evitar ter que lidar com o racismo dentro de um ambiente terapêutico, o recorte já faria uma seleção.

Eu acho que sim. Tipo assim, é...Eu tenho um pouco do exemplo de uma pessoa negra procurar um terapeuta negro pela identificação e você conseguir falar mais sobre isso e tals, então é um pouco dessa minha linha de pensamento, sabe, pra procurar uma terapeuta...

Tamara já havia pontuado algo similar quando queria uma psicóloga feminista, porque isso produziria que certos machismos não aparecessem no espaço psicoterápico. Contudo, isso não garante que não haja reprodução dessas violências. E, pensando paralelamente a questão religiosa, no Brasil o público evangélico não sofre uma violência estrutural, ou perseguição – muito pelo contrário, ocupa os espaços públicos, políticos e sociais. Novamente vem o lugar de ameaça ou de apoio desse terapeuta. A narrativa de que os cristãos são perseguidos e que precisam se proteger faz com que se compare essa característica com o racismo e o machismo. Entretanto, são situações completamente diferentes. Não há no Brasil dados de pessoas mortas ou violentadas por serem evangélicas, o que infelizmente existe quanto a pauta racial e de gênero.

Nessa mesma direção, Talita relata que a conversa seria facilitada com uma pessoa evangélica, pois já saberia lidar. A religião, para ela, não entraria como técnica, mas como um plano comum. Interessante observar que não se espera que um psicólogo não evangélico consiga lidar com a religião, só um que fosse nativo/interno.

Assim, ambas foram boas, porque elas buscavam lidar, buscavam uma base acho que mesmo de psicoterapia, né. Enxergar o padrão pra tentar mudar o comportamento e a forma de lidar com aquela situação. Nunca ficava muito ligada...Ela usava a experiência religiosa, mas não o fato de tentar focar só na religião, mas muito na experiência, assim: **Olha, eu entendo esse seu questionamento, porque eu conheço como é lidar com determinados lugares, lidar com determinadas pessoas quando isso acontecia. Então, isso facilitou que eram questões que poderiam entrar enquanto uma pessoa evangélica, mas nunca foi muito utilizada essa questão de “ah, então começa a ler mais a Bíblia”.** Então, isso nunca foi colocado. Muito

assim...perguntas pra...das relações mesmo. “Então pensa sobre isso. Você não acha que tá deixando aquela pessoa diga muito pra você o que você tem que fazer?” Ou então...“Pensa direitinho... O que que você acha? O que que ela falou que te incomoda tanto?” Essa... Eram mais essas questões, sabe? Ou então propor assim... rotinas de autocuidado. Principalmente agora que o trabalho era um problema, né. (...) De dois anos pra cá, o que mais ficou de sacada pra mim é que eu comecei a perceber que eu estava criando barreiras e cadeias para mim mesma pensando que os outros estavam se importando com isso e que eu estaria dando um mal testemunho se eu não fizesse determinadas coisas. Então, hoje acho que eu enfim entendi o que é ser chamada para a liberdade em Cristo. Vamos dizer assim. Isso a psicoterapia me ajudou bastante: parar de me importar tanto com o que os outros pensam e... focar no que agora eu quero e o que realmente é importante, sabe. É um exercício que às vezes ainda demora um pouquinho, às vezes dá uma travada, mas no geral vem funcionando. (grifo nosso).

Nessa terapia, Talita relata que teve uma boa experiência com a psicóloga, que era evangélica. Um dos pontos que já analisamos anteriormente, da dificuldade de expor sentimentos, ela relata uma melhora e que sente maior liberdade. Uma liberdade que ela associa também à espiritualidade dela – em Cristo – fazendo com que, indiretamente, mesmo sem a psicoterapeuta usar uma metodologia vinda da religião, fez com que ela se sentisse melhor com sua fé. O único ponto em que ela valoriza a fé da psicóloga é na construção de vínculo, como cita:

Assim, pra mim, particularmente, funcionou. Porque, assim, elas entendiam melhor determinados questionamentos ou determinadas construções da minha identidade pelo fato de ter crescido dentro de um lar evangélico. Então, isso ajudou a compartilhar essas experiências, mas não sei se necessariamente tem que ser melhor ou não. Eu acho que por ter essa...criei um vínculo, facilitou a criação do vínculo entre paciente e psicoterapeuta...vamos dizer assim, mas não necessariamente se não fosse o resultado não teria sido o mesmo. Não sei. Aí só se eu tivesse uma psicoterapeuta não cristã pra eu saber disso. (grifo nosso).

Talita traz um ponto interessante para a reflexão. Na sua fala o que fez funcionar, em seus termos, foi entender seus questionamentos e construções de identidade de ter crescido no lar evangélico. Isso possibilitou o compartilhar e a criação de vínculo. Todavia, um profissional que, mesmo não nativo, se preocupa em estudar as experiências da religiosidade, pode criar esse entendimento. Desse modo, a interlocutora aponta que não sabe se é melhor ou não diz respeito que essa ligação não acontece somente entre pessoas da mesma vivência religiosa.

Percebemos, ao longo das falas das entrevistadas, a complexidade que engloba as relações psicoterapêuticas delas. Ser mulher evangélica atravessa cruzamentos difíceis de gênero e religião e, ao entrar em contato com a psicoterapia, mais uma rua se abre a frente. Muitas caminharam em direção a um encontro da religião e da psicologia – algumas vezes tendo a psicologia como serviçal da ordem social da religião – outras no confronto, assustadas com o que a psicoterapia podia fazer com elas, ainda algumas tentaram ir em um caminho paralelo, onde há independência dos saberes. Todas, contudo, tentaram explorar e se abriram para a

psicoterapia. O que observamos é que elas, mesmo muitas não sabendo a religião de seus psicoterapeutas, estão pensando sobre essas relações, se precisa de identificação ou não. E, nessa construção relacional, muitas temáticas foram relatadas.

3.3.4 Temáticas comuns

Nos processos psicoterápicos, é muito comum que os pacientes sejam curiosos com a linha metodológica que os seus psicólogos têm. Mesmo sem perguntar, Mical, Vasti, Miriã e Ana foram algumas que citaram esse tema. Contudo, tem dois casos particularmente interessantes. Maria e Marta são irmãs e filhas de uma psicóloga que trabalha com terapia sistêmica. Marta não quis desenvolver sobre o tema na entrevista, nem se importava com as linhas terapêuticas, mas Maria sim. Ela relatou que foi a primeira vez na adolescência no terceiro ano do colégio por causa de uma briga e foi direcionada para uma terapeuta cognitiva comportamental. Em 2018 voltou a terapia e foi fazer psicanálise para desenvolver questões da graduação, término de relacionamento e, também questões da igreja do pai – pois tanto Marta como Maria são filhas de um pastor. Maria cita as linhas terapêuticas como um processo natural, que cada psicólogo tem e que qualquer metodologia pode ser boa. Porém, nem todas as entrevistadas pensam dessa forma. Miriã, por exemplo, aponta que a linha cognitivo-comportamental foi crucial para que ela pudesse superar sua ansiedade, como relata:

Nossa! Foi um divisor de águas, principalmente, assim, na minha ansiedade, porque antes, principalmente, com essa primeira terapeuta antes eu não dormia, deitava e dormia. E aí como ela era na linha cognitivo-comportamental, eu acho que me fez muito reformular os pensamentos que eu tinha. Então, eu conseguia deitar na cama e não pensar mais em nada e isso pra mim...Eu demorava horas para começar a dormir e a minha vida inteira era uns questionamentos que não era a hora de pensar e eu pensava. Então, pra mim, foi muito, muito positivo. Desafiador pra mim, porque eu não era acostumada a falar sobre as minhas intimidades, assim, o que eu sentia com ninguém, né. Então, pra mim era um desafio. Tinha hora que eu saía de lá e pensava “meu Deus, que merda que eu tô fazendo”. [risos]

O fato da linha citada trabalhar com reformulação de pensamentos foi importantíssimo para Miriã conseguir dormir tranquila, mesmo relatando que era um processo desafiador. Berenice, diferente de Miriã, é atendida por uma lacaniana, formada em psicologia e que não tem uma bagagem religiosa igual a dela. Ela sente que a psicóloga é muito neutra e que tem que explicar muito da sua vivência da igreja. A entrevistada até brincou de deveria ser indenizada pela quantidade de tempo que tem que explicar sobre sua vivência religiosa.

Eu acredito que ela não seja evangélica, porque quando eu falo de igreja, eu sinto que eu tenho que explicar muita coisa. **Às vezes eu falo que a igreja tinha que me indenizar, porque eu passo tanto tempo explicando coisas básicas da igreja evangélica na terapia, que eu sinto que caramba, essa hora aqui eu gastei só explicando como é que funciona o sistema de namoro dentro da igreja.** Então tem coisas culturais e até pela linguagem dela, que eu não sei se ela tá tentando ser muito neutra, mas eu imagino que não, porque tem coisas que ela me pede de fato para explicar, assim, então eu imagino que ela não seja evangélica, mas qual é a religião dela, eu não sei (grifo nosso).

Nessa relação terapêutica da Berenice aparece uma problemática quanto à abordagem da psicóloga. A nossa interlocutora diz que a terapeuta tenta trazer as problemáticas demais para o campo individual enquanto Berenice quer politizar o debate. Além disso, Berenice traz que a psicóloga trabalha com a ideia de “feminino” como um arquétipo fechado enquanto a nossa entrevistada lê a temática do “ser mulher” a partir do feminismo. Vemos ao longo dessa fala essa experiência:

E é uma grande questão. A questão “ser mulher” é uma questão que apareceu muito na terapia pra mim. É... de dois modos, mas assim, o modo que inclusive criou muito conflito entre eu e a minha terapeuta é o próprio movimento feminista no sentido de que é... Ela fala muito como eu pulo muito de cabeça. Na adolescência a religião era a minha identidade inteira e depois o feminismo virou sua identidade inteira e as outras pessoas generalizam situações nesses movimentos sociais, o que é importante pro movimento social, mas às vezes não é a experiência individual da pessoa e às vezes isso gerou conflito entre eu e ela, porque eu trazia muito uma política pra dentro da sessão e ela queria despolitizar, me tirar da política e me levar pra mim, né, por individual, mas eu não consigo até hoje fazer tanto essa separação, porque eu sinto esses fatores políticos me atravessando o tempo todo enquanto mulher. E isso é uma das coisas que me fez refletir em alguns momentos se eu queria mudar de abordagem. É...Eu ficava: “Caramba! Pera aí! Tem algumas coisas que são meio óbvias aqui, sabe...do que a gente tá falando”. Mas hoje eu entendo mais aonde ela quer chegar quando a gente se depara com esse tipo de conversa. Eu tenho expectativas diferentes em relação à terapia hoje, sabe? Mas eu continuo discordando de algumas coisas da abordagem e aí, pra mim foi muito legal essa experiência de discordar da psicóloga, porque durante muito tempo a psicóloga tinha pra mim aquela coisa do...**e eu cresci muito com isso de autoridade, sabe? Então, a psicóloga falou tá certo. A psicóloga disse isso tá certo. Exatamente. É o pastor, é o professor, é o pai, a mãe...Essas figuras sempre foram muito importantes pra mim. Então, quando eu descobri na própria terapia que eu tinha esse vínculo, eu falei: Tá! Eu não quero fazer isso. Eu posso discordar dela e continuar aqui. E continuar nessa relação, assim.** E aí, essa questão de ser mulher foi muito, foi muito interessante nessa dinâmica, assim, de terapia. E uma coisa que a gente ainda disputa e se afia nesse sentido, assim, lá dentro da sessão, né. E o...E também por questões da minha história e da minha trajetória é... (grifo nosso).

Contudo, algo interessante na fala de Berenice é que ela sente que há espaço na psicoterapia para a discordância. E, especificamente, ela lê isso como uma discordância com uma autoridade, algo que ela não sentia que era possível no espaço religioso até ela se abrir para o feminismo. Isso traz a reflexão de como o psicólogo é visto como um profissional que exerce poder sobre seus pacientes e, por isso, é importante ser disputado. Afinal, se o objetivo religioso é a conquista de todos os territórios de poder, como a Teologia do Domínio enfatiza

(PEREIRA, 2022), a psicologia é uma área a ser colonizada. Também essa questão mostra como há uma vivência dessas mulheres com a relação de poder na igreja que, graças ao feminismo, foi se expandindo.

Temos mulheres evangélicas pautando lutas políticas claramente desde 1960 (GROSS, 1996). Foi uma época muito importante nos movimentos feministas que também trouxeram consigo mudanças nas igrejas cristãs. Por todo o século XX, encontramos mulheres tomando espaço de pregação e ordenação, assim como na luta contra a escravidão. Eventos feministas e de religião surgem entre 1973 e 1974, e nas décadas de 1970 e 1980, tivemos um aumento considerável de mulheres ordenadas, sendo vulgarmente chamadas das décadas das pastoras nos Estados Unidos da América. Surge, nesse período, a linguagem inclusiva na teologia e por fora do cristianismo, feminismos espiritualistas, wiccas e volta das deusas – diferentes teologias feministas dependendo da cultura e das religiões orientais e crescendo como próprias, sem cópias das europeias e americanas. Muitas religiões passando a lideranças mulheres começaram, principalmente, a partir da vida das religiosas, das que já viviam a religião na pele, a mudança. Essas religiões, ao conhecer as normas culturais sobre as mulheres, buscaram deusas e outras mitologias femininas. No século XX, ressurgiram histórias como de Lilith, Asherá e outras divindades femininas na Bíblia como a Ruah (WOODHEAD, 2004). Mulheres evangélicas estiveram e estão em lugares de disputa políticas e religiosas, seja pelas teologias que elas absorvem para si, seja no jogo de forças com a religião que nomeia que somente há uma forma de se cuidar dos sofrimentos.

Quando Berenice traz o direito de discordar que advém da psicoterapia, traz uma diferença crucial nas disputas políticas entre psicologia e religião. Se a religião visse a psicologia como uma possibilidade de ferramenta de cuidado, laica e que pode existir com seus posicionamentos próprios advindos dos Direitos Humanos – como acontece com algumas experiências religiosas que não brigam com a psicologia – talvez a disputa não ocorresse. Mas no ponto em que Berenice diz que algumas ideias religiosas não podem ter discordâncias e que os psicólogos devem seguir este direcionamento, ela rompe veementemente com a base de toda a estrutura ética da classe de psicólogos, independente da linha.

Retornando à problemática das linhas terapêuticas, Ana não se sentiu satisfeita com a que a psicoterapeuta usava, que era cognitivo-comportamental ou behaviorista, as quais tem uma base similar, mas que se diferem historicamente. Diferente de Miriã, que sentia melhor com a terapia, Ana disse que foi péssima a experiência, pois colocou a religião contra ela em um momento de formação. Em outro trecho da entrevista, ela relata que a psicóloga via a

religião como um “mal”. A confusão a deixava sofrendo, pois a posição da religião quanto a casamento e, provavelmente, sexualidade, era diferente da terapeuta.

Ana: Começou primeiro com a...a minha relação com a psicologia, né. Eu comecei com uma psicóloga...Acho que foi em 2004, 2005...2003, 2004, né...Ela usava uma técnica da terapia cognitivo comportamental...Não. Era behaviorismo, né...disse que...Mas assim, não...Não foi uma coisa boa. Aliás, foi uma experiência péssima na minha vida. Assim...Chato, né, você falar de uma colega, mas preciso citar, **porque ela colocou a igreja contra mim e na época eu era bem mais jovem, né, 20 e poucos anos, 30, enfim...Então, ela achava que a igreja não me deixava viver todas as experiências que uma mulher é...solteira é...resolvida profissionalmente poderia ter. Ela tinha esse entendimento que antes da pessoa assumir um compromisso e se casar, ela tem que aproveitar a vida o máximo possível, ter uma gama de experiências...Então...era um conflito na minha mente. Tinha horas que eu voltava completamente para a igreja, tinha horas que eu voltava totalmente para o discurso. Eu sempre sofrendo, sabe...**Foi um período muito difícil. Foram uns três ou quatro...Três ou quatro anos nessa situação...Três ou quatro anos até 2005. (grifo nosso).

Muitos pontos chamam a atenção na fala de Ana. Primeiramente, parecia que havia uma oscilação, de não saber em quem acreditar e não um espaço para ela própria pudesse decidir sobre seus desejos acerca da carreira, casamento e sexualidade. Havia aquilo que ela considerava como a igreja em oposição ao discurso. Essa era a disputa narrativa que construía o espaço psicoterápico, sobre o qual seria o discurso vencedor. O cabo de guerra narrativo (RAMALHO, 2005) era a forma de Ana vivenciar sua experiência psicoterápica. Contudo, é interessante refletir como Ana vê a psicologia como um dos polos em disputa com a religião, sendo que uma fala sobre um comportamento dogmático sobre os desejos e outra sobre a pluralidade de se experimentar a vida. E, além disso, Ana permanece anos nessa terapia, mesmo sofrendo. Há algo de interessante na psicoterapia que a faz ficar, mesmo sendo um espaço de dúvida. Dentro disso tudo, vemos que foi relatado como péssimo, mas teve um lugar na experiência desta mulher. Diferentemente foi uma segunda terapeuta, indicada por uma amiga, que foi em um momento em que estava em relacionamentos ruins e a filha acabara de nascer. Essa era psicanalista e não confrontava a fé.

Voltei se eu não em engano em 2019. 2018 ou 2019 com muita dificuldade de relacionamento com a minha filha mais velha. Então, na psicanálise eu fui pelas dificuldades com a bebê, com a mais nova, com a segunda e depois eu retornei por conta dos conflitos com a filha pré-adolescente. (...). **Eu gosto muito dela. Eu me identifiquei profundamente com a psicanálise. Mostra o quanto a fé é constitutiva da minha essência. É uma célula. É praticamente como se fosse um tecido do meu corpo. Então, ela não trabalha dessa linha de confrontar a minha fé.** (grifo nosso).

Interessante observar que para Berenice, a psicanalista era uma pessoa ao qual ela poderia confrontar. Para Ana, a psicanálise não foi um espaço de confronto, mas de acolhimento

da experiência de fé. Ela enfatizou que a fé era constitutiva e, por isso, tocar nessa temática era mexer em um lugar de essência, isso é, algo que não muda ao longo do tempo. Nesse ponto, podemos pensar nesse lugar que pode ser dogmático da experiência de fé – dogma, que significa imutável. Entendendo o *setting* terapêutico como um espaço de mudança e possibilidade de repensar aquilo que causa sofrimento, ter um assunto imutável traz dificuldades. A necessidade de manter ainda a crença religiosa se torna maior do que o desejo de transformação. Assim, o psicólogo aparece em um impasse. É uma das complexidades que pode aparecer ao atender uma mulher evangélica.

Outra interlocutora, Cloé, fala da sua relação com a psicanálise. Ali ela se preocupou se o profissional tivesse a mesma fé, no sentido de alinhamento de valores morais e éticos. Isso, para Cloé, trazia o conforto para se falar. O porquê de não ser possível se sentir confortável com alguém que teria uma outra fé e em que sentido isso seria distante dos valores morais dela é uma questão a se pensar, pois o psicólogo não deve pautar sua prática em valores pessoais ou mesmo em suas crenças, mas na ética dos Direitos Humanos e nas técnicas da profissão.

Sim, na época isso era importante para mim. **Porque eu estava envolvida no meio religioso e eu tinha uma preocupação com os princípios cristãos. Então eu procurei esse profissional que eu sabia que tinha a mesma fé. Curiosamente, durante todo esse tempo de psicanálise a gente nunca ou quase nunca falou de questões religiosas.** Então... Foi importante para mim, para sentir lugar de conforto das opiniões talvez na época, agora refletindo sobre isso, falando sobre isso, tô pensando... Talvez na época tenha sido importante porque eu acreditava na necessidade desse direcionamento com opiniões embasadas na religião, no critério de valor agregado. **O valor que aquela pessoa, aquele profissional tinha, valor moral e ético era cristão. Então aquilo me gerava um lugar de conforto para falar. Mas, curiosamente, foram tantas outras demandas que a gente nunca, é... se aprofundou em questões religiosas. Curioso.** (grifo nosso).

E, também, curiosamente, usando o termo da interlocutora, ela mesma nunca falou de questões religiosas dentro desse espaço. Contudo, quando ela cita a importância dos princípios cristãos, ela fala para além do assunto religião, mas de toda uma ética que ela busca em consultório. Mesmo nunca falando sobre ser evangélico, é possível perceber que ela buscava um profissional que usasse “opiniões baseadas na religião”, o que não é uma prática para o psicólogo, tanto de opinar quanto de usar como base. Quando um profissional faz esse movimento, ele já está sendo antiético. Todavia é interessante entender que ela buscava um conforto, como a própria aponta. Na maioria das que citamos, a grande questão era se sentir respeitada e confortável ao falar da própria fé. Temos relatos de Lídia, Noemi, Eunice, Dorcas, Berenice, Maria, Ester, Vasti, Talita e Zípora de como ali é um espaço para se sentir conectadas

consigo mesmas. Um exemplo disso é o que Maria diz, como a psicoterapia como um espaço para se sentir humana.

Na, na terapia eu consigo ficar mais tranquila, consigo lembrar quem eu sou como ser humano e que eu sou amada independente do que a religião, mais religião, né, do que fé prega...Então, consigo voltar pra esse centro assim...Me sentir amada de novo por Deus. Então, eu acho que me coloca no caminho original, sabe. Isso que eu acho mais bonito. Eu não desviei, eu não virei seguidora de Freud, até por causa da psico...por causa da minha psicanálise, sabe...Parece que eu só encaixei no lugar certo.

É interessante ver como Maria expressa o ponto de sentir humana. Ela cita que é apesar da religião, mas que se sentir humana perpassa um sentimento religioso de “se sentir amada por Deus”. Além disso, se sentir humana não é negar a religião e, nesse ponto, até cita Freud como alguém que, devido ao fato de ser um autor ateu, há o imaginário de que o afastaria da fé. Mais do que isso, que as pessoas seriam seguidoras de Freud em contraponto a ser seguidoras de Jesus, como numa nova religião. Porém, o que Maria relata é que apenas encontrou um centro, uma estruturação que a faz se sentir mais tranquila.

Noemi também relata um gosto pela psicanálise. No caso dela, é estudante de psicologia e tem muita vontade de estudar relação com o pastorado. Apesar de não saber a religião de sua terapeuta, ela traz a temática da religião pois, é um “pilar”. Novamente vem um termo voltado a estruturação dessas mulheres. Uma estrutura, todavia, que ela sabe que vem com sofrimentos.

Então, mais ou menos. **Assim, porque quando eu tô na questão da terapia, eu tento me desligar.** Claro que, assim, os meus sofrimentos em relação à religião, às vezes eu falo só que não é coisa assim, que é um pilar pra mim naquele momento que eu tô na terapia, entendeu? **Não cito muito minha religião ali naquele momento, só nos sofrimentos que às vezes ela me proporciona. Às vezes eu trago, porque são coisas, assim, que fazem parte da minha vida. Então dentro da minha construção aquilo também tá envolvido, sabe? Se é um dos pilares, assim como a psicologia é, também implica no meu eu ser, no meu eu, né.** Um rolê danado. [...] É um sofrer que tem um prazer, é engraçado isso. (grifo nosso).

Noemi é uma jovem negra que experiencia em sua vivência a identidade de mulher evangélica. Por mais que ela tente separar a religião dos assuntos que estão em pauta na psicoterapia, esses estão implicados. Ser da Assembleia de Deus afeta quem ela é. Da mesma forma, Noemi relata o assunto do racismo e das questões sociais que atravessam sua vida e não conseguem deixar de estar presentes na psicoterapia. Assim como ser estudante de psicologia a afeta. Ela está em psicoterapia e estuda para ser psicóloga, o que faz com que ela tenha uma experiência específica. Além dela, temos Abigail e Ester que fazem faculdade de psicologia. Nas entrevistadas, Vasti é psicóloga e demarca um outro espaço na psicoterapia. Novamente retomamos o debate sobre o crescimento dos cursos de psicologia e como isso traz consigo

também pessoas religiosas. Dessas mulheres citadas, somente Abigail é branca. Assim, seus corpos são marcados pela religião, pela formação, pela raça e suas vivências.

Para Safatle, Silva Junior e Dunker (2018), o corpo, independente dos marcadores da diferença, são como lugar de sofrimento social em si. Dantas (2016) explicita que o corpo feminino como seria o lugar de violência, onde se tem constrói a subjetividade. E, corriqueiramente, as dores e violências são os lugares aos quais se encontra a vivência de fé (PY, 2020). Para Bondía (2002), essa dor pode possibilitar a paixão, a liberdade vinculada, que ao mesmo tempo é dependência, mas que tem prazer. O espaço da religião é, corriqueiramente, deste sujeito que sofre e adora fazer parte. Contudo, para além deste encontro pessoal com grupo em específico, esta percepção me traz a uma nova ordem epistemológica e ética na hora de ver o sujeito religioso.

Ela relata que surgem conflitos em sua identidade de mulher evangélica dentro do espaço da psicoterapia, mas que graças à psicoterapia aprendeu a perdoar as pessoas e explorar melhor a sua fé. Mais uma vez, mesmo não sendo um psicólogo religioso, se valoriza que esse ajude na espiritualidade. Não só ajude na espiritualidade, mas também na sua performance como mulher, pois o campo religioso traz a mulher corriqueiramente como a conciliadora dos problemas familiares, que sabe perdoar, fazer bons vínculos no espaço religioso e viver em paz (MARIZ, 1991). Isso se expressa quando Noemi diz:

Por isso que, às vezes, assim, a terapia me deu um suporte total em situações que pensava que ah...eu não ia conseguir, dentro da religião, porque...Ah...não consigo fazer tal coisa e tal, mas eu consegui, porque a terapia me fez, assim, ajudar também na questão do perdão e muitas coisas, em perdoar as situações e perdoar as pessoas, principalmente quando a gente atua em cargos, assim. [...] São situações, assim, que mexem com a gente, mas, assim, foi bom para eu ter essa experiência que me atravessa tanto que hoje em dia, até penso em pesquisas sobre essas questões. Foi muito importante.

Outro ponto importante que aparece na fala de Noemi é o fato de reconhecer que a psicoterapia vai ajudar onde a igreja não consegue, quase em uma noção de complementariedade. E, especificamente, isso toma um lugar mais complexo, pois Noemi faz parte da liderança de sua igreja e há uma dificuldade mais intensa aparente em quem é líder de expor suas fragilidades. William Pereira (2013) estudou sobre lideranças religiosas e seus sofrimentos. O autor analisa a Equipe de Reflexão Psicológica (ERB) na CRB-Nacional, diretamente ligada a líderes religiosos católicos, mas cabe, para além de uma equipe formal, pensar nos espaços de manejo do sofrimento, como aponta: “Quando estes sujeitos, presbíteros e religiosos, não possuem manejo adequado de estratégias de enfrentamento com a organização, acabam não só ardendo, mas queimando-se por dentro” (PEREIRA, 2013, p. 135).

Essa forte presença da religião como parte dessas mulheres faz com que muitas levem a temática da fé para o espaço psicoterápico. Dorcas, Berenice e Ana, durante as entrevistas falaram sobre como a religiosidade delas era um dos temas comuns, outras não ativamente levavam, como Sara. Porém, o que se percebe, para além do levar a religião diretamente para a psicoterapia ou mesmo questões relacionadas a gênero, são temáticas interseccionais. Pode não ser dito diretamente que é algo sobre o lugar social de ser mulher e suas questões de poder, mas as performances de serem cuidadoras, mediadoras de conflitos, sexualmente castas antes do casamento, prudentes dentro do casamento, filhas obedientes e exemplares na modéstia já expressam em si as relações de gênero e religião. Tudo aparece implicado, como vemos nas falas de Zípora e Berenice sobre a necessidade de se sentir grata e positiva. Essa ideia atravessa o corpo de mulheres que não podem sofrer, pois devem ser exemplos de força e fé. No caso de Zípora, ainda mais intensamente por ser uma mulher negra.

Outros temas deixam isso bem evidente, como o casamento. Diversas mulheres citaram sobre isso, como Eunice, Maria, Jael, Abigail e Sara. A última citou que o casamento foi o motivo pelo qual foi a terapia.

Porque eu não sabia o que fazer, eu era uma menina. Do nada, dona de casa, com duas pessoas diferentes. Todo mundo fala “ah, é lindo, é lindo, só paixão, vão ficar super bem”, mas são duas pessoas muito diferentes. Na quarta cueca que eu via no corredor eu surtava, entendeu? Tadinho do menino. Era só falar “amor, não coloca aí” e eu berrava com ele, tadinho. Foi bom para me controlar. Saber que tem meu limite e o limite dele. Fui trabalhando melhor, foi muito bom.

Um fato interessante de se observar na fala de Sara é que, mesmo a religião cristã enfatizando tanto o casamento, ela não tinha ideia de como se manejava uma relação. Pelo contrário, o imaginário que lhe foi inculcado foi de uma vivência perfeita, onde tudo é lindo e apaixonado. Essa ilusão do que foi pregado na sociedade e no espaço religioso teve que ser desconstruída na psicoterapia.

Ainda desenvolvendo sobre a questão do casamento, Dorcas também falou que esse era um tema comum na terapia. Em sua história, ela se casou para ter vida sexual e sair da casa da mãe. Contudo, esse casamento era adoecedor e ela sabia que era necessária a separação, por isso foi à psicoterapia. Ela já havia tido experiência anterior com psicólogos na infância e adolescência, mas a terapia foi crucial para lidar com o “marido cruel” que possuía, usando os termos da entrevistada.

O casamento era uma forma de me libertar, tanto da minha mãe quanto por fora essa parte sexual. Eu tinha 18 para 19 anos. Eu deixei a terapia com 17. Quando o casamento, logo de início, degringolou [*sic*]. Pessoas doentes procuram pessoas doentes para se casarem. Quando começou a ficar difícil, graças a Deus eu tinha uma

assistência médica e consegui voltar para a terapia. Eu sabia que a saída era a separação, mas eu não tinha condição de sair. Por isso fui para terapia. Tive 8 terapeutas, 6 delas eu dei alta. Porque... Quando entrava em assuntos pesados, quando as coisas pegavam muito, grande mesmo. Sabe, eu tinha um filho que podia morrer dormindo, eu tinha que trabalhar com isso. Tinha que trabalhar com um marido cruel, eu tinha que trabalhar para manter a casa, eu tinha que trabalhar com uma mãe machista. Eu tinha que trabalhar comigo mesma, eu era uma pessoa é... difícil de se trabalhar.

Novamente encontramos a pressão societária e religiosa quanto ao casamento na fala de Dorcas. Só poder sair de casa casada e só poder ter relações sexuais dentro do casamento são temáticas extremamente enfatizadas dentro do âmbito da igreja e, por consequência, ela se envolveu em um relacionamento ruim em que a própria instância religiosa não a ajudou a resolver o problema. Algo que aparece aqui e em Sara é que a igreja cria uma questão e depois não auxilia quando esta não funciona. Acaba se tornando temática para se levar ao espaço da psicoterapia.

E isso não aparece não só com mulheres casadas, mas também solteiras como Talita. Para a interlocutora, o futuro precisa perpassar a estabilidade financeira, casamento e filhos. E, no caso de Talita, ela relata que a igreja não a força, contudo todos os colegas de fé estão casados. Além disso a mãe e a avó, que são religiosas, também enfatizam isso. A própria família reforça a configuração familiar.

Ah! Ultimamente vem muito a questão da pressão do casamento, filhos...de eu ter feito determinadas escolhas. Eu preferi focar primeiro na carreira pra depois pensar em ter filhos e isso agora... na pandemia isso também pegou um pouco. A questão da própria sobrecarga que a gente tem, né. Eu já tô me sentindo sobrecarregada solteira e só tenho que tomar conta de um cachorro. Tem horas que eu converso muito com a minha terapeuta que muitas dessas minhas crises vêm muito dessa projeção no futuro, no qual tenham outras, eu tenho que cuidar de outras pessoas e como eu vou conseguir dar conta disso. Isso também já...volta e meia é elaborado na psicoterapia. [...]

É um pouquinho interno, porque é aquela coisa “passei no concurso então as coisas agora vão fluir melhor”. Aí como não fluiu, começou a dar de novo as angústias. É como se a vida tivesse parado e depende daquilo pra voltar a fluir. Eu precisei me lembrar que a vida tá acontecendo nesse momento e depois vai acontecer no outro momento e depois vai acontecer no outro momento. E um pouquinho externo também. Às vezes, minha mãe fica “ah...será que eu vou ter um neto antes de morrer? Eu não queria morrer sem te ver casada.” Essas coisas...Minha vó falava isso também. E acabou que morreu de qualquer jeito então não mudou muito. Da igreja até que não tem muito não, mas assim a gente nota que fica um pouco diferente em como as pessoas vão tratar entre outras questões pelo fato de...e é ruim porque quase todos os meus amigos que estão na igreja já estão casados, né. Então, são experiências diferentes. Ajuda o fato de eu morar sozinha.

Frente a essas problemáticas de casamento, quem resolve então é a psicoterapia. O mesmo acontece com a temática da sexualidade. Muitas citaram essa questão como Cloé, Dorcas, Berenice, Mical, Abigail, Vasti, Ana e Eunice. Esse assunto, particularmente, é bastante

ênfatisado no espaço religioso, visto como um problema a ser lidado. Pereira (2013), ao analisar as instituições sociais, comenta que:

As instituições sociais, particularmente a igreja, tem dificuldade de lidar com a afetividade/sexualidade. No fundo, a dificuldade das instituições sociais com a afetividade/sexualidade é o problema com o prazer. Prazer como inimigo de Deus, como algo perigoso que se deve controlar. Várias pessoas institucionalizadas veem como impossível a conexão entre carinho, ternura, companheirismo, amizade e afetividade/sexualidade. Assim, o modo mais seguro de controlar os afetos que a Igreja encontrou foi associá-lo indissolúvelmente a procriação – fator biológico estritamente genital – por isso todo prazer fora das relações do matrimônio é desclassificado. Espalha-se o pânico toda vez que se experimenta uma fecunda vida afetiva entre as pessoas. (PEREIRA, 2013, p. 256).

O sexo e a sexualidade são tratados como problema em si, quando não direcionados à procriação. E, mesmo quando em função da procriação – como veremos o caso de Eunice – a igreja não se responsabiliza pelo cuidado. Por isso, mais do que a igreja incentivar uma sexualidade procriativa, podemos dizer que a instituição constrói uma ideia de sexualidade não afetiva, sem segurança e amizade, acima das pessoas, como dever social de construção da família. Então, ainda mais, o desejo sexual de uma mulher é um empecilho desnecessário nesse processo.

Todo poder que a mulher poderia ter sobre si e sobre seu corpo foi, ao longo da história do Ocidente, retirado pela igreja (FEDERICI, 2017). Como citamos já anteriormente, com resistências que permanecem até hoje, mas ainda assim com muita força política. E, no meio dessa complexidade, vem a psicologia, como um âmbito profissional que pode servir a esse controle, como ocorreu com Eunice. Ela, que sofria de vaginismo – uma disfunção sexual que impede a flexibilidade dos músculos da vulva – foi à terapia porque o casamento dela precisava gerar filhos. E a psicóloga, em vez de auxiliar o desejo sexual dessa mulher, seu contato com o próprio corpo, insistia na ejaculação próxima a vagina para a procriação. Tanto que Eunice relata que a ajudou a engravidar duas vezes, mas não resolveu o problema sexual dela.

Aliás, a minha filha não nasceu com relação. Ela nasceu com a ejaculação próximo à entrada da vagina, mas eu não tive relação e a segunda filha a mesma coisa, porque...porque o meu marido na época, ele prometeu para a psicóloga que não...que ele não ia tentar a penetração, que ele ia...que a gente ia ficar ali nos...para eu ir me excitando, relaxando. Então quando eu sabia que ele não ia tentar a penetração, então eu relaxei e fiquei grávida as duas vezes. Então, eu acredito que nesse aspecto sim ela me ajudou, mas no problema em sim não ajudou.

Ter a primeira relação. Foi muito sofrido, muito traumático, mas foi porque eu coloquei naquele momento a minha família, né, minhas filhas em primeiro lugar. Então, aquela dor de perder a...o pai das minhas filhas, vamos dizer assim, é...Acho que foi mais forte do que a dor que eu tinha, daquela dor que eu imaginava que eu tinha da penetração. Bom, aí essa foi uma vez. Aí a segunda vez

que eu procurei um psicólogo... Cê me perguntou isso, né? Eu tava me sentindo muito problemática, sabe? Não que elas...Elas nem imaginavam que tava passando isso na minha cabeça. Para elas tava tudo maravilhoso, mas eu...Isso foi depois que elas casaram, que elas foram embora. Eu tive sempre uma...uma aproximação muito assim com as minhas filhas, a gente sempre foi muito unida, porque o meu segundo casamento foi quando elas já tavam com 15, 16 anos então, a gente ficou muito tempo sozinha, porque o pai delas foi embora elas eram muito pequenas. Uma tinha 2 anos a outra tinha 3 então, a referência delas era só eu mesmo, né. Então, a gente ficou muito unida e depois que elas se casaram é... (grifo nosso).

Foram cinco anos de segredo sobre esse assunto até que a primeira pessoa em que ela se abriu tivesse sido sua mãe. Mesmo sendo um casal que seguia a heteronormatividade e querendo ter relações sexuais também para a procriação, não havia a abertura para se falar de dificuldades. O que começou sendo um processo de acompanhamento de uma disfunção sexual acabou se desencadeando ao suporte emocional dela num momento de divórcio. E ali havia o peso de se perder o pai das filhas dela que a levou a se forçar a ter uma relação sexual traumática. Depois houve uma mudança na configuração familiar com as duas filhas já adultas casadas, que trouxe de volta o sentimento de solidão depois de tantos anos moldando uma relação de somente as três. Esse ponto é interessante porque demarca uma vivência própria da geração e da maternidade de Eunice – que a maioria das outras entrevistadas não tem. Além dela, só Dorcas tem filhos adultos e que moram fora de casa. A ideia de que a família deve ser o suporte para se evitar a solidão mais do que qualquer outra experiência comunitária é típica da religião (MACHADO, 2005). A solidão de Eunice é diferente de outras mulheres entrevistadas. Ela viveu anos sozinha com as duas filhas, depois do fim do primeiro casamento. Uma mulher sem filhos, que nunca se divorciou, por mais que relate solidão, não a vive da mesma forma. Jael passou um ano longe da filha tentando ganhar a vida fora do país enquanto o ex-companheiro tentava tirar sua guarda. Dorcas também viveu sozinha com os filhos após o casamento violento. A relação com a maternidade é crucial para compreender Eunice e, depois de tantos anos sozinha com as filhas, casou novamente e as filhas saíram de casa.

A sexualidade na vida de Eunice foi permeada de muita dor até que, no casamento atual, ela relata satisfação. Isso aponta para um outro ponto da sexualidade, que é o fato de ser sempre estimulado dentro do casamento. Dorcas, por exemplo, é uma mulher divorciada e relata não sentir paz quando exerce o sexo fora do casamento. Ela relata que é uma decisão por si mesma, mas comenta claramente que a influência é bíblica. Aponta que é uma escolha que não julga aqueles que não a fizeram, que valoriza o desejo sexual, mas ao mesmo tempo, não faz.

É...Então, assim, eu nunca mudava a palavra pelos meus desejos sexuais, por exemplo. Nunca mexia com a palavra por meus desejos. Eu sempre trazia a bíblia para mim e não para o outro. Então, o que Deus quer de mim nessa situação? Por exemplo, minha situação hoje, eu gosto de sexo hoje e mulher parece que nunca para de gostar. Eu

gosto de sexo mesmo com 63 anos. Eu sou normal né... Mais ou menos. [Ria]. Só que eu estou sozinha há 16 anos porque eu tomei uma decisão. Tomei uma decisão. Eu me conheço, eu sou passional. Eu sou uma pessoa que... quando fiz sexo fora do casamento não senti paz. Então, me angustiou. Gozava, gostava, mas depois eu tinha angustia. Não gosto de mentira. Então para proteger minha mãe ou alguém que não saberia lidar eu tinha que mentir ou camuflar a verdade, que é a mesma coisa. Então... Eu tomei uma decisão de não ter sexo. Tudo isso vem de uma experiência com Deus. De um auto-conhecimento. A gente só conhece a Deus quando conhece a si mesmo. “Será que esse sentimento é de Deus ou por causa do que me foi ensinado?”. Por exemplo, sobre sexo fora do casamento. É... Eu fazendo essa autoanálise, eu não julgo de verdade. Pode ter gente fazendo sexo em nome de Jesus, numa boa e fazer oração e ter comunhão com Deus no sexo. O sexo eleva o espírito em um patamar, o êxtase do sexo... Ele te eleva. Como se eu tivesse perto de Deus, quando era bom. Então... Eu não critico, mas eu decidi por causa da minha fé.

Há uma curiosa dubiedade na fala de Dorcas, pois sempre reafirma a beleza e a potência do desejo sexual, até mesmo para se conectar com Deus, mas por Deus ela não transa mais. O casamento restringe a capacidade de uma pessoa se conectar com a divindade no sexo somente a um espaço específico. Assim, o casamento aparece forte indiretamente na construção de uma sexualidade restritiva.

Ainda sobre a temática da sexualidade, Dorcas desenvolveu na entrevista um aspecto muito importante que diz respeito a violência sexual e enfatiza que é muito comum em espaços de igrejas, mas não se fala sobre. Ela fala muito sobre sexo, mas nada se elabora sobre essas questões sexuais.

Então, até nas igrejas. Sabia que aquele pastor conhecido pegou várias mulheres, inclusive menores de idade? A igreja está cheia de pessoas assim. A igreja está cheia de crianças sendo violentadas, às vezes pelos tios, os pais, e a gente não fala sobre isso, não lida com isso. Acho que é uma coisa espiritual mesmo porque se não intervir se destrói toda uma vida. Eu tive dois casamentos destruídos muito por isso porque eu lembro que quando eu tive a primeira relação sexual e não sangrei, e aí... eu sei que hoje nem todo mundo sangra, mas minha família toda sangra muito. Eu queria ver o sangue. [...] Eu era casada na segunda vez, eu fiz uma cirurgia de hemorroida e o médico me assediou, deixei ele me operar. O convênio depois descobriu vários casos e afastou esse médico. Eu não tive coragem de falar e defender essas mulheres. Iam pensar que eu provoquei, isso é muito sério para as mulheres. Uma das maiores dores. Olha... Sem exagerar, quase 50% das mulheres que eu converso já passaram por isso. [...] Ainda é sigiloso, tabu, se contar para o marido, ainda é possível do marido largue ela. Ou não compreenda, ou ache que ela é assanhada. Lógico. Mexeu com uma coisa fora da hora. Mexe com uma coisa hormonal. Corpo, mente, espírito, com tudo.

E essa dificuldade de se contar, conversar, elaborar questões vinculadas à sexualidade aparece novamente quando Dorcas diz que nunca relatou as violências sexuais que viveu em nenhuma das psicoterapias – que foram oito. Percebe-se um tabu profundo quanto à sexualidade. Tamara relata algo similar, pois a sexualidade traz para ela muita culpa e ela precisa ser perfeita, sem sofrimentos e forte para sua família.

Em relação principalmente a culpas. Muitas culpas. Culpa em relação à sexualidade, culpa em relação ao meu tratamento com os meus pais. Também tem a ver com essa minha dificuldade de amadurecer, de crescer, de me desvincular dessa pressão dos meus pais sempre me trataram por eu ser filha única, por eles acharem que eu precisava ser perfeita tanto em relação à espiritualidade, quanto em relação à vida profissional, sabe?

Tamara relata esse encontro de várias temáticas: a dificuldade em expressar sentimentos, dificuldade com a sexualidade e com a família. Temos interseções em quase todas as falas dessas mulheres. Outro caso interessante é de Berenice, que tem uma dúvida acerca de sua sexualidade. Ela, que suspeita estar no espectro assexual, se questiona se é um ponto da sua sexualidade ou apenas sinal da repressão. A complexidade da interseccionalidade é que as fronteiras não são evidentes e Berenice percebe isso. Ao dizer que não sabe qual é o limite da religiosidade e da sexualidade, dentro do corpo de uma mulher, vemos como pensar somente religião e gênero não é suficiente. Isso se expressa quando Berenice fala:

Mas ainda, agora eu tenho falado muito sobre sexualidade na terapia e vem todas as doutrinas da igreja. Aquelas coisas que eu não sei separar. Acho que é o ponto. **Eu não sei separar aquela pergunta básica da terapia do que que é meu e o que que é do outro. Eu não sei.** [riso] **Então, a linha é muito borrada e tem pessoas, amigos, enfim, que quando se libertaram dessas teologias mais opressoras e falaram: “cara, era tudo o que eu queria. Eu queria me libertar. Agora eu vou viver. Eu vou beijar na boca. Eu vou transar com todo mundo. Eu vou fazer tudo o que eu quero”. E alguns não encontraram muita felicidade nisso, foram se adaptando e outros encontraram muita felicidade nisso também. Pra mim foi um processo diferente, porque eu me libertei mentalmente. Eu não acredito mais nessas coisas racionalmente, mas como eu navego no mundo e como ainda me sinto muito borrada. E fazer perguntas, por exemplo, será que eu estou no aspecto assexual ou eu só sou reprimida pela igreja?** Foram, são perguntas que eu estou me fazendo agora e que mesmo falando de sexualidade, eu estou o tempo todo falando de igreja, igreja. Ou quando eu comprei um coletor menstrual e eu não consegui colocar, porque eu senti tanta dor que eu fiquei pensando será que eu tenho vaginismo? Será que é isso? Será que toda essa repressão me levou a isso ou será que isso é só uma coisa fisiológica mesmo e eu preciso ir a um ginecologista? (grifo nosso).

Aqui Berenice também suspeita ter vaginismo e as dúvidas acerca da sexualidade parecem nunca serem respondidas. Tudo parece como “linhas borradas”, usando o termo da interlocutora e a psicoterapia é um espaço onde pode tal questão ser trabalhada e vista, mesmo com tantas dificuldades. Miriã, por exemplo, relata que quando o assunto sexo entrada em psicoterapia, ela ficava em crise, especialmente quando namorava.

Eu tava namorando e pra mim era uma questão assim muito difícil, enfim, eu cresci na igreja, né. Era aquela coisa de só pode fazer no casamento e não se falava mais nisso. Então, não tinha conversas sobre nada e aí eu entrava numa crise. (...) Eu acho que é uma coisa que me marcou, assim, nessa segunda psicóloga que amor e respeito não...são independentes de pessoa, da religião e do tratamento que você faz, sabe. Quando eu cheguei com um monte de questões sobre igreja e sobre sexualidade. Ela olhava para a minha cara “serinha” e falava: “Ué? Mas Deus não te ama?” e eu falava: “Putz é isso!” **Quase que some...Quando colocam em cheque o seu gênero, o seu papel dentro da igreja, o seu corpo, a sua sexualidade...Tudo isso parece que some, né. Realmente você se sente um cocozinho dentro da igreja** (grifo nosso).

A fala de Miriã é profunda em vários sentidos. O namoro é um dos pontos mais enfatizados na construção da ideia de santidade. Afinal, ali se tem uma oportunidade de ter uma vida sexual e se escolhe não fazer. Isso é atravessado na vida de uma mulher evangélica desde muito cedo e Miriã, como alguém que cresceu nesse meio, vivencia isso. E, quando uma pessoa deixa de ser pura sexualmente – isto é, virgem antes do casamento e fiel ao esposo – ela necessariamente quebra uma relação com a espiritualidade. Se a religião é algo tão importante na vida dessas mulheres, ter esse tipo de rompimento é extremamente doloroso. A ponto de se dizer, nos termos de Miriã que “você se sente um cocozinho dentro da igreja”. A associação entre fazer sexo e se sentir como fez mostra o quão violento pode ser o discurso religioso em relação ao desejo dessas mulheres. Fazendo um jogo com o linguajar religioso, a psicóloga pergunta se Deus não a amava. A psicoterapeuta faz uma estratégia de intervenção que rompe com o que a igreja professa sobre sexualidade. Assim, Miriã poderia ser inteira, religiosamente e pessoalmente.

Esse medo aparece também em Vasti. Na história dela, a igreja na qual cresceu havia um culto voltado à virgindade da mulher, que incluía o recebimento de uma Bíblia branca. Havia um grande medo da exposição caso ela perdesse a virgindade. Se negar a fazer esse culto já, em si, exporia a mulher. O julgamento da igreja quanto a sua vivência sexual apontaria que ela estava “muito errada”, em “pecado”, “sem prudência” e “desviada” dos caminhos da religião. Essa moral sobre sua sexualidade foi perdendo sentido dentro dela depois que entrou na faculdade e se aproximou do feminismo. Todavia, estava presente na comunidade em que fazia parte anteriormente. Por isso, aos poucos, se afastou da igreja.

O que que as pessoas têm a ver com a minha virgindade, assim? E eu pensava na época em casar virgem, em me manter virgem, enfim... E eu, né... Falava “eu não vou fazer”. Meus pais, assim, nunca perguntaram nada, mas eu já na minha cabeça já não iria fazer. E aí eu comecei a questionar muitas coisas, né. Sempre ficava naquela “o estudo é importante, mas não esqueça a igreja” e eu estudava de segunda à sábado então, às vezes domingo era o único dia que eu tinha para, né, alguma coisa. E aí as pessoas ligavam bastante, era sempre aquela pergunta, né, você falta um domingo e a pessoa “nossa! Tá desviada, né”... Coisa assim... [risos] Isso foi me tirando do sério e eu fui questionando, né. Agora eu não sei se eu me perdi na... Ah tá! Mulher evangélica. É isso. E aí eu... Eu entrei na faculdade e já tinha um conhecimento um pouco maior sobre a questão feminismo... [risos] Quando você foi criada na igreja e tem toda uma visão assim que fazer sexo antes do casamento é pecado, que você tem que ser uma mulher prudente, uma virgem prudente de preferência [risos]. Você tem que ter tantas coisas, né. E aí, é difícil pra pessoa entender, talvez, o quanto de culpa você carrega por perder a sua virgindade antes do casamento, o quanto isso te causa um sofrimento psíquico e físico mesmo, muito grande, como se fosse um exagero só que não é. [...] Isso também da virgindade aconteceu muito comigo e eu ficava assim “ai, meu Deus eu tô muito errada. Eu tô muito errada”.

A ideia de que fazer sexo era “muito errada” deixava o sofrimento ainda maior para essa mulher que aos poucos estava conhecendo o feminismo e se abrindo às novas perspectivas. Isso, conseqüentemente, fez com que fosse bem difícil ter relações sexuais, assim como abertura para a sua autodescoberta de sua bissexualidade.

E ter dificuldade de conseguir ter relações. Às vezes, ter relação e me sentir muito culpada e passar uma semana muito mal, sabe? Coisas assim. E, por exemplo, quando eu aceitei e falei “não. É isso. Sou bissexual e pronto. Fico com meninas e aí, tipo assim, é um sofrimento. Às vezes, eu ficava pensando “ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Eu fico com meninas. Eu fico com meninas.” Mas é que essa questão da sexualidade tem um peso muito forte também, porque quando eu era criança, eu beijei minhas amiguinhas e meus pais descobriram e isso foi uma questão, assim. Eu lembro que ficou muito marcado pra mim por causa da imagem do meu pai indo lá na frente da igreja, ajoelhando e chorando, chorando, chorando, na semana que ele tinha descoberto tudo. E eu fiquei assim, na época, eu me senti extremamente culpada, eu tinha 7, 8 anos e eu não tinha nem ideia, né, mas eu me senti extremamente culpada, porque eu falei “eu que causei isso. Meu pai tá chorando. Eu que causei isso. Meu pai tá chorando. Eu sou horrível.” E aí, eu só fui dar meu primeiro beijo, né, depois mais velha com 16 anos e aí eu embarquei num relacionamento de quase 6 anos e que, assim, eu só fui perder a virgindade no último ano do relacionamento. Então, também com muita culpa, misturada com muita coisa “não. Eu era heterossexual nesse relacionamento. Heterossexual. Nunca vi. Beije meninas, mas foi uma confusão. Só tinha curiosidade pra saber. Acho que eu vou querer ficar com meninos, porque...enfim...” Aí a gente inventa várias desculpas, né, pra poder enfim...pra tentar se explicar e explicar a gente pra gente mesmo né, [risos]. Arranjar uma desculpa pra gente mesmo. E no momento que eu falei “não. É isso.” Dentro da terapia, semanas “não. Porque eu fiz isso, eu fiz aquilo, meu Deus tá errado. E agora? É realmente. Sou uma pecadora. Não sou? Tem salvação? Não tem salvação? Como eu posso me dizer cristã e bissexual?” Aquela coisa. Meus questionamentos básicos, mas enfim, é sempre...são questões que talvez uma pessoa que não tenha conexão nenhuma com a religião fale assim “nossa! Mas por que você tá sofrendo tanto? Você beijou uma boca e acabou. Gente, segue em frente. Tá bom. Isso acontece. Você perdeu a virgindade. Você fez sexo. Nossa! Parabéns. Vai. Vai seguir”. Sendo que não é isso. Pra gente é uma dor assim, na carne, assim, tipo, no sentido bem forte mesmo e parece que, enfim, são muitos questionamentos e é nesse sentido que eu acho que faria diferença ter uma pessoa que tá ali do outro lado e que cresceu também com essa cultura da pureza.

Tudo isso permeava o que Vasti chamou de cultura da pureza que está profundamente relacionada à ideia de santidade comentada anteriormente. Precisa-se estar virgem antes do casamento e ser heterossexual senão, como Miriã comentou, sentirá como um “cocozinho pela igreja”. Em um documento publicado pelo CFP em 2019 chamado *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTQIA+* vemos muitos relatos dessas afetações. Isso também ocorre com outros grupos sociais inseridos no meio evangélico como LGBTQIAPN+. Megg Rayara, ao contar sua experiência em igreja (2017), conta relatos de medo, culpa, pecado, mas também de aceitação e socialização. A tentativa de moralização da sexualidade e das identidades de gênero, ao qual as igrejas dizem que uma vivência é pecado e outra é pura, faz com que a população LGBTQIAPN+ se sinta numa eterna dívida por não conseguir mudar aquilo que se é. O rompimento, corriqueiramente, se torna o caminho para a construção da identidade e até mesmo desenvolvimento da espiritualidade. Entretanto, encontramos também mulheres lésbicas,

bissexuais, trans e muitas outras dentro da categoria de mulheres evangélicas, levantando teologias e formas de ser igreja que não moralizam a população LGBTQIAPN+ que trazem tensões dentro do campo em análise. Dentre as entrevistadas, somente Vasti relatou claramente sua sexualidade como bissexual. Outras relatavam relacionamentos heteroafetivos ao longo de suas vidas e Berenice relatou estar em processo de descoberta, principalmente se está no espectro assexual. Nisso, mulheres evangélicas se mostram plurais em suas identidades sexuais.

Quando Vasti quis ter sua primeira relação sexual, esta relata que conversou com sua psicóloga que a apoiou e até pediu que a avisasse de que estaria tudo bem. Esse acolhimento e suporte foi crucial na experiência de Vasti para que o trauma sexual não se repetisse no espaço da psicoterapia, como vemos em Eunice. Ali, com sua psicóloga, ela tentou manejar e passar por cima daquilo que a religião impunha sobre sexualidade e, assim, fez sexo antes do casamento.

Tem uma coisa que não é nem uma intervenção, assim, na verdade, mas acho que foi um cuidado dela que me deixou muito mais tranquila com tudo o que tava acontecendo. Não que tivesse acabado todas as minhas questões, assim, de longe, mas quando eu falei assim: “vou perder a virgindade hoje”, foi um dia que eu tinha terapia de manhã e ia acontecer, sei lá, de tarde e ela falou assim que já sabia, porque da outra vez que eu tinha tentando foi com a outra psicóloga, que eu falei pra ela que eu fiquei muito mal, eu chorei, eu fiquei um dia de cama, no meu quarto e ela falou pra mim assim quando terminou a sessão “olha, se acontecer alguma coisa e você precisar conversar, me liga. Eu vou estar à disposição pro que acontecer, né. Enfim...Seja bom ou não, se você precisar, me liga.” Ela já sabia o que ia acontecer, né. E aquilo me deixou muito confortável e eu acabei não ligando pra ela e aconteceu. Mas aquilo me deixou muito confortável de saber que tinha alguém ali por mim naquele momento e sei lá, me entendia de alguma forma e ia me acolher. É isso. Depois continuaram. Assim, às vezes aconteceram algumas crises “ai, meu Deus, eu sou culpada! Eu tô fazendo sexo. Eu tô fazendo sexo. Nanana”. Mas era a pessoa que quando eu mais precisei ela falou assim “não. Mas eu tô aqui com você e se você precisar, você me liga. Você não precisa se sentir mal sozinha. Você vai me ligar e a gente vai conversar”. Então, assim, não foi bem uma intervenção, mas foi como ela se colocou e isso fez com que eu melhorasse muito e me sentisse confiante também e ter aquele momento, sabe?

Essa confiança de ir para além do que é ensinado pela igreja evangélica foi um processo que Vasti precisou enfrentar. Abigail também relata que tenta acolher e viver ao lado da diversidade sexual e de gênero, para além do que a igreja ensina. Ela não quer ser vista como uma “radical”, mas com alguém que tem “liberdade em Cristo”, como ela utiliza os termos. Sua fala é atravessada com imprecisões do que é identidade de gênero e sexualidade, mas na vivência com sua família e seu trabalho ela tenta apoiar a pluralidade de vivências.

Por exemplo, eu tava outro dia na praia e aí essa minha filha caçula, que nasceu na Espanha, ela tem 13 anos. E aí, ela queria encontrar um amigo dela lá na praia. O amigo dela que ia na praia encontrar com a gente. E, aí, eu perguntei: quem é esse amigo? É o amigo. É o amigo. Tá. Tudo bem. Quero conhecer esse seu amigo. Meu namorado tava comigo. Quero conhecer. Só que o amigo era amiga, entendeu? Era uma menina homossexual. É...trans, né, assim, bem masculina no jeito de vestir e de

ser. Se eu fosse...poxa...umas evangélicas dessas é...radicais, eu ia falar: vamos embora agora. Não quero saber, não sei o quê...Ia pagar o maior mico, né, como eles dizem. Eu...é...eu acolhi. Ela vem aqui em casa. Eu não pergunto. Eu não falo, porque já deve ser muito difícil pra essas meninas, né, essas crianças assim. E...me dói. Eu não vou dizer que é normal, que é natural, que é legal, que eu apoio. Me dói, mas eu não posso fazer nada além de acolher. Eu sou cabeleireira, né, então há 26 anos eu trabalho com homossexuais. A maioria masculina, hoje, já tem femininos. Então, assim, eu brinco com eles. Eu faço gesto de bicha também, sabe? Se eles me perguntarem: mas você é crente? Eu sou crente, por quê? Entendeu? Então, eu tenho essa liberdade. Foi pra essa liberdade que Cristo me chamou, entendeu?

Esse lugar de abertura para se falar de sexualidade ainda é bem difícil na fala destas mulheres. Elas demonstram buscar brechas, mas a religião parece não acompanhar as aberturas pessoais. Mical tem uma história interessante nesse sentido. Ela, que se converteu já adulta, vê que a igreja está refletindo sobre a necessidade de psicoterapia, mas quanto a sexualidade, não. Além disso, mesmo escolhendo a religião evangélica com um pouco mais de idade, ela sente que é impossível “passar 100% ileso” pelo discurso religioso de pureza, como demonstra:

Nossa, é bem...é bem interessante assim, é...eu acho que, particularmente pra mim é..., pega porque, enfim, né, é bem complexo a forma como é ser evangélica e mulher, mas, acho que tem duas facetas assim né, tem o fato de, por exemplo, eu vou na [Nome de igreja], que é consideravelmente mais progressista, assim, que algumas, não é tão tradicional né, tão conservadora assim, não é super progressista também, mas é, olhando assim, comparativamente, ela é. Então, eu vejo que na terapia é, a gente sempre fala é, sobre como é importante essa visão, de realmente, é...ter uma visão contemporânea né, sobre a Bíblia, sobre tudo que acontece. Acho isso muito bacana, ter esse espaço também de compartilhamento e reflexão. Mas, aquelas coisas, assim, mais tradicionais, acho que não tem como passar 100% ileso assim, então, é, principalmente em relação à sexualidade, é...foi um tema assim bem...é...foi o meu espaço de desabafar mesmo assim, de abrir o coração e falar, tipo: “meu, não concordo.” Então, acho que tem isso, assim.

Mical traz a percepção de que a igreja é um espaço de compartilhar e refletir, contudo não para tudo. Um exemplo disso é o tema da sexualidade. A conversão de uma pessoa significa não só a adesão a ideias religiosas, mas, para Mical, uma concordância com a igreja e, na psicoterapia, ela consegue discordar desse espaço de fé. Partridge, Woodhead e Kawanami (2003), ao olharem o sujeito religioso evangélico, percebem que a maioria dos cristãos aceita a autoridade da Bíblia, tradição, igreja e experiência, embora em combinações variadas e com ênfases diferentes, mas que houve uma grande mudança nos séculos XX e XXI, no sentido de um maior destaque na experiência. O processo de conversão, de viver a vida religiosa, cada dia mais aparece com importância para esses sujeitos. Birman (2009) observa que a conversão dá oportunidade de transcender expectativas e traz, muitas vezes, uma nova interpelação identitária da possibilidade de viver, de ser inserido na sociedade. Essa mesma sociedade que insere grupos com a identidade evangélica, todavia, exclui outros como pessoas de religiões afro-brasileiras. Desse modo, percebemos na conversão um espaço para a população negra e/ou favelada ser

vista como influente, espiritualmente poderosos e respeitados, mas também afasta outros negros e/ou favelados que não quiseram entrar na religião evangélica do espaço público a partir da imposição de uma cultura gospel. Olhamos então que relações da sociedade, para além da experiência individual, fazem com que essa identidade seja ou não valorizada. Ser uma mulher evangélica traz um espaço de privilégio ou de subalternidade, dependendo de outros marcadores sociais da diferença com os quais este se articule, e dos contextos em que a pessoa transita e vive. Essas mulheres possuem muitas identidades dentro de si que atravessam a experiência religiosa. A mulher negra evangélica vive lugares sociais diferentes da mulher branca evangélica (PACHECO, 2013), assim como a mulher evangélica empobrecida não vive o mesmo que uma mulher evangélica que é deputada, senadora. Tais identidades dizem sobre elas e afetam as temáticas que são levantadas em psicoterapia.

Dentre essas relações em que as entrevistadas se encontram, o tema da família estava muito presente. As psicoterapias dessas mulheres várias vezes perpassavam questões familiares, como vemos com Berenice, Maria, Jael, Miriã e outras. Dorcas é uma dessas mulheres em que esse assunto atravessou muito a sua fala. Grande parte da demanda que a levou à terapia foi sua relação com sua mãe, extremamente conflitiva e com seu ex-marido, violento, que a afetou na sua relação com os filhos. Além disso, ela relata que a avó, indígena, sofria de adoecimento psíquico e isso a teria influenciado a ser uma “pessoa doente”, nos termos que ela mesma se direciona. Assim, vemos como a configuração familiar atravessa a subjetividade destas mulheres. Outra mulher que citou a relação familiar com seus pais é Tamara, que fala de um dever de cuidar deles.

Ah! Eu lembrei de uma coisa agora dessa coisa do tratar pai e mãe é ultimamente eu tenho pensando muito nos meus pais envelhecendo e por morar em outro estado eu fico pensando “eu vou ter que voltar em algum momento pra cuidar deles”, porque eu sou filha única, né. E aí a minha psicóloga sempre fala “cara, você tem que viver o momento, né”. Eles têm saúde, eles tão bem e eu preciso viver pra mim também. Não só pensando que eu tenho que cuidar deles, porque se eles não têm objetivo de rede de apoio a não ser eu, porque as minhas primas vão cuidar dos meus tios que também estão envelhecendo e aí eu sempre fico pensando que eu preciso honrar os meus pais da mesma forma que eles cuidaram sempre muito bem de mim, né, e aí isso me pressiona um pouco em relação a minha vida profissional, tipo, antropólogo é uma vida difícil, né e o meu pai sempre me tratou assim como um banco. Não como um banco, mas como uma previdência privada. Ele sempre cuidava de mim, mas sempre falava: “você vai cuidar de mim no futuro” e aí isso sempre foi uma pressão bem grande assim, porque tenho que ter um emprego legal pra poder ajudar eles.

Essa necessidade de cuidar dos pais vem como uma “pressão bem grande” e se repete ao longo das falas dessas mulheres. O dever social e religioso de “honrar pai e mãe” faz com que os pais ocupem um lugar religioso de cuidado. Deus, na cristandade, é tido como Pai, pois

essa era a expressão religiosa que Jesus utilizava. No catolicismo, a Igreja é mãe, mas esse imaginário acaba perpassando também a igreja evangélica como Tamara também percebe:

Então, com certeza esses dois fatos. Essa intersecção de mulher evangélica pauta muito mais que a relação com minha mãe, sabe? Que são os tópicos da minha psicoterapia: a relação com a minha mãe, com meu pai. Então, ali falamos muito disso nesses anos, mas eu me vejo voltando e voltando e voltando. **Parece, às vezes, que a igreja evangélica ocupou o lugar de mãe muitas vezes do que a minha própria mãe em muitos cenários, sabe, de formar pensamentos, comportamentos e etc (grifo nosso).**

A ideia de gênero construída sobre o que deve ser uma mãe, que molda pensamentos e comportamentos se mistura com o lugar de poder da igreja. E, dependendo de outros atravessamentos, isso se torna ainda mais misturado. Aqui percebemos um atravessamento muito específico dentro das relações de gênero que é a maternidade e a paternidade. Os lugares sociais de homens e mulheres quando se tem uma cria se transformam, trazendo para si um novo espaço de poder. E dependendo de outros fatores que atravessam o lugar de ser pai ou mãe, novas configurações se inserem, como os casos de Berenice, Marta e Maria, filhas de pastores. Berenice, por exemplo, aponta que ser filha de pastor deixa esse ponto ainda mais complexo. Muitas vezes isso anda ao lado de uma estafa do trabalho pastoral – pois precisa ser líder dentro de casa e fora de lá – e vem com relatos de abuso religioso pela não divisão dos limites de atuação.

E hoje mesmo a [nome da amiga], também lá do Redomas tava falando como a IURD tá batendo nas casas pra fazer propaganda política, como se fosse evangelismo, no momento no Brasil. E ela tava falando como os crentes ao contrário de outras camadas não quer ter a preocupação com a saúde mental. Então, ela vai fazer mesmo. Ela vai passar horas fazendo isso. Ela vai se estafar fazendo isso, porque é a obra de Deus e aí é isso o que Deus quer. E esse peso é...é uma coisa que me pega muito. Eu acho assim que é...Não há ainda trabalho de qualidade, pelo menos não que eu conheça, sobre a experiência de mulheres e filhas de pastor. É...assim tem trabalhos sobre pastores. Bons trabalhos, trabalhos sérios sobre a saúde mental de pastores, mas eu não conheço sobre filhas e mulheres de pastores e sobre como isso nos constrói e nos destrói em muitos sentidos, assim. É um tema que a gente tem pra falar no Redomas há anos. Eu e a [nome de outra amiga], né, principalmente que somos filhas de pastor, mas a gente não tem coragem. 1 porque nossos pais ainda estão aqui e falar sobre isso talvez seja muito dolorido pra eles, assim, e muita exposição pra gente. Então tenho uma ideia de fazer uma série inteira de programas sobre abuso espiritual, abuso religioso e eu fico pensando sobre tudo isso. Sobre como, diversas camadas sobre esse abuso religioso, sabe. O abuso religioso, o abuso de fato espiritual de invadir as nossas espiritualidades, o abuso de trabalho de você se dedicar e tá ali o tempo todo. E aí quando você fala dessa perseguição da mulher evangélica e saúde mental eu penso que as mulheres evangélicas e negras são a maioria.

Essa pressão toda acaba sobrecarregando as filhas desses pastores e mesmo Berenice e o seu grupo de amigas querendo falar sobre isso, vem novamente o receio de se expor, de falar sobre sofrimentos e o que os outros, a comunidade poderiam pensar. Pensando essa

problemática atravessada pelo debate racial, a questão se torna ainda mais complexa para mulheres negras. Essa dor de serem filhas do pastor aparecem com Maria e Marta, que são irmãs. Maria, especificamente, relatou mais sobre como isso era difícil.

A primeira coisa foi perceber como eu lidava com os meus afazeres dentro da igreja como uma obrigação muito intensa, mais do que prazer. Eu não tava servindo a Deus. Eu tava trabalhando feito uma condenada, infeliz. E muito mais, porque meu pai era pastor e eu precisava demonstrar um certo comportamento, do que eu tava ali servindo a Deus, sabe. Eu não me sentia servindo em uma comunidade. Eu não me sentia ativa em lugar nenhum. Eu me sentia ali só por obrigação, sabe. Foi, foi bem pesado isso, porque a minha irmã saiu dessa igreja. A minha mãe tava muito triste com as coisas que tavam rolando lá, então ela tava desanimada e eu também tava infeliz ali. Então, meio que a família pastoral ficou sumida e eu escutei um discurso pesado de um membro da igreja falando que aquilo era uma vergonha, que era um absurdo, que a família pastoral não tava colaborando e que eu deveria sair do banco e fazer alguma coisa, porque tava fácil demais pra mim. Então, eu ouvi um discurso bem pesado, assim, e aquilo me forçava a ir pra lá e trabalhar. Eu toco piano, então, eu tinha que tá lá todo domingo de noite tocando. E eu não sou muito boa. [risos] E quando eles queriam tocar uma música, eu tinha que levar pra casa e estudar, estudar, estudar e levar depois pra tocar. E, então, eles não gostavam de ensaiar. Eles gostavam de fazer as coisas no improviso. Então, pra mim era uma tensão muito grande, porque eu chegava lá e eles queriam tocar uma música e falavam “toca” e eu não sabia e eu ficava muito nervosa. Então, era de um nível de eu ir pra igreja e ir correndo pro banheiro e ter muita ânsia de vômito, de nervoso, de estresse e eu não conseguia sair de lá, porque eu tava me sentindo muito pressionada. É porque como eu cresci sendo filha de pastor, essa pressão existe desde que eu sou criança. Então, eu criei esse padrão. Então, tem aquela cobrança, e eu vou com tudo. Eu faço acontecer. Eu vou até o final. Tem que acontecer, porque tem um projeto grande que tá dependendo de mim. Então, desde que eu sou criança, eu sou muito ativa na igreja, então, eu não conseguia largar dessa responsabilidade. Então, quando eu saí da igreja do meu pai foi aquele “Uau! Estou aqui, porque eu quero fazer. Porque eu quero servir à comunidade. Eu quero servir a Deus” Agora eu me sinto mais feliz. Eu estou escolhendo os caminhos que eu quero fazer. Agora eu não toco piano na igreja, eu canto. Outra coisa. E foi o que eu escolhi fazer. Aliás, eu criei até um trauma com piano. E estou sem tocar, sem encostar nele. Tem uns seis meses que eu não pego nele. Então, eu até parei de praticar um pouco pra ver se eu relaxo. Pra ver se eu tiro essa ideia da minha cabeça, pra ver se eu volto a tocar o piano, mas por prazer e não por obrigação. Porque até então era obrigação mesmo. [riso].

Na fala de Maria tem vários sinais de dor nesse processo – ela fala de pressão, tensão, ânsia de vômito, necessidade de mostrar um comportamento e até mesmo trauma de tocar um instrumento que ela gostava. Tudo isso advindo da necessidade de ser um tipo social: a filha do pastor. E a igreja estimulava esse tipo de ação, sem se importar em como isso afetaria na saúde mental dessa mulher. Ela relata também que a igreja fazia um dia comemorativo para a filha do pastor e isso só deixava mais evidente como ser filha – algo que ela não escolheu – a deu um cargo indesejado e sofrido.

Me dão uma flor! Gente, eu mereço isso? Eu mereço esse cargo? Né...É que nem me dar parabéns no dia da mulher: “Ah, parabéns!” Tô tendo vantagem em ter uma vagina? Me diz aí você. Eu não tô vendo. No dia do filho do pastor do ano passado, uma membra da igreja do meu pai me mandou mensagem: “Ah! A gente tá querendo

fazer algo no dia do filho do pastor. Me diz o que que você acha de ser filha do pastor? Eu gravei um áudio de cinco minutos e falei um monte. É a mesma coisa que você virar para um filho de pintor e falar: “O que que você acha de ser filho de um pintor?” “Ué? Meu pai é pintor e eu sou qualquer outra coisa.”.

Essas falas de Maria mostram a complexidade das relações de gênero e religião, afinal, o pai de família, usando de seu poder pastoral, fez com que a filha tivesse um cargo e lugar social indesejado para si mesma. Da mesma forma que olhamos raça e classe em relação a gênero, devemos olhar a relação mulheres-religião e religião-mulheres. Possuem forças subordinadoras e conservadoras, mas também forças de inovadoras, de mudanças sociais e políticas (ROSADO-NUNES, 2000, p. 213). O que faz a mulher evangélica são esses atravessamentos de histórias, raízes, rompimentos e peculiaridades. Como diz Sandra Duarte de Souza:

se o público de fiéis que engrossam as fileiras das instituições religiosas é majoritariamente feminino, como explicar que às mulheres ainda seja vetada a participação como ministras ordenadas na Igreja Católica e em um sem número de igrejas protestantes “clássicas” e pentecostais? Por que no caso de ordenação feminina cabem às mulheres as igrejas menos expressivas em termos de poder político e econômico? Que sentidos de gênero concorrem para fazer dos homens os sujeitos mais importantes e competentes no processo de racionalização da atividade religiosa? Que representação de mulher prevalece nesse contexto? Quais são os enfrentamentos das mulheres para alçarem-se à liderança religiosa? Em que medida o cruzamento de gênero com outras categorias como classe, raça/etnia, idade e orientação sexual, explicita os critérios de inclusão e de exclusão de mulheres e homens nos lugares de poder das instituições religiosas? (SOUZA, 2008, p. 126).

As mulheres estão sempre numa disputa para se mostrarem nos espaços religiosos, mesmo com tantos atravessamentos de poder. Miriã é um exemplo disso. Ela se sentia muito insegura com o julgamento dos outros e a terapia a ajudou no amadurecimento desse processo. Além disso, ela tinha um lugar familiar de cuidar da mãe com depressão, independente do que ela queria. Foi um processo difícil fazer o distanciamento dessa família – afinal, ela estaria desonrando sua mãe.

Vasti conta que sua família também era algo complexo de se lidar na terapia e no dia a dia. Desde que começou a tomar medicamento a família indicou que ela fosse orar ou “entregar na mão de Deus”. Assim, a família se une ao saber religioso em oposição ao tratamento da Vasti e, recorrentemente, usava da narrativa dela só precisar ser feliz. Sempre observamos essa ideia de que a mulher evangélica não pode sofrer.

[risos] Assim, o preconceito que eu tenho dentro de casa mesmo, né. Durante a pandemia eu tive que começar a usar medicação. Em 2020 eu tava muito ansiosa. Eu não tava conseguindo. E eu tava voltando, né, de retorno pra casa dos meus pais e...E meu pai mesmo falando assim “vai orar. Não precisa disso.” Às vezes eu brincava, tipo assim “ai...”, porque às vezes ele me colocava pra dirigir e eu tava muito tempo sem treinar e eu suava de tudo que era lugar possível do meu corpo de tanto nervosismo. Aí eu falava: “vou ter que marcar uma sessão extra com a minha psicóloga. Aí ele: “vai orar. Não precisa disso. Entrega na mão de Deus. Você sabe

disso.” E eu falava tipo: “preciso ir num psiquiatra.” E ele: “você tem certeza que você precisa disso? Acho que você não precisa”. Minha mãe também ficava meio “ai, você leva tudo pro coração. Isso tudo sai na urina. Para com isso. Não seja ansiosa.” [risos] E tipo: tá triste? Seja feliz!

O que aparece com frequência na fala destas mulheres é uma diferença geracional acerca da relação com a saúde mental e isso não aparece só nas entrevistadas mais jovens, mas também com Dorcas e Eunice que estão as duas com mais de 60 anos. Percebe-se que mais do que uma diferença etária, vemos uma diferença entre aqueles que se abrem a pensar sobre seus próprios sofrimentos e elaborar utilizando os métodos da psicologia e aqueles que restringem a dor à vivência religiosa. Vasti, nesse ponto, tem um lugar interessante porque é psicóloga e anda sempre nessa corda bamba que se apresenta no campo religioso e dentro de casa.

[risos] Acho que foi mais nesse sentido assim dentro de casa mesmo. Não sei se as outras pessoas... ou não, eu acho que a nossa geração já tá um pouco mais tranquila com a questão da terapia. Acho que o pessoal consegue perceber a importância. Tem gente que acaba individualizando muito o sofrimento, né, como se a terapia fosse resolver tudo, mas eu já vejo que é um pouco mais tranquilo assim. Nas outras gerações que eu sinto que tem mais uma resistência e acabam falando coisas. Se fosse pra falar que eu sofri um preconceito, seria mais no sentido de ser psicóloga mesmo. Quem nunca ouviu, né: “Jesus é o melhor psicólogo?” E eu fico tipo: “ai, meu Deus!” Que horror!

Outros temas tão importantes quanto aparecem nas falas destas mulheres, como a relação com outras religiões, o lugar de submissão, drogas, faculdade, mas a maioria das grandes questões advinham das noções de gênero ou, nos termos delas “do ser mulher”. Temos falas de Cloé, Berenice, Maria, Abigail, Vasti e, transversalmente, de ainda mais entrevistadas.

Para Simone de Beauvoir (1980), o sexo feminino seria o segundo sexo, aquele que é outro, enquanto o masculino seria a referência, o neutro. Essa diferenciação social causa desigualdades que atingem as mulheres nas áreas econômica, industrial, educacional, política, entre outras. Sendo assim, a mulher é socializada para o prazer masculino e para ser complementar a ele. A sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 1980, p. 9) enfatiza o caráter social do gênero e não o biológico, cuja diferença é somente genital e não de gostos. O que se constrói como masculino e feminino são produtos históricos e políticos. Desse modo, Butler (2003) aponta que os vários espaços sociais se articulam para a heteronormatividade, com o objetivo de exclusão daqueles que não correspondem à norma, seja mulher, não heterossexual, negra ou de alguma etnia não branca.

Para Woodhead (2002), as mulheres se beneficiam de duas maneiras com a fé cristã: primeiro, pela restrição colocada no exercício desenfreado do poder masculino pelos valores de compaixão; e segundo, pelo reconhecimento e afirmação do valor de papéis, virtudes e

disposições tipicamente femininos. O cristianismo também poderia oferecer às mulheres um espaço social agradável que lhes interessaria. Assim, as mulheres com filhos têm muito a ganhar com uma instituição como a igreja que sustenta a família, exalta o papel doméstico, oferece apoio e companhia na tarefa de criar e educar crianças e, uma vez que as crianças saem de casa, podem encontrar outras funções de cuidar. Não estranhamente temos um dado do Datafolha (2020) que mostra uma idade média de mulheres evangélicas perto dos 40 anos. De qualquer forma, as mulheres parecem mais inclinadas do que os homens a ingressar em uma igreja apenas para o bem da comunidade e do relacionamento, independentemente de quaisquer outros papéis ou privilégios que a associação possa trazer (WOODHEAD, 2002). Isso reforça que as mulheres evangélicas corriqueiramente procuram as igrejas para responder a demandas de gênero na sociedade (MACHADO, 2005), contudo não é a única forma de se lidar com a religião. Pode-se ver essa movimentação ao longo do tempo.

Olhando novamente para a história, o período medieval teve um florescimento da piedade feminina, nas quais abundam imagens de mulheres santas. Apesar da hostilidade do protestantismo a essas imagens, algumas igrejas pós-Reforma ofereceram às mulheres novas oportunidades de educação, alfabetização e até ministério religioso. No século XIX, os trabalhos missionário e de caridade ofereceram às mulheres uma saída para energias e ambições que, de outra forma, seriam frustradas. Por esse meio, um punhado de mulheres na história cristã reivindicou o direito de fazer teologia e de falar por si.

Ao longo do século XX e além, as mulheres ganharam cada vez mais o direito de se mudar para a esfera pública, mas esta permanece dominada pelos homens. Uma consequência é a pluralização dos mundos da vida: em vez de habitar apenas uma ou duas instituições sociais (a família e a igreja), homens e mulheres habitam mundos diferentes – domésticos, educacionais, legais, políticos, médicos, econômicos e religiosos. Tais instituições são as instituições primárias da sociedade, das quais a maioria dos homens participa, e podem ser contrastadas com instituições secundárias que tendem a ser menores. A própria religião no século XIX foi empurrada para o privado e tendia a reforçar a domesticação das mulheres, tornando-se a guardiã da vida privada e dos valores familiares. As mulheres que entram na vida pública começando uma das profissões, no entanto, podem experimentar uma tensão entre os valores religiosos tradicionais e os profissionais. Isso levou ao abandono, por parte de algumas dessas mulheres, de religiões mais tradicionais e à criação de novas espiritualidades, muitas vezes não ocidentais. Um dos motivos é que em sociedades não ocidentais o local do privado e o público não são tão opostos; pelo contrário, há uma valorização da integralidade (WOODHEAD, 2002). Por sua própria natureza, as formas de espiritualidade mais individualizadas ou personalizadas

são obviamente extremamente bem adaptadas às necessidades das mulheres que as criam. As mulheres também foram atraídas pelos vários Novos Movimentos Religiosos (NRMs), que ganharam destaque nos tempos modernos. Numa pesquisa citada por Woodhead (2002), Palmer (1994) argumenta que os NRMs oferecem às mulheres a oportunidade de ocupar toda uma gama de papéis de gênero – do conservador ao radical – desenvolvendo, assim, uma identidade de gênero mais madura do que seria possível de outra maneira. As mulheres envolvidas tendem a ser de classe média, educadas em nível superior e, frequentemente, têm ou tiveram alguma forma de envolvimento religioso tradicional anterior. O islã ressurgente, com feitura decoloniais e feministas, por exemplo, representa uma mobilização da tradição para enfrentar os desafios de uma era pós-colonial dos estados-nação.

O cristianismo carismático fora do Ocidente também faz esse percurso, visto que o Espírito Santo confere autoridade, dá às mulheres um alcance considerável para receber dons de cura, profecia, falar em línguas e, assim por diante, em termos iguais aos homens. Além disso, libera-as da escravidão de fracassos, medos, sofrimentos e invalidações passados e lhes dá coragem e impulso para mudar suas vidas e compreender novas possibilidades. Tudo isso é de particular relevância para as mulheres que se deslocam de formas de vida rurais menos diferenciadas para o mundo deslocado e impessoal de uma cidade industrial, por exemplo. O cristianismo carismático não apenas oferece uma passagem segura do mundo antigo para o novo, mas também a coragem espiritual para enfrentar novos mundos socioeconômicos, a orientação moral para lidar e os recursos culturais e materiais necessários para competir – da educação ao bem-estar. No entanto, sua forma é muito diferente do feminismo ocidental e seu respeito pela autoridade dos homens, muito maior. Em vez de afirmar os direitos das mulheres, as igualdades e as liberdades radicais em oposição à opressão patriarcal, o cristianismo carismático atrai homens e mulheres afirmando alguns elementos da religião e sociedade tradicionais, enquanto, ao mesmo tempo, submetendo-os aos poderes transformadores do renascimento carismático. As hierarquias tradicionais e os papéis de gênero passam por uma revolução suave, pois o mundo social é parcialmente reformulado. Assim, a palavra masculina, autoritária, transcendente e divina de Deus é complementada pela influência insinuante do Espírito Santo, que é gentil, amoroso e semelhante a uma pomba. Tais ênfases servem não apenas para exaltar o feminino, mas para desafiar o machismo. O espaço é criado para as mulheres, não apenas oferecendo-lhes poder divino, mas convertendo os homens em posturas menos machistas (WOODHEAD, 2002).

A igreja se torna um espaço complexo, que serve às mulheres, mas que também funciona a custo da saúde mental dessas, como Berenice aponta. Ela, como mulher branca,

relata experienciar a violência patriarcal, machista e colonialista das teologias, nos termos da interlocutora. Assim, ela percebe seu corpo como sujeitado a uma carga mental que vem de seu lugar como mulher do sul global. Todavia, ela relata uma percepção sobre outras violências que sabe que não vive – como o racismo, o classismo e algumas experiências da maternidade. Isso traz à tona que Berenice já possui alguma reflexão sobre a sua branquitude (BENTO, 2002), entendendo o lugar, mas ainda sem expressar o seu lugar social na perpetuação das violências raciais. Ela sabe que as mulheres são aquelas que fazem as igrejas e que especificamente no caso de mulheres negras, pesa ainda mais, porém não se implica nessa problemática, como vemos:

Nas igrejas, são elas que fazem a igreja funcionar, elas que trabalham na igreja e muitas vezes estão com a saúde mental totalmente comprometida. Essa carga mental é algo que eu tenho pensado muito, porque hoje eu tô morando com os meus pais. Eles vieram de Curitiba para cá e eu me vi muito...**Enquanto pessoa que está sustentando quase a casa com essa carga mental. Aí eu entendi muito mais essa reprodução social dessa carga mental, mesmo não estando casada com um cara e tendo filhos. Porque de repente você se vê com tudo aquilo dentro da sua cabeça. Aí quando você coloca a igreja nessa equação que você também cuida e coloca tudo dentro da sua cabeça e essa carga mental, aonde isso vai parar é uma pergunta. E aí você tá fazendo isso em nome de Deus. Você tá fazendo isso pra Deus. Você não tá fazendo isso pra nenhum homem, pra nenhum ser humano e isso tem um peso muito grande. Na infância e construir assim...Construir essas coisas na infância pra mim é hoje algo muito difícil de quebrar assim. De desconstruir mesmo, porque tá muito dentro, tá muito difícil de separar. Então, eu acho assim, é uma interseção muito grande.** Crescente de ser estudada. Importante de ser estudada e ao mesmo tempo invisibilizada. Então, assim eu imagino, né...**Eu imagino enquanto mulher branca, como deve ser essa experiência para mulheres negras que constroem igrejas nas periferias, sabe. Que não tem acesso a um processo terapêutico, não tem acesso a tudo isso. Como? Eu não consigo imaginar como é lidar com essa carga mental, assim...Então, é uma...não é uma questão que não é...o patriarcado, claro; o machismo, claro...que nos traz doenças e nos adoecem psicologicamente quando não nos mata, mas também as teologias que são patriarcais e machistas e colonialistas que nos adoecem de outra forma, né. E fica tudo essa mistura é...muito bizarra, assim. Que acontece, enfim...Acho que é por aí que eu penso (grifos nosso).**

O adoecimento está ligado diretamente ao que a igreja ensinou desde pequena sobre como deve ser a performance de gênero e isso se expressa nas teologias que são ensinadas nesses espaços. Por exemplo, uma dessas teologias – como a ideia de santidade e pureza sexual, que já comentamos – é a da depravação total. Isso é, tudo o que é positivo vem de Deus e o que vem do ser humano é ruim, em si próprio. Nada do que se propõe a fazer pode ser lido como bom e isso para uma mulher ainda ganha uma complexidade ainda maior, pois há historicamente a associação do pecado ao feminino. Berenice tem uma psicóloga que se utiliza do termo “arquetipo” para designar essa relação com o feminino e a nossa interlocutora tenta articular com o que o feminismo constrói sobre essa ideia.

A gente fala muito sobre o arquétipo do feminino e o que que isso significa. Essas conversas sobre esse arquétipo e o que que isso constrói na gente também me atravessaram muito, principalmente falando sobre sexualidade dentro da terapia assim. Foi algo que, foi novo pra mim, sabe? E pensar... porque o movimento feminista me levou a pensar nos estereótipos desse arquétipo feminino que nunca fizeram sentido pra mim ou mesmo que mesmo que eu me encaixasse neles, eles eram limitantes para tantas outras mulheres, enfim, me fez pensar estruturalmente isso. Mas dentro da terapia eu tive que fazer um trabalho muito difícil de olhar pra esse feminino e de lidar com ele e com as dores e delícias desse feminino, que são muito mais dores, inclusive. Então, isso foi muito importante ali. **E a questão de ser evangélica, é como eu falei, a igreja tinha que me indenizar, porque é frustrante pra mim, de verdade, tem várias sessões que eu chego e falo eu não quero mais falar disso, eu não aguento falar disso, mas eu preciso falar, mas eu não quero mais, mas é...de novo...e quando eu entendi as dimensões psíquicas pra mim do que é...da teologia da depravação total, a minha chave...e foi uma coisa que eu só entendi ano passado, pra mim foi muito importante entender como que as teologias me formaram psicologicamente, emocionalmente e é uma coisa que eu nunca tinha parado pra pensar e talvez nem a minha própria psicóloga, porque ela não tem essa, talvez, essa bagagem teológica e entenda que essas teológicas causam isso não só é mim, mas em várias outras pessoas. Mas que eu entendi que essa relação bem e mal, no final, no meu interior, no fundo, no fundo, no fundo aquele sentimento de que “você é depravada”. Então, tudo o que você faz é veneno é ruim. Não importa o quanto boa você tem que ser.** Tudo você vai tá tentando compensar, porque é isso e quando eu entendi isso, até escrevi depois sobre isso, porque é uma coisa pra mim assim que mudou tudo (grifo nosso).

A ideia profunda de “você é depravada” recai uma dor sem solução para as mulheres. Significa que esta pessoa já nasceu corrompida, pervertendo o que é bom. Uma mulher não consegue ter paz em um universo semântico que a vê dessa forma. Performando a santidade, a pureza sexual e de gestos. Maria, seguindo a linha de raciocínio que Berenice falou, desenvolve o como é esperado um jeito de ser mulher dentro da igreja ligado a vestimentas. E chega a ser engraçado o relato dela, pois, sendo filha de pastor, se esperava uma roupa recatada, mas tanto ela quanto a mãe têm “bundas grandes” – termos da entrevistada. Ela aponta que há de disfarçar algo biológico de seu corpo a fim de performar ser mulher. Isso só deixa ainda mais evidente o quanto gênero não é algo natural, essencial.

Eu sei que tem comportamentos que esperam de mim, né, como mulher: roupas que eu tenho que usar, coisas que eu posso dizer ou não. É...Eu sei que tem isso. Não era esperado de mim estar na festa da [Nome da faculdade]. Eu sei que não era esperado muita coisa de mim, mas, enfim...No dia que eu peguei o microfone, eu fiz questão de falar isso: “Gente, eu sou uma pessoa como qualquer um. Eu tenho acompanhamento espiritual um pouco mais próximo, mas sou uma pessoa como qualquer outra. Então, larga um pouco do meu pé, sabe. Lá tinha uma época que eu, eu escolhi o feminismo e queria andar sem sutiã. [risos] Meu pai quase surtou. E eu sabia que eu não poderia, Eu nunca iria com uma blusa curta, né, que eu não uso blusa colada, eu não me sinto confortável com blusa colada e usar ela sem sutiã. Então, seria sempre uma coisa folgada, assim, que não marcasse muito. Eu sabia que eu nunca ia poder pisar na igreja daquela forma, porque eu ia fazer umas senhoras infartarem. Então..., tem muito desse decoro, assim...Comecei a reparar que tem na minha igreja algumas pessoas que eu nunca vi de regata, de blusa de alça fina. E eu acho que eu nunca vou ver...Eu comecei a pensar...Poxa, tá calor e hoje ela tá de blusa, ela tá de casaco. Sabe? Eu comecei a prestar atenção nisso. Eu acho que a pessoa realmente vai

se vestir assim, né. Acho que ela se veste assim. E...Eu comecei a medir e saber as minhas brigas. Escolher as minhas brigas. É...Nesse momento, eu não vou ficar sem sutiã na igreja. Essa briga não vale a pena. Eu não vou sair de casa e morar com o meu namorado, porque essa briga não vale a pena. Não vou viajar sozinha com ele, porque essa briga também não vai valer a pena. Então...Tem que saber medir, saber medir muito bem...E a minha mãe começou a comprar umas saias muito longas. Ela comprou...Eu ri pra caramba. Ela comprou uma roupa na loja “Moda Evangélica”. Aí eu [risos] “Mãe, por que você tá fazendo isso? Compre uma roupa bonita. Você tá comprando uma roupa de sacola.” Aí ela: “Ah! Mas eu tenho que me vestir bem. Eu sou uma senhora. Esposa de pastor”. “Mas uma senhora pode ser estilosa. Não usa essas roupas de sacola”. [risos] Aí eu mostrei umas roupas pra ela. Aí ela: “É verdade. Essa aqui tá bonita”. Mas a minha mãe cresceu com as pessoas dizendo pra ela que ela não podia usar roupa colada. Então, quando eu uso uma calça que marca demais ela briga comigo. Ela olha e logo fala: “Que bunda grande!” Eu peguei ela de você, né. Eu sempre respondo rindo, assim, brincando. “A culpa é mais sua do que minha, porque eu não fiz nada pra ter essa bunda assim.”

Desenvolvendo a entrevista com Maria, ela relata que a briga quanto à roupa é algo que não “vale a pena brigar” então perguntei a ela o que ainda valeria brigar. Ela respondeu que é o seu próprio espaço, ser independente e presente.

É...Acho que atualmente, seria muito pelo meu espaço, sabe...É...Me fazer presente. Me fazer independente, porque o discurso que eu tenho escutado muito agora que eu tô com 23 anos e comecei a trabalhar, né...Meu primeiro emprego. É que...Eu preciso achar...Conseguir um casamento. E...Como assim? Então, eu escuto muito isso, sabe? Que eu preciso procurar um homem pra poder casar. Eu tô namorando há quase quatro anos e a gente não tá nem perto de casar, porque ninguém tem dinheiro aqui nesse Brasil. Então, assim, e fica esse discurso, esse discurso...Principalmente vindo da minha mãe, que se casou com 23 anos. Então, a minha briga agora é muito por me fazer independente. Eu. **Independente por mim e não independente, porque alguém me pediu a mão que eu vou ser independente.** (...) O homem ele não precisa dar muita conta, né. Se espera que ele simplesmente saia de casa...Com uma esposa ou não. Ele só precisa ser provedor de si mesmo e sair, né. Se ele tiver recebendo mocinhas em casa, ninguém nem vai saber. Ninguém vai saber, né. Não é ele que fica grávido. Pois é...(grifos nossos).

E essa qualidade de ser ela mesma, para Maria, requer uma mudança nas noções de homem e de mulher. Essa oposição desses dois polos de gênero aparece também em Cloé. Ela diz que a igreja coloca a mulher em um lugar de vulnerabilidade, que, quando extravasa, é lida como louca e o homem como alguém que é uma fortaleza emocional. Isso criaria culpa e penalizaria as mulheres. Tudo isso encontra eco na literatura, onde o homem, no Ocidente, é visto como a razão enquanto a mulher sendo o polo emocional frágil, adoecido.

Eu acho que quando a gente fala dessa ligação entre esses três pilares – ser mulher, terapia e religião – é muito delicado. Porque... Dentro da religião a mulher já está num lugar de vulnerabilidade. Não que esse seja o lugar dela, infelizmente a religião coloca nesse lugar. E a mulher, não sei se estatisticamente falando, mas acho que a mulher está mais aberta a se tratar, a entender suas questões, dialogar. E acho que isso, justamente, por conta do machismo estrutural. Ah, homem não chora, tem que ser forte, tem uma ideologia de que o homem é a fortaleza e a mulher é a fragilidade. Isso faz com que mulher busque muito mais ajuda que o homem, o que é uma pena porque tem muito homem doente. Vários problemas. Mas... Eu acho que é muito importante

a consciência de que o fato da mulher buscar mais essa ajuda não tem a classificação num lugar de vulnerabilidade. Pelo contrário, costumo dizer até para minha terapeuta: tem que ter muita coragem para fazer terapia. Não é que é fraca, pelo contrário, tem que ser muito forte. Porque encarar suas próprias questões é muito difícil tanto que as pessoas preferem a fuga. Então eu acho que é muito delicado. A religião ainda trata a mulher... a mulher quando ela extravasa. Ela é louca. Ou dentro da religião, ela não tá seguindo a vontade de Deus, não está servindo ao marido. Então sempre existe uma lista de inquirições para a mulher que geram um peso, uma culpa grande e a religião é muito responsável sobre isso então há uma necessidade de reconhecer esse lugar e separar – eu acho que isso é muito fundamental – separar o que são os meus valores que eu carrego com a religião e o que são as minhas questões porque nesse ponto a igreja, a religião, não separa, fica tudo uma coisa só e culpa-se muito. Culpa-se a fé e a mulher e toda essa jornada ninguém sai ileso. A mulher é muito penalizada. Na criação dos filhos, no relacionamento, se o casamento não deu certo: o que a mulher deixou de fazer? Ah, o questionamento vai sempre para a mulher. Se o filho vai para a escola, a mulher é questionada, então existe uma culpa, uma responsabilidade muito grande. Então quando eu penso nesses pilares, eu penso muito na necessidade de ressignificar esses lugares e o peso que cada um deles tem.

A culpa vai se repetindo na fala dessas mulheres. E quebrar esse ciclo de culpa vem com um processo de coragem para se fazer terapia. Outra relação que anda muito atrelada à culpa é a maternidade que Jael, com uma terapeuta mulher, tem trabalhado. Para Jael, ter uma terapeuta do mesmo gênero e mãe é bom nesse processo de identificação. Retorna a ideia de que é necessário alguém com experiências próximas para que se possa entender o que vive. Como a demanda da maternidade aparece como crucial para Jael, ela espontaneamente fez essa procura por uma psicoterapeuta mãe. E, no relato de Jael, ela comenta que provavelmente o esposo dela não trabalha esse tema da paternidade dentro da terapia. Assim, a diferença de gênero quanto ao como deve ser feito o cuidado das filhas fica evidente nessa temática também.

Eu sinto que a terapia me ajudou a me libertar de muitas coisas, me ajudou a abrir mão de coisas que me machucavam, entendeu? E o fato de ser uma terapeuta mulher fez muita diferença pra mim e ainda mais a maternidade, porque a minha terapeuta é mãe. Então, ela entende se eu falar alguma coisa “ah! Eu entendo”. Ela se preocupou “olha, depois que a bebê nasce os hormônios caem muito. É um momento muito perigoso, então, eu vou ficar de olho em você”. Eu acho que é um cuidado que eu não teria de um homem. (...) Esse fato de eu me preocupar com todo mundo, acho que é uma coisa da maternidade. Inclusive, ela fala pra mim “nossa, esse seu materno não é muito bom, porque você materna demais”. Só o fato, eu acho, de eu levar muito minhas filhas pra terapia é um fato porque eu sou mulher. Eu duvido que se o [Marido] fizesse terapia, ele levava as questões de paternidade, de ter um recém-nascido. Não ia fazer a menor diferença na vida dele. [risos] Sim. Muitas das coisas que acontecem lá é pelo fato de eu ser mulher.

Ser mulher é uma das grandes complexidades da vida de Jael. Em toda sua história de vida, ela relata o como foi tratada injustamente por causa do seu gênero. Como já citado anteriormente, Jael, uma mulher negra, conheceu seu ex-companheiro aos 17 anos quando ele tinha 27, na igreja. Pouco tempo depois ela engravidou e sofreu uma grande repressão que o ex-companheiro não vivenciou.

Eu acho que a igreja não me acolheu da forma que deveria. Quando eu tive a igreja continuou não me acolhendo, ao invés de ela me acolher, ela me julgou. Eu acho que se fosse um homem tendo um filho com qualquer um, a igreja não julgaria. Então, eu acho que eu fui julgada, porque eu não era casada. Eu fui julgada, porque eu tive uma filha nova e não era casada. Quantos aí tem filho fora do casamento fora da igreja e tá tudo bem? Então, acho que sim. Fui julgada por ser mulher.

Depois Jael passou por um processo de adoecimento psíquico, levando ao uso abusivo de substâncias e a descoberta de um transtorno bipolar. Ela levou muitos anos nesse espaço quando uma igreja deu oportunidade de casa e acolhimento. Aos poucos, ao lado da terapia que fazia na igreja, foi se recuperando. Um dia ela teve a oportunidade de viajar para fora do país e ali conheceu seu atual companheiro. Na época Jael estava sem a guarda da filha, pois o ex-namorado havia dito que ela não tinha saúde mental para cuidar da filha. Ali Jael precisou de um laudo psicológico para reivindicar o direito da guarda e nesse processo passou mais de um ano sem ver a filha, fora do país. Após a luta judicial, casou-se com o atual companheiro, mora com a filha da primeira relação e com a filha recém-nascida do marido, na Europa.

Sua história é atravessada pela religião em apoio e em julgamento. E, também, um uso da temática da saúde mental para a acusar, mas também para a tratar e adquirir seus direitos. O relacionamento afetivo e sexual ao mesmo tempo foi espaço de muita dor, mas é onde ela se encontra e é feliz. Da mesma forma, a sua maternidade vem em uma relação de culpa e machucados, mas afirma hoje que sua identidade não é de mulher evangélica, mas sim de “mãe evangélica”. Esse último termo vem, principalmente, da filha mais velha estar em um colégio religioso e trazer essa influência para dentro da casa.

Durante a pandemia, acho que por conta da minha depressão, eu fiquei muito desconectada da minha fé. Eu tentava me agarrar a fé e tal, mas eu não conseguia. E o fato de eu ter casado com uma pessoa que não acredita em nada, não acho que fez muita diferença. Eu acho que o fato de a [Nome da filha] está levantando essas questões recupera, sabe? Pelas crianças, eu me senti recuperada, pela [Nome da filha]. Ela tem muita fé. Ela teve muita fé durante a pandemia de esperar no Brasil e tudo mais. Ela nunca perdeu essa coisa. E quanto ela chegou aqui que ela foi pra escola, eu senti que ela se conectou. Então, eu acho que o termo “mulher evangélica” eu troco por “mãe evangélica”, porque quem resgatou a fé foi ela, não que eu tivesse perdido.

A depressão de Jael foi atravessada pela pandemia e fez com que ela sofresse ainda mais nesse período. Quem a ajudou a ter força nesse momento difícil foi sua filha, e aqui aparece com evidência a identidade dela como mãe, afinal era na relação dela com sua cria que ela refletia sobre sua espiritualidade e tinha fé no futuro. Assim, de todas as formas que ela deseja ser referenciada, mais do que o termo mulher, ela se refere como “mãe evangélica”. Essa identidade é crucial para se entender Jael, pois ser mãe a constitui. Por exemplo, Jael, durante a entrevista, precisou parar, se reorganizar várias vezes, porque estava em puerpério e

amamentando sua filha mais nova. Não dá para se pensar Jael sem citar essa característica. A maternidade a fez pensar sobre seu lugar *generificado* na sociedade ainda mais intensamente. Além disso, pelo fato de Jael ser imigrante, ela percebe ainda mais as diferenças nas construções de gênero. Por exemplo, ela relata que no país em que mora não é tão comum avós e outras mulheres cuidarem das crianças, mas que há maior divisão de papéis. Pode-se pensar que esta questão está relacionada com a laicidade desse Estado e que a América Latina possui uma influência muito mais forte da religião, da ideia do feminino como retentor do cuidado e que em outros espaços isso não é evidente. Todavia, a Inglaterra tem uma forte presença anglicana e isso deixa Jael ainda mais curiosa quanto a esse processo. Isso demonstra que a laicidade não diz respeito a ausência da religião, mas como ela exerce seu lugar. Na experiência de Jael, a Inglaterra não tem a influência religiosa direta no ensino da sexualidade, isto é, as crenças religiosas não adentram a educação, enquanto no Brasil há uma disputa política ao qual uma bancada evangélica deseja o espaço das escolas, recomendando *homeschooling* a fim de não ter contato com a diversidade e, na área da psicologia, as igrejas fazem o movimento também de influenciar as práticas. Jael comenta sobre essas diferenças ao dizer:

E a terapeuta daqui falou “olha, a cultura do seu país faz com que tudo fique na mão das mulheres. Quem cuidou de você foi uma vó, quem morava com sua mãe era sua vó, não é?” “Exatamente.” Porque na cultura latino-americana os homens não fazem nada, aí tudo sobrecarrega nas mulheres. Na Inglaterra, não é assim que funciona. Os homens participam. Então, é bem curioso essa questão do machismo. Claro que tem machismo aqui. Por exemplo, eu tenho que usar o sobrenome do meu marido, mas ainda assim não é nada demais. Enquanto no Brasil, você vai numa enfermaria de parto, só tem mulher e quem tá acompanhando as parturientes são as mães. Aqui não. Quando eu fui ter, eu fiquei sozinha e só tinha homem lá com as mulheres, os maridos, entendeu? Os pais dos bebês sentados, passando a noite lá na cadeira, o que eu achei muito curioso. Não é uma coisa que a gente vê. O homem não acompanha a mulher. A [Nome da filha mais velha] tem aula de educação sexual, né. **E o [Nome do marido] perguntou pra mim: “Quando ela teria no Brasil?” E eu falei “nunca!”. Eles aprendem umas musiquinhas, tipo “não é não”; “segredos que machucam, você precisa contar pra alguém”; “ninguém pode tocar, nem a sua mãe, nem o seu pai, nem ninguém se você não der permissão”; “suas partes privadas são privadas”, enfim. Eles ensinam um monte de coisas e também a questão de existe a masturbação, a masturbação e existe o sexo consentido entre...E é engraçado, ela tem isso na escola evangélica. O sexo de todas as formas: homem com homem, mulher com mulher. Tá tudo bem, desde que seja consentido, tá tudo bem.** E eu achei interessante minha filha de dez anos saber isso, né (grifo nosso).

O espanto de Jael de ver que o colégio anglicano tem educação sexual mostra o quanto no Brasil a religiosidade está implicada em uma luta antigênero, do pânico moral que torna impensável essa associação. Outro ponto que surpreende muito a Jael é como tratam a ela e a filha mais velha, que são negras. A mais nova nasceu branca e ela relata não ver diferenças no tratamento.

Mesmo numa família branca, né. Não ouvi comentário, por exemplo, quando a [nome da filha mais velha] nasceu, eu ouvia comentário de que ela devia ser mais clarinha. E quando a [nome da filha mais nova] não. Muito pelo contrário. Pessoal ficou “tomara que ela fique mais escurinha, né, pra ficar melhor no sol, pra ela não ficar passando esses perrengues que o [pai branco] passa. Ai, tomara que o cabelo dela seja preto.” Entendeu? É diferente.

Todas essas vivências de gênero são atravessadas culturalmente por questões de raça e território. Porém, não há uma mulher sequer que não relate que há uma diferença. Abigail, em seu relato, traz o mesmo ao falar sobre a relação de homens e mulheres. Os dois precisam se mostrar fortes, precisam ultrapassar as barreiras do sofrimento, mas no caso das mulheres ainda é estimulado que seja feito de uma forma “santa” – novamente a santidade. Assim, mesmo que a demanda de homens e mulheres sejam iguais dentro de um espaço religioso – como, por exemplo, de apoio emocional – elas já vêm em si de lugares sociais diferentes, pois um sofre misoginia e o outro não e serão tratadas de forma diferente, sendo a mulher aquela que deve performar uma pureza sexual e o homem não. Essa reflexão fica expressa quando perguntada se homens e mulheres experienciam o sofrimento de forma igual:

Não...Os homens não aceitam o sofrimento. Vivem o sofrimento diferente das mulheres, né. E...Mas eu não acho que eles não sintam. Eles sentem agora, lógico, aí você vai cair na misoginia, no machismo que existe dentro das igrejas. Isso aí é claríssimo, entendeu? É...Muito claro. Muito claro. Casos de maus tratos físicos mesmo dentro das igrejas, sabe? Casais que você olhava e “Nossa! Fulano bateu em ciclana? Né possível! Nossa a filha da pastora já se separou, já casou duas vezes. Nossa! Né possível!”. Porque é pregado uma santidade...É isso que eu tô te falando...É pregado uma santidade...Uma...Uma coisa que você em condição de ser humano não tá em condição de dá, de se comprometer com aquilo, sabe? Ficam exigindo de você tanto...**Aí, eu tô falando homem e mulher, tá? Vão propagando e exigindo e estimulando e falando entusiasticamente que você tem você tem que passar muralhas, que você tem que ultrapassar muralhas, que você é mais que vencedor, que você venceu, que a vitória é nossa, sabe? Mas só que quando você sai dali e você se dá de cara com a sua realidade volta tudo ao sofrimento, sabe? E assim como é na minha casa, é na casa de B, de C, de D. Tenho certeza. Aí que chega no domingo, na igreja tá todo mundo sorrindo. [som/expressão/mudança de tom de voz]. É pra sorrir? Tá. Ninguém vai se jogar na lama, se ralar não, mas eu acho que tinha que ser mais humano. Humano. Eu acho que essa é a palavra. Ser humano (grifo nosso).**

Abigail diz que, ao olhar o espaço da igreja, vê um local doente. E, observando as falas das mulheres ao longo dessa pesquisa, podemos ver não só a teologia como doente, mas como é um processo adoecedor de quem atravessa essa vivência. E, sempre, as mulheres ficam nesse lugar de ambivalência de sofrer, relatar dores que ninguém ajuda, mas ainda ver sentido em se chamarem de mulheres evangélicas.

Pra mim, quem tá dentro da igreja tá doente, doente e tá ali precisando de ajuda e as pessoas não estão para ajudar. Quantas vezes eu entrei na igreja e saí sem que ninguém olhasse para mim. Entrar mal e sair ruim, entendeu?

A dubiedade aparece por exemplo quando Abigail fala de seu processo de divórcio. Ela relata que o companheiro estava deixando-a e a filha passando por necessidades sociais e financeiras. Ao contar isso para o pastor, o líder a apoiou a se divorciar. Contudo, há uma particularidade em seu caso: ela ia já sozinha para a igreja, pois o marido não era evangélico. Isto é, dentro da igreja ela não era vista como uma mulher casada, mas como uma mãe solo. Então a separação de um homem não cristão era legítima naquela realidade.

Eu morava na rua da minha igreja e o pastor conhecia o meu ex-marido. Não era crente ele, não era crente, tá? Não sei se eu falei isso. O pastor conhecia de ver na mesma rua, chegar, passar, porque era uma espécie de rua sem saída e...e me conhecia, eu tava ali dentro da igreja, minha filha caçula e tal, não sei o quê. Eu pelo fato de ter tido contado, ter tido gabinete com ele algumas vezes, ele...sabia mais ou menos da história...Aí, eu contei pra ele: pastor, olha, eu vou me separar, eu vou sair de casa. Ele não tá levando nem o leite pra filha beber, tá? O nosso aluguel tá atrasado há seis meses. Eu não vou esperar um oficial de justiça vir bater na minha porta. Eu não mereço isso e eu vou sair dessa casa. Eu arrumei outra casa lá em outro bairro bem distante. É...E eu vou me separar, não sei o quê. E ele falou: “não, minha filha”. Ele me apoiou, sabe? Nisso...Eu não sou hipócrita a esse ponto não. Eu sei que outras...Conheço outras pessoas evangélicas que sofreram muito, porque o pastor não aceitava que elas se divorciassem, mas no meu caso não. E aí, como eu fui me mudar pra um bairro distante, não continuei indo na mesma igreja por questões, né, de financeiras e questões de “lonjura” e um monte de coisa. É...E aí, eu não vi isso dentro da igreja, sabe? Mas era como se eu tivesse vivendo, eu tava na igreja sempre sozinha. Nunca me viam casada. Eu era casada..., tendeu? Dentro da minha casa. Fora de casa eu não era casada. Então, eu não...Várias pessoas achavam que eu não era casada, que eu não tinha ninguém, que eu era mãe solteira, sei lá qualquer coisa.

O momento que a igreja apoia a separação, o espaço das mulheres, a fala dos sofrimentos vai muito da experiência comunitária em específico. Na média das falas dessas mulheres, ainda há o medo ao se pensar nessas temáticas, inclusive em casos de violência, como vimos anteriormente. O medo advém da ideia de que pessoas ao redor moralizem o problema da violência, como se elas estivessem erradas, em pecado e que, por isso, deveriam consertar os relacionamentos. Quando este olhar não acontece – e podemos considerar que isso ocorra porque ela era casada com alguém não cristão –, como o relato de Abigail, vemos uma comunidade que dá suporte na situação de divórcio. Dorcas e Vasti falaram mais claramente sobre os casos de violências que viveram. O caso de Dorcas teve violências repetidas no espaço público e ela culpa a mãe de não ter conversado sobre isso. A culpa também caía sobre Dorcas, porque ela não citava o assunto na terapia e usava roupas entendidas como sensuais para uma adolescente.

Porque eu tinha 14/15 anos eu sofri uma violência, mas não chegou as vias de fato. E minha mãe escondeu do meu pai e na outra semana um pai de outra moça matou ele porque chegou a via de fato com sua filha. E aí com minha cabeça maluca “se eu tivesse falado alguma coisa, ido a uma delegacia, esse pai não estaria preso. Sempre

a mulher é culpada, sempre a gente.” Várias conversas minha mãe falava isso “se andar desse jeito, acontece alguma coisa e depois não vai reclamar.” Porque eu gostava de saia curta, era sensual, gostava de me mostrar. Era adolescente descobrindo a vida. Minha mãe nunca mais falou comigo sobre isso. Ela não falou na minha terapia nem nada, ela tinha o respaldo da terapia de falar e chegar e dizer “olha, minha filha passou por isso, aquilo, violência sexual.” Naquela época nem era considerado violência sexual. Porque o homem apenas tirou a minha blusa e eu simplesmente não conseguia mais abrir a boca. Acontecia no ônibus, sempre ficava calada e era assediada. Chegava suja em casa, passava a angústia.

O fato de não haver penetração fez com que ela não soubesse exatamente se era uma violência sexual por muito tempo. Porém, havia sofrimento e ela vivenciava calada, como vemos recorrentemente nesses relatos. Ela comparou a uma outra história onde o pai se vingou do abusador o matando. Quanto à mulher, só há espaço para a culpa e a dor. Quanto ao homem, o direito de exercer violência – seja matando ou abusando. Vasti é outra que teve que lidar com intensidade do tema da violência. Ela e sua mãe sofreram agressões do pai. A mãe pensou em denunciar, mas desistiu. Depois disso, Vasti começou a relatar crises de ansiedade e aqui começa sua busca pela psicoterapia.

Só que aí durante a greve, rolou um momento que meus pais já tavam passando por umas situações muito turbulentas no casamento, isso há muito tempo, que foi em 2011 que foi quando a gente voltou do Maranhão e como ele é militar a gente tinha viajado. E aí...Eu...Eu sempre batia muito de frente. “Tá infeliz? Gente, pega as malas, vai embora, separa. Não adianta ter uma família que não tá sendo saudável pra ninguém”. Meu pai não gostava disso, né. [risos] Ele falou uma vez que eu tinha expulsado ele de casa, porque eu falei essa frase. (...) E foi um momento muito triste, muito complicado, porque eu era menor de idade. Eu tinha 17 anos, apesar de já estar na faculdade e eu não tinha muito conhecimento sobre a lei, assim. Meu irmão...Enfim...Ele era gay. Ele tava na casa, mas ele tava no segundo andar não ouviu quando teve toda a confusão, mas seria difícil também pra ele me ajudar de alguma forma, porque ele dependia dos meus pais, né. E aí num primeiro momento, minha mãe ficou de...de denunciar comigo. A gente até foi na delegacia, e falou que a gente tinha que ir na delegacia da mulher, mas que antes eu tinha que ir na UPA. Eu fui na UPA. Fiz o boletim de atendimento médico. A médica viu que eu tinha uns arranhões, tava um pouco roxa na perna e só que aí minha mãe já tava vendo kitnet pra gente mudar, que a minha mãe já trabalhava. Ia dar...Assim, ia ser um aperto. Eu tava pensando em largar a faculdade, meu irmão também, pra gente poder trabalhar só que ela foi conversar com o meu pastor e aí o pastor falou que ela não tinha que fazer isso, que eu ia destruir a vida do meu pai, que ela não tinha que apoiar isso, que enfim...o...um problema, né...uma coisa passageira, foi um momento, foi uma coisa pontual que não ia voltar a acontecer, que não é assim, né, que ela tinha que prezar pela família dela. E aí a minha mãe desistiu e como eu falei, né, por ser menor de idade, eu não tinha nenhuma perspectiva, nenhum conhecimento sobre a lei, eu também acabei desistindo. Isso foi mais ou menos em agosto de 2015 e...eu não falei pra ninguém. Na época, eu namorava e eu não falei pra ele, né...tipo não comentei. Eu tinha vergonha que ele fosse lá em casa então, isso afastou muito a gente. Eu comecei a ter muitas crises de ansiedade que, na época, eu não sabia identificar como crise de ansiedade. Eu só tava me isolando muito e quando voltaram as aulas eu comecei a ter uma dificuldade muito grande de ir pra faculdade. [...] Eu ficava “eu não quero sair daqui”, apesar do clima tá horrível, porque eu não falava com ele e a gente morava na mesma casa. Aí eu emagreci muito. Eu fiquei com 37 quilos e eu não fazia terapia, porque, né, eu não tinha condições. E foi...enfim...Eu só fui perceber

que eu tava muito magra, muito mal em outubro de 2016 quase mais de um ano depois, né, e as pessoas não percebiam que eu tava muito magra, muito mal.

O sentimento que Vasti tinha era de vergonha, de ser uma “menina rebelde”, pois isso romperia a ideia de honrar pai e mãe e ser santa. Há um aspecto ainda mais complexo nessa história: o pai de Vasti é pastor. A igreja, nesse processo, apoiou o pai e isso a fez sofrer ainda mais. Não há como separar a violência do pai com a violência da religião. Cada vez mais isso ficou implicado um no outro. Isso fez com que ela emagrecesse muito e saísse de casa, usando a desculpa de que morava muito longe da faculdade. Em 2018 ela se aproximou de coletivos evangélicos feministas e mudou sua mentalidade até sair da igreja, com o rompimento por motivos políticos. Assim o rompimento do ciclo de violência não era só com a família, mas também com o espaço religioso.

E aí...Nesse primeiro momento, já foi o primeiro impacto com a igreja e eu já me senti, né, extremamente desamparada por um espaço que eu achei que teria acolhimento. E por ele ser militar etc, etc, etc e homem branco, [risos] hétero, todas as outras coisas, ele tinha muito mais prestígio, né. Muito mais legitimidade no discurso dele do que eu tinha, né. Eu era só uma menina rebelde. E...Isso pesa muito, porque eu via ele lá na frente dando estudos, pregando. [...] E eu só ficava pensando, mas gente, eu apanhei por isso e...e foi ele que me agrediu por isso, enfim, era muito difícil às vezes tá naquele ambiente com ele, mas eu me mantive. Fazia coreografia, tava no louvor, tava ali, né, também fazendo o louvor dos jovens. Tava em tudo. Fazia ações, caridade, né. Levava alimentos, levava pra lugares que tavam precisando. Fazia de um tudo. E aí em 2017, muito por ele se sentir culpado também, eu consegui fazer ele pagar um lugar pra mim perto da faculdade. E eu, né, justifiquei que eu tava muito magra, que eu não tava conseguindo me alimentar. [...] Já era outra pessoa e, mas eu ainda continuava indo na igreja. Aí foi nessa época, em 2018 mais ou menos que eu conheci você, conheci o Religar-se, conheci é...feministas cristãs no Facebook, o Católicas pelo Direito de Decidir, conheci o Redomas, e tipo um foi ligando o outro e foi em 2017 para 2018 e aí eu...Eu já pensava em trazer esse tema da violência para a psicologia, pra religião também. Antes eu pensava em trabalhar religião, espiritualidade e saúde mental só que eu nunca tive contato com saúde mental durante a faculdade e aí a questão da violência acabou pesando pra mim.

Nesse processo, em 2018, Vasti foi para terapia e, ali, a psicóloga falava sobre energia dos sexos. De forma similar, Berenice referia a sua psicóloga quando esta falava de arquétipos de feminino e masculino. As psicoterapeutas não traziam a questão social vinculada a gênero que era algo que tanto para Vasti e para Berenice eram cruciais. O discurso essencialista não estava só na religião e na família, mas também com as psicólogas.

Só que eu acabei saindo dessa psicóloga, porque ela tinha uma visão, meio que se dizer holística. Uma coisa de energias e ela falou uma coisa de energias dos gêneros e nanana. Não gênero, né, mas energia dos sexos. Ai eu fiquei “não. Tem coisas aí que são muito sociais e não é sobre energias e eu não quero falar sobre isso.”

Associada a esse imaginário de masculino e feminino vem a mulher como a culpada dos grandes males da humanidade. O tema da culpa já havia sido pontuado anteriormente com Jael, mas também volta com outras mulheres como Cloé e Tamara. A última falou que a culpa é um dos temas principais, sendo um “trauma da religião muito fundamentalista”. Isso se expressa na questão da sexualidade. Quando começou a ter vida sexual ativa não era casada e sentia que Deus poderia a punir com uma gravidez.

Então, eu não sei se isso vai ser específico, mas lidar com a culpa. Mesmo ela não sendo evangélica, ela sempre foi muito cuidadosa pra lidar com os meus traumas por causa de uma religião muito fundamentalista que eu experienciei, né. Então, em relação a sexualidade, por exemplo, ela sempre me apontou assim, “não. Isso aí tem a ver com culpa. Isso não tem a ver com você ou isso não é um definidor da sua relação com Deus.” Então, ela sempre me ajudou nessa parte de lidar com essa culpa, de ver minha sexualidade, por exemplo. Quando eu comecei na terapia, eu ainda não era casada e a gente já tinha uma vida sexual ativa já e mesmo que eu não considerasse aquilo pecado, ainda existia dentro de mim muita culpa, muito medo. Eu pesquisei a sexualidade também no mestrado, né, e eu vejo que isso é muito comum. Uma coisa que me marcou muito era o medo da gravidez e mesmo assim usando preservativo e tal. Era uma coisa muito irracional. E aí eu lembro que a autora tinha o mesmo medo assim. Mesmo que ela não tendo vida sexual ativa, ela ficava com medo de engravidar e eu também achava que Deus podia me punir com uma gravidez. E é muito pesado, né, tipo: “Deus vai te punir com um bebê?”. Era mais com isso e hoje, ela tem me ajudado muito a lidar com a minha relação com os meus pais, porque lidar com pais crentes fundamentalistas é complicado, né. E aí é isso que a gente tá trabalhando agora. **E aí eu vejo que mesmo que ela não é cristã, ela consegue entender e tratar as coisas com muita sensibilidade.** (grifo nosso).

Vemos que a sexualidade se mistura com a fé, com a vivência dessas mulheres e elas se sentem culpadas quando não conseguem performar essa santidade. E, claro, isso vai implicar diferentemente em vários corpos. Ao se falar de mulheres evangélicas, um senso comum paira sobre quem seriam essas mulheres, quais suas relações com a religião e qual o efeito da religião sobre suas vidas. Para se falar de mulheres evangélicas, é importante um olhar a partir da interseccionalidade. Se falarmos de diferentes classes sociais, ter uma vida sexual ou não, engravidar ou não são assuntos que terão percepções e entendimentos diferentes. Há atravessamentos também de estado civil, idade e raça. A exemplo, Vasti era uma estudante de psicologia, universitária, de classe média. Ter um filho, pensando nesse contexto, não era propício e podia ser lido enquanto punição divina pelo sexo antes do casamento. Já para outras mulheres, como Eunice, que era casada, era uma benção mesmo que tivesse que passar por cima das próprias dores do vaginismo. Ter filho ou não, para a igreja evangélica vai variar de acordo com o corpo que está vivendo essa experiência. Ao lembrarmos por exemplo de Jael, sua gravidez foi rechaçada no espaço religioso, por ter sido mãe jovem, não casada, negra e pobre. No caso de Vasti, havia um medo de engravidar porque ela seria moralizada como errada, pecaminosa.

Ao lermos a partir da referência interseccional, percebemos que a racialização é o ponto fundante ao qual outras marcações se agregam. Sejam pessoas negras ou não, todas as pessoas são racializadas e isso traz implicações ideológicas. Contudo, a experiência do racismo, vivenciada por pessoas negras em nosso país, traz contornos específicos. Quando lemos relatos de Zípora, Acsa, Ester e Jael, por exemplo, vemos esse atravessamento racial muito próprio.

Mulheres em geral sofrem violências diversas. Almeida (2019) indica que o racismo pode aparecer nas relações individuais, institucionais e estruturais. Ou seja, é um processo histórico e político que cria uma ideologia de que somente as pessoas negras são racializadas e que vivemos em uma democracia racial, onde todos têm os mesmos acessos por meio da meritocracia. Essa ideologia molda as políticas públicas, as relações entre negros e brancos no país, dando significado a práticas racistas no dia a dia (HALL, 2006). Contudo, percebemos, nesse contexto neoliberal, que a experiência escravagista ainda hoje impera a fim de colocarmos negros ainda à margem de representatividade e ao centro na hora de serem criminalizados e mortos.

Esse sofrimento emerge nas falas de mulheres negras como força de reflexões e práticas. Evaristo (2018) lembra disso ao dizer que “os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida”. Em contrapartida, vemos as mulheres brancas tendo sua branquitude como um lugar neutro (BENTO, 2002), que não precisam pensar sobre racismo, sendo que o negro foi lido como tal pela branquitude que produz essa ferida e esse sentimento de *não ser*.

O sentimento de não ser, para Angela Davis (2016), é legado da escravidão e, então, a fim de superá-lo, precisamos olhar para os movimentos antiescravagista e a origem dos direitos das mulheres. Ao analisar classe e raça no início da campanha pelos direitos das mulheres, vê-se que o racismo aparece no movimento sufragista feminino. Por isso, foi e tem sido tão necessário na escrita a busca da perspectiva das mulheres negras. Há uma falsa ideia de sororidade universal (KILOMBA, 2019). Apesar do nosso foco de pesquisa não ser unicamente mulheres negras, por serem maioria no meio evangélico, é crucial por ao centro essas contradições, a fim de não cairmos em estereótipos racistas, como o mito do estuprador negro, a predisposição de mulheres negras ao trabalho doméstico e tantos outros. É responsabilidade de uma pesquisadora branca estar atenta. No espaço religioso, percebe-se essas dicotomias quando mulheres negras ainda são a maioria em espaços da cantina, na faxina, e mulheres brancas são mais cobiçadas para serem esposas de pastores e estarem à frente de ministérios. Os diferentes locais de fala são atravessados pelo racismo.

A questão não é dar oportunidades de falar, mas a capacidade de ouvir. Kilomba (2019) nos lembra de que muito do que é dito sobre mulheres negras não vem necessariamente das palavras, mas do trauma, da memória, nos mitos, do racismo não dito. Esses não ditos se expressam no racismo estrutural, institucional, cotidiano, quando há uma infantilização, primitivização, incivilização, animalização, erotização da população negra. Ao mesmo tempo que mulheres evangélicas são em sua maioria negras, as igrejas evangélicas refletem um pensamento europeu, branco, masculino, que ainda vê essas mesmas mulheres como o outro. A hostilidade para com a mulher negra, que precisa performar uma perfeição a fim de compensar sua raça, é comum nas experiências de conversão ao deixar religiões afro-brasileiras e em todo processo de reconhecimento racial.

A possibilidade de ultrapassar essas dores, então, aparece em um dualismo, pois há um sentimento de querer se manter no espaço religioso, mas também de se ver livre dessas pressões; desejar novas fronteiras, mas ainda ser compreendida pelas pessoas que já conhecem. Kilomba (2019) então sugere um processo de tornar-se sujeito que vem da negação, frustração, ambivalência e identificação. Esses pontos vêm da narrativa de si como estratégia epistemológica, a qual é mais fácil compartilhar com os pares, criando uma metodologia bola de neve. O caminho de não confundir mulheres negras, saber suas peculiaridades.

Jael, que mora em outro país como imigrante, foi chamada de prostituta por estar casada com um homem europeu. Essa leitura racista e xenofóbica da mulher brasileira no exterior mostra uma evidente dor que provavelmente uma mulher branca não sofreria. E, relembando a história de Jael, todo seu percurso foi permeado por dor, desde a gravidez ainda jovem, a rejeição da igreja, a relação conturbada com o ex-companheiro, o uso de substâncias e a forma com que ela lidou com toda essa dificuldade era tentando agradar o outro sem pensar em si mesma. Quando, enfim, decidiu fazer psicoterapia, a psicóloga indicou que ela falasse dessas questões, abrisse essa “caixa de pandora” e finalmente olhasse para si.

Minha terapeuta falava que eu escondia certos assuntos dela e ela falava “você não abre essa caixa”. Eu falava que a minha cabeça não é organizada por caixas e eu não queria ver aquela caixa. Eu quero que você me conte essa história desde quando você conheceu o [ex-companheiro] até você se envolver com o [atual companheiro], até você se envolver com drogas e tudo acontecer e tudo mais. Aí eu tava nessa não quero falar, não quero falar, não quero falar. E aí, um dia eu falei tudo pra ela. Você quer saber? É isso. Abri essa caixa de pandora. E aí depois disso, ela falou...Me marcou muito, porque ela falou que ela...que eu fizesse um exercício e me olhar no espelho e tentasse me encontrar, porque ela acha que há muito tempo eu me perdi e não me achei e isso me marcou muito, porque até hoje eu fico: “será que eu ainda tô perdida?” E ela fala “você se perdeu. Em algum momento você se perdeu tentando agradar as pessoas” e me marcou muito ela falar isso, principalmente agora na maternidade “tudo vem antes de você. Todo mundo vem antes de você. Você não se coloca como prioridade de nada. De nada. Você tá mais preocupada se todo mundo tá com a saúde

mental em dia e não importa se a sua não está. Me marcou muito essa...É uma virada de chave que eu passei a perceber, sabe?

O racismo é uma dor que não tem espaço para ser dito, devido ao silêncio estabelecido pela branquitude (BENTO, 2005). Isso faz com que mulheres negras não sejam cuidadas e o racismo não seja enfrentado em comunidade. Ester é outra interlocutora que fala disso. Uma vez, em sua igreja, uma senhora branca foi desrespeitosa com o cabelo de Ester, que é crespo e volumoso. Ela chegou a citar tal questão com uma amiga, mas não sentiu conforto de levar a psicoterapia.

Ester: Então, eu nunca levei pra terapia, mas já teve uma...uma vez lá na igreja que tava numa peça e a moça branca idosa da igreja falou alguma coisa sobre o boné não caber na minha cabeça. [risos] Porque eu tava meio que de cabelo meio solto, tava preso atrás e cabia, né, e aquilo foi desnecessário, né.É, tipo assim, não levei, mas eu conversei com uma outra amiga da igreja que também tava fazendo parte da peça e tals sobre.

Rebecca: E você já levou isso pra terapia?

Ester: Questões raciais já, mas essa questão não.

Ester não desenvolveu porque não levou a psicoterapia, mas podemos formular algumas hipóteses a partir de outros pontos que já foram ditos pela interlocutora. Ela já citou que sentia um desconforto de falar de assuntos vinculados a fé a psicóloga, como se fosse haver um julgamento. É difícil se constatar que dentro de um espaço que se espera acolhimento da experiência de fé se tem racismo. E, principalmente, saber que alguém não religioso percebe isso, é ainda mais assustador. Pode até causar uma luta para Ester, como mulher negra, de lidar com as implicações dessa constatação. Esse lugar de que a religiosidade era uma questão para a terapeuta fez com que o tema virasse um tabu na relação das duas, como vemos:

Um das questões que...me fez até responder, né, que eu achei interessante nessa sua pesquisa, porque quando eu fui começar a falar de questões religiosas na terapia na primeira vez, parecia...eu senti que a minha terapeuta, a minha primeira terapeuta, ela tava um pouco mais de pé atrás, sabe, isso. (...) Aí eu entendi, tipo, que isso era uma questão dela, meio que ficava...de alguma forma aparentando essa questão dela. (grifo nosso).

Manejar o tema da religião e como a religião implica em quase todas as áreas da vida da mulher religiosa aparece como um dos grandes desafios delas em suas relações terapêuticas. Quando, por exemplo, Ana fala que a fé é parte de seu corpo, ela deixa claro que a psicóloga precisa tem um olhar sobre a temática.

Ela não deixa transparecer absolutamente nada. O consultório não tem nenhum elemento religioso, que faça nenhuma alusão...nada. E ela não fala absolutamente nada. E acho que ela entende o quanto é...E esse é o diferencial...Ela sabe o quanto isso é constitutivo meu. Não dá para me compreender sem a fé. (grifo nosso).

A última frase de Ana – “Não dá para me compreender sem a fé” – diz muito o quanto é complexo olhar uma mulher evangélica e não ver a religião. A questão da fé aparece de muitas formas, não só com a fé dos próprios terapeutas, mas também com os pacientes. Isso se mistura a suas impressões, mas também a preconceitos sobre o que acontece no processo de psicoterapia.

Dorcas: Tinha a ludoterapia e depois teve o psicodrama, que foi envolvida com muita dor. Muita dor de preconceitos. **Era um grupo de psicólogos, eu não sei, eram 6 a 10, além daqueles atrás do espelho e esse grupo de psicólogos, alguns eram homossexuais. E eu, que era de uma religião tradicional, pensava “se essas pessoas não conseguem resolver o problema delas em relação ao sexo, elas vão resolver o meu problema?”**. Então eu lembro muito deles falarem de eu ficar muito em estado fetal. E... Eu pensava no psicodrama: **“será que eles não veem que estão me atrapalhando em vez de me ajudar? Eles não estão me ajudando me expondo, já que meu problema é ser exposta?”** Então eu achava eles burros e incompetentes. E aí essa exposição, eu tinha muito problema de ser exposta, ver esse pessoal olhando, um monte de aluno atrás do espelho e em um lugar que eu ia muito para me ver, para me sentir eu mesma, para me sentir sozinha, senti que muita gente me olhando... Eu me senti traída. Aí eu parei e parei de tomar o remédio também. (grifo nosso).

Vemos que na diversidade dos temas, a psicoterapia é um espaço de dor e confronto. Ela toca em pontos que a religião estrutura muito bem e que são muito fortes para o sujeito. Zípora tem uma vivência interessante nesse lugar psicoterápico. Ela quis uma psicóloga mulher porque queria uma transferência materna, já que a mãe tinha tido um AVC. Mas ao mesmo tempo em que buscou um conforto, uma identificação, teve a experiência de ser apontada pela terapeuta com as características das pessoas que ela criticava.

Aí eu lembro que uma vez eu cheguei com um discurso pronto, armada na sessão, dei uma questionada porque ela não falava nada, que ela só me ouvia. Eu acho que ela seguia a linha psicanalítica e ela pontuava poucas coisas. Ela pediu para eu pegar um papel. Nunca vou me esquecer. Me mandou pegar um papel. E me pediu para eu escrever o nome das pessoas de quem eu mais tinha o hábito de falar na terapia. E aí eu escrevi e eu não vou me lembrar exatamente o que ela me falou, o que ela pediu. Acho que ela pediu para eu escrever algumas características dessas pessoas... E, ao final da tarefa ela me diz assim: esse papel é você. Eu joguei esse papel longe [faz um som de jogar um papel ~shhhiu~]. “Eu não!”. “É você sim!”. Nunca vou me esquecer. É um processo de descoberta, é até hoje... e bem doloroso. Porque se autoconhecer não é fácil.

Esse autoconhecimento não é fácil, já diria Zípora. São diversos atravessamentos que constituem o processo de psicoterapia para essas mulheres evangélicas. Identificação, questão de laicidade, casamento, gênero, raça, sexualidade, família, silêncio, tantas formas de como a religião perpassa os corpos e vivências de cada uma diferentemente e, ao mesmo tempo, tendo tanto em comum. Suas falas nos trazem a reflexão da pluralidade das mulheres evangélicas, mas o quanto essa vivência é permeada de sofrimentos comuns.

A dor dessas mulheres evangélicas é silenciada por teologias e configurações de gêneros, implicadas umas nas outras a fim de não explicitar as violências sofridas. Não interessa olhar para essas dores porque isso obrigará igrejas e familiares a ver a ferida que causam nessas subjetividades. A religião continua ganhando exercício de poder e a psicologia perpetua essa dogmática sem intervir em favor da vida dessas mulheres. Então, fazer uma análise crítica do processo de psicoterapia dessas mulheres é romper com esse lugar de poder, de saber que é capaz de ditar sobre seus corpos e dar a oportunidade de elas agirem sobre suas vidas.

CONCLUSÃO

Um longo percurso foi tomado para se estudar e analisar a relação de mulheres evangélicas em seus processos psicoterápicos. No prelúdio se cantou a ambivalência que era estar no espaço religioso, um pé dentro e outro fora. Essa mesma questão já se estabeleceu desde a introdução ao decidir contar de Hagar no deserto – que tem ação e é visível. Introduzimos falando de mulheres que comumente são objetos e não sujeitos (HOOKS, 1995) nas pesquisas, mesmo tendo tantas no Brasil (CAMPOS, 2013). Assumimos desde o início o caráter crítico e interseccional como referencial da pesquisa para se chegar ao objetivo de sabermos a relação de mulheres evangélicas com seus processos psicoterápicos, a partir da Análise Crítica do Discurso.

Assim observamos o percurso do campo evangélico brasileiro, desde o aumento de seus números até a influência política que foi sendo estruturada. E, nesse processo, vemos as mulheres evangélicas como fatores importantes nessa consagração da religião no Brasil. Elas, que ao mesmo tempo são colocadas em espaços de humilhação, são também agentes da margem, construindo saberes e exercício de poder. Temos mulheres evangélicas realizando leis antigênero e mulheres evangélicas sofrendo por causa disso. E nesse público tão diferente e similar há aquelas que buscam a psicoterapia.

A fim de analisar a trajetória de mulheres em seus processos psicoterápicos, entramos em contato com cinco mulheres dentre as quais, por questão de tempo e disponibilidade, só quatro realizaram entrevistas semiestruturadas, através do *google meet*. As quatro responderam a um conjunto de perguntas que serviram para testar quais seriam os disparadores das entrevistas principais. Nesse primeiro momento tivemos algumas surpresas. Todas eram mulheres não brancas e relatavam uma relação conflituosa com o termo “mulher evangélica”. Além disso, tivemos muitos relatos de uma vivência solitária do sofrimento delas e de uma relação dogmática em espaço de psicoterapia. Mais ainda tivemos a presença de muitas falas sobre “psicólogos cristãos”, apesar de não ter uma pergunta diretiva sobre isso.

No segundo momento, as perguntas foram podadas a fim de que ficasse mais claro quais são os atravessamentos na psicoterapia. Nessa hora criamos um questionário on-line pelo *google forms* com o perfil socioeconômico que recebeu 64 respostas. Dessas, após longa tentativa de contato por e-mail, conseguimos entrevistas com 21 mulheres que foram o diamante bruto dessa pesquisa.

Começamos perguntando sobre o que era ser mulher evangélica e recebemos respostas múltiplas. São mulheres que passaram por denominações diferentes, de vivências religiosas plurais – algumas nasceram no *evangelicalismo*, outras não – mas que para além da igreja, dizem que a fé traz um sentido de vida, uma relação que não abrem mão. Mas, ao mesmo tempo, quando adentrávamos ao tema dos sofrimentos, elas nos diziam que lidavam com as dores sozinhas porque elas poderiam estar dando um “mal testemunho”, como retomamos na fala de Talita. E começamos a ouvir dessas mulheres o quanto ir para psicoterapia era um sinal de fracassar, como também Cloé havia comentado. Elas somente buscavam a psicoterapia em situações em que não havia outra opção, como um médico e, nessas situações, esperam uma solução de um tratamento. Contudo, ao entrar no espaço psicoterapêutico, elas experienciam algo diferente de uma solução diretiva.

Percebemos que as fronteiras entre a religião e a psicoterapia com frequência pareciam borradas, mesmo tendo resoluções como as do CFP 10/2000 e 07/2023 para determinar como deve ser a prática psicoterápica e quais são seus padrões laicos. Assim, corriqueiramente encontrávamos relatos de psicólogos que reforçaram valores religiosos e até mesmo mulheres evangélicas que buscavam esse tipo de prática para não entrar em conflito com as vivências de fé. Devemos, todavia, reafirmar que o psicólogo não pode usar dos seus dogmas religiosos como base para o trabalho psicoterápico e deve respeitar a diversidade sexual, de gênero, raça e classe do nosso país. Atuações fora desse escopo laico não podem ser consideradas parte da Ciência e Profissão das Psicologia, reconhecidas pelo CFP. A maioria não sabia a religião de seus terapeutas, mas refletia sobre o assunto e queriam um espaço que não as desestruturasse em um ponto tão sensível de suas vidas. Logo apareciam duas opções – ou a psicologia é aliada à religião ou é oposição.

Porém, mesmo em um espaço tão complexo de relação, elas permaneciam na psicoterapia e apostavam porque se sentiam acolhidas, escutadas. Isso se dava especialmente nos temas mais difíceis da igreja lidar – como a sexualidade, o casamento, a família, a culpa, o racismo e a violência. No fim, não era a psicologia que estava entre uma aliada ou uma opositora à religião, eram elas que tinham que manejar que aquilo que dava sentido a suas vidas tem um caráter complexo. E mesmo sendo tão dúbio, elas permanecem porque elas fazem parte dessa dialética, é quase sinônimo de ser mulher evangélica.

No final das entrevistas algumas quiseram dizer se achavam que psicoterapia era para todos ou não. Não é unânime, mesmo todas tendo feito psicoterapia. Zípora, por exemplo, diz que só deve fazer quem quer, porque deve estar disposta a encarar essas dores. A maioria recomenda, apesar da dificuldade. Cloé é uma que diz “É mentira isso de terapia ser confortável.

É um lugar que você consegue se despir sem ser julgado. É muito difícil se olhar no espelho sem máscara.”. Ali, para além da máscara da religião, elas podem ser que são.

Eunice usa termos profundos da sua relação terapêutica: “eu acredito na pessoa, confio, aí eu me abro e eu ponho tudo pra fora então, pra mim isso é maravilhoso. Sabe? Eu me sinto...Eu choro. Entendeu? Então, pra mim é um...é um alívio mesmo. É um alívio.”. Que potente é existir esse espaço onde essas pessoas – que não têm direito a sofrer – podem chorar! Que oportunidade de pôr para fora suas ambivalências e as assumir como parte de si! Muitas, ao final das entrevistas, citaram o desejo de ver mais pesquisas sobre a temática. Assim, vemos que ao analisar o processo psicoterápico de mulheres evangélicas, chegamos à conclusão de que se tem a oportunidade de se abrir “caixas de pandora” – termo usado por Jael – que a religião e a vida cotidiana de uma mulher não deixam abrir. Algumas foram abertas, expostas e tratadas, independente do que a performance de gênero as demandava. Outras ainda estão a se abrir, nas vidas pessoais delas, mas também em pesquisas futuras.

Esperamos que desta pesquisa possam vir reflexões acerca de como os espaços religiosos lidam com os sofrimentos psíquicos de mulheres, aprendendo a separar o que é a potência curativa da fé e a potência laica dos conhecimentos psi. Também aspiramos que psicólogos possam se aproximar da temática da religião, entendendo que ali há corpos reais e não somente ideias religiosas. Que tenhamos menos silêncios, menos dores guardadas, menos solidão, mais aberturas à escuta e atuações em prol da vida das mulheres.

POSLÚDIO

Quem diria que seria possível ceifar por sobre a areia movediça! Às vezes, não sabia se estava colhendo árvores de um Oásis imaginário ou de algum cacto suculento que surgia no meio do caminho. Lia estava alegre em colher – sendo real ou não, útil ou não para Joana, já não importava mais!

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, jun. 2012.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. Um país laico com um governo “terrivelmente” cristão? *Interações*, v. 14, n. 25, p. 13-28, 2019.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Ecumenismos & Pentecostalismos: a relação entre o pescoço e a guilhotina*. São Paulo: Recriar, 2018.
- ALMEIDA, Liz Maria de; COUTINHO, Evandro da SF; PEPE, Vera Lúcia E. Consumo de psicofármacos em uma região administrativa do Rio de Janeiro: a Ilha do Governador. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, p. 5-16, 1994.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 19, p. 15-27, 2004.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 111-122.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião em transição. In: MARTINS, Carlos Benedito.; DIAS, Luiz Fernando Dias Duarte (Org.). *Horizontes das ciências sociais: antropologia*. São Paulo: Anpocs; Barcarolla, 2010. p. 367-405.
- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em perspectiva* [online], v. 15, n. 3, p. 92-100, 2001.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Tahiana Meneses. Interfaces entre gênero e saúde mental abordadas por estudos qualitativos das ciências sociais e humanas: foco nas experiências subjetivas. *Revista Gênero*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 155-177, 2018.
- ANZALDÚA, Gloria *et al.* Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, ano 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARAÚJO, Edna; CALDWELL, Kia. Por que a COVID-19 é mais mortal para a população negra? [online] Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtracismoesaude/2020/07/20/por-que-a-covid-19-e-mais-mortal-para-a-populacao-negra-artigo-de-edna-araujo-e-kia-caldwell> Acesso em: 15 jun. 2022.

ARGYLE, Michael; BEIT-HALLAHMI, Benjamin. *The psychology of religious behaviour, belief and experience*. Londres: Routledge, 2014.

ÁVILA, António. *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARBERÁ, Ester. *Psicologia del género*. Barcelona: Ariel, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENLLOCH, Isabel Martínez. Diferencia sexual y salud: un análisis desde las políticas de igualdad de género. *In: Psicología y género*. Pearson Educación, 2004, p. 295-324.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BÍBLIA Sagrada. Almeida revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica no Brasil, 2ª edição, 1993.

BIRMAN, Patricia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 321-348, Oct. 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In: H. B. de HOLLANDA (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Sujeição, resistência, ressignificação: entre Freud e Foucault. *In: A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 89-112.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Evangélicos e política no Brasil: análise das eleições de 2002 a 2010 para Câmara Federal*. Instituição e sociabilidades: religião, política e juventudes. Campo Mourão: Fecilcam, 2013, p. 63-102.

CAMURÇA, Marcelo. Espaços de hibridização, dessubstancialização da identidade religiosa e ideias fora do lugar. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 5, n. 5, p. 37-65, 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. *In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 63-87.

CHABAUD-RYCHTER, Danielle; DESCOUTURES, Virginie; DEVREUX, Anne-Marie (Ed.). *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. Editora UnB, 2014.

COELHO, Fernanda M. F. Ideologia de gênero: os porquês e suas consequências no contexto do Plano Nacional de Educação Brasileiro 2014-2024. *Mandrágora*, v. 23, n. 2, p. 247-279. 2017.

COHEN, Stanley. *Moral panics and folk devils*. London: MacGibbon & Kee, v. 9, 1972.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 401-432.

COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality as critical social theory*. Duke University Press, 2019.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de ética profissional dos psicólogos*. Conselho Federal de Psicologia, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução 10 de 2000. Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_10.pdf Acesso em: 11 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução 07 de 2023. Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao> Acesso em: 11 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs/Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, 2019.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil. c2017. Disponível em: https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 14 jul. 2023.

COROSSACZ, Valeria Ribeiro. Abusos sexuais no emprego doméstico no Rio de Janeiro: a imbricação das relações de classe, gênero e “raça”. *Temporalis*, ano 14, n. 28, p. 299-324, jul./dez. 2014.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Artmed Editora, 2009.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018.

DANTAS, Gisele Cristine da Silva. *Depressão e gênero: análise da produção bibliográfica brasileira e das vivências de mulheres do distrito federal*. 2016. 90 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DATAFOLHA. Opinião sobre a pandemia coronavírus. Conhecimento e meios de informação – Instituto Datafolha. 2020. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/09/conhecimento-e--meios-de-informacao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

DEGANI-CARNEIRO, Filipe. Psicólogos evangélicos: religiosidade e atuação profissional em Psicologia no Brasil. *Quaderns de Psicologia*, v. 20, n. 1, p. 75-88, 2018.

DEGANI-CARNEIRO, F. *Investimentos evangélicos em Psicologia no Brasil: a Psicologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil na segunda metade do século XX*. 2017. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DEGANI-CARNEIRO, Filipe ; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora*, v. 12, n. 1, p. 70-79, 2012.

DEMARINIS, Valerie M. *Critical caring: a feminist model for pastoral psychology*. Westminster John Knox Press, 1993.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. Editora Contexto, 2009.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. História do corpo no Brasil. In: *História do corpo no Brasil*. 2011, p. 567.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; MATTOS, Amana. Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas. In: SIQUEIRA, Isabel *et al* (orgs.). *Metodologia e Relações Internacionais: debates contemporâneos*, vol II. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pur-Rio, 2019. p. 67.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança feminista*. Rosa dos Tempos, 2022.

DUSILEK, Sergio. Sobre o desconvite. *Novos caminhos, velhos trilhos*. 20 jul. 2019. Disponível em: <https://sergiodusilek.wordpress.com/2019/07/20/sobre-o-desconvite/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ENUMO, Sônia Regina Fiorim; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, p. e200110, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Pallas Editora, 2017.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A Identidade Batista e o “espírito” da Modernidade. *Protestantismo em Revista*, v. 6, p. 15-28, 2005.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: SciELO-EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Editora São Paulo: Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si, 1982. *verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 6, 2004.

FRAZÃO, Maria Cristina Lins de Oliveira *et al.* Violência em mulheres com diagnóstico de depressão. *REME rev. min. enferm.*, p. e-1174, 2019.

FRESTON, Paul. Pentecostalism in Brazil: a brief history. *Religion*, v. 25, n. 2, p. 119-133, 1995.

FLORENTIN, Cláudia. Repúdio da Aliança de Batistas ao desconvite de Marco Davi e Fabíola Oliveira. *ALC Comunicação*. Agência Ecumênica de Comunicação da América Latina e do Caribe. 23 jul. 2019. Disponível em: <https://alc-noticias.net/bp/2019/07/23/repudio-da-alianca-de-batistas-ao-desconvite-de-marco-davi-e-fabiola-oliveira/> Acesso em: 10 jun. 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Excusez-moi, je ne faisais que passer. *Les Temps modernes*, n. 371, p. 2089-2103, 1977.

GEBARA, Ivone. Feminist theology in Latin America: a theology without recognition. *Feminist Theology*, v. 16, n. 3, p. 324-331, 2008.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. *O perfume fugaz das flores e seu provisório néctar*. Mandrágora, v. 29, n. 1, p. 7-23. 2023

GOMES, Jose Ozean. Pentecostalismo e relações de gênero: uma discussão convencional acerca do ministério feminino nas Assembleias de Deus brasileiras. *Mandrágora*, v. 21, n. 21, p. 135-152, 2015.

GROSS, Rita M. *Feminism and religion: an introduction*. Boston: Beacon Press, 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. *Companion species, mis-recognition, and queer worlding*. *Queering the non/human*, p. xxiii-xxxvi, 2008.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos, 2018

HORGE-FREEMAN, Elizabeth. Corpos negros, castas brancas: racializando e generificando corpos. In: *A cor do amor: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras*. São Carlos: EdUFSCar, 2018. p. 97-132.

HOFFMANN, John P. MILLER, Alan S. Risk and religion: an explanation of gender differences in religiosity. *Journal for the scientific study of religion*, p. 63-75, 1995.

HÖRLLÉ, Kyndze Rodrigues *et al.* *Relações de gênero e religiões: os papéis designados à mulher*. 2010.

IBGE, IBGE. *Cidades*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>, v. 1, 2010.

IBGE. *Estatísticas do CENSO 2010*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm. Acesso em: 28 dez. 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. (org.) *Eu não sou uma mulher? E outros discursos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

JUNIOR, Antonio Pinto; PAULA, Maristela Siqueira Macedo de; ZAMPIERI, Teresa Cristina Rangel Credidio. Caracterização e demanda de um serviço de atendimento psicológico on-line no contexto da pandemia de covid-19. *Psicologia e Saúde em debate*, v. 7, n. 1, p. 94-106, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro Cobogó, 2019.

KRAUSE, Neal; ELLISON, Christopher G.; MARCUM, Jack P. The effects of church-based emotional support on health: Do they vary by gender? *Sociology of Religion*, v. 63, n. 1, p. 21-47, 2002.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LELLIS, Nelson; RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Religião e Política à Brasileira: faces evangélicas no cenário político*. São Paulo: Ed. Recriar, 2019.

LIMA, Rita de Lourdes. *O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres*. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2010.

LORDE, Audre. A poesia não é luxo. *In: Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 45-49, 2019.

MACDONALD, Margaret Y. *Early Christian women and pagan opinion: the power of the hysterical woman*. Cambridge University Press, 1996.

MACEDO, Cleber Michel Ribeiro. *A clínica pastoral dos psicólogos cristãos no Brasil*. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em saúde, Administra) – UERJ, Rio de Janeiro, 2017.

MACEDO, Danielle Soares de; FONSECA, Camila Mariana Mesquita; HOLANDA, Adriano Furtado. “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”. Um estudo comparativo de aconselhamento religioso em três vertentes religiosas brasileiras. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 13, n. 2, p. 206-215, 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Além da religião. *Cadernos CERU*, v. 12, p. 139-150, 2001.

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade; MATTOS, Amana Rocha. Vozes de mulheres evangélicas acerca da psicoterapia no Rio de Janeiro: ética e disputas. *Mandrágora*, v. 28, n. 2, p. 57-67. 2022

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. *Análise social*, p. 145-161, 2007.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. *Debates do NER*, p. 13-25, 2013.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 10, n. 1), p. 121-158, 2006.

MAHMOOD, Saba. El sujeto de la libertad. *Alcores 10*, p. 65-114, 2010.

MALUF, Sônia Weidner. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. *Antropologia em Primeira Mão*, v. 124, p. 5-14, 2011.

MARIZ, Cecília Loreto. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 33, 1991.

MARTIN, Denise *et al.* Significado da busca de tratamento por mulheres com transtorno depressivo atendidas em serviço de saúde público. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, p. 885-899, 2012.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Guerra y salud mental. Univ. Centroamericana José Simeon Canas, 1984. Conferência. San Salvador. Jun. de 1998. Disponível em: <https://www.papelesdelpsicologo.es/resumen?pii=585> Acesso em: 15 maio 2021.

- MATOS, Alderi Souza de. Breve história do protestantismo no Brasil. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*, v. 3, n. 1, 2011.
- MEDEIROS, Renata Gomes de; VIANNA, José Henrique Lobato. A Teologia do Domínio e alguns dos seus desdobramentos psicológicos, sociais e políticos no Brasil (Curso de Psicologia). Repositório Institucional, v. 1, n. 1, 2023.
- MELO, Iran Ferreira de. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. Letra Magna Ano 05 n.11. São Paulo: 2009.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MILLER, Alan S.; STARK, Rodney. Gender and religiousness: Can socialization explanations be saved? *American Journal of Sociology*, v. 107, n. 6, p. 1399-1423, 2002.
- MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Entre o privado e o público: considerações sobre a (in)criminação da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. *Anuário antropológico*, n. II, p. 125-152, 2010.
- MOOI-RECI, Irma; RISMAN, Barbara J. The gendered impacts of COVID-19: Lessons and reflections. *Gender & Society*, v. 35, n. 2, p. 161-167, 2021.
- MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência/Storytelling, populate the world: academic writing and the feminine in science. *Revista Polis e Psique*, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016.
- NASCIMENTO, Leonardo. Qual ideologia de gênero? A emergência de uma teoria religiosa-fundamentalista e seus impactos na democracia. *Albuquerque: Revista de História*, v. 7, n. 13, 2017.
- NERI, Marcelo Côrtes. *Economia das religiões: mudanças recentes*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007.
- NOVAES, Regina. Sobre números e narrativas estabelecidas: alguns comentários ao artigo de Clara Mafra. *Debates do NER*, p. 109-117, 2013.
- NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. Volume IV, p. 210, 2006.
- NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 20, n. 2, 2018.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na escola. In: *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*, pp. 107-151. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

OMS declara fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à Covid-19 <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. 05 mai. 2023. Acesso 15 jul. 2023

PACHECO, Ronilso. *Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.

PALMER, Susan J. *et al. Moon sisters, Krishna mothers, Rajneesh lovers: Women's roles in new religions*. Syracuse University Press, 1994.

PARTRIDGE, Christopher; WOODHEAD, Linda; KAWANAMI, Hiroko (Ed.). *Religions in the modern world: traditions and transformations*. Londres: Routledge, 2003.

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. “Ideologia de gênero” em movimento. *Revista Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 503-523, 2018.

PAULA, Tiago Franco de. Representações do sofrimento no discurso da Igreja Universal Do Reino De Deus: uma análise dos modelos narrativos utilizados para tratar o sofrimento em textos publicados no site oficial da igreja. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura* (ISSN: 2358-212X), v. 10, n. 1, 2021.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 76, p. 147-173, 2023.

PEREIRA, M.; VASCONCELOS, L.; MOREIRA, T. . Concepções sobre o sofrimento psíquico no contexto religioso neopentecostal: Uma análise documental da Igreja Universal do Reino de Deus. *Textura*, v. 16, n. 1, p. 88-104, 9 ago. 2022.

PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia. *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, classe e raça*. 2017.1. ed. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017.

PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O Fiel é Deus. Notas sobre o mercado religioso. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 13, n. 2, p. 23-24, 2013.

PRADO, Marco Aurélio Maximo; CORREA, Sonia. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. *Revista Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 444-448, 2018.

PUI-LAN, Kwok; DONALDSON, Laura E. *Postcolonialism, feminism and religious discourse*. Londres: Routledge, 2015.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. Série: contágios infernais. São Paulo: Recriar, 2020.
RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 275-298, 2005.

REIS, Livia. Tempos de pandemia, práticas cotidianas e projeto de nação: de que evangélicos estamos falando?. *Debates do NER*, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

MATTOS, Laura e ROCHA, Cleiton. Procura por cursos de psicologia nas faculdades explode no Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/03/procura-por-curso-de-psicologia-nas-faculdades-explode-no-brasil.shtml#:~:text=A%20procura%20de%20estudantes%20brasileiros,crescimento%20de%2011%2C4%25>. Folha de SP. 11 mar. 2023. Acesso em: 15 jul. 2023.

ROSADO-NUNES, Maria José F. *Por uma sociologia do poder religioso: elementos para uma crítica feminista*. *Religião* ano, p. 131-147, 2000.

ROSADO-NUNES, Maria José F. De mulheres e de deuses. *Rev. Estud. Fem*, p. 05-30, 1992.

ROSADO-NUNES, Maria José F. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE. A intervenção da hierarquia católica. *HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, p. 1237-1260, 2015.

ROSADO-NUNES, Maria José F. *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 191-226.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Naira Pinheiro dos. *Gênero, religião e cultura organizacional: uma perspectiva comparativa entre Brasil e França*. São Paulo: Terceira Via, 2018. SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade como ética e estética de existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psiqe*, São Paulo, v. 8, n. 1, p.19-25, out. 1999.

Schmidt, Beatriz; Palazzi, Ambra; Piccinini, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, vol. 8, núm. 4, 2020 Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 16, p. 297-325, 1998.

SEIDL, Ernesto. Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja. *Sociologias*, v. 14, n. 29, p. 240-272, 2012.

SEYMOUR, W. J. *O avivamento da rua Azuza*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

SIQUEIRA, Deis. O labirinto religioso ocidental: da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. *Sociedade e Estado*, v. 23, n. 2, p.425-462, 2009.

SOIHET, Rachel; COSTA, Suely Gomes. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. *Gragoatá*, v. 13, n. 25, 2008.

SOUZA, Robson da Costa de. Revista da Sociedade Auxiliadora Feminina/IPB—Uma abordagem na perspectiva de gênero. *Mandrágora*, v. 14, n. 14, p. 99-109, 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de. A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, v. 6, n. 1, p. 13-32, 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de. Religião e silenciamento do sofrimento: reflexões sobre morte e vida de mulheres em situação de violência. *Estudos de Religião*, v. 34, n. 3, p. 337-351, 2020.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, p. 21-29, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte de.; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 16, n. 2, p. 203-219, 2018.

SOUZA, Sandra Duarte de; DA SILVA, João Marcos. O recurso à sensualidade como estratégia do mercado Gospel. *Mandrágora*, v. 25, n. 2, p. 5-19, 2019.

SOUZA, Sandra Duarte de. *O gênero escrito na literatura evangélica: notas sobre a regulação religiosa do feminino*. Religião e Educação para a cidadania. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 1, p. 177-201, 2013.

SOUZA, Sandra Duarte de. Representações de gênero na literatura evangélica. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 3, p. 317-331, 2017.

SOUZA, Sandra Duarte de. Violência de gênero e religião: alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas. *Mandrágora*, v. 13, n. 13, p. 15-21, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Ghostwriting. *Diacritics*, v. 25, n. 2, p. 65-84, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Faustino (Ed.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Editora Paulinas, 2018.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Livia. *Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano*. Debates do NER, 2023.

THOMPSON, Edward H. Beneath the status characteristic: Gender variations in religiousness. *Journal for the scientific study of religion*, v. 30, n. 4, p. 381-394, dez. 1991.

TOSTES, Angélica. RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Religião, corporeidade e direitos reprodutivos*. São Paulo: Annablume, 2019.

TOTA, Martinho. Eixos, nexos e câmbios da diferença: discursos e trajetórias políticas envolvendo etnicidade, homossexualidade e religião. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 7, n. 09, 2013.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre *et al.* Do anonimato à política de nomes: pesquisas de campo com teoria ator-rede. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v. 10, n. 1, p. 180-198, 2020.

USSHER, Jane M. Are we medicalizing women's misery? A critical review of women's higher rates of reported depression. *Feminism & Psychology*, v. 20, n. 1, p. 9-35, 2010.

VAGGIONE, Juan Marco. *Sexualidad, religión y política en América Latina. Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*, Rio de Janeiro: Sexuality Policy Watch, 2011, pp. 286-336.

VALERIANO, M. M.; TOSTA, T. L. D.. Trabalho e família de trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia: uma análise interseccional. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 3, p. 412-422, set. 2021.

VILHENA, Valéria Cristina *et al.* *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. 263 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2016.

VUOLA, Elina. The Exclusion of (the Study of) Religion in Latin American Gender Studies. *In: LASA Forum*. 2015. p. 17-19.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Estudos de Sociologia*, v. 18, n. 34, 2013.

WOODHEAD, Linda. *Christianity: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 1-11, 2002.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris, 2018.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, F. R. *Psicologia e Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos [cartilha]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.